UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO

O ASSALTO À INFÂNCIA NO MUNDO AMARGO DA CANA-DE-AÇÚCAR ONDE ESTÁ O LAZER/*LÚDICO* ? O GATO COMEU

Maurício Roberto da Silva

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Silva, Maurício Roberto da.
Si38a O assalto à infância no mundo amargo da cana - de - açúcar : Onde está o lazer/lúdico? O gato comeu? / Maurício Roberto da Silva / Maurício Roberto da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientadora : Zeila de Brito Fabri Demartini.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Trabalhadores rurais – Pernambuco. 2. Crianças. 3. Lazer. 4. Corpo humano - Aspectos sociais. 5.* Cultura lúdica. I. Demartini, Zeila de Brito Fabri. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

O ASSALTO À INFÂNCIA NO MUNDO AMARGO DA CANA-DE-AÇÚCAR

ONDE ESTÁ O LAZER/LÚDICO ?

O GATO COMEU ? ? ?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

O ASSALTO À INFÂNCIA NO MUNDO AMARGO DA CANA-DE-AÇÚCAR

ONDE ESTÁ O LAZER O GATO COMEU?

Autor: Mauricio Roberto da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini

Este exemplar corresponde à redação

Final da.....defendida por

.....

e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data...../...../.....

Assinatura: .....

Orientador (a)

COMISSÃO JULGADORA:

_____

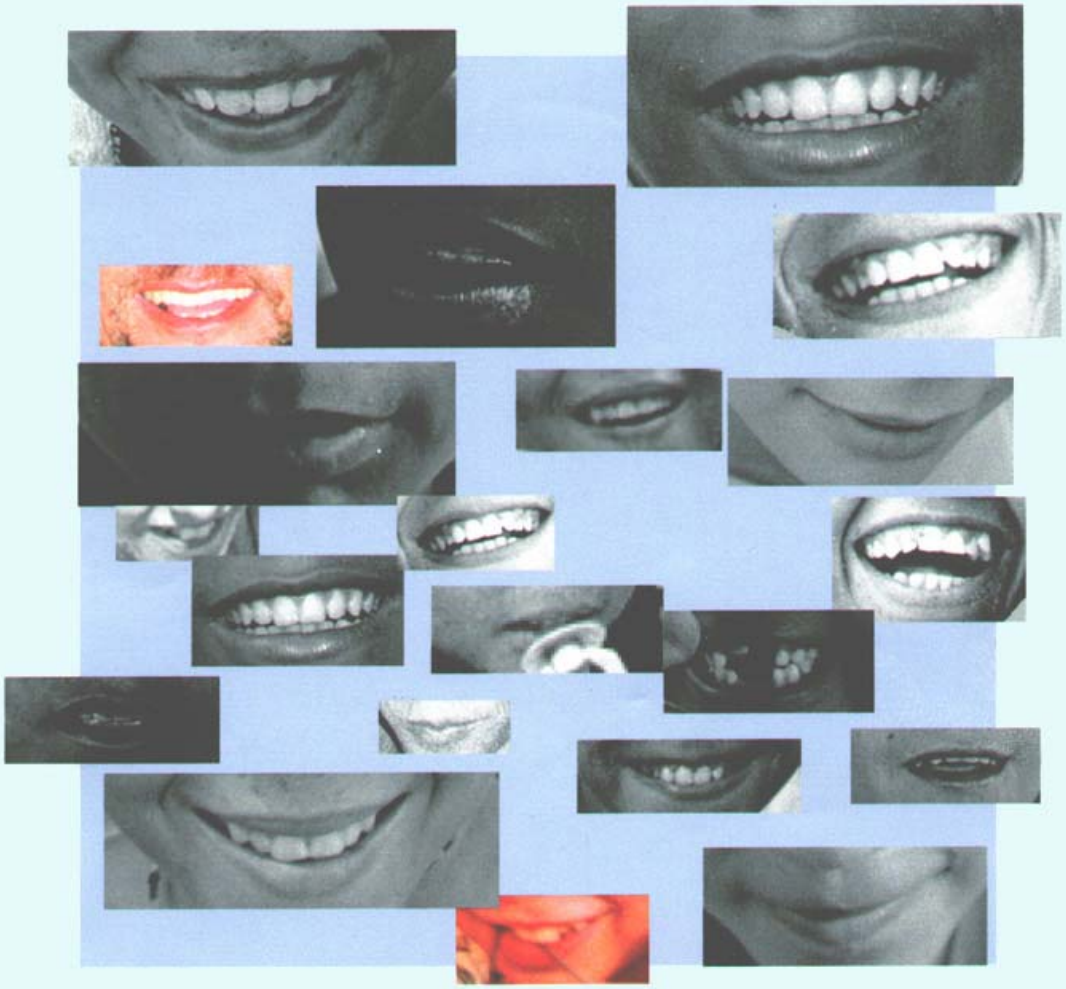
_____

_____

_____

_____

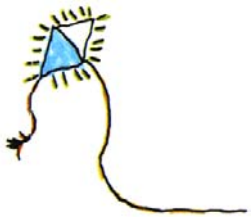
O ASSALTO À INFÂNCIA NO MUNDO AMARGO DA CANA-DE-AÇÚCAR



ONDE ESTÁ O LAZER/LÚDICO?

O GATO COMEU???

Dedicatória



(...) Dos engenhos de minha terra
só os nomes me fazem sonhar
(Ascenso Ferreira)

A todas as crianças de todo o Brasil e em especial às da zona canavieira pernambucana, com as quais reaprendi os sentidos de ser humano e os segredos da meninice.

A todas as crianças, com as quais aprendi os fundamentos políticos e culturais da resistência simbólica e real.

Aos *Cassacos de engenho*[1] mirins, com os quais aprendi a linguagem da luta contra a exploração, o sofrimento, o desrespeito contra a cidadania rural, a alienação.

Às crianças canavieiras , com as quais aprendi a ser guerreiro, pois elas me ensinaram com seus doces jogos a atirar as flechas e lanças de palha da cana contra as iniqüidades e destruições capitalistas no campo canavieiro.

Aos meninos e meninas *amargos-açucarados* que me soçobraram baixinho no ouvido, a mando do índio Xamã D. Juan, o recado de Castañeda, cuja missiva foi incisiva: *(...) um guerreiro não é uma folha a mercê do vento.*

Aos trabalhadores rurais da zona canavieira de cuja lição tirei a seguinte síntese: a fome de comida impõe, junto com ela, inegociavelmente, o desejo gritante de saciar a fome de justiça, ócio improdutivo para o capital, terra, dignidade, brio, políticas sociais de gente e não de gado; de gente que na dor e na opressão é a expressão máxima da urgente revolução no campo.

Aos trabalhadores da cana-de-açúcar, cujos *sonhos-desejados* indicam que a *centralidade do ser social adulto é o trabalho e do ser social criança*: o jogo das pedrinhas, o não-carregar pedra, o carregar plumas, a contemplação, as traquinices, a curiosidade, a fantasia, o mistério,

[1] Expressão utilizada por João Cabral de Melo Neto em seu poema *Festa na Casa grande*, publicado no livro *Morte e Vida Severina* e outros poemas para vozes (l994). Cf. Segundo Barbalho (l984) significa *trabalhadores assalariados da cana-de-açúcar.*

enfim, o assoprar bolinhas de sabão. Seus sonhos indicam que o sentido fundamental de suas vidas é o mel da cana e não o fel da exploração: lápis de cor para pintar e escrever outra história e, finalmente, a pipa louca tremulando no céu absurdamente verde e amarelo, azul e branco....

Enfim, à FETAPE , à CONTAG, aos organizadores da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil , aos organizadores dos Tribunais Nacionais e Internacionais Contra o Trabalho Infantil (corrente *O Trabalho/4a. Internacional* do Partido dos Trabalhadores/PT) e a ONG Save the Children, por terem me guiado pela mão e me possibilitado a aprender com as crianças e jovens, homens e mulheres, velhos e velhas nordestinos , meus conterrâneos, as lições de amizade, afeto, festa, cultura, dor e prazer, alegria e tristeza, lágrimas e sorrisos, nascimento, vida e morte, além da luta cotidiana pela subversão da ordem colonial monocultora, da cana-de-açúcar, secularmente cunhada a ferro, brasa e privação.

Agradecimentos

À toda minha família: tios gordos Vanessa e Nani, Mana, Lupe, Vana, Cita, Maviael, Pat, Cacau, Rigobert, tios Zélia e Albino, Renato, Bekky, Ieda, Ranylson e Denise pelo estímulo permanente para superar as barreiras inerentes à construção do conhecimento e da vida;

à orientadora Profa. Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini pelos ensinamentos proferidos de forma lúdica e dialógica, mas sobretudo pelas lições de humanidade, afeto e solidariedade;

à Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão pela sua constante contribuição teórica, mas sobretudo pelas suas incomensuráveis aulas de afeto e alteridade, enfim pela sua amizade;

aos amigos/companheiros (as) de trabalho do CDS/UFSC Iracema Soares de Sousa, Ingrid Dietrich Wiggers, Iara Regina Damiani e Albertina Bonetti, Giovani De Lorenzi Pires, Raquel Sibert, Maria do Carmo Saraiva Kunz e Marília Cecília Möcker, pela força e energia transmitidos na ausência e na presença;

aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação: Dra.Elisa Kossovich, Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria, Dra. Patrizia Piozi, Dr. Milton Almeida, James Patrick Maher, Dra. Olga Von Simson pelos ensinamentos ocultos e manifestos;

à Profa. Dra. Dulce Whitaker (UNESP/Araraquara) e ao Prof. Dr. Ricardo Antunes (IFICH/UNICAMP) pelas importantes e marcantes contribuições na Banca Examinadora;

aos amigos Iria Wiggers, João Pacheco Vital, Lucas Wiggers, Paulo Neris, Celi Taffarel, Nelson Carvalho Marcellino, Disalda Leite, Heloisa Reis, César Leiro, Márcia Chaves, Edson Valente, e Giovanina Olivier, Maria de Lourdes Pavei da Cunha, Lamartine Cunha, Diógenes Moura, Solange Lacks e José Américo de Menezes, pelas palavras de incentivo e energia transmitidos durante todo o tempo da pesquisa, sobretudo pelos afetos;

aos colegas do Programa de Doutorado em especial Ana Maria G. Bueno de Freitas, Laura Maria Coutinho, Erasto Mendonça, Renato Hilário dos Reis, Vanda Silva, Maria Amália de Almeida Cunha, Rosangela Novaes Lima e Elizabete Pompeu de Camargo, Maria Aparecida Springer, Andréa Moreno, Silvio Silva, Aparecida Nery de Sousa, Dirce Maria Falcone Garcia e Paulo Porto pelas contribuições e ensinamentos profícuos...

Por fim ao meu pai que de algum lugar do Cosmos, ensina-me ininterruptamente a linguagem da rebeldia, esperança e utopia .

(...) Escrevo com o riso do brinquedo,
O medo da assombração
e o terremoto do coração.

Trecho do Poema *O Sujeito Fingidor*
Mauricio Roberto da Silva

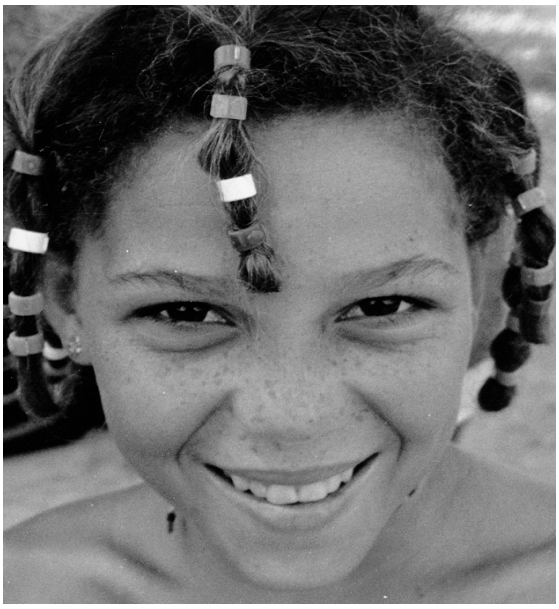


Foto: Maurício Roberto da Silva
(Evento-Campo 09)

SUMÁRIO

Introdução *1*

1. *Um breve passeio pelos subterrâneos históricos da própria infância* *1*
2. *Do problema social ao problema de investigação* *5*
3. *Justificativa e relevância : onde está o problema ? Onde está o lazer/lúdico?* *8*
4. *Mas afinal qual é a problemática?* *12*

CAPÍTULO I *25*

Reflexões teórico-metodológicas acerca do cotidiano investigativo *25*

1. *fazer investigativo cotidiano: retomando o passado com o pé no presente e o olhar para o futuro* *25*
2. *As relações sujeito-objeto no processo do conhecimento* *33*
3. *Aspectos teórico-metodológicos do processo de construção da pesquisa* *45*
4. *A complexidade do objeto e os tratos interdisciplinares* *47*
5. *Elementos Introdutórios da Sociologia da Vida Cotidiana* *50*
6. *A Sociologia do Sonho Desejado* *55*
7. *Teorias em ato: as técnicas de colheita de dados* *59*
8. *A respeito da observação* *62*
9. *A poesia na pesquisa e a pesquisa da poesia* *64*
10. *A fotografia e as metáforas da realidade* *66*
11. *Sobre as entrevistas* *71*
12. *As oficinas de jogos dramáticos e jogos tradicionais infantis* *71*
13. *Os documentos* *75*

14. Os desenhos *76*

15. Memórias dos Eventos-Campos *77*

16. Os eventos-campos: os dados brutos ou a brutalidade dos dados? *79*

CAPÍTULO II *87*

l. O trabalho Infantil e as tramas do capitalismo *87*

l.l Neoliberalismo e Trabalho Infantil *87*

l.2 O neoliberalismo no banco dos réus dos Tribunais Contra o Trabalho Infantil *94*

l.3 O Trabalho Infantil e os planos de ajuste estrutural *98*

2. Enveredando pelos canaviais: retratos da crise e os impactos da reestruturação produtiva no setor sulcro-alcooleiro *103*

2.l A situação atual da Zona da Mata canavieira *103*

2.2 As políticas "sociais" no campo canavieiro: das políticas emergenciais às políticas estruturadoras *128*

2.3 A Jornada Ampliada e a aprendizagem social de conteúdos culturais para o lazer/lúdico *143*

CAPÍTULO III *155*

TRABALHO, INFÂNCIA E LAZER/LÚDICO *155*

1. Trabalho e lazer ou trabalho e tempo livre: eis a questão *155*

2. A Alienação do Trabalho Infantil: Riqueza ou pobreza da condição Humana? *173*

3. O trabalho infantil e os sentidos do Lazer/Lúdico na Infância *178*

4. Os sinais do lazer nos eventos-campos: ou onde está o lúdico ? O gato comeu ??? *197*

CAPÍTULO IV *251*

Do Corpo Produtivo ao Corpo Brincante *251*

l. As marcas da alienação no corpo produtivo e os sinais de resistência no corpo brincante *251*

2. Corpo produtivo, envelhecimento precoce na infância *273*

3. Memórias dos adultos e velhos trabalhadores sobre o corpo e o envelhecimento precoce *300*

Mas, finalmente no mundo de doces-jogos e de vidas amargas, onde está o lazer/lúdico? O gato comeu??? *319*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS *327*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA *350*

ANEXOS

Lista de Siglas

FETAPE – Federação dos Trabalhadores da Agricultura

CNTE –Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação

CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura

PETI- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PAPETI- Projeto de Acompanhamento do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

OIT – Organização Internacional do Trabalho

UNICEF- Fundo das Nações Unidas Para a Infância

CENDHEC- Centro Dom Hélder Câmara

SETAS- Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social

PAI- Programa de Ações Integradas

PETI- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

SES- Secretaria de Saúde

SEE- Secretaria Estadual de Educação e Esportes

MTb – Ministério do Trabalho

DRT – Delegacia Regional do Trabalho

DIEESE Departamento Intersindical Estadual de Estatística

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar no âmbito da exploração do trabalho infantil, o mundo da cultura lúdica das crianças da Zona da Mata canavieira pernambucana, cuja questão central é *se o capitalismo com toda a sua carga destrutiva do trabalho alienado, conseguiu suprimir total ou parcialmente o tempo de lazer/lúdico das crianças canavieiras.*

Para este estudo inspirei-me nos pressupostos da Sociologia da Vida Cotidiana sustentados por Henri Lefebvre, principalmente, no que diz respeito à consideração dos seguintes aspectos: *pobreza* (alienação, conformismo) e *riqueza* (emancipação, resistência) da vida cotidiana.

A pesquisa de campo foi realizada nos *Eventos-Campos*, cujo lócus se constituiu basicamente da minha participação em eventos de natureza política promovidos por sindicatos, ONGs e movimentos sociais diversos: (tribunais e marchas nacionais e internacionais contra o trabalho infantil, encontros de crianças e pais trabalhadores rurais); bem como das visitas ocasionais aos engenhos e usinas de açúcar. Neste sentido, devido à complexidade da problemática, foram utilizados vários instrumentos de coleta de dados, a saber: fotografia, poesia, desenho, entrevista ,observação, oficina de jogos e brincadeiras e documentos diversos.

Os resultados indicam conclusões provisórias, a partir das diversas categorias de crianças envolvidas no processo investigativo. Esses resultados trazem em seu bojo: a luta das crianças pela vida/sobrevivência, a presença do corpo produtivo para o capital e o conseqüente envelhecimento precoce, mas também acena para a presença do *corpo brincante*, aquele que é *produtor* de resistências e rebeldias à ordem alienante estabelecida, através das vivências da cultura lúdica. Os *doces- jogos* e brincadeiras das crianças resistem às intempéries e iniqüidades capitalistas no meio rural, porém, são construídos no *mundo amargo da cana-de-açúcar.*

As condutas lúdicas se verificam num tempo residual, exíguo e precário, para elas e suas famílias; tempo este permeado de constrangimentos e alienações, por conseguinte, um *tempo não-livre*. A cultura lúdica, portanto, é tecida à luz das políticas emergenciais e perpetuadoras da miséria absoluta, isto é, da privação e da carência de políticas públicas efetivas e estruturadoras,. tendo como pano de fundo as destruições do capitalismo no setor sulcro-alcooleiro, tais como: desemprego, subemprego, exploração, trabalho clandestino, prostituição,moradias precárias, destruição do meio ambiente, êxodo rural, mendicância. Finalmente, o tempo de lazer/lúdico o

gato, digo, o capitalismo ainda não comeu de todo. Todavia continua destruindo dia após dia a infância, a juventude, matando e destruindo a força humana de trabalho e a subjetividade dos trabalhadores adultos e velhos; enfim, apesar dos protestos, acelerando a velhice precoce desses seres sociais para o abismo dos sem-presente, sem-futuro e sem-cidadania.

ABSTRACT

The main objective of this research is to investigate the children's world of leisure and play in the context of child labor exploration (forced, troublesome, premature) on sugar cane plantations in the state of Pernambuco analyzing the central question: if the capitalism with its destructive forces of alienated work suppresses totally or partially the leisure and play time of the children who work in the sugar cane fields ?

For this analyses I was inspired by the presumptions of the sociology of everyday life of Henri Lefebre, especially by what he says about the following aspects: poverty (alienation, conformity) and richness (emancipation, resistance) of everyday life.

The field research was realized during the Campos Eventos, where I participated mainly at events with political contents promoted by unions, non governmental organizations and social movements such as marches against child labor, meetings of children and parents who do rural work, as well as occasional visits of sugar engines. Because of the complexity of the described problem, I used a variety of different instruments to collect data, such as, photography, poetry, paintings, interviews, observations, play groups and various documents.

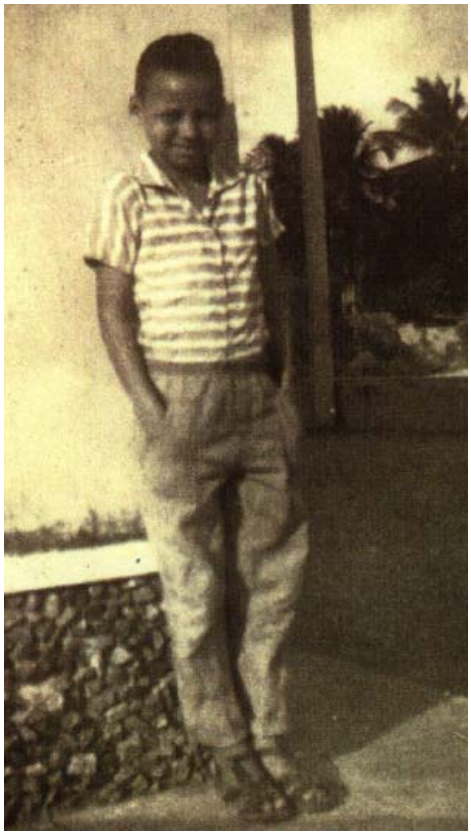
The results indicate improvised conclusions proceeding from different categories of children, which were involved in the investigative process. These results show: the children's struggle to live and survive, the presence of the productive body for the capital and the following premature aging, as well as the presence of the playing body, the one that is the producer of resistance and subversions exhibited in their plays and jocular culture which have an already stabilized alienated order. The children's sweet-plays and jokes resist the outrageous injustices of capitalism in the rural area, although they emerged in the bitter world of sugar cane. This joking behavior is realized in the little and precarious time left to them and their families. It is a time full of alienation and constraints and therefore it can not be called free time. The jocular culture is the result of emergency politics of absolute misery, in other words, of the privation and poverty of public politics and the destruction of the capitalism in the sugar cane industry, such as: unemployment, sub-employment, exploration, clandestine work, prostitution, inferior housing, pollution, rural exodus and mendicancy. Finally, the cat, or capitalism didn't eat all spare time till now, but day

after day continues to destroy a childhood and a youth, and devastates a human work force and the subjectivity of adult and old workers. In spite of all protests the premature aging of these social beings is accelerated and takes them to the abyss of the present-less, future-less and civil right-less.

Introdução

1. Um breve passeio pelos subterrâneos históricos da própria infância

(...) É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o menor, para o insignificante
Que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma
Barata cresce de importância para meu olho.
Ainda não entendi por que herdei esse olhar pra
Baixo Sempre imagino que venha de
Ancestralidades machucadas (grifo meu)
Fui criado no mato e aprendi a gostar das
Coisinhas do chão antes que das coisas
Celestiais.
Pessoas pertencidas de abandono me comovem
Tanto quanto as soberbas coisas infinitas
(Manoel de Barros)



O autor aos dez anos de idade no bairro de Casa Amarela, Recife/l960.
(...) Sou um cientista que sofre e goza, chora e ri
ao mesmo tempo do tempo em que vive
Maurício Roberto da Silva[1].

[1] Cf. trecho do poema *O Sujeito Fingidor*, mimeo.

Nasci em Recife, *a capital do açúcar*,[2] no Beco do Pavão, bairro de Casa Amarela e tive uma infância ambígua vivida entre o desejo das ludicidades infantis e as agruras da obrigação, do trabalho doméstico, da repressão. Liberdade só conheci aquela que eu próprio forjei, conquistei, arranquei à força do movimento da história. Desejo, criatividade, voluptuosidade e resistência permanente foram a tônica dos meus dias , idos dias...

Cresci em meio à Casa Grande e à Senzala, à sala de jantar e à cozinha, em meio aos resquícios da decadência da colônia, no berço da decadente política integralista dos anos 40, sendo eufemisticamente chamado até os l4 anos de idade, de *filho de criação*. Fui crescendo assim sem me dar conta da contradição de viver tratado com amor, atenção, paparicação, indiferença, preconceito, cafuné e abandonos eventuais. Fui crescendo mais ainda, e, depois de um certo tempo, aos l4 anos de idade, surgiu a chance da emancipação, apareceu o meu pai verdadeiro e disse: *olha aqui menino, você a partir de agora vai ser tratado como se fosse meu filho.* Decerto, foi por essa minha infância, ao mesmo tempo, fugidia e presente; foi por essa pequena história não rancorosa de vida, por essas *ancestralidades machucadas*, que enveredei pelos espelhos da infância do *outro*, nos quais se reflete, de forma menos dramática, a minha própria meninice.

Nesta pesquisa, recordar a infância não é um simples exercício de ir e vir na memória[3] para trazer à tona a história estática dos lamentos, dos momentos, dos acontecimentos, dos personagens, dos lugares, do tempo dos afetos, das agruras ou das alegrias da infância. Pelo contrário, recordar aqui é resgatado do latim enquanto *re-cordis*, que significa *volver a pasar por el corazón* (Galeano, l997)[4]. Isto significa que levanto a lebre da história da infância, com vistas a reiterar os meus compromissos com o *outro-criança* que sou eu e, em cujo corpo , aqui e acolá, estão inscritas as marcas dissimuladas e manifestas do trabalho estranhado, da Casa Grande e da Senzala. Em razão disso, como disse o poeta Manoel de Barros na epígrafe supramencionada, trago esse meu olhar voltado para os de baixo, para aqueles que na sociedade capitalista *são chutados como uma barata*.

---

[2] cf. o *Dicionário do Açúcar* (Barbalho, l984).
[3] Cf. Pollak (l992: 20-20l).
[4] Cf. El libro de los abrazos, l997.

Ao enveradar-me pelo estudo das relações entre trabalho precoce e usufruto do tempo do lúdico das crianças trabalhadoras rurais, eu o faço por me considerar um *sujeito recorda**dor***,[5] isto é, aquele ser social que, em nome da história de dominação de uma época, foi criado no universo do estranhamento, dos maus-tratos verbais, dos afetos recônditos. Assim,ao revirar a memória, lembro-me bem ainda que, muitas vezes, fui punido com as obrigações do trabalho doméstico pesado, justamente no domingo, dia de matinê Cine Rivoli, onde centenas dos meus iguais assistiam Cantiflas, Zorro, Roy Rogers, Tarzan, Marcelino Pão e Vinho, Marisol e outros. Sinto ainda hoje a tristeza de ter que lavar pilhas e pilhas de prato e panelas incrustadas de lombo assado, lavar sanitários etc. e perder as possibilidades de vivenciar as artimanhas lúdicas do território inquieto da infância:

Retornei no dia seguinte,
ao mesmo lugar onde numa mesma caixa,
se eterniza o esquecimento.
Redescobri o belo vício de ser ocioso
e eternamente menino.
Perguntei aos vizinhos, todos surdos, mudos, cegos e aleijados pela história; perguntei-os sobre as matinês de Domingo do Cine Rivoli.
Todos riram das minhas ingênuas e doces lembranças.
Em tom de festa, ridículo e zombaria me contaram que o Zorro
nunca existiu e nem existirá; que incendiaram o Tarzan e Jane junto com as tanajuras.
Oh! cai, cai, tanajura!
Que Cantinflas escafedeu-se e que ali eu nunca houvera sequer pisado, quanto mais nascido. Por onde andei ninguém, nem mesmo eu sabia o paradeiro dos despojos da trilha de mim mesmo...

O primeiro piquenique com os colegas da 4ª série primária no Grupo Estadual Dom Vital em Recife. Neste dia participei pela primeira vez da brincadeira de quebra-pote/ l963.

[5] Trecho do poema O Sujeito Recordador I que fiz durante as minhas incursões no Evento-Campo 03, *O campo na Cidade*.

Hoje, passados 50 anos, enquanto pesquisador, volto o meu olhar para as crianças pernambucanas, minhas conterrâneas, trabalhadoras rurais. Volto minhas intenções e concretudes de pesquisa para elas, e claro para as suas famílias, porque posso não sentir o mesmo na pele, mas imagino a dimensão da indelével dor do sol ardente no corpo árido, da dor da foice cortando a vida, a escola, os desejos, os sonhos, os sonhos-desejados. Enfim, sei imaginar *um pouco* o que deve significar produzir luxo, conforto, diletantismo para outrem e ser cerceado da fantasia, do delírio, do *faz-de-conta*, da alegria, da sociabilidade com os iguais no território das peremptórias desigualdades sociais. Por tudo isso: *(...) não sou tonto sei a dor de perder a bola de meia num mundo de acrílico e de plástico*.[6]

O *assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar. Onde está o lazer/lúdico? o gato comeu?,* representa, de um lado, as pegadas deixadas nas trilhas da própria infância; de outro lado, as imagens que guardei das experiências empresariais de meu pai , enquanto rendeiro (micro-empresário) de engenhos de açúcar. Tive, portanto, dois momentos na infância que, em parte, me influenciaram na opção pela problemática em questão. O primeiro momento, até os l4 anos de idade, no qual praticamente não tive uma infância fluída, leve e emancipada: e, o segundo momento, quando passei a ser reconhecido pela própria família. Neste segundo momento, passei a conviver com meu pai, acompanhando-o nas suas jornadas de trabalho pelos engenhos, passando, a partir daí, a ser visto pelos trabalhadores do engenho como o filho do patrão, o filho do *home.* Assim é que a partir dessas experiências como o filho do patrão, recordo-me do filho dos outros, do outro que também, um pouco, sou eu próprio a cantar unissonamente junto com eles *(...) a dor da gente é dor de menino acanhado, menino bezerro pisado no curral do mundo a penar...*[7] Neste sentido, lembro-me bem ainda , através de imagens um pouco turvas, da dura vida das crianças sempre a trabalhar na cana ou na roça para ajudar os pais.

Apesar de tudo ficou na minha memória , não só a vida sofrida da meninice canavieira, mas também o gosto do caldo de cana doce feito mel a escorrer pela boca e lambuzando a alma de menino; ficou na lembrança os jogos e as brincadeiras bordadas com os outros meninos e meninas nas noites de São João, de assombração, de vadiagem gostosa dos engenhos, dos banhos de rio...

---

[6] Trecho do poema o *Sujeito Fingi**dor*** feito no início desta pesquisa.
[7] Trecho da canção *A Massa*, composta por Raimundo Sodré e Jorge Portugal nos anos 60.

2. Do problema social ao problema de investigação

Iniciei este processo investigativo em l996, tendo como premissa a idéia de *Imaginação Sociológica* proposta por Wright Mills (l982: 11-12), cuja compreensão é a de que esta *é uma qualidade intelectual de natureza crítica que prevê a sintonia do cientista social com seus problemas individuais ligado às realidades sociais mais amplas e aos problemas de relevância pública*. Mais ainda ela é *a sensibilidade para captar a necessidade da fusão da nossa vida individual com os problemas coletivos do tempo conturbado em que vivemos* .

Ao aproximar-me da problemática do *trabalho infantil e o usufruto do tempo de lazer/lúdico* , aprendi também com o autor acima mencionado (1982: 25), que a tarefa intelectual e política do cientista social é deixar claro os elementos de inquietação e indiferença, frente aos problemas sociais que assolam a humanidade no mundo contemporâneo. Então, com base nessas reflexões, é que intensifiquei o meu olhar para a infância situada na Zona da Mata açucareira pernambucana, no Brasil e no mundo, assim como, para todas as formas de desrespeito e maus-tratos e, conseqüentemente, ferimentos aos direitos das crianças (brincar, sonhar, respeito, vida, etc).

Hoje, passados quatro anos, considero impossível, mesmo delimitando o problema para a questão específica da vivência do lúdico das crianças canavieiras, não levar em conta a destruição da infância. Tal destruição vem acontecendo no ponto de vista do gênero, raça, religião, classe social e etnia, a nível nacional e internacional, de cujas imagens emergem, além da exploração do trabalho infantil crescente, outros tipos de maus-tratos. Há neste sentido um crescente aumento da prostituição infantil, da utilização das crianças em guerras, violência sexual, física e psicológica, além de outras formas de violência, conforme apontam os relatórios do UNICEF, OIT, diversas ONGs e as Sentenças dos Tribunais Internacionais Contra o Trabalho Infantil do México e de São Paulo.

A tentativa de transformar o problema social da infância em problema sociológico de investigação exigiu-me o esforço para a superar a visão de criança trabalhadora e pobre, enquanto *menores*, normalmente veiculada pela mídia e compreendida no senso-comum como *menores*

advindos das *classes perigosas*, os pobres e excluídos. Além disso, percebi ainda no início da pesquisa, que carregava em meus discursos um certo tom de pieguice e piedade sobre esta infância sofrida; de tal modo que a minha indignação, muitas vezes, não conseguia extrapolar o terreno do panfleto e da revolta meramente ativistas. Em conseqüência dessas percepções fui, aos poucos, compreendendo a necessidade de estabelecer mediações entre o terreno escorregadio e pantanoso das emoções, a meu ver, também essenciais para superar a banalização e naturalização do sofrimento humano, resgatando assim, nos pesquisadores a capacidade de espanto e inconformismo ativo e radical frente aos principais problemas sociais e de relevância pública, política e social.

Acredito pois, que um dos pontos fundamentais deste processo de investigação foi o inconteste reconhecimento do significado, no dizer de Guiddens (l998: 121-128) de uma *Sociologia das Emoções* forjada no território da fusão da minha história de vida, pessoal, existencial com a vida pública, profissional e política (Mills, l982). Para mim as emoções tiveram importância fulcral na medida em que, observando o cotidiano da academia e algumas produções científicas, constatei que faltavam nestas coração, corpo, vísceras; percebi que esta Sociologia das Emoções, ainda é um assunto banido ou de pouca relevância., tanto nas ciências Sociais e Humanas, na área da Educação Física, enfim, quanto na cultura ocidental e intelectual do ocidente.

Para mim, a questão nodal e teórico-metodológica desta pesquisa foi, cotidianamente, o desafio de transformar um *problema social* ou *questão social* em problema sociológico de investigação, isto é, sair dos bastidores do *denuncismo* da mídia e dos rumores do senso-comum, visando à formulação da problemática de pesquisa. Aliás, na minha opinião, a mídia tem dado, por um lado, grandes contribuições no que concerne à visibilidade, ao alarde e também ao anúncio da existência de programas em prol dos direitos das crianças e adolescentes[8]. Por outro, ela tem banalizado tais problemas, na medida em que os trata como mercadoria[9], de maneira eventual e sensacionalista e com fins mercantis. Portanto, quando se fala da exposição, da imagem da infância pobre e trabalhadora explorada na mídia, não se pode deixar de reconhecer o também papel paradoxal da imprensa, cujo movimento contraditório permeia entre a exposição

[8] Ver a esse respeito os relatórios da ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) sobre *Infância na Mídia: A cobertura dos jornais brasileiros sobre a infância em situação de risco*, l997 , mimeo.
[9] Ver a respeito da notícia enquanto mercadoria o livro de Marcondes Filho (l980) sob o título *O Capital da Notícia : Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza.*

excessiva da notícia-mercadoria, durante certos períodos e o absoluto silêncio ou subestimação em outros. No meu ponto de vista, todo esse processo ambivalente gera, por conseguinte, formas de visibilidade temporárias e de *naturalização* ou *banalização* do fenômeno do trabalho infantil e outros problemas sociais (Silva, l997). Não se pode, consecutivamente, desconsiderar que a visibilidade pode vir a detonar maiores sentimentos de indignação e reflexão, bem como, um maior interesse e consciência social acerca da exploração do trabalho infantil, tanto na Academia, quanto na sociedade em geral .

Todo esse dilema epistemológico exigiu de mim a necessidade de considerar os mecanismos que permitem passar do *significante social ao significado sociológico* (Pais, l986: 2l). Nesta linha de raciocínio, parti do princípio de que os problemas sociais são problemas que emergem de uma realidade material e social (real-social), ao passo que os problemas sociológicos são dirigidos, essencialmente, à interrogação da realidade provisória do objeto, constituindo-se num sistema de relações pela interação recíproca entre estrutura e ação, na qual as dimensões do objeto real são organizadas pelo conhecimento teórico, de forma que se possa atingir o objeto científico ou o problema sociológico (Tavares, l99l:77).

Para levar a cabo o desafio e o desejo de transformar o problema social da exploração do trabalho infantil e do usufruto do tempo de lazer/lúdico em problema de investigação social, apoiei-me nos enunciados de Mills (l982: 237-238) que nos adverte que todo o cientista deve ser, para além do fetichismo do método, o seu próprio metodológo e seu próprio teórico. Tal assertiva me fez acreditar que o método se nutre ao mesmo tempo de intuição, inspiração, sensibilidade, compromisso social e político, enfim que *o método é uma orientação teórica, mas o pesquisador joga nele a própria vida* (Bosi, l994). Com base nessas reflexões é que realizei esta pesquisa, concebendo este processo como um construto teórico-prático não mais *sobre a*, mas *na* vida cotidiana dos sujeitos.

Foi um caminho árduo, uma síntese de dor e prazer e, eu diria mais de dor! Por isso tive que aprender pacientemente com Clarice Lispector que nos diz que: *(...) Tornar-se humano é saber transitar entre os domínios da dor e do prazer.* Estas palavras me fizeram viver permanentemente na busca da relação tensão-relaxamento, porém, meu corpo tornou-se também cúmplice da dor do outro e, é claro, também das alegrias e prazeres das brincadeiras da roda da vida. Ser o meu próprio metodológo e teórico constituiu-se numa trajetória de caminhos trilhados

pela invenção e criação, atalhos, busca das estradas viscinais e a ultrapassagem de barreiras em direção à meta. Contudo, urge dizer que o maior limite que encontrei foi, em meio à degradação social observada, sentir-me livre para inventar e recriar os métodos capazes de resolver os problemas concretos da investigação (Becker, l997), principalmente, considerando os resquícios positivistas na minha formação de pesquisador, aliado à pouca experiência no campo das investigações de aportes teórico-metodológicos qualitativos.

3. Justificativa e relevância: onde está o problema ? Onde está o lazer/lúdico?

Este problema de investigação foi construído à luz de um contexto de destruições oportunizadas pela ordem capitalista neoliberal a saber: da força humana de trabalho, da coletividade; direitos dos trabalhadores, sindicatos, associações, cooperativas, família ,etc (Bourdieu, l999, Kurz, l996, Antunes, l995);do meio ambiente, da infância, da juventude, da velhice, enfim das relações sociais.

É no bojo de tais problemas que o capital a nível internacional trabalha ideologicamente em comum acordo com as forças capitalistas endógenas, promovendo a destruição do Patrimônio Público Brasileiro. É nesses meandros da Globalização que assistimos à privatização gradativa da Universidade Publica Brasileira[10] e às privatizações já consolidadas da Vale do Rio Doce, Petrobrás , das Telecomunicações e outras. Em conseqüência disso, assistimos perplexos e às vezes quase que inertes, às mortes da Educação, da Saúde, do Trabalho Pleno, da Previdência Social (Chossudovsky, l990, Chomsky , l997, Galeano, l999).

A questão que se coloca cotidianamente para mim é : *como é possível investigar uma determinada problemática, sem levar em consideração que o processo de destruição da universidade pública, da ciência e da tecnologia, também chamado* ***genocídio programado*** [11]*, faz parte de todo uma política metódica e global de destruição dos bens públicos e das políticas públicas e, conseqüentemente de defesa da propriedade privada ? Como é possível fazer pesquisa numa instituição que obedece cegamente às ordens do capital internacional e que impõe cortes de verbas para a realização de investigações, projetos de extensão ,contratação de professores e a manutenção do patrimônio acadêmico ?* A resposta plausível que tenho para dizer é que considero impossível ,enquanto pesquisador, desconsiderar que a Universidade está

[10] O que há l2 anos não passava de uma ameaça, hoje, está praticamente consolidada a destruição da Universidade Pública Brasileira. A ideologia privatiza reza no documento do Banco Mundial intitulado *O Ensino Superior: as lições derivadas da experiência* (Revista Plural, v. 6, n.9, l997*)* , no qual subjaz a idéia de que as universidades públicas dos países em desenvolvimento devem ser geridas à luz das regras do mercado, transformando-se assim, em *colegiões* de terceiro grau, desvalorizando a pesquisa e a extensão, priorizando assim a *avaliação por produtividade* na sala de aula(qualidade total), nos mesmos moldes das instituições privadas(cf. Silva no Editorial da Revista Motrivivência, Ano X, no. ll, l998).

[11] Expressão utilizada por Roberto Romano para caracterizar a crise da universidade pública brasileira(Rev. Caros Amigos, no. 23, fev. l999.

em liquidação e sendo *operacionalizada*[12], tendendo cada vez mais a se consolidar num *setor de serviços* definidos pelo mercado, convertendo-se, deste modo, num supermercado a serviço das grandes empresas, e não um lugar de criação intelectual crítica e criativa do conhecimento.

Reconhecer a crise por que passa a Universidade Pública Brasileira, no momento em que investigo a vida cotidiana das crianças canavieiras, não se constitui, no meu entender, numa atitude panfletária, mas sim na consideração de que a situação por que passa a infância e a adolescência brasileira, tanto rural quanto urbana, faz parte de todo esse processo destrutivo acima descrito, como indicam os depoimentos das próprios sujeitos no decorrer desta investigação.

A situação das crianças do meio rural brasileiro, também chamadas *crianças carentes de infância* (Martins, l995), em sua grande maioria filhas da classe trabalhadora empobrecida, encontra-se num estado de degradação social. O quadro é de escolarização precária, apesar dos tímidos, temporários, precários, assistencialistas e emergenciais, programas do governo brasileiro neste campo[13] , do crescimento dos maus-tratos:[14] trabalho infantil invisível em alguns setores da produção urbana e rural, formal e informal, a violência doméstica, a exploração sexual, as mortes violentas de crianças e adolescentes, a desnutrição[15], a mortalidade infantil.[16]

---

[12] Cf.Chauí (Folha de São Paulo, l999) *Universidade em Liquidação* e (Ibidem) *A Universidade Operacional*(Folha de São Paulo, l999).Ver também a esse respeito o livro de Florestan Fernandes *Universidade Brasileira: reforma ou revolução*(l975) .

[13] Refiro-me ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, do Governo Federal, cujo pano de fundo é o jargão *Brasil Criança Cidadã: Programas de Proteção Integral- 7 aos l4 anos(Bolsa Escola)*. Este tipo de programa é uma adaptação do Programa Renda Mínima, cuja extensão atinge os Estados de Pernambuco, Sergipe e Mato Grosso do Sul e Rondônia. É, portanto, uma medida emergencial que *inclui* as crianças em escolas com instalações precárias e salários de miséria para os professores. Isto, quer dizer, a escola mostra a sua faceta paradoxal: *promete incluir excluindo* (Luft, l997).

[14] Os boletins da Anistia Internacional (março, l999) denunciam , a nível internacional, o crescimento dos maus-tratos contra crianças, principalmente no que se refere à utilização delas como soldados nas guerras religiosas e étnicas, a prostituição infantil, violência sexual e uso de crianças para os fetiches da indústria pornográfica

[15] Segundo o Relatório Situação Mundial da Infância (UNICEF, l999), nos países em desenvolvimento, a desnutrição atinge mais de 200 milhões de crianças menores de cinco anos .A desnutrição é um dos fatores responsáveis por mais de metade dos l2 milhões de mortes atuais de menores de cinco anos nos países em desenvolvimento.

[16] Cf. O Relatório *A Infância Brasileira nos anos 90* (UNICEF, l998).Ver também o Relatório Situação Mundial da Infância do UNICEF 2000, no qual o Brasil é citado como infanticida, ocupando o l05o lugar. num ranking que abrange l9l países, sustentando índices comparáveis aos das Filipinas, do Vietnã e do Cazaquistão, países muito mais pobres que o Brasil.

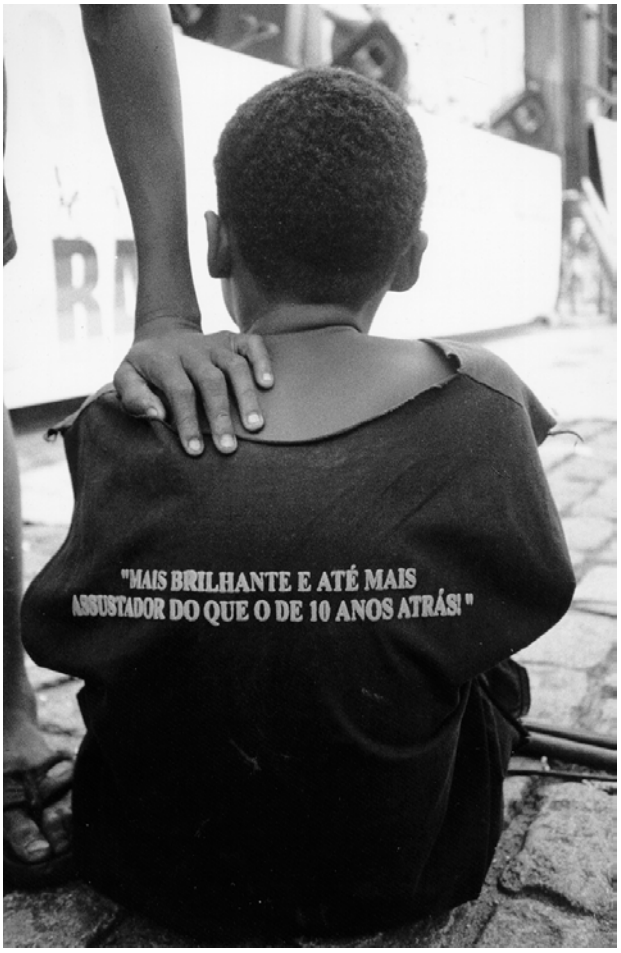


Foto: Maurício Roberto da Silva
(Evento-Campo 06)

Com respeito ao trabalho infantil, tanto os relatórios do UNICEF quanto da OIT apontam para os dados , para os números de 250 milhões de crianças trabalhando em todo o mundo, ao passo que o Tribunal Internacional contra o Trabalho Infantil indica que são mais de 300 milhões e que no ano 2004, serão 400 milhões de crianças enquanto mão- de –obra barata ,em conseqüência do crescente desemprego em todo o mundo.[17] No entanto, de acordo com o relatório mais atual do próprio UNICEF, Situação Mundial da Infância 2000, no Brasil 2,9

[17] O UNICEF detectou recentemente, a inserção de crianças trabalhando nos lixões das pequenas, médias e grandes cidades. Além disso cresce assustadoramente em todo o mundo, sobretudo na Ásia o trabalho doméstico infantil , atividade na qual predominantemente as mulheres e meninas suportam cargas e são submetidas a tratamentos que refletem seu status desigual.Além do mais elas são tratadas como invisíveis, como se não existissem(Ibidem); crescem também de outras formas de trabalho infantil urbano(borracharias, supermercados, etc.) e rural(olarias , casas de farinha, etc.)

milhões de brasileiros, entre cinco e catorze anos , trabalham para reforçar a renda familiar. O índice de trabalhadores precoces aumenta para 5,7 milhões na faixa etária de dez a dezesseis anos

Quando iniciei a pesquisa, os dados do Centro Josué de Castro (l995), datados de l995, indicavam que havia 50.000 crianças na faixa de 7 a l4 anos trabalhando nos canaviais. Hoje, passados 4 anos, há a controvérsia de que não existe mais esse número de crianças trabalhando, considerando os programas emergenciais do Governo de erradicação do trabalho infantil.[18]

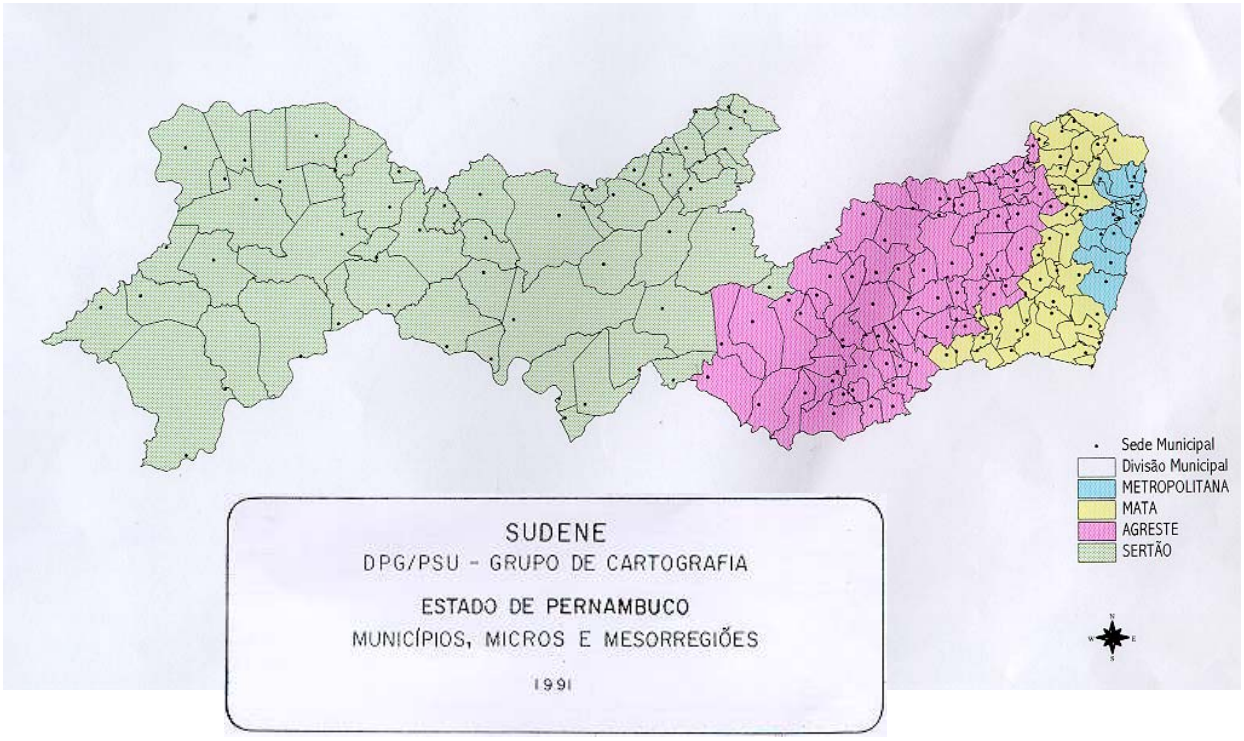
No ponto de vista da história da legislação sobre o trabalho infantil, o que se pode constatar é que há grandes avanços cartoriais até os dias de hoje, em especial, com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente, aprovado em l990.[19] Em contrapartida, há, de um lado, a partir das leis, uma crescente consciência social acerca dos prejuízos do trabalho precoce para a construção da identidade da criança, entre eles a *supressão do lúdico*. De outro lado prevalece ainda, com bastante força no patronato, principalmente, no âmbito dos pequenos empresários, a tendência à exploração da mão-de-obra infantil, relegando às crianças e jovens o posto precário de *cidadãos de papel*, conforme expressão de Dimenstein (l993).

[18] (www.unicef.org.br)

[19] Cf. O Comitê Catarinense Contra o Trabalho Infantil (mimeo, l999) a legislação sobre o trabalho infantil pode ser delineada da seguinte maneira: a) a nível internacional e b) a nível nacional. A nível internacional a OIT-Organização Internacional do Trabalho, através da Convenção no. 05 de 1919, proibia o trabalho até 14 anos em estabelecimentos industriais: a Convenção no. 138 de 1973, previu que os Estados membros, especificassem uma idade mínima de admissão ao emprego, não inferior à idade na qual ocorre o término da escolaridade obrigatória, ou seja, 15 anos; a Convenção no. 182 de l998, pretende erradicar imediatamente apenas *as piores formas de trabalho infantil,* as quais referem-se aos delitos penais, ou seja, formas de exploração já elencadas em nossa legislação a saber: prostituição, escravidão, pornografia, tráfico de drogas. Portanto, na Convenção l82 apenas o item *d)* caracteriza trabalho e nele podemos incluir todo e qualquer trabalho executado por crianças, pois todos representam uma ameaça à saúde, segurança e moralidade (Comitê Catarinense independente Contra o Trabalho Infantil, 2000, mimeo). No que concerne à legislação brasileira pode-se rastrear na seguinte ordem cronologia as leis e decretos, saber: o Decreto-lei no. 1313/1891, proibia o trabalho noturno aos menores de l5 anos e qualquer outra forma de trabalho antes dos 12 anos; o código de menores – Decreto no. 17.934/27 – idade mínima 12 anos; a Constituição Federal de l934, l937, l946 – idade mínima 14 anos, salvo na condição de aprendiz aos 12 anos de idade; o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069 de l3 de julho de l990; a Emenda no. 20 de l5 de dezembro de l998 que modificou a idade mínima para l6 anos, salvo na condição de aprendiz aos l4 anos de idade.

4. Mas afinal qual é a problemática?

A centralidade da problemática em questão diz respeito ao usufruto do tempo de lazer/lúdico das crianças trabalhadoras da Zona da Mata[20] canavieira pernambucana ou Mesoregião, conforme ilustra o mapa a seguir:



Portanto, não se trata de um estudo sobre a ampla e complexa problemática da exploração do trabalho infantil em si ,[21] mas de um recorte sobre a especificidade do usufruto do tempo de

[20] Segundo Andrade(l999) trata-se da antiga Zona da Mata, hoje denominada Mesoregião da Mata, que compreende a porção oriental do Estado de Pernambuco, situada nas proximidades do litoral, onde, secularmente, desenvolveu-se a colonização da cana-de-açúcar.

[21] O trabalho infantil pode ser abordado sobre os mais variados enfoques: escolarização, família, legislação, análise dos diferentes mundos do trabalho, conceitos de trabalho infantil, trabalho infantil e políticas ou programas governamentais ou não-governamentais de erradicação , história do trabalho infantil, trabalho infantil feminino e gênero, trabalho infantil e estatísticas, trabalho infantil e perda da identidade infantil, trabalho infantil e as conseqüências para o desenvolvimento físico, psicossocial, intelectual e cultural, trabalho infantil rural e urbano e outros.

lazer/lúdico da infância em *situação de risco social*[22] ou, segundo Pais (l999), dos *desenquadrados socialmente e incluídos pela margem*. Intitulei este processo sonegador/limitador do tempo de lazer de ***Assalto à infância***,[23] uma vez que o lúdico ao ser subsumido da vida cotidiana dessas crianças, compromete a cidadania infantil, pois suprime processos sociais vitais e converte-as em mercadoria, em coisa (Martins, l993). Neste sentido, convém destacar que *todas as formas de exploração do trabalho infantil*[24] sonega o tempo para a vivência do lúdico, compromete a escolarização e, consecutivamente, detona situações de constrangimentos que repercutem na construção da identidade da criança. Esse processo de sonegação da infância pode ser considerado como um tempo de ***oportunidades perdidas***, que impõe às crianças possíveis seqüelas nutricionais (envelhecimento precoce, desnutrição), cognitivas, psicossociais e culturais, comprometendo de maneira indelével o presente e o futuro das gerações.[25]

O debate em torno dos usos do tempo de lazer/lúdico na infância trabalhadora canavieira se circunscreve no âmbito da temática *lazer e exclusão social*[26] que atinge grande contingente da classe trabalhadora. Atinge tanto os trabalhadores assalariados, quer dizer , tanto os que *ainda* estão nos seus postos de trabalho, os chamados incluídos precários, que vivem os dilemas da precariedade do desemprego e que sobrevivem dos sub-empregos da economia informal quanto aqueles desempregados quase que perenes ou os *aptos-para-o-trabalho-que-não-trabalham* (Castel, l99l ; Pochmann, l999; Kurz, l988, Sader, l998, Antunes, l999). Portanto, o suposto *tempo livre* é um tempo de tensões, medos e incertezas, tempo que aprisiona e oprime os sujeitos aos esquemas individualistas da máxima liberal do *salve-se quem puder* e do *cada um por si e Deus por todos*. Nestes termos é que o lazer dos trabalhadores sub-empregados ou

---

[22] Segundo Rivera et alii, l990, o conceito de *Situação de Risco Social* remete ao conceito moderno de cidadania, cujo conteúdo básico é : os direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais. Porém, se essas três dimensões essenciais não são consideradas, a cidadania será sempre parcial, precária, limitada, incompleta, ou melhor, não se materializa. A *situação de risco* é uma categoria fecunda tanto para a delimitação de campos de atendimento como para a elucidação do caráter da dupla articulação pela qual se define a assistência social: a articulação com as necessidades(carências) dos seus destinatários, e a articulação com as políticas sociais básicas

[23] Inspirei-me para o título deste trabalho na expressão *furto do lúdico* criada por Marcellino (l990) em seu livro Pedagogia da Animação.

[24] Faço este destaque para ressaltar as minhas críticas contra a Convenção 182 da OIT/2000, cujo texto foi influenciado pelos interesses político-econômicos dos Estados Unidos e advogando que deve-se eliminar apenas as *piores formas de trabalho infantil* não todas as formas de exploração do trabalho infantil (cf. Sentença do Tribunal Independente contra o Trabalho Infantil/São Paulo/l999).

[25] cf. Revista Nova Escola (Maio/l994 : 57) e *Relatório Trabalhadores Invisíveis* , Centro Josué de Castro (l995)

[26] cf. Tema do V Congresso Mundial de Lazer: *Lazer em uma sociedade globalizada- inclusão ou exclusão*, realizado em São Paulo, 26 a 30 de outubro, São Paulo.

desempregados, se constitui na *ginástica cotidiana* e nas *corridas* em busca da centralidade do ser social: *o trabalho*.

A questão do usufruto do tempo de lazer/lúdico na infância, ponto central do problema desta investigação, se justifica pelo fato dos temas do lazer e lúdico não serem tratados de forma sistemática nas Ciências Sociais e na Educação. A maioria dos estudos nestas áreas privilegiam os aspectos mais gerais sobre a problemática da infância brasileira e o trabalho infantil (legislação, abordagens sobre a literatura, conceito de trabalho, etc.) além dos específicos (reflexões sobre os mundos do trabalho urbano-rural: carvoarias, sisal, borracharias, etc).

A partir dos anos 80 até os dias atuais, há na academia, em especial, nas Ciências Sociais,[27] Educação, Serviço Social, Psicologia Social e outras, uma considerável produção científica,[28] abordando, de forma direta ou indireta, a temática do trabalho infantil, de forma direta e indireta[29]. A maioria dessas pesquisas se posicionam criticamente contra o trabalho precoce na perspectiva do campo e da cidade, sobre os aspectos históricos do trabalho infantil no século XIX e na atualidade brasileira, e sobretudo trazendo à baila a questão das conseqüências nefastas deste tipo de atividade para a escolarização da criança trabalhadora.

Além das produções acadêmicas há ainda um grande número de publicações de movimentos sociais(ONGs e Sindicatos) e das entidades governamentais(Ministério do Trabalho). Boa parte das publicações produzidas pelos movimentos sociais tem o caráter de denúncia das condições de vida deploráveis das crianças e suas famílias, apresentam dados estatísticos e relatam os encontros com crianças e pais, com o objetivo de avaliar e sugerir

propostas concretas de erradicação do trabalho infantil (reforma agrária, crédito agrícola, educação e saúde). Há, pois, neste sentido, uma vasta quantidade de livros, cartilhas, manuais e

---

[27] Com relação às pesquisas sobre o tema da infância nas Ciências Sociais, considero importante evocar o trabalho de Dissertação de Mestrado de Pereira (l997: 5-6) que critica a lacuna existente na Antropologia da temática da infância, ou seja, a ausência de trabalhos sistemáticos e contínuos nesta área que tenham a criança como foco e eixo central do todo do processo investigativo. A autora adverte para a necessidade da intensificação das pesquisas sobre a criança nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia, uma vez que tem piorado a situação da infância no mundo. Ver a esse respeito Whitaker(VHS,l998) que, durante o *2º. Simpósio Brasileiro de Televisão, Criança e Imaginário*, anuncia que no próximo século a infância será, de maneira mais intensa, objeto de estudo das Ciências Sociais.

[28] Refiro-me às monografias de base (teses, dissertações e trabalhos de conclusões de graduação(TCCs).

[29] Cf. Alvim (l988, l995); Alessi (l997); Araújo(l996); Huzak(l995); Martins(l993); Bittar (l998);Pinheiro(l98l); Antuniassi (l983); Nogueira(l990); Neves (l999); Dourado et alii(l998); D'Aquino(l995); Pereira(l995); Fukuy et alii (l984);Pires(l994); Oliveira(l989); Moura(l992); Dauster (l992); Rizzini (l980, l995, l998);Rosemberg (l994); Graciani(l997), e outros.

relatórios, produzidos pelos diversos movimentos sociais.[30] . Outrossim, as publicações dos órgãos oficiais contêm, predominantemente, informações sobre os acidentes de trabalho; aspectos relacionados à fiscalização do Ministério do Trabalho e respectivas delegacias ; os fundamentos dos programas de erradicação do trabalho infantil (Bolsa-Escola e outros).

Os enfoques contidos nessas produções acerca do trabalho infantil contemplam, de forma superficial, apenas a questão do tempo de lazer para vivência lúdica na infância ,discorrendo sobre as possíveis conseqüências da *privação do brincar* para a formação da criança. Além disso, mesmo os estudos diretamente ligados ao setor sulcro-alcooleiro, também só mencionam as palavras lazer, jogo, brincadeira e brinquedo, sem contudo aprofundá-las. Considerando o pouco trato dedicado ao lúdico nessas produções, justifica-se um estudo específico e delimitado para o lúdico na infância da região açucareira pernambucana, para que este estudo possa, posteriormente, somar-se aos estudos sobre as diversas abordagens já existentes.

Quanto à produção científica na área da Educação Física, até bem pouco tempo, predominava uma concepção abstrata, a-crítica, a-histórica de criança, cuja imagem apontava para a existência na área de uma *criança universal*, conceituando-a , então, como única e com processos homogêneos de desenvolvimento, cultura e classe social . A partir dos anos 90, entretanto, iniciou-se ainda de forma tímida, um debate mais crítico sobre a infância brasileira, relativo às questões de classe, gênero, raça e cultura[31]. Boa parte desses estudos referem-se à problemática trabalho infantil, escolarização e lazer dos meninos e meninas de rua , constituindo-se em sua maioria em relatos de experiência de programas de esportes e jogos, junto a esta categoria de criança[32].

---

[30] Refiro-me sobretudo às seguintes instituições a) Sindicatos, partidos e centrais sindicais: CONTAG, FETAPE, PT(O Trabalho) CNTE, CUT, Força Sindical; b) ONGs: Save the Children ,Centro Josué de Castro, Fundação ABRINQ [30] e outras; c) outras instituições: UNICEF, OIT

[31] cf. os Anais do X e XI Congresso Brasileiro de Ciência dos Esporte(l997, l999).

[32] Em relação à produção sobre o trabalho infantil e suas relações diretas e indiretas com os estudos do lazer na infância, destacam-se na área da Educação Física as seguintes investigações: Marcellino (l996) *Elementos para o entendimento do Uso do Tempo na infância*; Pinto (l995) *Pequenos trabalhadores: sobre a Educação Física, a infância empobrecida e o lúdico numa perspectiva histórica e social*; (Ibidem, l997) *A Universidade e o trabalho infantil: A produção docente sobre o trabalho infantil na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade Técnica de Lisboa*; Carrano (l993) *Se der tempo agente brinca*; Silva (l996) *O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-açúcar. Onde está o lazer ? O gato comeu!!!*

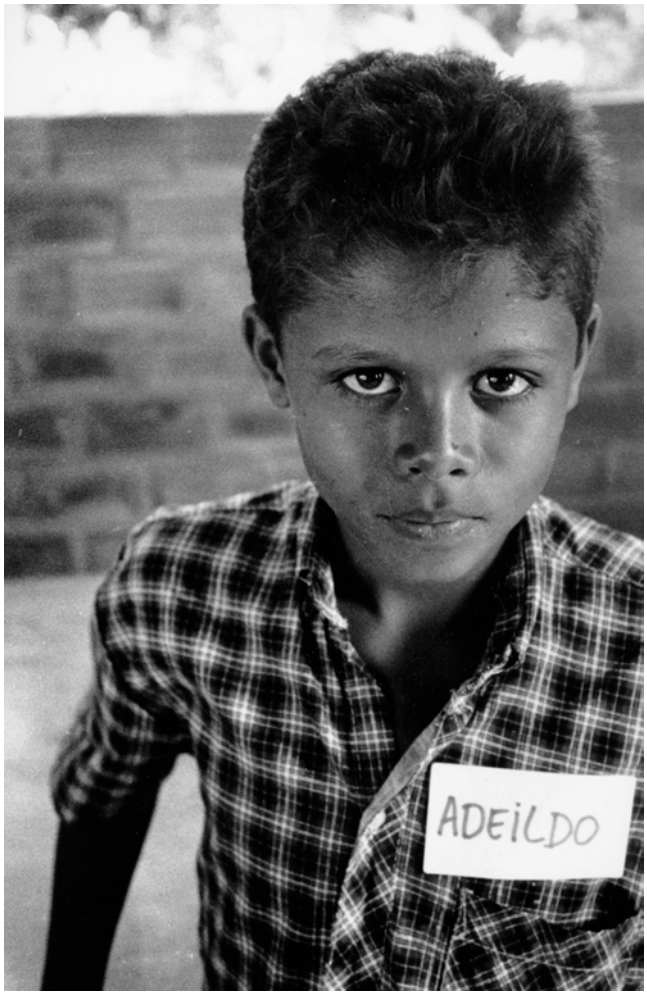


Foto: Maurício Roberto da Silva

Vocês que me fizeram carregar fardos de flores para os meus entes
Vocês que me fizeram carregar toneladas de algodão e cimento bruto...

(Trecho do poema o Sujeito Fingidor – Maurício Roberto da Silva)

(Evento-Campo 07)

Com este estudo pretendo contribuir para a área de Educação Física e as demais sobre as relações corpo e sociedade, corpo e trabalho alienado, corpo, infância e trabalho precoce, corpo, infância e lúdico. Afinal, é nas escolas públicas, onde o professor atua, nas quais *ainda* existe um grande contingente de filhos da classe trabalhadora que vive a dura realidade de estudar e trabalhar simultaneamente.

Grosso modo, considero esta pesquisa de relevância social e epistemológica , tendo em vista os seguintes argumentos: em primeiro lugar foi construída com o apoio dos movimentos

sociais (FETAPE, CONTAG, Save the Children); em segundo lugar se constituiu numa investigação que já foi paulatinamente sendo *socializada no processo de construção*[33] com os sujeitos e as instâncias acadêmicas; em terceiro lugar porque se trata de uma temática que exige uma continuidade e a realização de projetos futuros de pesquisa-ação junto aos movimentos sociais; em quarto lugar pelo seu caráter interdisciplinar que poderá resultar futuramente em relações mais profícuas com outras disciplinas ou áreas do conhecimento; em quinto lugar pelo fato de sua finalidade e alcance terem sido discutidos com os sujeitos durante o processo do fazer investigativo, como indicam os depoimentos a saber:

> *(...) Esse livro, essa pesquisa do senhor, vai servir para o bem das crianças .Vai servir para alguma coisa* ***daqui pra frente*** *(grifo meu) (Carlos Antonio da Silva, 52 anos, trabalhador canavieiro, Engenho Humaitá-Palmares);*[34]
>
> *(...) Essas coisas que você fez com a gente, aqueles jogos lá no Encontro da CONTAG em Brasília, essas perguntas que o senhor fez e essas fotos, vão ser muito importantes para a gente, porque é uma ajuda e todo mundo vai saber como vivem as crianças lá nos canaviais.*
> (Hélio, l5 anos, Petrolina);[35]
>
> *(...) Acho muito importante essa sua pesquisa, pois as crianças daqui são muito carentes, precisam de carinho, escola e muita assistência .Quem sabe o governo cuida das crianças e as crianças delas próprias; esse seu trabalho é um livro que trata da vida das crianças.*
> (Tonhão, motorista do Programa Mão Amiga, Palmares);[36]
>
> *(...) Esse seu estudo mesmo que seja no papel vai ajudar a gente, porque as pessoas vai ler e ver que é pra mudar. É muito importante, é uma ajuda muito grande, porque as pessoas vão ler e sabe que as crianças e os adolescentes da cana precisam de lazer*.
> (José Carlos da Silva, l6 anos, participante dos encontros da CONTAG e Tribunais contra o trabalho infantil de Brasília e do México)[37]

***

[33] Durante todo o processo de construção da pesquisa foram publicados no *Jornal Universitário da UFSC* os resultados parciais da pesquisa de campo.
[34] Depoimento colhido durante a *visita ocasional* nos engenhos, *evento-campo-09*.
[35] Depoimento colhido durante o evento-campo 08- I Encontro de Crianças e Pais Trabalhadores da Agricultura/ FETAPE/Pe
[36] Ibidem vide nota nº. 23
[37] Depoimento durante *Visita ocasional* aos engenhos, Evento-Campo 08.

Os objetivos desta pesquisa assim como as hipóteses possuem a dimensão de movimento e continuidade, eles não são alcançáveis, mensuráveis como na pesquisa positivista. No bojo deles se circunscreve toda a história da pesquisa, minha visão de mundo, homem e sociedade, a fala dos sujeitos, o pensamento dos autores, a denúncia e o anúncio de possibilidades utópicas . Assim, considerando o exposto, os objetivos que se seguem não são mera retórica, pois, revelam , a partir da dimensão teórico-metodológica um forte desejo de conhecer, de desbravar, de mudar, de construir um outro projeto de sociedade:

- *investigar o mundo do trabalho das crianças dos canaviais de Pernambuco, visando buscar elementos para o entendimento do significado da cultura lúdica em suas vidas cotidianas;*
- *Analisar o tempo de lazer/lúdico dessas crianças na perspectiva de sua forma e conteúdo, tempo e espaço, quantidade e qualidade, visando identificar a possibilidade da vivência plena do tempo de lazer, a sua supressão ou precariedade;*
- *Buscar nas representações sobre o trabalho e o lazer as pistas indicadoras dos* ***sonhos-desejados***[38] *das crianças, objetivando com isso identificar qual o projeto de sociedade e infância que almejam:*
- *coletar os jogos e as brincadeiras das crianças, não apenas para reunir um acervo de joguinhos, mas para, a partir deles, procurar identificar os componentes de resistência que estão subjacentes às regras, às táticas dos jogos, aos modo como jogam, onde brincam (no trabalho, nos espaços formais(escola) e informais(não-escolares)*
- *contribuir com as reflexões contidas nesta pesquisa, para com os movimentos e lutas sociais, na perspectiva da luta pela radical eliminação de toda forma de exploração, em especial do trabalho precoce e da conseqüente conquista de um tempo de lazer/lúdico na infância; conseqüentemente, contribuir para a luta por um tempo dotado de sentido tanto no trabalho quanto no lazer para os trabalhadores em geral.*

***

[38] Expressão sugerida pela Profa. Dra. Neusa Gusmão para caracterizar as relações entre sonho e desejo na perspectiva do porvir , do vir a ser, das aspirações no presente e no futuro. São as representações das crianças sobre a vida cotidiana.

O conteúdo dos capítulos que se seguem significam a síntese do meu olhar para o campo, bem como, das subjetividades que dizem respeito à história de vida e à história oral de crianças, jovens, adultos e velhos canavieiros, representadas através depoimentos, fotos, desenhos, cartas, desenhos, poesias e documentos diversos. A partir de todas essas *teorias em ato* foi possível então, montar o quebra-cabeças dos capítulos a partir das principais categorias, conceitos, temas, sub-temas e palavras-chaves emergidos dos Eventos-campos (conjuntura, mundo rural da cana-de-açúcar, trabalho, lazer, jogos, corpo, velhice precoce, políticas sociais, infância), de acordo com o Quadro O1 no Capítulo I.

O *Capítulo I* versa basicamente sobre a trajetória teórico-metodológica do fazer investigativo cotidiano. Nele estão contidos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociologia das Vida Cotidiana respectivamente, pobreza e riqueza da vida cotidiana (Lefebvre, l958); o conceito de campo; os tratos interdisciplinares da pesquisa e as questões relativas às relações método-teoria e sujeito-objeto no processo do conhecimento.

No *Capítulo II* situo o trabalho infantil na perspectiva do neoliberalismo considerando a perspectiva da acumulação flexível inerente à Globalização e, consecutivamente à reestruturação produtiva do mundo do trabalho. Deste modo, são evidenciadas as conseqüentes repercussões dos Planos de Ajuste Estrutural do FMI e Banco Mundial sob as políticas sociais que terminam se constituindo em meros programas de cunho assistencialista e emergencial, geradores e reprodutores de exclusão absoluta ou inclusão temporária e precária no setor sulcro-alcooleiro. Nesta perspectiva trago para um debate introdutório a questão da crise do capitalismo e suas incidências e conseqüências desumanas sob campo sulcro-alcooleiro da Zona da Mata pernambucana (desemprego, precarização das relações de trabalho, destruição do meio ambiente, êxodo, fome, miséria absoluta). Tais reflexões serão discorridas à luz das seguintes questões , surgidas durante o processo de pesquisa: *quais os efeitos, conseqüências e repercussões das destruições do capitalismo no setor sulcro-alcooleiro da Zona da Mata pernambucana?; com o empobrecimento e a devastação social das populações rurais , como será possível para as crianças terem um tempo efetivamente livre das pressões e constrangimentos, se o peso e as repercussões dessas políticas macro -estruturais recaem sempre sobre as costas delas? Como é possível brincar sob a ameaça do abandono do Estado ou das suas políticas assistencialistas, emergenciais, precárias e sem consistência e referência social ?; é possível erradicar o trabalho infantil no âmbito do capitalismo?; é possível brincar e ter tempo efetivamente livre para a*

vivência das atividades lúdicas em meio a uma realidade marcada pela privação e precarização?

O *Capítulo III* têm o seu ápice voltado para as questões fundamentais de pesquisa, quais sejam: *até que ponto o trabalho infantil, de fato, solapa a infância, na medida em que suprime ou torna precário, qualitativa e quantitativamente, o tempo de lazer para o desenvolvimento da cultura lúdica na infância canavieira?; o lazer/lúdico o gato comeu?*

Estas questões referem-se grosso modo às possíveis relações entre trabalho e lazer, trabalho e tempo livre e, fundamentalmente lazer/lúdico na infância pobre e trabalhadora. Nesta perspectiva a problemática *trabalho infantil e o usufruto. pleno ou precário, ou supressão do tempo de lazer destinado às manifestações da cultura lúdica*, é discutida criticamente, considerando a incompatibilidade entre tempo livre e capitalismo. Estas reflexões norteiam todo o capítulo, tendo em vista que o locus da pesquisa está inserido em uma realidade marcada pela exploração, privação e pobreza absoluta, em cujo âmbito o estranhamento (Entfremdung) e a alienação (Entäusserung) tem sua morada tanto no trabalho quanto no tempo de lazer.[39] Portanto, a tônica central deste capítulo é que, mesmo considerando o caráter de resistência e rebeldia da cultura lúdica das crianças , só é possível uma vida dotada de sentido *fora* do trabalho se *dentro* deste (trabalho) também existir uma vida dotada de sentido (Antunes, l999).

Além de refletir as questões epistemológicas supramencionadas trago para o debate os *sinais do lazer/lúdico nos Eventos-Campos*, isto é, busco apreender os saberes relativos ao jogo e aos jogos, cujos elementos constitutivos dão sentido e vida às relações sociais nestas plagas doce-amargas. Nestes termos, considero os aspectos macrossociais da vida cotidiana (trabalho, habitação, saúde, educação e outros), mas, fundamentalmente as especificidades microssociais relacionadas à questão do lazer/lúdico (lazer e religião, lazer e família, lazer e gênero, lazer e desemprego, lazer e alcoolismo, lazer e classes sociais; jogos tradicionais, mas de domínio universal; jogos com regras adaptadas ou inventados pelas crianças; brinquedos populares ligados

[39] Segundo Antunes (l995: l32) nos diz que a expressão *trabalho estranhado* (die Entfremdete Arbeit) ou *estranhamento* (Entfremdung) é diferente de alienação (Entäusserung), pois , enquanto esta última é um aspecto ineliminável de toda objetivação, o *estranhamento* refere-se à existência de barreiras sociais que se opõem ao desenvolvimento da personalidade humana. Para Silveira citado por Antunes (l992) a Alienação (Entäusserung refere-se à *alguma forma de perda, de privação, por parte de um sujeito* e o Estranhamento (Entfremdung) *um alheamento que) implicando a automização de um poder hostil), que se situa do lado do* ***objeto*** **,** *ainda que seja referido a um* ***sujeito*** (Revista Resgate, Centro de Memória/UNICAMP, , no. 04, l992).

à cana de açúcar, brinquedos artesanais, *sonhos-desejados* de consumo de brinquedos industrializados; além dos sonhos-desejados de lazer dos adultos.

O Capítulo IV é resultante dos permanentes questionamentos que acompanharam a pesquisa de campo durante todo o tempo, a saber: *que tipo de ser humano é forjado pelo capitalismo numa realidade amalgamada pela fome, miséria e privação, mas também pela luta em prol da subversão da ordem vigente?; que conceitos de corpo emergem do trabalho e da cultura lúdica resultantes da vida cotidiana? como experimentar a plenitude da liberdade, da alegria, do relaxamento e do prazer, e, liberar o corpo quando este vive em permanente tensão, constrangimento, fome e privação?; até que ponto até quando poderá resistir um corpo assim oprimido ?*

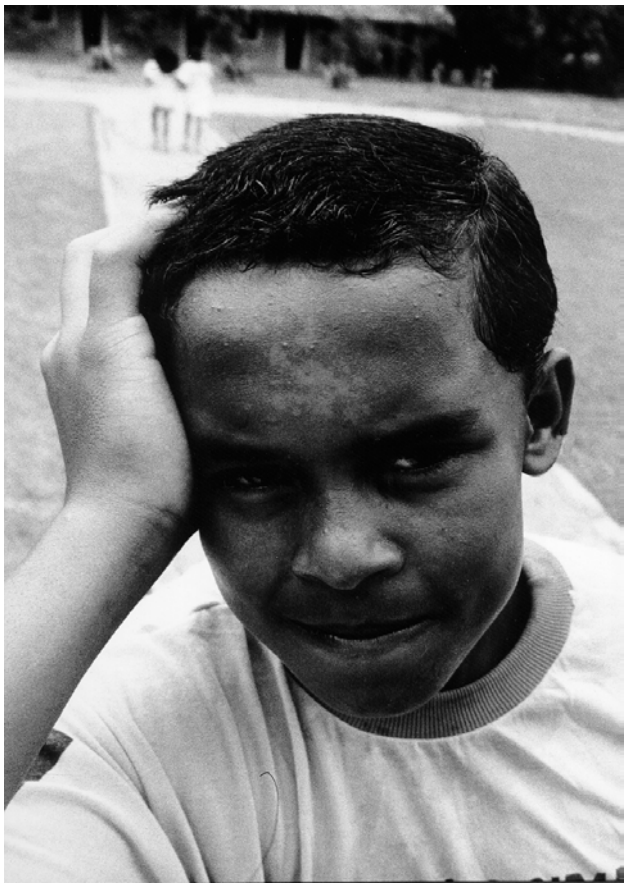


Foto: Maurício Roberto da Silva

O que eu mais sinto prazer é escrever com uma das mãos cheias de
Bolinhas de gude e com a outra empinar a borboleta dos meus sonhos.

(Trecho do poema o Sujeito Fingidor – Maurício Roberto da Silva)

(Evento-Campo 07)

Portanto, com base nestas questões, procuro refletir juntamente com os sujeitos e os autores sobre as relações Corpo, Sociedade e Classes Sociais, especificamente sobre os corpos das crianças, adultos e velhos trabalhadores da cana-de-açúcar, envelhecidos precocemente e que na vida cotidiana se constituem em produtores de riqueza para outrem. Serão considerados os dois eixos temáticos fundamentais que giram em torno do trabalho infantil enquanto *trabalho produtivo*, gerando, de um lado, *corpos produtivos* e aparentemente submissos, cujas forças de trabalho (físicas e intelectuais) são apropriadas pelo capital, tendo em vista a perpetuação da lógica da produção capitalista. De outro lado, levo em conta os sinais marcantes do *corpo brincante* ou *da festa*, ou seja, aquele corpo que apesar da degradação moral, ética e física a que é submetido, também se impõe enquanto corpo-sujeito construtor de resistências simbólicas e reais nos resíduos de tempo fora dos esquemas do trabalho .

Foto: Maurício Roberto da Silva
Do corpo produtivo ao corpo brincante
(Evento-Campo 03)

À guisa de considerações finais/inconclusas, retomo a questão colocada no título desta pesquisa, qual seja, *onde está o lazer/lúdico? O gato comeu?*. Desta maneira encerro provisoriamente o trabalho, procurando ressaltar o significado dessa experiência para mim enquanto pesquisador e cidadão. Também procuro problematizar os resultados e *achados* manifestos concretamente, durante os quatro anos de investigação*,* além de sugerir pistas para a superação da alienação e continuidade das resistências e subversões evocadas pelos próprios sujeitos no decorrer da pesquisa. Desta maneira concluo provisoriamente, deixando assim, alguns enigmas, no momento indecifráveis, para serem redimensionados em outras investigações.

Por fim, convido-os para uma leitura desta produção ou do meu *inédito viável*, parafraseando Paulo Freire (l992) e, tendo como lema as palavras da inesquecível escritora Clarice Lispector (l993) que sabiamente me ensinou que: *(...) Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais, numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo eu quero pegar. Às vezes, quero apenas tocar. Depois, o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos*.

CAPÍTULO I

Reflexões teórico-metodológicas acerca do cotidiano investigativo

l. O fazer investigativo cotidiano: retomando o passado com o pé no presente e o olhar para o futuro

(...) O passado não reconhece seu lugar: está sempre presente.

(Mário Quintana)

É impossível falar sobre os bastidores desta investigação sem contextualizá-la num dado tempo histórico que é determinado por repetições, rupturas, avanços e recuos. *Como poderia estar imerso no presente sem reconhecer neste os signos do passado? Como pesquisar o lazer das crianças trabalhadoras pobres e exploradas da zona canavieira de Pernambuco, sem reconhecer que o passado de escravidão e dominação latifundiárias amalgama o presente e de um certo modo cristaliza e embota o futuro das atuais gerações de crianças e jovens e de suas respectivas famílias? Mais ainda como é possível perceber, utilizando a expressão de* Lefebvre, (l958)[1], *na* ***pobreza e riqueza do cotidiano*** *de trabalho e lazer os sinais e brechas que apontam para o terreno das resistências, possibilidades e utopias na dimensão temporal presente-futuro ou futuro do presente?*

***

O processo de construção desta pesquisa foi repleto de idas e vindas ao passado e de um retorno ao presente carregado de perplexidades, dores e tensões corporais, alegrias esparsas e anúncios de luta, resistência, esperança e utopia. Estas evidências do presente me fizeram pensar na forma espiralada e dialética que nos reserva a história, com seu movimento e dinâmica, na qual passado, presente e futuro não possuem planos determinados, portanto, um constante ir e vir, localizando as raízes do presente no solo do passado (Hobsbawn, l998). Este conceito dialético da história permitiu-me, de acordo com o que presenciei nos engenhos de açúcar, estabelecer comparações entre os séculos XIX e XX, e concluir que os maus-tratos para com a infância continuam, apesar de serem contextos diferentes, prevalecendo a degradação e insalubridade, o

[1] Cf. Lefebvre (l958: 37) principalmente no que se refere às reflexões sobre a relação trabalho-lazer.

desrespeito aos direitos da criança, a falta de escolarização ou a precariedade desta, a supressão do tempo de lazer, e por fim, o *envelhecimento precoce* na infância.

Olhar para todas essas imagens do passado, à luz do século que se encerra e do que se inicia, significou olhar para o *agora*, enquanto um *presente* contínuo com suas relações orgânicas com o passado público e futuro, pois: *(...) não sabemos o que virá a seguir, nem como será o terceiro milênio, embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo breve século XX* (Hobsbawn, l995: ll-26).Nesta linha de reflexão, é que apesar desta pesquisa não se constituir metodologicamente num estudo histórico, reflete algumas vezes que o ofício dos historiadores (pesquisadores) é *lembrar que os outros esquecem* e que *a memória sempre pertence a nossa época e está intimamente ligada ao eterno presente: a história é uma representação do passado* (Nora apud Hobsbawm: l2), emprestando às pesquisas uma maior relevância social e histórica neste final de milênio.

Essas preocupações com o passado refletido no presente são de suma importância, uma vez que a história da modernidade desvalorizou sistematicamente o passado em benefício do futuro, assumindo pressupostos que apoiavam na idéia de que este (o passado) era reacionário e o futuro progressista; foi desta maneira que a burguesia viu a sua luta e foi assim que a classe operária viu também a sua, demonstrando-nos que esta teoria da história fez com que facilmente fossem esquecidos o sofrimento, a injustiça, a opressão; todos superáveis num ***futuro próximo e radioso*** (grifo meu).

Em face dessas reflexões, compreendi a necessidade de se pensar os conflitos do passado, visando desestabilizar a repetição das barbáries do presente. Assim o presente pode ser construído enquanto projeto educativo emancipatório, tendo em vista a busca da recuperação da capacidade de espanto e indignação. Portanto, para construir o presente é preciso redimensioná-lo à luz do passado, para que desta forma seja possível a formação de subjetividades incorformistas e rebeldes (Santos, l996: l6). Assim sendo, nesta pesquisa a história é compreendida como a medula do estudo social e uma permanente atualidade. Ela deve, no âmbito desta investigação, trazer os acontecimentos do passado, redimensionando-os no presente e anunciando o futuro, principalmente, porque: *(...) Sem o uso da história e sem o sentido histórico das questões psicológicas, o cientista social não pode adequadamente, formular os tipos de problemas que devem ser, agora, os pontos cardeais de seus estudos* (Mills, l982: l56)

Um breve ir e vir na história da infância

Sempre que estava junto ou distanciado das crianças, pensava na urgência em se estabelecer políticas sociais e estudos no sentido de reverter à situação de caos social em que vive a infância, sobretudo a trabalhadora e pobre, no Brasil e em todo o planeta. Considerei sempre oportuna esta reflexão, uma vez que *(...) para cada criança a infância só acontece uma vez e é sempre agora* (Mead, l982: l56). Deste modo, cotidianamente, refletia sobre o passado, o presente e o futuro das crianças brasileiras, em especial as da zona rural do setor sulcro-alcooleiro. Acerca do passado, recorri às pesquisas de Engels (l985) sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra e na Europa, onde as crianças viviam em condições degradantes, imersas no trabalho insalubre e perigoso das indústrias têxteis e minas de carvão, retratadas também por Émile Zola em seu livro Germinal.[2]

Às portas do final do século XX e do prenúncio do Novo Milênio, a criança continua sendo compreendida como uma *folha de papel em branco*, a *tabula rasa*, a *in-fans*, ou seja, aquela *que não deve falar* (Becchi, 1994:6, Del Priore, 1992). No século XVI, os adultos começam a ver a criança como um ser singular e, no século XVIII, início da Revolução Industrial, surge um novo sentimento da infância, aquele no qual a infância é considerada como o que há de melhor nos homens, devendo ser respeitada na sua especificidade. A infância, neste contexto, é concebida como uma etapa imperfeita e incompleta, que deve ser fortalecida pelo desenvolvimento do caráter e da razão, também chamado de *moralização*. Este sentimento contrapõe e complementa o sentimento de *paparicação*, considerando a necessidade de preservar a criança do meio e levando-se em conta suas características de pureza, ingenuidade, inocência e graciosidade (Ariès, 1978:156-182). Nesta sentido, se trouxermos essa questão para pensamos a infância brasileira, perceberemos que existem dois sentimentos de infância (moralização e paparicação), independente de classe social, gênero e raça. Tais concepções de infância são aparentemente contraditórias, mas, na vida cotidiana articulam-se, criando, assim, a legião das crianças, no dizer de Martins (l993), *sem infância*. Todavia, vale destacar, que nesta investigação, essa categoria de infância cognominada também por Martins de *carentes de infância*, será utilizada, primordialmente, para referir-se àquelas crianças em situação de risco social. Portanto, trata-se das crianças pobres da Zona da Mata canavieira pernambucana,

[2] Ver também os filmes (VHS) Germinal e Daens um grito de justiça.

exploradas pela tara da mais-valia capitalista. Crianças estas que são tratadas pelas políticas públicas como lixo, sucata e estorvo. Para estas crianças, de um lado, há toda uma *carente,* precária e ineficiente política de *proteção à infância*, cujos preceitos legais são calcados num discurso acadêmico de um pretenso *protagonismo da infância* ou *da infância cidadã*, supostamente com a intenção de valorização da criança enquanto sujeito histórico e cidadã. De outro lado, há ainda, sobretudo no que diz respeito aos filhos das classes trabalhadoras, uma tendência moralista de boa parte da sociedade, em valorizar o trabalho como estratégia de afastar essas crianças da *marginalidade, dos vícios e da vagabundagem*[3].

Seguindo esta linha de raciocínio, nas trilhas dos estudos de Áries sobre a *História da Criança e da Família* na França do século XVI e trazendo a questão para a História da Criança Brasileira, Del Priore (l999: 8) nos conta que a história da infância no Brasil, bem como em todo o mundo, vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais ou pelas autoridades, e aquele no qual a criança se encontra cotidianamente imersa. Sendo assim, o mundo do qual a *criança deveria ser* ou *ter* é diferente daquele onde ela vive, ou melhor, na maioria dos casos sobrevive. Portanto, complementa a autora, por um lado, há um falso alarde sobre as necessidades das crianças; e, por outro, há uma enorme ênfase na orientação delas para o trabalho, o ensino, o adestramento físico e moral, sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente é associada a elas: aquela do riso e da brincadeira.

O problema da infância brasileira, principalmente das *crianças sem infância* (Martins, l993), deve ser concebido como um problema sociológico e antropológico de investigação, de raízes históricas, de tal complexidade que deverá ser investigado interdisciplinarmente, uma vez que correlaciona-se também com os problemas dos sem-família, sem-teto, sem-afeto, sem-lazer, sem-educação, e sem-cidadania Contudo, os estudos sobre a infância não se restringem apenas à classe social, mas também ao gênero, raça, faixa etária, etnia, religião e cultura. É preciso, portanto, não perder de vista que os direitos dessas crianças são e sempre foram, ao longo da história, quotidianamente violados e negados, apesar de formalmente reafirmados. Estas reflexões remetem a pensar a situação da infância pobre e trabalhadora à luz da história das crianças

[3] Cf. Rizzini (l997).

(negras, mestiças e brancas), nos contextos da opressão e escravidão da Colônia, do Império e da República atual[4].

Esta investigação, ao volver, em especial, o olhar para a história do trabalho e lazer na infância das classes populares, por conseguinte das *crianças carentes de infância* (Martins, op. cit.) detecta que, sobretudo, mas não apenas, as crianças negras, durante a Colônia, tiveram uma infância pautada pelo abandono, negligência, trabalho forçado e escravo. Nas cidades, auxiliavam nos serviços domésticos ou trabalhavam como *negros de ganho*[5] (Roure, op. cit.); Del Priore (op. cit.) e, nas fazendas, eram incorporadas precocemente ao trabalho da lavoura (Ibidem). Em síntese, a condição da criança das classes pobres era marcada por genocídios, castigos, maus-tratos, alta taxa de mortalidade, doenças, abandono e enjeitamento (Passetti, l999)[6]. No que tange aos jogos e brincadeiras, as crianças negras (*muleques*) serviam como objeto de brinquedo dos *senhorzinhos*, que os denominavam *mané-gostoso* ou *leva-pancadas*, numa relação escravo e pequeno proprietário.

Os senhorzinhos tinham como brincadeira predileta fazer dos moleques bois de carro, cavalos de montaria, burros de liteira e outros meios de transporte da época. Estas brincadeiras tinham como funções *às de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô: apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro: de pó de serra e de pano como os Judas de sábado de aleluia* (Freyre, l997: 336, Kishimoto[7], l993). Desta forma, os filhos dos senhores de engenho, pretendiam, provavelmente, descarregar a violência e manter a dominação e a crueldade de seus pais, os senhores de engenho, sobre os filhos dos escravos. Como se pode perceber, a sociabilidade dos negrinhos filhos dos escravos, os *muleques*, manifestava-se numa vida cotidiana repleta de brincadeiras e jogos em conjunto com os filhos dos senhores de engenho. O que se pode abstrair, dessas relações sociais dos *muleques* com os senhorzinhos é, que, por mais lúdica que fosse essa vida cotidiana, por mais *agradáveis* que fossem esses jogos corporais perversos, nunca poderia se comparar com a vida lúdica dos meninos de engenho *(...) uma vida de vadiação, banho de rio, arapuca de apanhar passarinho,*

---

[4] Ver Del Priore (1992), Moura (1982), Pinheiro (1991), Rago (1985), Roure (1996). Ver ainda mais amiúde a esse respeito, o livro de Del Priore *História das Crianças no Brasil* (l999).

[5] Trabalhavam nas cidades para os seus senhores *fazendo mandados* ou vendendo coisas, uma outra espécie de exploração.

[6] Ver a respeito da *roda de expostos*, um cilindro rotativo onde as crianças eram abandonadas na Santa Casa de Misericórdia (São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro). Ver Leite, Melo e Souza, Venâncio e Matoso in Del Priori (l992.).

[7] A autora baseou-se no clássico *Casa Grande e Senzala* (Gilberto Freyre) e ainda no livro *Menino de Engenho* de autoria de José Lins do Rego.

briga de galo, jogo de trunfo na casa de purgar com os negros e os muleques, chamego com as primas e as negrinhas (Freyre, op. cit.) .[8]

A história da opressão e maus-tratos na infância, no cerne das relações de trabalho, remonta do final do século XVIII, embora seu apogeu tenha sido no século XIX e no atual. Por isto, faz-se imprescindível estabelecer similitudes e comparações entre os dois séculos, considerando-se as lutas em defesa da classe operária e contra a exploração do trabalho de crianças e mulheres, implementadas pelo movimento anarquista e comunista, nas fábricas insurgentes no inicio do século nas principais capitais brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro (Moura, l992; Pinheiro, l98l; Rago; l985; Passetti, l999; Moura, l999).

As reflexões sobre a história da Europa do século XIX nos mostra que é lá que o modo de produção se consolida sob a égide da formação social burguesa, tendo como opositor o movimento encabeçado pelos socialistas, comunistas e anarquistas. É, pois, neste contexto, que Marx e Engels elaboram teorias, em cujos manuscritos destacam-se colocações sobre o Ensino e a Educação, articuladas a partir de um eixo norteador: a divisão social do trabalho. Por conseguinte, o estado em que se apresenta a sociedade e a consciência entram em conflito, uma vez que produção e consumo, atividade intelectual e material, gozo e trabalho, destinam-se a indivíduos distintos. Em muitos dos textos marxistas são explicitadas questões inerentes ao processo da divisão social do trabalho, desde o sistema de cooperação, passando pela manufatura, pela instalação da grande indústria até o início da automação. Mostram o trabalho fragmentado e sua própria natureza, os quais dispensam melhores níveis de escolarização.

Com a consolidação do sistema, afirma-se o proletariado enquanto classe social explorada nas fábricas, submetida a condições degradantes e sub-humanas: jornadas de trabalho de dezesseis a dezoito horas diárias num ambiente insalubre, sem direito a férias, sem garantias para a velhice, doenças, acidentes de trabalho, etc. Neste quadro hediondo das fábricas têxteis, trabalhavam crianças e mulheres nas condições mais arcaicas e exploradoras do trabalho escravo. Deste modo, meninos e meninas, desde a mais tenra idade, são condenados ao trabalho forçado,

[8] Não se pode desconsiderar que os meninos de engenho tiveram uma educação pautada sobretudo no autoritarismo dos pais, os senhores de engenho, que lhes obrigavam a uma escolarização severa fazendo com que seus filhos tivessem saudades da ludicidade que experimentavam com os *muleques* : *Imagine-se a saudade que os meninos de engenho sentiam quando deixavam as delícias dos jogos e brincadeiras, para virem, de barcaça ou a cavalo, parando pelo caminho nos engenhos dos parentes e conhecidos dos pais, estudar nos internatos, ou mesmo nos externatos, neste caso hospedando-se em casa dos comissários de açúcar ou café* (Freyre : 4l7).

executando *repetidamente* as tarefas mais enfadonhas e insalubres. Esse processo de degradação da condição humana, através do trabalho precoce, rouba das crianças o tempo e o espaço para os *folguedos da infância*, embotando o desenvolvimento físico e intelectual. Para essas crianças, a escolarização e a instrução eram oferecidas de modo precário, com escolas carentes e professores às vezes analfabetos e mal pagos, currículos defasados, etc.

Tais condições eram somadas à falta de energia e motivação das crianças, face ao esgotamento após as jornadas de trabalho. A legislação vigente era permanentemente burlada pelos donos das fábricas, e os pais sub-empregados eram obrigados a se tornar mercadores de seus próprios filhos para os capitalistas. Marx e Engels, nesta página da História, reivindicam, para a classe operária, o *ensino gratuito e obrigatório* para todas as crianças, bem como a eliminação da exploração do trabalho das crianças, adolescentes e mulheres[9].

A exploração do Trabalho Infantil, portanto, sucede ao período pré-industrial, uma vez que antes do advento da indústria, as crianças trabalhavam no próprio no âmbito da própria família, como nos conta Engels:

> *(...) Antes da introdução das máquinas, a fiação e a tecelagem das matérias primas efetuavam-se na própria casa do trabalhador. Mulheres e crianças fiavam o fio que o homem tecia ou que elas vendiam, quando o chefe da família não trabalhava. Estas famílias de tecelões viviam, geralmente, no campo, próximo das cidades, e o que ganhavam assegurava perfeitamente a sua existência, porque o mercado interno constituía ainda o fator decisivo da procura dos tecidos – era quase o único mercado – e o poder esmagador da concorrência que devia aparecer mais tarde, com a conquista de mercados estrangeiros e com a extensão do comércio, não pesavam ainda sensivelmente no salário* (Engels,l985: 12-12).

Tudo isso era aliado a um permanente crescimento do mercado interno, paralelamente ao lento crescimento da população, permitindo assim a ocupação da totalidade dos trabalhadores. Por outro lado, havia a impossibilidade de uma grande concorrência entre os trabalhadores, devido ao isolamento rural. Assim, o tecelão podia fazer, muitas vezes, economias e arrendar um

---

[9] Cf.Engels (l985). *Marx e Engels: Textos Sobre a Educação e Ensino* (François Maspero, 1983:54-78) e *Educação Saber, Produção em Marx e Engels*, de Maria Alice Nogueira (1990:26-70), capítulos 1 a 5. Nesta obra a autora analisa a exploração do trabalho infantil e feminino com base nos clássicos como O Capital e a Situação da Classe Operária na Inglaterra. Ver ainda as obras do grande escritor e romancista inglês Charles Dieckens: *Oliver Twist* (1938), *Tempos difíceis* (1812-1827) e a *Casa Soturna*. Nestas obras, o autor relata como no final do século XVII, no trabalho fabril no Reino Unido, crianças a partir dos seis anos de idade ingressavam nas fábricas como aprendizes, com jornadas de até 16 horas por dia. O autor ajudou a sensibilizar a opinião pública da época, utilizando como denúncia a sua própria experiência como ex-trabalhador infantil explorado (Caderno Especial/Trabalho Infantil/Folha de São Paulo, 09 de maio de 1997:11).

pedaço de terra que cultivavam nas horas livres, que eram determinadas segundo a sua vontade, porque podia tecer quando e durante quanto tempo desejasse .

Na vida cotidiana pré-industrial, portanto, o tempo de trabalho e o tempo de lazer pertenciam ao próprio trabalhador, não havendo portanto uma grande ruptura neste sentido.

> *(...) Assim, os trabalhadores viviam uma existência em geral suportável e levavam uma vida honesta e tranqüila, em tudo piedosa e honrada; a sua situação material era bem melhor que a dos seus sucessores; não tinham necessidade de se matarem para trabalhar, não faziam mais do que desejavam, e, no entanto, ganhavam para as sua necessidades e tinham* ***tempo livre*** (grifo meu) *para um trabalho no jardim ou no campo,* ***trabalho que era para eles uma forma de descanso*** (grifo meu*) e podiam, por outro lado, participar nas distrações e jogos dos seus vizinhos; e todos esses jogos, malha, bola etc., contribuíam para a manutenção da saúde e para o seu desenvolvimento físico* (Engels, l985: l2).

Pode-se concluir então, que havia nesta época uma outra concepção de trabalho na infância, fortemente relacionado ao trabalho familiar, ao trabalho ajuda e, o tempo de lazer rico em jogos e outras atividades recreativas que contribuíam para uma sociabilidade centrada na liberdade do lúdico.

> *(...) Eram, na sua maior parte pessoas vigorosas e bem constituídas, cuja constituição física era muito pouco, ou nada diferente da dos camponeses, seus vizinhos. (...) As crianças cresciam no bom ar do campo e, se tinham que ajudar seus pais no trabalho, faziam-no* ***ocasionalmente*** (grifo meu)*, e nunca durante um dia de trabalho ou doze horas* (Ibidem).

A saga das crianças e adolescentes das classes proletárias do século XIX marcou a história da infância e, praticamente, continuou seu curso pelo subseqüente, o século XX. Assim é que diferentes organismos internacionais (ONGs) têm denunciado este tipo de exploração humana. O Brasil encontra-se ladeado por países como Tailândia, Indonésia, Índia e outros, no que tange ao desrespeito às leis internacionais contra o trabalho forçado, trabalho doméstico, prostituição infantil e o tráfico de bebês (Doriane ,1995: 54-61)[10] .

Durante todo o tempo, ao constatar a situação de miséria das crianças canavieiras e suas famílias, tive que fazer permanentemente incursões ao passado. Engels (op. cit.) constatou naquela época que as crianças e jovens, encarregados do transporte de carvão e de minério, queixavam-se todos os dias de uma grande fadiga, um estado de esgotamento generalizado. Verificou que, com freqüência, as crianças rurais chegavam em casa e se atiravam no assoalho

[10] Ver ainda os relatórios do UNICEF *Situação Mundial da Infância/ l997/l998.*

em frente ao fogo, adormecendo instantaneamente sem vontade de comer: *(...) os pais são então obrigados a levá-los para a cama sem que eles acordem; é mesmo freqüente que eles acordem e se deitem exaustos no meio do caminho para casa à noite, e quando os pais vão procurá-los são encontrados dormindo* (Ibidem:275: 277*).* Além disso, as crianças passavam a maior parte do domingo na cama para se recomporem um pouco do cansaço da semana e os poucos que freqüentavam a escola, reclamavam, segundo os seus professores, de sonolência e desinteresse, apesar do desejo por escolarização que nutriam (Ibidem).

Nesta mesma direção vão os depoimentos evocados pelas crianças canavieiras sujeitos e objetos deste estudo. A maioria dessas crianças já trabalhou ou ainda trabalham ocasional, sazonal e clandestinamente, emitindo assim os sinais de similitude da vida cotidiana de trabalho e lazer com as crianças dos idos do início da industrialização capitalista do século XIX: *(...) Minha diversão!!!??? Chegar em casa, tomar banho, comer e dormir. Tô cansado demais* (Carlos Adriano l5 anos, Município de Cortez)[11]. Assim é que durante todo o tempo, reportei-me ao passado e voltei para o presente, trazendo, inclusive, a preocupação de Marx (l980: 450) com as conseqüências do trabalho estranhado para toda a família dos trabalhadores e do trabalho precoce para a ludicidade da criança: *(...) O trabalho produtivo e obrigatório para o capital tomou o lugar dos* ***folguedos infantis*** (grifos meus) *e do trabalho livre realizado, em casa, para a própria família, dentro dos limites estabelecidos pelos costumes.*

2. As relações sujeito-objeto no processo do conhecimento

(...) Sou um cientista que sofre e goza,
Chora e ri ao mesmo tempo do tempo
em que vive.
(...) Sou um poeta, um cientista, um sujeito:
um poeta que sente,um cientista que mente,
*um sujeito que finge, sou um sujeito finge-**dor***[12]

Nesta pesquisa o método é compreendido enquanto uma prática, um caminho a ser percorrido na direção de algo e não um caminho rigidamente construído. É pois, um processo discursivo, no qual subjaz a teoria do objeto a que se refere. A teoria dos objetos está impregnada de uma determinada relação cognitiva (Bruyne, l977: 63-9l; Pinto, l985).

[11] cf. o video *Trabalhadores Invisíveis* (Centro Josué de Castro, l995)
[12] cf. *O sujeito fingidor* poema de minha autoria e livro homônimo, atualmente no prelo da Universidade Federal de Santa Catarina.

O objeto não é tratado como *coisa*, nem tampouco se impõe ao sujeito do conhecimento (Durkheim, l97l). Pelo contrário, o objeto não se impõe ao sujeito, mas sim é construído na própria análise, através de procedimentos metódicos do investigador (Weber, l992: l04-l54) e, portanto, não leva em conta a posição durkheimiana de que o pesquisador observa os fenômenos sociais a partir da exterioridade e do distanciamento.

Em Weber, a aproximação na relação sujeito-objeto se dá na medida em que pressupõe a consideração da interioridade da ação social em que esta é carregada de *subjetividade* e ao mesmo tempo de racionalidade, quer dizer, de elementos valorativos que caracterizam a ação social. Para o autor não só o processo em que o sujeito que *observa* mas também o que é *observado* (o objeto), representam ações racionais impregnadas de questões valorativas (juízos de valor) e de subjetividade.

Para além de Weber e Durkheim, busquei durante a realização deste trabalho investigativo o entendimento da relação sujeito-objeto, compreendendo-a enquanto uma relação de troca e intercâmbio, de aproximação e distanciamento, e de um jogo de alteridade. Assim, levei a cabo a premissa de que as crianças investigadas estão imersas na pesquisa, pelo fato de construírem a realidade, a história da vida cotidiana de trabalho e lazer na região açucareira de Pernambuco. Deste modo, ao imiscuir-me nos liames do mundo do outro, compreendi que não só o objeto da pesquisa é histórico, mas também, os sujeitos da pesquisa, investigador e investigados, estão imersos no curso da história (Löwy, l985: 70). Por isso, existiram muitas situações em que fui, ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagava e procurava saber. Objeto, quando tive que ouvir e registrar, constituindo-me num meio e instrumento com os quais os sujeitos da pesquisa contavam para transmitir suas ansiedades, sonhos desejados, necessidades, história e cultura (Bosi, op. cit.).

Agindo desta forma, quis trazer para o cotidiano da pesquisa, a idéia essencial do método dialético que pressupõe a interação do sujeito e do objeto no processo do conhecimento (Bruyne, l977: 77).

Na tentativa de superar a idéia do sujeito e do objeto como *coisa* (Durkheim, op. cit.) e da isenção de *juízos de valor* no processo de construção do conhecimento (Weber, op. cit.), baseei-me na *teoria do trabalho alienado* evocado por Marx (l975: l46-l64) no âmbito da Crítica da Economia Política.

A essência da alienação, segundo o autor, é a não apropriação por parte do trabalhador dos objetos que ele mesmo produz, ou seja, quanto mais produz, menos ele se apropria desse objeto, quer seja do processo ou do produto, recaindo este nas mãos dos capitalistas para a acumulação de mais-valia. Isto significa dizer que as conseqüências deste processo resultam na relação *alheia* que o trabalhador tem com o processo e o produto do seu trabalho, pois apesar de colocar *vida no objeto, este não mais lhe pertence, e sim a outrem* (Ibidem: l50).

A relação sujeito-objeto nesta pesquisa, na medida do possível, não se deu de maneira unilateral, objetivada e distanciada, nem tampouco dicotomizada. Tal relação subentendeu que o sujeito deve constituir o objeto e o objeto deve constituir o sujeito numa via interativa de mão dupla, reciprocamente. Nestes termos, ficou claro, para mim, que a idéia de sujeito do conhecimento pressupõe um sujeito (humano) que pensa, cria e recria, produz e reproduz a vida e a natureza, o conhecimento, a cultura, o trabalho e o lazer. Além disso procurei compreender o sujeito enquanto ser social que se reconhece como diferente dos objetos, cria e descobre significações, elabora conceitos, idéias, juízos e teorias. O sujeito dotado da capacidade de reconhecer-se a si mesmo no ato do conhecimento, ou seja, capaz de reflexão, sabe de si e sobre o mundo, manifestando-se como sujeito percebedor, imaginante, memorioso, falante, pulsante e pensante: *(...) Ao contrário do eu, o sujeito do conhecimento não é uma vivência individual, mas aspira à universalidade, ou seja, à capacidade de conhecimento que seja idêntica em todos os seres humanos e com validade para todos os seres humanos, em todos os tempos e lugares* (Chauí, 1994:119).

Foto: Mauricio Roberto da Silva

Jogos dramáticos: brincadeira de entrevista recíproca, jornalista e repórter, realizadas durante a Oficina de Jogos dramáticos e Brincadeiras Tradicionais com as crianças e jovens participantes do II Encontro Nacional de meninos e meninas trabalhadores da Agricultura/CONTAG (Evento-Campo 03).

Considerando o exposto, devo ressaltar, concretamente, como foram construídas as relações sujeito-objeto, pesquisador e pesquisados durante todo o tempo da pesquisa. Priorizei o diálogo, joguei com as crianças, contei e ouvi histórias e estórias (causos), aprendemos, mutuamente, regras e táticas de jogos e brincadeiras, letras de canções de roda e de ninar. Além disso, conversamos permanentemente sobre o lazer dos adultos, sobre o folclore e a cultura naqueles rincões. Fui indagado sobre o objeto deste estudo, sua finalidade, sua relevância e seu retorno para os sujeitos investigados: *(...) Para que você está fazendo perguntas prá gente, vai servir prá quê?* (Amaro, l2 anos); *(...) Acho que isso tudo que você faz, vai ser bom para as crianças do campo* (Hélio, l4 anos, Petrolina/Pe.)

À medida que ia realizando as incursões nos Eventos-Campos, intensificavam-se as relações interpessoais e expunham-se os afetos, de tal forma que, enquanto pesquisador, considerei essa experiência uma das mais intensas e marcantes da minha vida em termos políticos e afetivo-emocionais. Tal constatação é perfeitamente compreensível, uma vez que, enquanto adulto, passei a representar, provisoriamente, o papel e a tarefa de substituição da família. Nestas perspectivas, junto com os promotores dos Eventos-Campos (02, 04, 06, 07, 08 e 09), preocupávamo-nos com a alimentação das crianças, horário de dormir, segurança e

higiene. Tínhamos que alentá-las quando estavam com saudades da família, ouvir suas histórias da vida cotidiana de trabalho e brincadeiras, enxugar suas lágrimas, brincar com elas no ônibus em movimento, no caso da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil, dar remédio quando estavam enjoadas pela viagem, cantar, dançar, mas também, afastar-se delas quando os momentos sugeriam o respeito às suas individualidades, aos seus silêncios, quando as suas subjetividades careciam de distanciamento.

Na maioria dos encontros que tive com as crianças havia um clima absolutamente afetivo, carregado de emoção, alegria e relaxamento, mas sobretudo, expressão corporal, criatividade e humor. Senti então, nestes momentos, ter aberto a porta para a cumplicidade, para os sorrisos nos corredores, para os abraços e beijos, cumprimentos, toques, sinais de empatia e confiança. Incrível como, de repente, como num passe de mágica lá estava eu com minha câmera e o meu diário de campo a registrar, em meio a toda aquela balbúrdia deliciosa, as palavras, os olhares, as lágrimas, os sorrisos e as birras. Vi-me imerso nos conteúdos da cultura de massas, nas danças do Grupo musical *É o Tchan*, nos pagodes, nas músicas da Xuxa, mas também no universo criativo dos traços dos desenhos, das interpretações dos atores e atrizes que representavam ali os papéis reais e simbólicos de suas infâncias carentes de tempo e espaço para a manifestação da ludicidade. Assim é que, durante o Encontro do Save the Children (Evento-Campo 07), lá estávamos nós, eu, as crianças, os monitores do Mão Amiga a observar as marcas do envelhecimento precoce, os efeitos do Programa Mão Amiga sob a vida das crianças, o significado do lazer na infância, os diversos tipos de jogos vivenciados (amarelinha, esconde-esconde, atirei o pau no gato, telefone sem fio, faz-de-conta e outros).

***

Já a partir do Tribunal Nacional Contra o Trabalho Infantil (Evento-Campo 0l) fui me dando conta da complexidade da problemática do Trabalho Infantil e do quão difícil seria a tarefa de fazer o recorte para a questão do lazer, dos jogos e das brincadeiras. Essas reflexões me vinham à mente cada vez que escutava os depoimentos de José Carlos, Daiene e Lucídio. Ao ouvi-los, era tomado por emoções fortes e uma estranha sensação de impotência e incompetência para lidar com os futuros meandros da investigação. Tanto assim que, a cada depoimento que escutava, pude constatar a percepção que tinha deles , de sujeitos sofredores, na verdade vítimas,

que despertavam em mim um sentimento que era um misto de piedade e indignação. Naquela ocasião ainda não havia superado a idéia dos sujeitos como incapazes de subversão e resistência, pois estava fortemente marcado por aquela visão dos *excluídos* cristalizados e dominados pelo *status-quo* como verdadeiras vítimas indefesas diante dos algozes. Percebi, porém, ao longo do trajeto desta investigação que é preciso superar a idéia de vítima, a idéia do senso-comum que não reage, que não inventa, que não cria. No lugar de tal raciocínio aprendi finalmente com Martins (1993: 19-20) que o senso-comum produz o cotidiano, produz luta, cultura, política e história.

Além das relações acima descritas, forjadas no terreno da *grandeza do cotidiano* (Lefebvre, op. cit.), o cotidiano da pesquisa foi também marcado pela *miséria da vida cotidiana* (Idem): condições insalubres de vida material das crianças e suas famílias (fome, envelhecimento precoce, desnutrição). Assim, imerso numa região marcada pela negligência das políticas sociais efetivas e amalgamada pelo assistencialismo, vi-me envolto, ao mesmo tempo, nas teias da afetividade e do paternalismo da cesta básica, sentindo-me tentado *a ter* que comprar um colchão para o Amaro (12 anos), pois dormia com a avó numa cama de tábuas e forrada com papelão. Não hesitei e *tive* que cair nas *armadilhas clientelistas* (Zaluar, 1985: 18)[13], dando-lhe um colchão de presente de natal, para que, assim, eu pudesse dormir, relativamente sossegado, naquela noite. Até hoje, às vezes, antes de dormir, penso em Amaro, em seus iguais com seus corpos adulterados pelo trabalho; penso nas nossas relações e tramas comunicativas travadas na delícia do humor, da timidez e do complexo de inferioridade de classe. Ao pensar no sono do Amaro, agora com colchão, simultaneamente me lembro das mãos sem dedos que, com muito calor humano, calo e sinceridade apertaram as minhas... Enfim, penso nas bocas sem dentes, qual porteira de engenho, anunciando-me com seus sorrisos caudalosos e contidos, as boas vindas para um admirável mundo de experiências, aprendizagens e ensinamentos. Saio, portanto, desta relação de conhecimento, inteiro e vazio, alegre e triste, vivo e morto, morto-vivo.

[13] A antropóloga conta como, em uma pesquisa realizada na Cidade de Deus, se deparou com as armadilhas clientelistas, sendo freqüentemente acionada para arranjar empregos, financiar fantasias para o carnaval, comprar cervejas para as festas locais e material para os desfiles da escola de samba local, emprestar dinheiro para passagens, doar roupas velhas, comprar presentes para as crianças, ajudar o bloco nas obrigações, rituais e exibições junto aos outros blocos.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Retorno das fotografias para Amaro, referentes ao Encontro da CONTAG
(Evento-Campo 04)

O modelo teórico adotado como eixo norteador no âmbito da relação sujeito-objeto é compreendido enquanto uma relação cognitiva, na qual o sujeito pode ser considerado ativo e não contemplativo, individual e coletivo. O objeto é concreto, logo, não idealizado. O conhecimento que nasce dessa relação adquire feições práticas e ativas, podendo ser compreendido como ato finito e amplo. Deste modo, o resultado desta relação cognitiva entre sujeito e objeto, subentende sujeitos historicamente situados, ativos e construtores de um dado contexto político, social e cultural (Schaff, l987: 72-73).

No que pese a questão do envolvimento e distanciamento, este foi vivenciado e compreendido como um paradoxo do processo do conhecimento. Esta vivência paradoxal constituiu-se numa das condições de possibilidades para a reconstrução do feixe de possíveis, contidos nos processos sociais, os quais significam tanto a compreensão do presente como a produção de historicidade (Santos, l977:77-78).

Quando me ponho a recordar sobre o cotidiano do fazer investigativo, a despeito do desafio do empreendimento da relação sujeito-objeto, resgato o sentido da arte do encontro que representou as minhas relações com as crianças. Essas relações exigiram de mim uma espécie de imersão no universo social, cultural e político do outro. Porém, isso só foi possível, porque procurei compreender que o pesquisador e os pesquisados são sujeitos que confabulam sobre a

vida cotidiana, o trabalho, o lazer, a economia, a cultura, enfim, sobre a relação de ambos com o conhecimento o tempo todo (Gusmão, l997[14], Fernandes apud Santos, l977: 77-78).

O contato afetivo e efetivo com as crianças, mas também com alguns adultos (pais, professores e sindicalistas), constituiu-se numa *relação social de alteridade* (Santos, op. cit.: 78), obrigando-me a confrontar as minhas diferenças de classe, cultura e conhecimento com a vida concreta do outro, repleta de dilemas, dramas, privações, convicções, esperanças, medos e sonhos, além dos aspectos culturais, políticos e econômicos. Dito isto, quero apenas ressaltar o quanto foi doloroso para a minha existência enquanto pesquisador e trabalhador da educação, ter que adentrar na seara da miséria de vida do outro e mesmo assim sair, contraditoriamente, desta aventura enriquecido e fortalecido, tendo como lume a construção de novas possibilidades de identidade e subjetividade, de nova práxis humana.

Sem sombra de dúvidas, as relações sociais, durante o tempo da pesquisa, tiveram a marca da alteridade, o confronto permanente entre as diferenças de classe, cultura, religião dos sujeitos e do pesquisador. Contudo, o marco principal dessa relação foi o despertar para os afetos, para a amizade enquanto dimensão humana, e portanto, ainda não carcomida pelo embrutecimento do capital no meio rural. Nestas terras, a amizade é uma verdadeira prontidão para coletivamente construir o mundo, a vida, o trabalho e o lúdico. A amizade é um bem, um valor, uma possibilidade ontológica que os sujeitos dispõem , para resistir às tentações pós-modernas do desfrute da amizade compreendida em termos superficiais, efêmeros e reificados. Nestes meandros, a amizade ainda não foi poluída pelo jargão globalizado da mídia e da música pop internacional, cujo lema é *friends forever* ou *amigos para siempre*. O Amaro, por exemplo, ao considerar-me seu *amigo,* pelo fato de termos brincado juntos, deu uma prova cabal de que no mundo rural as portas estão abertas, ainda que com desconfiança inicialmente, para um *estranho* que sendo *diferente* poderá brincar sem restrições na construção da cultura lúdica, na construção de uma cultura da alteridade. Amaro, entretanto, ao chamar-me de amigo diante dos seus pares, quis essencialmente propor-me uma continuidade de um pacto social e afetivo, ainda que mediado pelo diálogo lúdico, simbólico, real, enfim humano. Na verdade ao propor-me esse pacto intersubjetivo da amizade, ele abriu uma brecha para a minha entrada na sua realidade social e de seus iguais, ensinou-me que através dessa mediação entre

[14] cf. anotações de aula da profa.Dra. Neusa Gusmão, Faculdade de Educação, UNICAMP, l997.

conhecimento e ludicidade, *é possível enveredar no caminho pelo qual se abrem as portas do conhecimento, da cultura e dos afetos* (Gusmão, l998:3).

Foto: Mauricio Roberto da Silva
A trama dos afetos no festival de afagos e toques entre as Crianças da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil
(Evento-Campo 06)

Enquanto pesquisador, aprendi, sobretudo com Amaro (12 anos), durante a visita ocasional aos engenhos (Evento-Campo 05), os sentidos da amizade no âmbito da infância na zona canavieira:

> *(...) Esse aqui é o meu **amigo** (grifo meu) que brincou muito comigo e com a gente no encontro da CONTAG em Brasília. Ele ensinou um monte de brincadeiras bem engraçadas para nós, e eu gostei muito de tudo, dos jogos , das brincadeiras de teatro, dos passeios, do futebol e de tudo que foi brinquedo que fizemos juntos com ele por lá.*

Quando Amaro colocou na mesa as cartas do jogo da amizade, em verdade atingiu em cheio o meu coração e a minha ideologia, arrastando-me assim para os *meandros da alteridade*, território onde habitam diferença, igualdade, luta de classes, subjetividade, intersubjetividade, intimidade, empatia, respeito, solidariedade e compromisso social e político. Esse jogo ético proposto por ele, a partir do pião rodando na palma da mão e do jogo das pedrinhas, fez-me pensar daqui para adiante, nos sentidos sociais, éticos e políticos contidos nas afetividades inerentes à relação sujeito-objeto no processo de construção do conhecimento. Para Amaro, assim como para as demais crianças, Verlúcia, Elza, Maria José, Verlúcio, José Carlos, Ádebora, César (Evento-Campo 06), com as quais travamos contendas lúdicas e reflexões

sobre as suas vidas cotidianas de trabalho e de lazer, a amizade não foi um véu que impediu a visão da realidade. Pelo contrário, o que dela emanou sob a forma de convivência, solidariedade e afetividade, permitiram chegar mais próximo e mais fundo do significado dos seus sonhos.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
A prontidão das crianças para a amizade, a qual é exercitada como uma relação social de alteridade. Marcha Global Contra o Trabalho Infantil (Evento-Campo 06)

Em suma, acredito que a partir dessa relação social de alteridade, a amizade passa a significar uma nova forma de conhecer o mundo e o outro, ou melhor, um reconhecimento de que ela representa para a pesquisa uma constante elaboração, reelaboração e confabulação sobre a vida do pesquisador e do outro.

Como é possível perceber, saio desta experiência profundamente engrandecido pela aula de humanidade que me deram as crianças que, a todo momento me tratavam como *meu amigo*, *meu companheiro* e, *meu amor*, tratamento especial dado pela pequena Daiane, 8 anos, Goiás (Evento-Campo 03).

Nessa experiência me vi, por diversos momentos, refletido no espelho do cotidiano dessas crianças, fazendo crescer cada vez mais na minha alma de cidadão e pesquisador o compromisso, a dúvida, a indignação, a inquietação , mas acima de tudo, o desejo de somar-me cada vez mais às lutas dos trabalhadores por uma condição de vida mais decente e efetivamente humana. O meu olhar impregnou-se de mais imagens que, decerto levarei como

legado para toda a minha vida, para além dos seminários e defesas de tese acadêmicas, qual seja, a idéia fundamental de que o outro se constitui de carne, osso, coração e sentimentos.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Cenas afetivas durante a oficina de jogos e brincadeiras tradicionais
(Evento-Campo 07)

Aprendi muitas coisas com as crianças, em especial o discurso e a prática da alteridade. Com elas pude aprender que ,mesmo com as nossas diferenças de idade e classe social, o diferente e o estranho que habitavam em mim, não podiam se constituir num empecilho para juntos confabularmos sobre as nossas vidas, os nossos desejos, os nossos sonhos. É claro que do meu lado também havia o esforço quase obstinado de fazer o exercício de *considerar o outro como sujeito do conhecimento* (Martins, l993:29). Tudo isso que propus tinha um sentido que era o de não fazer uma ciência estrangeira, no sentido de estranho em relação ao mundo daquele que está sendo objeto de estudo.

O contato com o mundo dessas crianças, manifestado através dos toques, palavras, altivez, alienações, resistências, só se materializou porque entendi essa trama como *uma travessia na direção do outro* (Michalisyn, l994:l0l). Todo este processo reordenou a minha própria subjetividade e identidade, confrontando a minha história de vida com a delas, reestruturando o meu olhar, obrigando-me a redifinir e me reexplicar diante de mim mesmo (Ibidem).

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Afetividade, solidariedade e luta entre as crianças
Da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil
(Evento-Campo 06)

Em suma, com a experiência deste evento, vi-me refletido diante de um outro espelho, cujas imagens passaram a dar novos sentidos para a minha existência. Descobri que a minha imagem não é mais a minha imagem, mas sim um confronto de dilemas que tenho que resolver, um confronto de desafios e problemas que tenho a resolver nesta viagem implementada no contexto das relações com sujeitos diferentes de mim e, ao mesmo tempo, iguais, que refletem no espelho a convergência de imagens invertidas e cheias de questionamentos e inquietações (Gusmão, l998).

Foto: Mauricio Roberto da Silva
O orgulho de poder enxergar o mundo com lentes mais lúdicas.
Crianças Participantes do III Encontro Nacional de Meninos e
Meninas Trabalhadores da Agricultura/CONTAG
(Evento-Campo 04)

3. Aspectos teórico-metodológicas do processo de construção da pesquisa

Todo o processo de construção desta pesquisa leva em conta os seguintes aspectos: história da minha própria infância; a relação teoria e prática da minha atividade acadêmica; as minhas reflexões teórico-metodológicas tecidas ao longo da minha atuação pedagógica; os problemas sociais de relevância pública; a complexidade da problemática da exploração do trabalho infantil e a minha visão crítica e construtiva de mundo enquanto cidadão, pesquisador e trabalhador da Educação.

No sentido de compreender as relações objetivas e subjetivas dos mundos do trabalho e do lazer das crianças exploradas na cana-de-açúcar, optei pela pesquisa qualitativa. Nesta linha de raciocínio, o método constituiu-se numa orientação teórico-metodológica, cujo objetivo foi buscar explicações coerentes, lógicas e racionais dos fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento. Portanto, em seu sentido epistemológico, foi compreendido neste fazer investigativo enquanto modos diversos de abordar a realidade, melhor dizendo, *(...) um modo pelo qual o cientista se aproxima, em termos teóricos, do objeto, no sentido preciso de instrumental conceitual do qual se serve para realizar sua atividade científica* (Bruyne, op. cit.: 63-9l).

Não pretendi com esta investigação, tornar sublime o existente (real) ou simplesmente denunciar, banalizando o real, pelo contrário, pretendi, com ela, apreender cada forma existente no fluxo do movimento, portanto, também com o seu caráter transitório e sua essência crítica e revolucionária (Ibidem: 26-27). Neste sentido, procurei captar o movimento repleto de contradições do capitalismo no âmbito específico do campo canavieiro. Isto significa dizer que a prática científica deve se constituir num modo de apreensão do real e, simultaneamente, numa prática social particular. Trocando em miúdos, o método dialético deve propiciar, a priori, a relação entre teoria e prática, pois, se este se propõe a descobrir eventuais contradições nos próprios fatos que ele estuda, é pois na prática da própria dialética que será necessário buscar o critério da verdade científica (Bruyne, l99l: 72).

Para descobrir os conceitos e categorias particulares da pesquisa, tais como: trabalho precoce, trabalho ajuda, lazer dos ricos e dos pobres, corpo produtivo e corpo brincante, exclusão social e/ou inclusão precária, envelhecimento precoce, foi necessário levar em consideração as relações da prática social da pesquisa com o quadro de leis e categorias universais (luta de classes, trabalho, mercadoria, exploração, alienação) para, deste modo, poder investigar as realidades particulares, os conjuntos, as classes, as espécies, os conceitos e suas relações; e, tudo isso, a partir da experiência do contato com o conteúdo emergido das incursões na realidade investigada . Nesta perspectiva, as categorias advindas do fazer cotidiano da pesquisa, como por exemplo, trabalho e lazer, são conceitos que expressam entre si relações essenciais acerca da realidade: modos de ser, determinações da existência, aspectos ligados à cultura, à política, à educação, à economia (Lefebvre, l975: 237).

Como se pode constatar, todas essas questões se constituem ,no processo de investigação, um norte para a análise do movimento real, orientando a busca de elementos inerentes à realidade: conceitos, categorias específicas, temas e subtemas, a partir das evidências ocultas e manifestas encontradas no real. Neste movimento é possível captar as múltiplas determinações do fenômeno, cuja configuração empírico-teórica poderá anunciar os sinais de continuidade e descontinuidade, aparecimento e choque de contradições, saltos qualitativos e superação (Ibidem).

Com efeito, se levarmos em consideração as relações imbricadas entre o particular e o universal, poderemos concluir que, neste movimento estabelecido durante a construção da pesquisa, emerge da própria problemática *trabalho infantil e supressão/precarização do lazer na*

infância da zona canavieira pernambucana uma gama de conceitos e temas (alienação no trabalho e no lazer, corpo mercadoria e corpo brincante, miséria e riqueza do cotidiano, conformismo e resistência). Todo esse empenho levou em consideração os seguintes aspectos teórico-metodológicos: múltiplas determinações, interconexões, movimentos, ambigüidades, continuidades e descontinuidades, contradições e os saltos qualitativos . Em síntese, todo esse esforço provisório teve como eixo o meu desejo epistemológico, enquanto pesquisador em construção, na busca dos elementos que se ocultam nas aparentes semelhanças, diferenças e opostos, relativos ao fazer laboral e lúdico da vida cotidiana das crianças da zona canavieira pernambucana. Com essas reflexões a respeito das relações método-teoria, pretendi mostrar como os elementos teórico-metodológicos ligados à problemática em questão, terminam por desencadear um processo de surgimento de vários conceitos, termos, temas e sub-temas relativos a um mesmo conjunto de categorias (particulares e universais), aparentemente opostas, mas condicionadas reciprocamente por uma infinidade de graus intermediários.

4. A complexidade do objeto e os tratos interdisciplinares

O trajeto de construção desta pesquisa, como já foi acima mencionado, não seguiu as trilhas de um caminho rigidamente pré-estabelecido, pelo contrário, fui pela estrada principal por onde todos vão, mas ao mesmo tempo busquei as estradas viscinais, os atalhos. Durante este percurso fui ampliando, com base em Mills (l982), a minha *imaginação sociológica* e enriquecendo o *artesanato intelectual*, descobrindo, paulatinamente, a necessidade de outros olhares e de outros tratos interdisciplinares, visando, de forma processual, elaborar um desenho teórico-metodológico da pesquisa.

Este caminho aberto à construção de um diálogo plural e com vigilância epistemológica, foi de suma importância, considerando duas questões fundamentais, a saber: a) a complexidade da problemática do trabalho infantil que exige, em si, incursões necessárias em diversos campos do conhecimento (sociologia, psicologia social, economia, história, antropologia, pedagogia, medicina do trabalho, direito e outros); b) a problemática específica e complexa deste estudo, *a supressão/precarização do tempo de lazer das crianças exploradas pelo trabalho no mundo canavieiro pernambucano* que exige também a contribuição de diversas áreas do conhecimento, considerando a relação dialética entre trabalho e lazer, carecendo, portanto, de diálogos com

diversas áreas do conhecimento, tais como (sociologia do trabalho, sociologia rural, sociologia do açúcar, sociologia do lazer, sociologia da infância, economia, antropologia, psicologia social, psicologia do jogo, direito, história, medicina do trabalho, serviço social, comunicação e jornalismo e outras).[15]

As leituras diversificadas visaram, sobretudo, romper com o caráter redutor e simplificador do modelo clássico de ciência (positivismo) e avançar na busca da construção de um fazer e de um pensamento complexo, face ao real também complexo. Todo esse intento, concretizou-se em parte, uma vez que, na medida do possível, imbuí-me de uma *razão aberta* e de uma predisposição para promover comunicações entre as diversas áreas do conhecimento para, desta forma, assumir os limites existentes nos territórios disciplinares (Morin, l990).

Na verdade quis fugir da especialização, da departamentalização e da fragmentação do fenômeno estudado, e, por essa razão, correndo o risco de um ecletismo desvairado e descontextualizado do problema de investigação. Para que isso não ocorresse, busquei em cada área do conhecimento, os fundamentos epistemológicos que pudessem questionar a problemática e seus sub-problemas, porém conservando um *sistema autônomo aberto* que, ao mesmo tempo, é fechado para preservar sua individualidade e originalidade. Este sistema deve ser aberto para aceitar o desafio de encarar o *complexo* que vai além da própria disciplina, significando dizer com isso que estar aberto implica num afrouxamento no (do) território disciplinar, porém com vigilância epistemológica .

No entanto, urge admitir que esta pesquisa possui apenas tentativas, ainda limitadas, de diálogos e possíveis relações interdisciplinares, se considerarmos que a *verdadeira* interdisciplinaridade deveria promover profundas trocas e interações entre as disciplinas. Do meu

[15] Foi na dimensão da complexidade do problema social de investigação que recorri a alguns clássicos e outras produções de relevância teórica, direta ou indiretamente relacionadas ao estudo, as quais são: Marx (O Capital, vol.I,); Engels (A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra), Lefebvre (Critique de la vie Quotidienne), Heller (Sociologia da Vida Cotidiana), Mills (A Imaginação Sociológica), Bourdieu (O Poder Simbólico), Santos (A Construção da Viagem Inversa: Ensaio sobre a Investigação nas Ciências Sociais), Hosbsbawn (A Era dos Extremos), Dumazedier (Sociologia do Lazer), Friedmann e Naville (Sociologia do Trabalho), Mallinowski (Aergonautas do Pacífico Ocidental), Marcuse (Eros e Civilização), Mauss (Técnicas Corporais), Freyre (Casa Grande & Senzala), Andrade (A Terra e o Homem do Nordeste), Castro (Geografia da Fome), Cascudo (Dicionário do Folclore), Martins (O Massacre dos Inocentes), Marcellino (Lazer e Educação), Harvey (A condição pós-Moderna), Antunes (Adeus ao Trabalho), Kurz (O Colapso da Modernização), Brougère (Jogo e Educação), Del Priore (História da Infância no Brasil), Kishimoto (Jogos Tradicionais), Dejours (A banalização do Sofrimento), Neto (Morte e Vida Severina), Fernandes (Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica) , Da Matta (O Corpo do Brasileiro), De Certeau (As Artes de Fazer), Galeano (As Vêias Abertas da América Latina), Codo (Indivíduo, Trabalho e Sofrimento) e outros.

ponto de vista, acredito ter realizado apenas algumas *magras trocas* entre as Ciências Sociais, a Educação e a minha área de atuação acadêmica, a Educação Física.[16]

Apesar da exigência da problemática, de um lado, de interações epistemológicas mais profundas, devido a sua complexidade e, de outro, considerando os limites do intercâmbio interdisciplinar materializado na prática da pesquisa, acredito, minimamente, ter contribuído para a reflexão acerca da gravidade do problema social da exploração do trabalho infantil na cana-de-açúcar e, conseqüentemente para a reflexão sobre as conseqüências da privação do tempo livre que compromete, rouba e embota a identidade e a subjetividade infantil; além de reprimir a manifestação dos impulsos lúdicos.

Retomando a questão dos níveis de colaboração, intercâmbio e interação no processo de investigação interdisciplinar, acredito que as diversas disciplinas com as quais busquei elementos para fundamentar este problema de estudo, ao saírem de seus universos epistemológicos, levam elementos enriquecedores e trazem de volta outros, possibilitando, assim, a busca de arranjos unificadores para a compreensão, interpretação e análise da problemática em questão. Em vista disso,

> *(...) A explicação para muitos dos fenômenos correspondentes a uma dada ciência é muitas vezes encontrada fora do âmbito dessa ciência. Em outras palavras: se ficarmos confinados à sociologia para explicar o fato social; à Economia para compreender os fenômenos econômicos; à geografia para interpretar as realidades geográficas, acabamos na impossibilidade de chegar a uma explicação válida. Não há porque temer a invasão no* ***campo*** *de outro especialista* (Whithehed apud Santos, l986: l07).

[16] Neste sentido considero importante destacar que ao tentar realizar pequenas incursões na Sociologia e na Antropologia, confrontei-me com as importantes contribuições das obras de Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala) e Roberto Da Matta (O corpo brasileiro). O primeiro ajudou-me a compreender algumas questões relativas ao Ciclo do Açúcar no Nordeste {monocultura, poder e terra: relações entre senhores de engenho (usineiros) e escravos (trabalhadores rurais da cana-de-açúcar etc) }; o segundo, apesar de suas idéias dualistas pressupõem a existência de dois corpos brasileiros (um da festa e um do trabalho), inspirou-me com seus escritos sobre o *Corpo da Festa* para as minhas próprias reflexões acerca de uma possível dialética existente entre o corpo produtivo e o corpo brincante. No entanto, ao trazê-los para o contexto da construção do objeto, deparei-me com as críticas sobre o dualismo e a dicotomia de suas proposições teóricas, isto é, entre sobrados e mocambos, casa e rua (Marins, CERU, s/d, mimeo) casa grande e senzala etc. Quanto a Gilberto Freyre existem críticas, polêmicas e controvérsias em torno de sua visão idílica do passado colonial e da escravatura, culminando com a idéia de que o Brasil vive uma *democracia racial*, sem conflitos entre negros e brancos (Mário César Carvalho, Folha de São Paulo, Caderno Mais!, l8/03/2000, p.4-8). Além disso, no ponto de vista político pesa sobre o autor a contradição de ter defendido uma maior distribuição de renda e reforma agrária e, ao mesmo tempo, ter tido uma atitude política conservadora, que o levou a colaborar com o regime militar de 64 (Ibidem). Já sob Roberto Da Matta pesa-lhe a crítica da interpretação dual entre a *casa* e a *rua*, enquanto espaços binários antagônicos, opostos, que em suas múltiplas exclusões abrigariam metáfora da sociedade brasileira (Marins, op. cit.). Isto posto, fica claro que, de um lado, reconheço os limites dualistas, portanto não dialéticas dessas abordagens mencionadas; e, de outro, busquei nestas obras os aspectos importantes para a problematização das categorias emergidas das ações empíricas.

Durante o desenrolar desta aventura epistemológica fui consolidando a coragem e a liberdade para ir construindo o objeto, desconstruindo os complexos de inferioridade acadêmica que portava antes da pesquisa, pelo fato de não ser sociólogo, historiador, psicólogo social, ou antropólogo *de carteirinha*. Felizmente, hoje estou cônscio de que, de forma introdutória e provisória, procurei ser sociólogo, historiador, antropólogo e psicólogo social à minha maneira, visando primordialmente a apreensão dos elementos constitutivos da totalidade, da análise/síntese da problemática.

Fiquei mais tranqüilo ao dialogar com Áries (l978: l3) que nos diz que:

> *(...) Uma pessoa pode tentar elaborar uma história do comportamento, ou seja, uma história psicológica, sem ser ela própria psicóloga ou psicanalista, mantendo-se à distância das teorias, do vocabulário e mesmo dos métodos da psicologia moderna, e ainda assim, interessar esses mesmos psicólogos dentro de sua área.Se um sujeito nasce historiador, ele se torna psicólogo à sua moda, que não é certamente a mesma coisa dos psicólogos modernos, mas se junta a ele e o completa. Nesse momento, o historiador e o psicólogo se encontram, nem sempre a nível dos métodos que podem ser diferentes, mas ao nível do assunto, da maneira de colocar a questão, ou como se diz hoje, da problemática.*

5. Elementos Introdutórios da Sociologia da Vida Cotidiana

> *(...) No podemos conocer a la vida cotidiana sin efectuar un análisis crítico. En ella se entremezclan privaciones y frustraciones con goces de bienes, necessidades convertidas deseos y capacidades constantes de placer y alegria. En la cotidianidad se mezclan las realizaciones y lo que ciertos filósofos llaman las* ***alienaciones*** *del ser humano. La vida cotidiana confronta los possibles y los impossibles: la alegria afronta el dolor y el aburrimiento. En este sentido contiene el critério de lo humano. Ni las actividades excepcionales, arte, ciencia, política, ni los instantes sublimes, permiten esta medida de la realización del hombre* (Lefebvre, l973: 9).

Para evitar uma certa miopia do meu olhar para a vida cotidiana de trabalho e lazer das crianças canavieiras, busquei sempre que possível ver, nos limites das lentes epistemológicas, as crianças enquanto síntese de múltiplas determinações sociais, culturais, políticas, existenciais e econômicas. E para tanto, então, foi fundamental compreender o cotidiano em suas ambigüidades e contradições, em sua *pobreza e riqueza* (Ibidem): alienações e emancipações, conformismos e resistências, dor e prazer, trabalho alienado e festa. Neste sentido, o que procurei fazer foi vincular a historicidade absoluta de um ato à generalização de uma estrutura social, fazendo destacar a imbricação de um ato ou acontecimento individual ou interacional com uma estrutura social global, através de uma rede de mediações sociais (Pais, l986: l2). Significa portanto, considerar os aspectos macrosociológicos (trabalho, luta de classes, exploração, políticas sociais, etc) e os microcrosociológicos ou a *sociologia dos pequenos nadas da vida* (os encontros casuais

e espontâneos, cerimônias e saudações, os hábitos, os laços de sociabilidade, os jogos, as resistências simbólicas, as gestualidades, os afetos etc), facetas do cotidiano perdidas na memória coletiva e que também contribuem para o contexto global de resistência social (Goffman apud Pais, l986: l46). Contudo, vale salientar que, nesta pesquisa, considerei relevante mover-me em dois distintos campos de jogo ou campos paradigmáticos da Sociologia da Vida Cotidiana (macro-sociologia e micro-sociologia). Procurei sim, realizar um jogo numa via de mão-dupla, sem contudo atropelar o estatuto de especificidade de cada instrumental metodológico e conceitual dessas duas perspectivas sociológicas.

Foi um grande desafio observar o cotidiano de trabalho e lazer das crianças da zona canavieira, uma vez que, a vida social, nestes confins doce-amargo da cana se constitui numa teia complexa de questões relativas à dialética da *riqueza* e da *pobreza do cotidiano*. É neste campo minado pela secular história de escravidão e colonização da cana-de-açúcar, onde se confrontam esses dois aspectos contraditórios riqueza e pobreza, opulência e privação que a vida cotidiana é infinitamente rica e arrasadoramente pobre, miserável, alienada. Nesta região, a grande riqueza do pobre é a força, a tática subversiva para sobreviver, tirar leite das pedras. Já para o rico, a sua grande riqueza é a pobreza de querer cada vez mais acumular terra, capital, dinheiro, a pobreza de espírito: *(...) lo cotidiano es ambigüedad por excelencia: satisfacción y malestar, trivialidad y aburrimiento bajo la resplandeciente armadura de la modernidad* (Lefebvre, op.cit.: 9).

A *miséria do cotidiano* nos canaviais não se restringe apenas à monotonia da repetição dos mesmos gestos, caminhar léguas no sol quente por entre as folhas cortantes da cana ou ir para o trabalho amontoado como gado em transportes precários; também não é só acordar todas as manhãs e não ter o que comer. É mais do que isso, é ver-se ameaçado de perder a cesta básica ou de nunca recebê-la, é ver os homens corroídos e humilhados pela velhice precoce que portam no presente, uns pelo desemprego, e outros pela exploração do trabalho. A miséria do cotidiano é o repetitivo sofrimento que é tratado pelos economistas e alguns sociólogos como o reino do número, da estatística: *(...) é a sobrevivência da penúria e o prolongamento da escassez; o declínio da economia, da abstinência, da privação, da repressão dos desejos, da mesquinha avareza* (Lefebvre, l99l: 42-43); é também o corpos das crianças envelhecidos precocemente, as rugas, as doenças, a busca pela identidade perdida, pelo prato de comida, pela alfabetização cívica. A miséria do cotidiano é, por fim, *(...) os trabalhos enfadonhos, as humilhações, a vida da classe operária, a vida das mulheres sobre as quais pesa a cotidianidade; a criança e a infância*

sempre recomeçadas; as relações elementares com as coisas, com as necessidades, com o dinheiro, assim como com os comerciantes e as mercadorias .

Sem sombra de dúvidas, é no cotidiano que a alienação faz também a sua morada, adquirindo um sentido profundo e aparentemente quase indissolúvel e peremptório, pois é ela que afasta o cotidiano de sua riqueza, ao mesmo tempo em que atrai a emancipação. Ela dissimula esse lugar da produção e da criação, humilhando-o e recobrindo-o com o falso esplendor das ideologias. Enfim, é a alienação específica e fecundada numa determinada sociedade e cultura, que transforma a pobreza material em pobreza espiritual, obstaculando a libertação da riqueza das relações constitutivas do trabalho criador que são conectadas diretamente com a matéria e com a natureza. Desta maneira é que *(...) a alienação social transforma a consciência criadora (incluindo os filões da criação artística latentes na* ***realidade****) numa consciência passiva e infeliz* (Ibidem).

A *riqueza do cotidiano* nos canaviais, em contrapartida, são as crianças desafiando o tempo para brincar, são elas criando *cavalos de Tróia* a partir do cabo de vassoura, recriando a vida e a natureza, elas com seus *sonhos-desejados* : ser professores, artistas, advogados, donos de seus próprios narizes e do destino: tecendo na penúria as fibras de um brinquedo e as táticas e regras de um novo jogo para um outro projeto de subjetividade para o Terceiro Milênio. A vida cotidiana é, ao mesmo tempo, pobreza e grandeza:

> *(...) É a vida que se perpetua, estabelecida sobre este solo. A prática incompreendida: a apropriação do corpo, do espaço e do tempo, do desejo. A moradia, a casa. O drama que não se pode renunciar ao número. O trágico batente do cotidiano. As mulheres: sua importância (oprimidas, objetos da história e da vida social e, no entanto, sujeitos essenciais, bases, fundamentos.* ***A criação de um mundo prático-sensível*** *(grifo meu) a partir de gestos repetitivos. O encontro das necessidades e dos bens; a posse, ainda mais rara que os bens, mas poderosa* (Lefebvre, l99l: 42-43) .

O rico deste cotidiano é a possibilidade de, do barro, fazer casas, utensílios, obras de arte. É a resistência, tanto simbólica e oculta quanto real, política; a luta pelas campanhas salariais, contra o desemprego e a exploração no campo, é a luta pela terra. Este é o lugar da festa, da pipa ou papagaio, dos banhos de rio, das brincadeiras de roda, dos guerreiros dos Caboclinhos , dos reis e rainhas do Maracatu com a grandeza de seus gestos, dos saltos, dos requebros do forró, do rufar dos tambores. A cotidianidade é construída também por esse *corpo festeiro e carnavalesco*, o corpo que também quer gozar a vida e o mundo É preciso, pois, admitir que a vida pode ser apreciada por meio do corpo, pois *(...) se a carne é fraca, é porque ela irresistivelmente está*

gravada pelas regras sociais que comandam que ela trabalhe e se sacrifique, mas também possa se abandonar ao prazer e *aos encantos da festa* (Da Matta, l987: 8). Em resumo é: *(...) A obra e as obras, a capacidade de criar uma obra a partir do cotidiano, dos seus altos e baixos, a possibilidade de fazer da vida uma obra, para os indivíduos, os grupos e as classes* (Ibidem).

Pensar o mundo do lazer e do trabalho na infância canavieira à luz da riqueza e pobreza do cotidiano, implicou, necessariamente, compreender o mundo do trabalho e do lazer dos adultos; compreender a família; a história da infância nos canaviais; as manifestações culturais; o folclore; o desemprego; o salário pífio; a religião; os jogos; a poesia de cordel; a busca de comida no lixão; as conversas informais; o débito no barracão; os versos de repente; os brinquedos inventados com a palha da cana; as políticas ditas sociais (reforma agrária, crédito agrícola).

A vida cotidiana, no que tange ao mundo da cana-de-açúcar, apresentou-se na dimensão de sua totalidade como uma realidade universal, porém, múltipla, plural e ambígua; repleta de particularidades e generalidades, pequenas ocorrências e grandes eventos (lutas sociais e mobilizações), banalidades e trivialidades microssociais (relações afetivas, emoções, detalhes, minúcias etc), carregadas de sentido e conteúdo macrossociais (resistências simbólicas, mobilização individual e coletiva para o usufruto do tempo de lazer, festas tradicionais, jogos e brincadeiras). Estas reflexões são importantes, porque *(...) a vida cotidiana possui uma universalidade extensiva. A sociedade só pode ser compreendida na sua totalidade, na sua dimensão evolutiva, quando se está em condições de entender a vida cotidiana em sua* ***heterogeneidade universal*** (grifo meu) (Luckács apud Heller, op. cit: ll-l2).

A busca pela *heterogeneidade universal* da vida cotidiana exigiu um olhar mais minucioso para a realidade social da infância canavieira pernambucana sobre os aspectos dinâmicos, entre a particularidade e a generalidade. Essa tentativa de *observação apurada*, ainda poluída pelos reflexos positivistas dos *dados observáveis e quantificáveis*, muitas vezes, impediram-me de ver por trás da bruma que esconde o aqui e agora e o presente , nos quais se camuflam explicações, situações, expressões simbólicas, obviedades ocultas, evidências etc, advindas do real que, provavelmente, se circunscrevem no terreno do geral e do universal, mas que transcendem ao visível e ao palpável do ambiente imediato da vida cotidiana. Significa dizer, pois, que no ponto de vista das representações da vida cotidiana, não é só importante o que está dado, fixo, imutável, visível a olho nu, mas substancialmente aquilo que foge das regularidades

da vida social, aquilo que muda e subverte esta ordem social, compreendida enquanto história e cultura, e, dotadas de movimento de criação, recriação e mudança.

O cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica, considerando que é, por excelência, um território revelador de determinados processos de funcionamento e transformação das sociedades e de determinados conflitos em que se opõem os agentes sociais, englobando também os processos sociais mais rotineiros e informais da vida social (rituais como o cumprimento, normas de convivência social etc) (Pais, l986: 8).

Um tempo-espaço revelador de crítica social é o lazer, nos diz Lefebvre (l958:37), na sua obra *Critique de la vie Quotidienne*. Segundo ele, é a partir dos lazeres que se pode interpretar e analisar a cotidianidade e, não necessariamente, na vida economicamente produtiva. Desta maneira, é no âmbito das manifestações culturais do lazer e por intermédio delas que, homens e mulheres, conscientemente ou não, realizam, na dimensão de suas possibilidades e limites, a crítica de suas vidas cotidianas (Oliveira, l998:l2). De fato, ouvindo os *sonhos-desejados* das crianças, de seus pais e dos sindicalistas, pude constatar a crítica social subjacente ao reclamo por melhores salários e condições de vida, não só para as necessidades básicas fundamentais (comer, morar, dormir, estudar etc.), mas para usufruir com liberdade do *tempo livre* e de usufruir dos bens e consumos culturais do lazer (brinquedos, equipamentos e instalações de lazer, viagens).

É no limiar entre a particularidade e a generalidade, onde emergem os conteúdos sociológicos da vida cotidiana que se manifestam enquanto *artes de fazer* e as *táticas de resistência* (De Certeau, l994), que os sujeitos inventam para dar o sentido de reinvenção do cotidiano. Nestes liames, eles expressam suas individualidades forjadas no âmbito de suas personalidades individuais, atribuindo à cultura e às suas próprias rotinas um sentido histórico à luz de suas personalidades individuais, e, ao mesmo tempo, na busca de uma heterogeneidade universal. Realizando esse movimento entre o individual e o coletivo, o singular e o plural é que eles: *(...) na maior parte dos seus modos de reagir às pretensões da própria sociabilidade, reagem, enquanto homens particulares, de maneira particular; o ser de cada sociedade surge da totalidade de tais ações e reações* (Luckács apud Heller, l994: l7).

6. A Sociologia do Sonho Desejado

> *(...) Os meus sonhos são descansar e não sofrer com o trabalho e ser professor para poder ensinar todos os tipo de dança. Quero ser pintor e viajar pra São Paulo, porque Recife eu não conheço.(...) Quero conhecer o mar; ter uma bola de couro e um carrinho ou carreta (carrinho) de brinquedo* (Elielson José da Silva, 12 anos-Catende).
> *(...) Trabalhava na roça e levava comida para os irmãos e me sentia mal de ver eles trabalhando, de ver eles com dor de cabeça. As pessoas de Pernambuco são as que mais sofre cortando cana .(...) O que eu acho ruim é as pessoas morrer de fome..., porque todos nós têm seu direito a todo mundo tem que ter a sua liberdade para poder cantar, sorrir, brincar* (Maria José da Silva Alves, l4 anos - Joaquim Nabuco - Pe)

Desde que comecei esta pesquisa, tinha uma certa clareza do significado simbólico e lúdico que habita o imaginário da criança, constituído em grande parte pela ficção, pelo faz-de-conta, pela fantasia, pelo mistério e pela criatividade; mas também, pela percepção sensível e acurada dos ditames da realidade onde estão inseridas. Sempre fui sabedor do poder criativo e utópico das palavras, valores e atitudes das crianças frente à realidade, contrastando com as soluções dos adultos, para o enfrentamento dos problemas sociais, inerentes ao capitalismo. Porém, foi através dos contatos que tive com elas, ouvindo seus sonhos-desejados e olhando em seus rostos que percebi, com maior nitidez, o potencial propositivo e contestador que estava expresso nos reclamos pela organização de uma nova ordem social. Foi confabulando com elas sobre seus jogos e brincadeiras, que reforcei a idéia de que *o imaginário da criança não é um mero acervo de fantasias, mas a realidade pelo avesso*. Isto quer dizer que, *quando a ficção possui nuanças reais e a concretude matizes fictícias, então, privilegia-se concomitantemente a crítica social que os sonhos contém e a realidade social que os contêm* (Martins, l996: l2). Nestes termos é que, se consideramos que um dos pressupostos do sonho na perspectiva da *Sociologia do Sonho*, é concebê-lo como um *avesso crítico da realidade*, então, partindo dessa lógica, o *sujeito-sonhador* não precisa da interpretação de seus sonhos por outrem, uma vez que estes, são em si *portadores de crítica social, ou seja, ele próprio produz a chave da interpretação dos seus sonhos* (Ibidem: l5-l6). Para chegar a esta compreensão, foi brincando com elas e escutando suas histórias de vida, que pude compreender o papel e a força do sonho aliada ao desejo que, ao meu ver, se constituem numa fonte indiscutível de inspiração, desenvolvimento, luta e esperança que somente o sonho viabiliza a construção da melhor e mais ousada realidade.

Mas o que significa o sonho?

(...) Sonhar, mas sem deixar nunca
que o sol do sonho te arraste
pelas campinas do vento.
É sonhar, mas cavalgando
o sonho e inventando o chão
para o sonho florescer
(O sonho domado - Thiago de Mello)

No intuito de melhor captar e valorizar os sentidos crítico-hermenêuticos contidos nos sonhos das crianças e suas representações recorrentes aos mundos do trabalho e do lazer, optei por seguir outros caminhos que não a *teoria psicanalítica dos sonhos*; afinal, trata-se do sonhar acordado e não do sonhar adormecido. Trata-se, portanto, do sonho etimologicamente compreendido como: *desejo veemente, aspiração, aquilo que* se *quer fazer, alcançar, aprofundar, conquistar, desbravar;* trata-se da relação do sonho com o desejo, do sonho vir-a-ser, do sonho-utopia, do sonho ativo cuja lança certeira da palavra indica a construção concreta de um novo tempo no presente, no agora, no *instante-já* (Lispector, l993). A este tipo de sonho subjaz as marcas, os sinais e as pistas da concretude da vida cotidiana, que é determinada pela mediação das experiências sociais concretas já vivenciadas e a serem alcançadas.

O sonho pode também captar elementos da cultura e da história cotidiana, constituindo-se num jogo dialético entre ficção e realidade, como já mencionei acima, além de subverter a ordem e desarticular o conformismo com base na inquietação. Nesta idéia está implícita a concepção dialética da história, que permite ao *sujeito-sonhador* (desejador) buscar as representações do passado, revivendo-as no agora em direção ao futuro numa perspectiva revolucionária (Jobim e Souza, l996: 80).

(...) Como eu posso andar por esse país
sem ver alguém chorando, sendo todo mundo feliz.
Que Brasil é esse onde crianças trabalham na roça
enfrentando sol e frio.
Crianças que não estudam, que não
brincam, e vivem como adultos.
Juntos com seus pais, seus irmãos e
seus amigos eles vão pra roça conseguir
o alimento
Acorda Brasil, olhe para essas crianças
que hoje são trabalhadoras, que amanhã
quer ser alguém.
Acorda Brasil precisamos de você, nós
sofremos, nós lutamos e vamos vencer
(Música composta por Adébora Alves da Silva, l5 anos, Amaporã-Paraná)

A música de Adébora indica que *(...) Se no sonho o desencontro e alienação se revelam (e se encobrem) com o mal-estar, é no mal-estar que o sonho nos indica que apesar dele, ainda sonhamos e que o sonho nunca acabou* (Martins, l996: l3). Portanto, os *sonhos-desejados* são representações sociais das crianças para expressar de forma manifesta e oculta nas entrelinhas de suas aspirações, as idéias, os valores, as ideologias enquanto sujeitos individuais e coletivos. Neles estão expressos a miséria e a riqueza da vida cotidiana, a alienação e os sinais subversivos da possibilidade de emancipação da condição humana. Eles revelam a denúncia crítica das abomináveis e deploráveis condições de vida em que vivem os trabalhadores canavieiros de todas as idades, homens e mulheres, sobretudo as crianças; mas também, o anúncio de uma verdadeira revolução social. Eles revelam a existência, nestas plagas, de sujeitos construtores de história, política, economia e cultura; sujeitos portadores de opiniões, conceitos e atitudes significativas e crítica social frente ao objeto (Pais,op. cit: 32).

Enquanto concepção de representação, os *sonhos-desejados* se constituem de um fenômeno de consciência, individual e social, que acompanha uma dada sociedade, uma língua, uma palavra ou uma série de palavras; e de outro, um determinado objeto ou constelação de objetos (Lefebvre, l983). É, pois, um conjunto de visões de mundo, homem e sociedade que traduzem o estado de inquietação ,mal-estar, inconformismo, indignação e sofrimento pelos quais passam as populações rurais da região sulcro-alcooleira, mas também de todo o mundo rural brasileiro. Tais representações das crianças, enquanto sonhos desejados, apresentam-se como linguagem crítica e inquisidora , apontando sinais da não existência de cidadania no mundo rural, quer dizer, daquilo que nunca houve; demonstrando-nos a existência daquilo que está por vir, que deveria ser e, um dia, poderá concretizar-se.

Após as considerações supramencionadas sobre as perspectivas teórico-metodológicas da Sociologia do Sonho, urge destacar que esta não foi tratada como uma mera pesquisa de opinião sob o véu de uma pretensa *Sociologia da Vida Cotidiana*. Com os *sonhos-desejados* das crianças não pretendi suscitar a ilusão de conhecimento que produz em si só, investigação sociológica (Thiollent, l982: 48). Pelo contrário, a *Sociologia do Sonho*, da maneira como concebi, tem o papel privilegiado de possibilitar a expressão verbal da criança como indicador das *disposições ao ato* (Ibidem); principalmente, se a considerarmos como sujeito capaz de emitir, ao mesmo tempo, juízos de valor sobre a convulsão social gerada pelo capitalismo e sobre os destinos político, econômicos e sociais do país. Em suma, não pretendi chegar a uma teoria sociológica

convertendo o discurso do senso-comum num pretenso discurso científico. Todavia, apesar de suas limitações, as falas das crianças (senso-comum), podem desobstaculizar impasses de outros discursos mais elaborados e até superá-los: *(...)* ***Mesmo que os indivíduos não consigam traduzir adequadamente*** *(grifo meu), no seu discurso comum, intuitivo e inocente aquilo que fazem, é por isso mesmo que o que fazem tem mais sentido do que aquilo que não sabem* (Pais, l986: 35) .

Em síntese, os *sonhos-desejados* constantes nesta pesquisa, não se constituem apenas em depoimentos coletados para confirmar as hipóteses de que o trabalho precoce deixa marcas indeléveis na infância e para toda a vida, e que rouba o tempo livre para as brincadeiras e jogos. Muito mais do que isso, são testemunhos fundamentais, indicadores das mediações das experiências sociais inscritas na vida cotidiana. Constituindo-se, por conseguinte, em fontes, documentos e referências de história oral, essenciais para interferir com seus fundamentos ontológicos e utópicos na formulação de políticas sociais para a infância e adolescência brasileira. Todavia, é preciso salientar ainda, que não só os depoimentos, formalizados pela palavra, desvelam os *sonhos desejados* das crianças, mas também as fotografias, os desenhos, as poesias, músicas, cartas, jogos e criatividades. Estes indicam que elas sonham ininterruptamente, colocando a serviço dessas ações onírico-reais o corpo todo, o coração, as vísceras, o sangue e a emoção que nunca tarda, para que assim os sonhos-desejados se tornem realidade. Dizendo de outro modo, as crianças vivem em permanente estado de vigília, vivem *acordadas para dentro* sempre expressando em gestos, olhares e silêncios uma realidade factível de existir e, talvez porque *sonhar é acordar-se para dentro* (Mário Quintana). Nesta pesquisa *(...) Os mudos da história, os deserdados, os banidos e excluídos, os sucateados pelas conveniências do poder e do grande capital, são considerados sujeitos do processo histórico* (Martins, l993: l5-l6). São considerados sujeitos e objetos de suas próprias alegrias, tristezas, prazeres e dores, opressões e liberdades. As crianças que aqui falam *dão uma significativa compreensão do tempo que estão vivendo: elas próprias são hoje portadoras de crítica social*.

7. Teorias em ato: as técnicas de colheita de dados

(...) O olho vê,
a lembrança revê,
a imaginação transvê.
É preciso transver
(Manoel de Barros)

Toda técnica ou instrumento de pesquisa é uma *teoria em ato* (Bourdieu apud Thiollent, l982). Isto significa dizer que não existe coleta de dados sem pressupostos teórico-metodológicos subjacentes e que, a relação teoria e objeto real está presente em cada técnica, na medida em que cada técnica contém instrumentos particulares, cujo uso envolve pressupostos teóricos . No entanto, para que isso aconteça é preciso que haja uma constante vigilância epistemológica, pois, sem esta corre-se o risco de ver a representação atomicista incluída na técnica, reduzindo-a num mero instrumento inócuo e neutro, sem nenhuma relação com o objeto; ou seja, podemos ser reféns do mito do método científico, proposto pelo positivismo metodológico (Santos, l99l : 56).

O processo de investigação nas Ciências Sociais pode ser entendido como um ato de criação do conhecimento a partir da realidade social, orientada por uma fecunda relação entre teoria, observação e interpretação. Por esse motivo, as técnicas de pesquisa, sejam qualitativas ou quantitativas, não podem ser entendidas em si mesmas, pois, sua compreensão está no método. Neste sentido, técnicas e métodos não estão separados e, é o processo de pesquisa que qualifica as técnicas e os instrumentos necessários para a elaboração dos conhecimentos.

As opções técnicas dependem dos caminhos a serem percorridos, dos procedimentos a serem desenvolvidos e dos métodos que, a partir do ponto de vista epistemológico, devem ser concebidos como *modos diversos de abordar a realidade*. Portanto, os instrumentos de pesquisa dependem do modo como o cientista se aproxima da realidade e do objeto, em termos teóricos, no sentido instrumental conceitual do qual se serve para realizar sua atividade científica (Santos, l99l; Thiollent, l982; Bruyne, l99l; Demo, l988). Com base nesses procedimentos, procurei durante a pesquisa abordar a realidade, através de instrumentos elegidos (entrevistas e observações), considerando-os apenas como maneiras de aproximar-me do objeto e estabelecer diálogos com os sujeitos. Estas técnicas foram desenvolvidas de forma bastante livre e exploratória nos primeiros contatos com os *Eventos-Campos* e com os sujeitos (crianças, educadores, sindicalistas, pais). Porém, considerando o método em seu sentido processual,

evolutivo e dinâmico, fui levando em conta as diversas linguagens e técnicas surgidas no decorrer da pesquisa que me dessem pistas para uma mais abrangente e também recortada visão da problemática. Assim, fui descobrindo no caminho investigativo: a fotografia, os jogos (dramáticos e tradicionais), o desenho, a poesia, a música, as cartas das crianças, os documentos(relatórios, folders , cartas, propostas institucionais, leis, etc); de tal modo, que eles se constituíssem em elementos possíveis para a criação de um quadro de referência teórica (categorias, conceitos, temas, subtemas).

Durante a travessia da investigação, senti a necessidade de alargar o olhar, aguçar todos os sentidos. Tive que repensar o sentido dos sentidos de ver, ouvir, cheirar, tocar, pois *(...) o olho que vê e o ouvido que ouve não é o mesmo que a mente percebe* (Evans Pritchard apud Gusmão, l998)[17]. Considerei todas essas investidas sensoriais importantes, no sentido de dar conta da *dimensão doce-amargo* do mundo do lazer e do trabalho da infância trabalhadora canavieira. E eis que *tive que meter-me na névoa que impede de ver e que também é a janela aberta para o mundo do outro* (Saramago, l998).

Descobri então, que o óbvio não é tão óbvio quanto me parecia de início. E assim me pareceu difícil enxergar para além dos meus *roteiros norteadores de campo*; ou seja, sentia dificuldade para utilizar a câmera fotográfica, de fazer entrevistas e não sabia o que observar, o que anotar, o que guardar, o que considerar como relevante e essencial para a pesquisa. Foi então que comecei a perceber a necessidade de redimensionar os sentidos, interrrelacionado-os e intercomplementando-os, reciprocamente, resignificando-os com menos preconceitos para reforçar sensorialmente as entrevistas, as observações, a poesia, a fotografia .

Um dos maiores desafios desta pesquisa foi aguçar o meu olhar para o real para poder *ver*, compreender, interpretar, reconstruir. Isto se constituiu num exercício que extrapolava as dimensões do ato de pesquisar, invadindo a vida privada enquanto projeto, também existencial e não pura e simplesmente científico. Em todo esse processo me flagrava, vez em quando, simplesmente *olhando* e alternando a minha visão de mundo entre o insólito, o fantástico e o efêmero e as questões relativas à materialidade deplorável da vida cotidiana rural. Esse movimento ambíguo da visão, levava-me, muitas vezes, ou a me conformar com a estética da

[17] Segundo anotações da Professora Neusa Maria Mendes de Gusmão, durante a palestra *Antropologia e Educação*, UNICAMP/Faculdade de Educação, l998.

miséria, ou a me deixar levar pelo olhar ideológico molhado de revolta e indignação.

Houve momentos em que permaneci por muito tempo com o corpo tenso e endurecido ao ver aqueles corpos nordestinos, diferentes do meu corpo acadêmico de classe média em extinção, com todos aqueles sulcos latifundiários, com aquelas veias à vista, as rugas da dominação e os calos da escravidão. Sentia, pois, na maior parte do tempo, a sensação de impotência e inércia aliada ao desejo de fazer desta pesquisa um filete de luz e luta contra os ditames do capitalismo, ou, no dizer de Kurz (l993: l98), do *sistema produtor de mercadorias*.

Certos dias me contorcia para dar saltos qualitativos, perceber mais coisas, sugar os *achados inusitados* da pesquisa. E nada! Sentia-me vazio e as coisas que via sobre o trabalho infantil não apontavam com exatidão a supressão ou limitação dos lazeres das crianças; no fundo o que enxergava não era tão diferente assim do senso-comum e do que propagava a mídia. Significa, então, dizer que só enxergava a alienação, a exploração, a dor, a miséria e a fome, sem contudo ser capaz de abstrair das entrelinhas dos discursos e das práticas cotidianas as lutas simbólicas (as festas, jogos, folclore) e as lutas reais dos movimentos sociais no campo (conflitos, campanhas salariais, saques, invasões, greves).

Para dar um encaminhamento mais articulado à pesquisa, ou seja, afetivo-emocional-ideológico, portanto, mais fortalecido, bastava ver nos engenhos ou nas oficinas que realizei, as crianças transformando os espaços e tempos mais insólitos para construírem e manifestarem a cultura lúdica. Desta maneira, fui paulatinamente enxugando as lágrimas, varrendo a revolta, acirrando cada vez mais o sentimento anti-capitalista e, ao mesmo tempo, os compromissos com a classe trabalhadora.

Aos poucos fui refinando o meu olhar para o campo real, de tal sorte que pudesse sempre que possível dizer alguma coisa sobre aquilo. E para tanto, foi fundamental ver não somente o visível a olho nu, mas o invisível, o indizível, o não-dito, e o inter-dito que se escondia por detrás das falas, dos cantos, dos gestos, dos olhares, dos abraços, dos apertos de mão, das atitudes costumeiras e eventuais, dos desejos reprimidos tatuados nos corpos, dos complexos de inferioridade de classe. Urgiu para tanto, a capacidade de ver *o essencial que é invisível aos olhos* (Saint Exupéry) e de aprender com o índio xamã D. Juan a distinção entre *ver* e *olhar*, pois, segundo ele, para chegar a *ver* a pessoa tem que fazer primeiro *parar o mundo*. Para que isso aconteça é preciso que a pessoa esteja convencida da necessidade de aprender a nova descrição

num sentido total, com o propósito de opô-la à velha, e assim romper a certeza que todos nós partilhamos, de que a validade de nossas percepções, em nossa realidade do mundo não deva ser posta em dúvida (Castañeda, l995: l2). Neste sentido, o mero *olhar* deve ser substituído pelo *ver* que significa *parar o mundo*, para que assim possamos reagir às solicitações perceptíveis de um mundo fora da descrição que aprendemos a chamar realidade . Assim, à medida que ia apurando o olhar para o real, fui percebendo a necessidade de melhor enxergar os *enigmas do social* escondidos nas brumas do oculto e dos assuntos de natureza macrossocial da vida cotidiana, enigmas esses, muitas vezes, presentes em espaços fechados e nos territórios da surpresa, da descoberta e do acaso , que carregam em seu bojo, muitas vezes, a chave da decifração do real .[18]

Todas essas questões foram aos poucos se aprimorando, possibilitando-me o exercício permanente de alteridade que se constituiu no movimento entre estranhar e ser estranhado, o familiar e o estranho. Esse processo possibilitou-me também relativizar e mitigar a *solidão do campo*, uma vez que, no início, as lembranças do fazer cotidiano invadia inclusive o suposto *tempo livre*. A solidão do campo foi bastante amenizada pela relação de cumplicidade e empatia que se estabeleceu entre o pesquisador e os sujeitos. Tudo isso foi tão intenso, que mesmo distante recebia telefonemas, bilhetes, cartinhas etc. Conclusão: nunca estive só por onde andei!

8. A respeito da observação

É bom que se diga que, no começo, pensava-a enquanto a expressão que permite ao investigador *ver* as coisas; porém, com o tempo, tive a necessidade de aprender que *o importante não é o que se vê, mas sim o que se observa com método* . A observação realizada de modo mais acurado, rigoroso, sensível e amiúde é um treino para os olhos do pesquisador social, pois do contrário, pode ver muito e identificar pouco; enquanto que um pesquisador social com idéias pré-estabelecidas acaba vendo apenas os fatos que apenas confirmam as suas concepções forjadas a priori . Além do mais, ela não é uma simples constatação dos dados de fato, mas um processo através do qual as instâncias empíricas, relevantes para a descrição e a interpretação dos fenômenos sociais são obtidos e coligidos . O processo de observação enfim, engloba três diferentes operações intelectuais que se articulam e se intercomplementam:

[18] Anotações de aula do curso Sociologia da Vida Cotidiana, ministrado por José Machado Pais, dezembro/l999.

> *(...) as operações através das quais são acumulados os dados brutos, de cuja análise dependerá o conhecimento objetivo dos fenômenos estudados; b) as operações que permitem identificar e selecionar, nessa massa de dados, os fatos que possuem alguma significação determinável na produção daqueles fenômenos; c) as operações mediante as quais são determinadas, isoladas e coligidas nesse grupo restrito de fatos, as instâncias empíricas relevantes para a reconstrução e a explanação dos fenômenos*, *nas condições em que foram considerados*(Fernandes, op. cit.: 6-9) .

De acordo com as três operações enunciadas pelo autor supra-mencionado, procurei conduzir o processo de observação (eventos-campos), construindo mentalmente um esquema de eleição dos principais episódios, fatos e ocorrências, além das principais categorias, conceitos, problemas marginais, temas e sub-temas daí emergentes, visando preservar a idéia de processo, de teoria em ato. No entanto, este processo revelou-se mais intenso, inesperado, quantitativa e qualitativamente rico, de tal modo, que os recortes e delimitações possíveis vão aos poucos sendo delineados e ganhando o caráter interdisciplinar e interconectivo de forma direta ou indireta com o objeto. Em resumo, o processo de observação foi bastante complexo e difícil de apreensão, principalmente porque o problema do trabalho infantil merece, por si próprio, um trato interdisciplinar, o que obstaculizava, às vezes, a amplitude do meu olhar para enxergar a própria problemática concreta de investigação: *a supressão/precarização do tempo de lazer para a manifestação da cultura lúdica das crianças trabalhadoras exploradas no setor sulcro-alcooleiro pernambucano.*

A observação teve como objetivo, buscar elementos e pistas sobre a supressão/precarização do tempo de lazer para a realização dos jogos e brincadeiras: tipos de atividades, jogos e brinquedos, espaços onde são realizados os jogos.

9. A poesia na pesquisa e a pesquisa da poesia

(...) Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina:
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um bangüê velho em ruína
Por onde andará a gente
que tantas canas cultiva?
Feriando: que nesta terra
tão fácil, tão doce e rica,
não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.
Decerto a gente aqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte severina.

(Trecho do poema Morte e Vida Severina, Melo op. cit.:)

A priori estava apenas prevista a utilização da poesia como ilustração ou epígrafe. No entanto, foi em Bastide que me ancorei para beber na fonte, a dimensão da *poesia como método sociológico*. Foi ele que me ensinou que *para apreender a riqueza social em toda a sua farta complexidade, precisamos recorrer aos mais variados métodos, mesmo ao método poético, caso seja necessário* (l986: 84).

A poesia pode ser um método pedagógico, mas é mais do que isso, é um método sociológico. A expressão poética não seria pedagógica se a sociedade nada tivesse de poético. Há todavia, na sociedade, um elemento de poesia, sendo a expressão poética um esforço de fidelidade em relação à própria verdade das coisas. (Ibidem: 84-86).

A poesia como método sociológico não se restringe apenas ao uso de sua forma (estrutura dos versos, rima ou métrica. Pelo contrário deve ser vista, assim como a arte em geral, sob o ponto de vista social, como forma de resgatar o homem sofredor do nordeste, como forma de melhoramento social, melhoramento dos problemas universais do ser humano: a fome, a miséria (Melo Neto, l999). Entretanto, estudar sociologicamente a poesia é possível se concebermos a obra poética como um produto social e não apenas, como um meio susceptível de construir um suporte de modelo de análise e síntese de uma realidade social (Pais, 296: s/d).

Só é possível considerar a poesia como método sociológico quando o texto poético inventa a trama que encadeia os acontecimentos da vida cotidiana, não só dando sentido à história, mas também enquanto produtor de uma historicidade significativa e representativa (Ibidem: 297). A poesia como método deve ser incorporada à pesquisa quando considera as relações da estética com a ética social, afinal *(...) a estrutura social não é somente um conjunto de relações de status, de comportamentos ou de regras, é uma organização na qual se imprime um pouco da atividade estética dos homens* (Bastide, l986: 86).

O pesquisador pode e deve utilizar a expressão poética que se liga à poesia sociológica, não para descobrir o que pode ser utilizável na sociedade do lirismo dos poetas tradicionais, mas sim, para ressaltar a relação entre poesia e sociedade; considerando, portanto, as falas e metáforas enquanto linguagens históricas que foram deixadas como legado cultural para a humanidade, acerca da condição humana (Melo Neto, op. cit.).

No ponto de vista das poesias aqui apresentadas, procurei trazer para esta pesquisa a produção poética de diversos autores (Melo, Ferreira, Quintana, Barros, Meirelles, Hora, Lispector, Pessoa, Freyre, Accioly, Patativa do Assaré, Drummond e outros) que trata do cotidiano, da infância, do meio rural e urbano, do trabalho, do lazer, das relações sociais, dos afetos, da política, dos direitos, da cidadania e da justiça. A poesia sociológica ou lírica social, no sentido aqui empregado , visa subsidiar a investigação, emprestando a esta outros olhares, imagens e linguagens, visando trazer à tona a maneira como pensam, amam, trabalham, se divertem, vivem e sobrevivem, brincam, moram e morrem as crianças e suas respectivas famílias da zona açucareira.

O resultado da tentativa da utilização da poesia social na pesquisa, fêz-me resgatar os recônditos redutos poéticos ,reprimido no âmago da minha história de vida; redescobrir João Cabral de Melo Neto, cuja poesia não é indiferente à paisagem desumana do homem do nordeste; e outros poetas pernambucanos e brasileiros, grande parte deles, tecendo uma poesia avessa ao *ethos* das classes dominantes. Além disso pude perceber a grandeza cultural e poética e a sensibilidade das crianças no trato com a poesia social:

(...) Mãos calejadas
trabalho fadiga
sol causticante
na palha da cana
morre de fome
sem sombra
sem vida

(Trecho do poema recitado por Leandro, l3 anos)[19]

10. A fotografia e as metáforas da realidade

(...) Os retratos que aqui estão não são mais
que uma mera abstração do meu olhar
marejado de realidade...[20]

Foto: Maurício Roberto da Silva
Ex-trabalhadora da Indústria de calçados do Vale dos Sinos/Rio Grande do Sul durante um banho de mar no âmbito da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil
(Evento-Campo 06)

Nesta pesquisa utilizei também a fotografia como uma teoria em ato e um instrumento de coleta de dados de caráter iconográfico inspirado na Metodologia da Imagem aplicada às Ciências Sociais. Ela se apresenta aqui enquanto uma documentação visual realizada no trabalho

[19] Poema coletado durante o I Encontro para avaliar o trabalho infantil/Save the Children (l998).
[20] Esta citação faz parte do texto que apresentei na seção de poster, durante a exposição fotográfica no V Congresso Mundial de Lazer, São Paulo, l998.

de campo, constituindo-se numa referência e num dos *modos de apreender a realidade* (Santos, op. cit.). Visa também subsidiar e enriquecer, junto com as outras linguagens, os aspectos relativos à miséria e à grandeza da vida cotidiana, constituindo-se também numa atividade científica e cultural.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Retorno dos resultados das fotografias às crianças
participantes da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil
(Evento-Campo 06)

O objetivo da metodologia da fotografia não foi o de usá-la como pura e simples ilustração, anexos ou ausência de conteúdo como pensam os pertencentes ao senso-comum acadêmico e portadores do positivismo metodológico. Ao contrário, procurei justamente valorizar a imagem enquanto texto polissêmico frente ao predomínio das fontes escritas e documentais tradicionais, e também pelo fato de o cotidiano envolver ambos os canais de recepção: o auditivo e o audiovisual. Dessa forma comportei-me como um observador que fotografa e observa, observa enquanto fotografa. Tive assim, a intenção de buscar o maior número de imagens que pudessem retratar as marcas e os signos da propriedade fundiária maculadas no corpo, nos olhares e na vida dos *cassacos de engenho* ou trabalhadores assalariados da cana.

Além disso, visou indicar pistas, de um lado, para a compreensão da perversidade capitalista no campo no que concerne à exploração da mão-de-obra infantil, e, por outro lado, trazer à baila a capacidade de resistência sócio-cultural e política, no que diz respeito à busca de

brechas e espaços de desobediência civil dentro e fora da égide do mundo do trabalho para manifestar a liberdade, a criatividade, a afetividade e a fantasia.

Os retratos expostos nestas páginas, realizados com câmera Yashica T5 (Carl Zeiss-T-Tessar 3,5/35mm), não representam apenas a denúncia da alienação no mundo dos sem-infância; eles buscam também, o anúncio das possibilidades ontológicas presentes no brincar, no sorriso, no afago, no respeito e na luta pela dignidade de uma infância em situação de risco social. Essas fotos trazem a público a história do corpo nordestino, do homem gabiru, do corpo-subraça gestado nos pelourinhos da Casa-Grande e da Senzala, dos Sobrados e dos Mocambos (Freyre, op. cit.); trazem à tona simultaneamente, a face alegre e guerreira e a face sofrida, dura e velha. Diante da máquina fotográfica, portanto, às vezes, muitas crianças ficaram tímidas num primeiro momento, ensaiando *poses contidas*, mas, logo em seguida, numa fração de segundos, começaram a dar asas à imaginação e à expressão corporal expressivas; transformando, assim, o ato de fotografar num verdadeiro jogo teatral, num jogo dramático.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Conversas informais com trabalhador infantil do setor de hortaliças, região de Petrolina/Pernambuco durante o II Encontro de Meninos e Meninas Trabalhadores(as) rurais/CONTAG.
(Evento-Campo 03).

No decorrer do trabalho de campo, tive a grata alegria de constatar que fotografar crianças é diferente de fotografar adultos, pois, para elas ,a fotografia é como um jogo nada monótono, no

qual jogam toda a força da imaginação para fazer poses, caras e bocas e caretas e revelar para a câmera como de fato são: alegres, tristes, sofridas ou não.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Ex-trabalhador da Indústria de calçados do Vale do Sinos/RS, participante da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil
(Evento-Campo 06)

Ao fotografar estas crianças, eu o fiz movido pelo horizonte da história de minha vida privada, e, da autobiografia da infância. Mas também as fotografei reportando-me aos problemas de relevância pública voltados para a situação da infância pobre e trabalhadora no Brasil e no mundo, de cujas imagens emanam maus-tratos e violências generalizadas.

Utilizei a câmera com a intenção de produzir fotografias que se constituíssem em textos e narrativas sem palavras, mas com poéticas próprias e cujas metáforas se configurassem num certificado do real, numa demonstração da realidade. Porém ,não se deve esquecer o caráter ambíguo que tem a fotografia, na medida em que pode ser, simultaneamente, realidade ou um simulacro desta; por outro lado, às vezes, a câmera nos revela coisas que o próprio olho não vê.

As fotografias que realizei são, evidentemente, fruto do meu olhar treinado, que captou o real, inventou, abstraiu e produziu imagens carregadas de toda uma carga subjetiva, ideológica e emocional. Nelas estão presentes os signos políticos, culturais e econômicos da história de vida individual e coletiva das gentes da cana-de-açúcar.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Menina da zona canavieira, participante do encontro
para a avaliação do Programa Mão Amiga.
(Evento-Campo 07)

Apesar do meu olhar imagético estar carregado da poética que possibilitou produtos estéticos e sócio-políticos sobre a vida cotidiana, devo admitir que me escapam das mãos e do olhar o devido apuramento técnico que, aliado à sensibilidade, se constitui no tempero indispensável na produção do conhecimento iconográfico aplicado à pesquisa. Entretanto, é importante compreender que a técnica sozinha é lúgubre, se o pesquisador-fotógrafo não dispuser da imaginação sociológica (Mills, l982), compreendida pelo autor enquanto um convite a todos nós que lidamos com o homem e a sociedade em crise, na perspectiva da reflexão crítica sobre as problemáticas sociais. Em suma, grande parte das fotos foram tiradas entre o espontâneo e a pose. Sempre que possível antes ou durante as fotos havia um diálogo do por quê e do para quê das fotos, quer dizer, elas eram combinadas com a observação e as entrevistas. Evitei, portanto, tratar as crianças como *coisa*, privilegiando desta maneira a relação sujeito-objeto que considera a inserção de sujeitos comunicativos, pensantes, críticos e criativos. Neste sentido, é que tive permanentemente o cuidado de socializar o resultado das fotografias com as crianças e as instituições, realizando exposições ou devolvendo-as algumas fotos. Assim é que elas tinham a oportunidade de idenficarem-se enquanto sujeitos e não como coisas, reverem-se nas imagens, relembrando desta forma as situações e experiências vividas durante os Eventos-Campos.

As fotos pretendem mostrar o meu olhar enquanto pesquisador-fotógrafo, que não é o único nem o verdadeiro, mas aquele que procurou dar uma outra visibilidade e estética à situação da infância pobre, trabalhadora e explorada nos umbrais dos canaviais de Pernambuco.

11. Sobre as entrevistas

(...) Eu fico com a pureza das respostas das crianças

(Gonzaguinha)

As entrevistas foram realizadas de maneira informal e livre. Contudo, pelo fato de serem realizadas com crianças, mudou sobremaneira o comportamento e a postura do pesquisador frente a estas. Entrevistar crianças é diferente de entrevistar adultos, considerando que estas possuem outro tipo de comportamento e necessidades como, por exemplo: espírito permanentemente lúdico, concentração, interesses, expressão corporal, etc.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Mais uma vez brincando de pesquisador e jornalista
(Evento-Campo 04)

Apesar da certa facilidade para fazer as entrevistas, na maioria das vezes realizada de maneira individual e coletiva, havia também os entraves advindos da própria condição de classe social das crianças trabalhadoras: baixa auto-estima, posturas corporais indicando timidez, complexo de inferioridade, vergonha, rosto escondido pelas mãos, gestos curtos e pouco

expressivos, boca escondida com as mãos para ocultar os dentes estragados. Todos esses comportamentos contrastavam com os sorrisos copiosos, os toques, as carícias, as perguntas sobre a minha vida, as brincadeiras e causos que contavam sobre a vida cotidiana de trabalho e de lazer.

Para minimizar os constrangimentos acima mencionados expressos em suas gestualidades e palavras, procurei emprestar a cada entrevista um clima lúdico, contando estórias e histórias, fazendo piadas, ensinando novos jogos. Desta forma, a experiência da entrevista deu-me a oportunidade de, através das falas e do vocabulário, perceber a precariedade da escolarização no meio rural. As entrevistas foram fundidas à observação para poder compreender o não-dito, as pausas, os silêncios, as caretas, as expressões ocultas e manifestas do corpo, as gestualidades diversas, os silêncios. Aliás, a despeito do silêncio, faço a autocrítica de que nos primeiros encontros com as crianças, demonstrei muita inquietação em alcançar os *objetivos* os objetivos traçados, seguir o roteiro da entrevistas etc., atropelando assim a lógica de formulação das respostas das crianças, enfim os seus silêncios. Aos poucos, no entanto, fui apreendendo a respeitar o tempo, a palavra, a respiração, a cultura e a história do outro, dando inclusive espaço para que elas também me entrevistassem . Assim foi que nossas relações sociais de alteridade foram se tornando cada vez mais refinadas, democráticas e lúdicas. Mas, isso só foi possível a partir do momento em que abstraí da poética de Clarice Lispector a idéia de que *(...) O silêncio é a respiração do mundo*.

12. As oficinas de jogos dramáticos e jogos tradicionais infantis

As oficinas de jogos tiveram como objetivo utilizar as brincadeiras tradicionais infantis e os jogos dramáticos como instrumento de coleta de dados, visando colher, através destes, o maior número de informações sobre o significado do tempo de lazer, do jogo na vida cotidiana das crianças.

Os *jogos dramáticos* foram utilizados como estratégia de aproximação do universo simbólico e imaginário das crianças, uma vez que a essência destes é a imitação, a improvisação e o desenvolvimento das capacidades cênicas, estimulando assim a espontaneidade, a observação, a percepção, o relacionamento grupal , através das linguagens verbal e gestual (Reverbel, l993:l).

Com os *jogos tradicionais infantis* (Kishimoto, op. cit.), em contrapartida, pretendi facilitar o contato com elas, uma vez que são jogos conhecidos em todos os rincões do mundo e que foram incorporados às culturas lúdicas regionais (entre eles, pular corda, corrida de saco, esconde-esconde.

Os Jogos Tradicionais de cada região foram pensados para servir de elo de aproximação entre mim e as crianças e, para possibilitar um jogo de alteridade , de inter-relação social, enfim, de comunicação. Todavia, esses jogos só apareceram a partir do final do primeiro encontro, após vivenciados os jogos de expressão teatral e, assim mesmo, no momento em que cantarolei uma canção ligada à cana-de-açúcar , cujo título era *Caninha Verde*.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Pulando a corda bamba do tempo pós-moderno
(Evento-Campo 04)

Depois de um esforço para trazer à tona os jogos tradicionais de cada região, recebi o retorno das seguintes brincadeiras: *amarelinha, o cravo brigou com a rosa, atirei o pau no gato, esconde-esconde, coelho na toca, estátua, estórias de assombração, causos, pega-pega, garrafão*, *quebra-pote, barra-manteiga, polícia e ladrão*. Mesmo demonstrando um grande acervo em termos de cultura lúdica, mesmo contando com um clima mais propício para a comunicação e o diálogo, boa parte das crianças ficavam silentes e dispersas pelo salão, sem emitir nenhum sinal de expressão e descontração. Foi aí que tive de lançar mão de *brinquedos tradicionais* (bambolês, cordas, bolas, sacos de pano), para dessa maneira, poder permitir-lhes maior liberdade de expressão e inter-relação com objetos e pessoas, além de poderem conhecer, criar e comunicarem-se com o mundo social e físico (Cely, l997: 62).

Com a introdução dos brinquedos acima mencionados, a oficina ganhou uma dimensão de maior intensidade lúdica: todos gritavam, faziam estripulias com o corpo e os objetos, criavam formas, falavam uns com os outros, de tal forma, que se estabeleceu um verdadeiro caos na nossa comunicação ,em virtude do jogo livre com os objetos (brinquedos). Aos poucos, todavia, sem necessariamente pedagogizar os jogos, fui incentivando-as a criar novos jogos, descobrir novas regras e resgatar as mais tradicionais dos seguintes brinquedos : pular corda, corrida de saco e jogos com bola.

Nos encontros subseqüentes a arte da cumplicidade já estava garantida, preservada. A partir daí, desencadeou-se a trama do diálogo e as crianças passaram a ter mais confiança para falar das histórias das suas vidas cotidianas de trabalho e de lazer. No início de cada encontro sempre me contavam com os olhos brilhantes, a fenomenal experiência de ter entrado numa piscina pela primeira vez. Suas histórias eram todas impregnadas do presente ali vivido: jogos de voleibol, futebol, passeios, piadas, causos, *ficar à toa assuntando* ou *ficar à toa*, pura e simplesmente, roubar frutas, andar para lá e para cá, conversar, impressões sobre a cidade de Brasília.

Todos os dias conversávamos sobre quase os mesmos temas após a vivência dos jogos tradicionais e dramáticos. Muitas vezes, nem precisava conversar com elas sobre o significado da brincadeira em suas vidas, em suas infâncias, pois a felicidade estava ali estampada em seus corpos, em seus olhares. Elas já se expressavam sem timidez e complexo de inferioridade de classe; a felicidade media-se também, pelos gestos, gargalhadas copiosas e cambalhotas

desenfreadas. Quando o tema era o trabalho que realizavam em suas regiões, mudavam automaticamente de assunto ou demonstravam o sincero desejo de nunca mais pegar num instrumento de trabalho e sim nos instrumentos de brincar: os brinquedos!

Depois de ter brincado à vontade junto com as crianças e conversado sobre o trabalho e as suas brincadeiras, resolvi desenvolver atividades que pudessem ,no âmbito do evento, ter um caráter mais interativo. Foi assim que incentivei-as a brincar de fotógrafo e jornalista, cuja brincadeira consistia em entrevistar as pessoas, crianças e adultos com os objetivos de avaliar o encontro, além de coletar dados e elementos, a partir da visão delas, sobre a erradicação do trabalho infantil e o significado do usufruto do tempo de lazer na infância. A partir de então estabeleceu-se um pacto lúdico de que todos virariam jornalistas e fotógrafos. De uma hora para outra apareceram as máquinas fotográficas, as câmeras de televisão, os microfones, etc; equipamentos esses, todos improvisados com garrafas de água mineral de plástico, copos descartáveis, chinelos e sapatos e outros objetos.

Iniciamos o jogo , cuja dinâmica chamei de *entrevista recíproca* que se constituía numa espécie de treino, a partir de um roteiro flexível, para em seguida realizar as entrevistas com os demais participantes do evento .Após esse primeiro momento, quase que como num passe de mágica, todos se converteram em jornalistas e fotógrafos , correndo para lá e para cá, em grupos de 2 a 2 e 3 a 3 entrevistando quem passasse, inquirindo sobre alguns pontos, tais como: *o que achou do evento ? Acha correto criança trabalhar ? Gostou dos jogos ? Você veio para brincar ou protestar contra o trabalho infantil ? Quais os jogos que você conhece* ?

13. Os documentos

Apesar de não ter previsto a utilização de documentos no projeto inicial de pesquisa, tive que, aos poucos utilizá-los, dado ao grande número de materiais emergidos dos eventos-campos: folders, cartas das crianças, relatórios, publicações, sentenças dos tribunais, cartazes e outros. O meu objetivo, a partir de então, passou a ser reunir o maior número de conhecimentos, para juntá-los aos outros instrumentos e, possibilitar uma maneira mais completa e rica de abordar a realidade. Além disso pretendi com a análise dos documentos, resgatar e preservar a memória dos eventos, em sua maioria patrocinados pelas diversas instâncias da sociedade civil organizada.

Boa parte dos documentos coletados se constituem em fontes com possibilidade de férteis descrições e interpretações (ex: sentenças dos tribunais, relatórios, artigos de jornal, convenções coletivas de trabalho, cartas ao presidente da república CONTAG, e outros) além dos *textos escritos pelos sujeitos* (cartas, bilhetes, poesias, letras de música, etc.) (Began e Biklen, l994: l76-l82). Quanto aos documentos oficiais utilizei os seguintes tipos: a) documentos internos (memorandos, comunicações que circulam dentro de uma dada organização, panfletos e outros.);

b) documentos externos (cartas à população, cartazes, realeases, etc.)

14. Os desenhos

(...) O primeiro mérito de um quadro é ser uma festa para o olhar

(Eugene de la Croix)

Desenho de criança, intitulado *tô aguando a rosa*, realizado numa escola do Programa Mão Amiga/Cidade dos Palmares (Evento-Campo 09)

O desenho é uma formas mais significativas de expressão da vivência da ludicidade, pois revelam sentimentos e representações em relação às experiências do mundo simbólico-real que se manifestam no cotidiano infantil (Gusmão, l993: 52-53). O desenho permite associar significados que poderiam vir a realizar-se nesse mundo, mostrar as formas de representação generalizada que são construídas e que se associam a problemas gerais. Podem ainda revelar visões positivas em relação a valores sobrenaturais, universais ou culturais, além de conterem sua emoção, seu universo psicológico e expressarem de modo intenso seus valores (Colier apud Ibidem: 53).

Os desenhos são mais um instrumento e uma linguagem para subsidiar a análise dos dados e foram incluídos como relevantes entre as outras técnicas de pesquisa, considerando o papel lúdico e simbólico destes. Além disso, o uso desse tipo de linguagem teve como objetivos: captar os elementos indicadores do significado do jogo; resgatar o acervo da cultura lúdica infantil nos canaviais de Pernambuco; compreender as múltiplas relações do trabalho infantil com o lazer e as diversas facetas da vida cotidiana.

15. Memórias dos Eventos-Campos

A princípio era meu desejo fazer uma Etnografia no sentido clássico que se atribui a Mallinowsky (l978: XIV).[21] A minha intenção era, por conseguinte, ter uma experiência de longa permanência no campo, vivendo o cotidiano das crianças da zona canavieira pernambucana, sentido na pele os seus dramas, experenciando junto com eles as atividades laborais na palha da cana, bem como, os jogos as brincadeiras, as festas.

Com o passar do tempo, no entanto, fui compreendendo que o fazer etnográfico não implicava necessariamente estar lá, numa convivência cotidiana e intensiva, ao mesmo tempo que redimensionava o conceito de campo que, resumia-se para mim apenas no campo canavieiro. A questão que me intrigava no começo diz respeito ao fato de não querer realizar visitas ocasionais apenas de curta duração e constituídas de observações superficiais, pois, pensava,

[21] O antropólogo alterou radicalmente a prática da observação participante, passando a viver permanentemente na aldeia, afastado do convívio com os outros homens brancos e aprendendo a língua nativa. Ele substituiu em parte o uso de informantes pela *observação direta* que só era possível, segundo ele, através da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e acontecimentos da vida da aldeia.

equivocadamente, que desse modo, nunca poderia superar, frente ao outro, a imagem de estrangeiro e assumir um status social de quase igual ou familiar.

O que na verdade importa e define a inserção do pesquisador no processo de pesquisa não é tão somente a sua presença física, mas a concepção de Ciência, Mundo e Sociedade, subjacente à prática investigativa, além de, é claro, dos conceitos de pesquisa, método e teoria, teoria e prática e da relação sujeito-objeto do processo do conhecimento. Neste sentido, o que importa é a clareza, vigilância epistemológica e o compromisso social do pesquisador, na medida em que se reflete neste as dores, os dilemas, os problemas, os caminhos e descaminhos do mundo do outro, através de um espelho permanente que reflete a cara, o corpo, a alma e o coração do outro .

Passados quase quatro anos, acredito ter conseguido, através dos eventos-campos e das visitas ocasionais, uma visão aproximada e distanciada da totalidade/centralidade da problemática da supressão/precarização do tempo de lazer das crianças trabalhadoras canavieiras pernambucanas.

Com os eventos-campos e as visitas ocasionais pretendi descobrir os conceitos, categorias, temas e sub-temas, que dizer, classes pertinentes de objetos, ações, de pessoas ou de acontecimentos (Marroy , l995:ll8-ll).Com este trabalho de descoberta e garimpo, a posteriori dos elementos constitutivos do objeto, tive a intenção de construir uma teoria local[22] ou teoria em ato (Fernandes, l967; Bourdieu, l990; Thiollent, l982), que a partir dos dados obtidos nos eventos-campos e visitas ocasionais, assume a dimensão de uma entidade em constante movimento e desenvolvimento, e não de um produto acabado .

Todo esse processo de participação nos eventos sobre trabalho infantil e nas visitas ocasionais aos engenhos, se caracterizou por um constante ir e vir, o qual me permitiu reiterar, desconstruir ou refutar hipóteses ou questões de pesquisa, formulando outras e permitindo novas descobertas. Em suma, este tipo de procedimento possibilitou-me coletar os dados numa variedade de situações, em momentos variados e com fontes variadas de informações e dados, os quais fui analisando de forma provisória e linear ainda durante a coleta. Porém, convém frisar que a fase verdadeiramente crucial da observação nas Ciências Sociais, inicia-se quando o tratamento

[22] cf. Glaser e Strauss apud Marroy (l995: l2l) , um dos interesses principais das análises qualitativas é a possibilidade de gerar, a partir dos dados contextualizados, aquilo que chamam de uma *teoria fundamentada* (grounded). Segundo ainda esses autores, a preocupação dos sociólogos não deve restringir-se à verificação das as teorias pré-existentes, desenvolvidas de maneira lógico-dedutiva, mas desenvolver outras, partindo dos campos de investigação.

analítico dos dados permite passar das imagens sensíveis dos fenômenos para as imagens unitárias ou analíticas de suas propriedades e das condições em que são produzidas (Fernandes, 1967: 6).

16. Os eventos-campos: os dados brutos ou a brutalidade dos dados?

> *(...) Costuma-se dizer que a árvore impede a visão da floresta, mas o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele em que o historiador mal começa a imaginar a visão de conjunto, enquanto a bruma que encobre os horizontes longínquos ainda não se dissipou totalmente, enquanto ele ainda não tomou muita distância do detalhe dos documentos brutos, e estes ainda conservam todo o seu frescor. Seu maior mérito talvez seja menos defender uma tese do que comunicar aos leitores a alegria de sua descoberta, torná-los sensíveis, como ele próprio o foi, às cores e aos odores das coisas desconhecidas* (Ariès, l98l:9).

Os *Eventos-campos* (Quadro 01) permitiram o surgimento de conceitos, temas e sub-temas relacionados direta ou indiretamente ao objeto de estudo, conforme Quadro 02 a seguir:

a) *trabalho* (desemprego, trabalho maneiro, trabalho pesado, trabalho precoce, trabalho ajuda, trabalho doméstico; b) *lazer* (lúdico, brinquedo, jogo, brincadeira, folguedo, traquinagem); c) *corpo* (envelhecimento precoce, desnutrição, corpo produtivo, corpo brincante ou da festa); d) *políticas públicas* (programas assistenciais ou emergenciais, programas estruturadores, reforma agrária, políticas salariais, saúde e educação; e) *outros conceitos temas e subtemas ligados à conjuntura e imbricados com os anteriores* (globalização, reestruturação produtiva, exclusão, novas desigualdades sociais, inclusão precária, resistência simbólica, resistência real e política).

Grosso-modo, todos os Eventos-Campos trouxeram importantes elementos para compreensão e interpretação da problemática do lazer/lúdico, principalmente, a partir das diversas categorias de crianças envolvidas na pesquisa (Quadro 03). Além disso, considero fundamental deixar claro quais as contribuições para a prática da pesquisa dos dois contextos em que foram coletados os dados, a saber: *os eventos-campos específicos realizados no locus da pesquisa, ou seja, na zona da mata canavieira pernambucana* (03, 05, 07, 08, 09) e os de natureza externa, que foram realizados fora deste contexto (0l, 02, 04, 06, l0)

Os ECs (Eventos-Campos) *realizados fora do contexto da pesquisa* como os Tribunais Nacionais, Internacionais do México e de São Paulo e o Encontro da CONTAG permitiram-me adquirir uma visão mais abrangente sobre o panorama do trabalho infantil e a questão do tempo livre na infância , tanto no Brasil quanto a nível internacional. Além, disso, foi possível, nestes

eventos, obter aproximações mais efetivas e afetivas com as crianças trabalhadoras da região açucareira (ex: José Carlos, Amaro, Júlio e outros). Foi possível então, ter uma noção da vida cotidiana do trabalho e do lazer destas, através das entrevistas, fotografias, jogos e brincadeiras, desenhos e observações. Quanto a esse respeito, considero de suma relevância os dados obtidos nestas ocasiões, uma vez que, me possibilitaram extrapolar a questão dos jogos e das brincadeiras, captando assim elementos fundamentais relacionados com a sociologia do açúcar (monocultura, crise das usinas, desemprego no campo, etc); além de oportunizarem uma discussão mais conjuntural acerca dos efeitos dos planos globalizadores e globalizantes de ajuste do FMI e do Banco Mundial, cujos efeitos destruidores são o desemprego e a miséria absoluta das populações urbano-rurais.

Os Eventos-Campos *específicos do contexto da cana-de-açúcar*, portanto, permitiram-me mais amiúde um conhecimento sobre a situação degradante e secularmente repetida da classe trabalhadora nesta região. Além disso, foi possível também perceber nestes meandros as lutas históricas e recentes de resistência e conquistas em prol das políticas agrárias e campanhas salariais dos sindicatos (FETAPE) na zona da mata; as lutas contra a exploração da mão-de-obra infantil, um retrato da situação da infância nesta região; os programas institucionais (Mão Amiga) de combate ao trabalho infantil; o mundo do lazer/lúdico dos adultos e das crianças; os jogos e brincadeiras, enfim, a cultura lúdica desenvolvida no limiar do conformismo e da resistência.

SÍNTESE DAS CATEGORIAS DE CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO FAZER INVESTIGATIVO	
Categorias específicas da cana de açúcar	Categorias gerais/pertencentes aos diversos mundo do trabalho (sisal, hortaliças, pedreiras, carvoarias e outros)
a) crianças que deixaram de trabalhar e só estudam;	Idem
b) crianças que estudam e ocasionalmente (clandestinamente) trabalham e ainda ajudam nas tarefas domésticas (cuidar do roçado, tanger gado, buscar lenha e água, cuidar dos irmãos e da casa;	Idem
c) crianças que já trabalharam e agora estudam em dois turnos (Mão Amiga) e ajudam nas tarefas domésticas;	Idem
d) crianças que só trabalham ocasionalmente e ajudam nas tarefas domésticas;	Idem
e) crianças militantes (que participam da maioria dos eventos organizados pelos movimentos sociais, ex: José Carlos, Amaro e outros).	Idem

Quadro 03

VISÃO PANORAMICA DO CAMPO			
ECs – Eventos – Campos	**Objetivos**	**Categorias de crianças envolvidas no processo investigativo**	**Principais instrumentos de pesquisa utilizados**
0l- Tribunal Nacional Contra o Trabalho Infantil- Sessão Preparatória para o Tribunal Internacional do México. Out./l95	Identificar nos depoimentos do Tribunal a referência direta ou indireta sobre a supressão do lazer lúdico, jogo, brincadeira, brinquedo no âmbito da exploração do Trabalho Infantil a nível nacional e em especial nos canaviais de Pernambuco.	Crianças que trabalham e não estudam, crianças que trabalharam e agora só estudam, outros sujeitos : sindicalistas, juristas, educadores e políticos (deputados).	Documentos (Sentença do Tribunal, relatórios, boletins, folders, publicações da sentença, periódicos).
02- Tribunal Internacional Independente Contra o Trabalho Infantil/México. Março/l996	Conhecer o mundo do trabalho infantil e do lazer das crianças pobres e trabalhadora a nível internacional.	Crianças que trabalham e não estudam, crianças participantes de outros eventos; outros participantes : sindicalistas, juristas, educadores, jornalistas e políticos.	Observação, periódicos, vídeo, folders, boletins, cartazes, exame médico, publicações da sentença do Tribunal.
03- Primeira Incursão ao Canavial ou o Campo na Cidade e visita ocasional aos sindicatos de Palmares e Rio Formoso. Julho/Agosto/l997	Iniciar um processo de aproximação com a situação do setor sulcro-alcooleiro, buscando elementos para um maior conhecimento do mundo do trabalho infantil e do lazer das crianças trabalhadoras da zona canavieira.	Crianças que pararam de trabalhar e só estudam, crianças que pararam parcialmente de trabalhar e só estudam, crianças que só trabalham.	Vídeos, publicações, folders, boletins, relatórios, observações, entrevistas, fotografias.
04- Encontro Nacional de Meninos e Meninas Trabalhadores (as) Rurais/CONTAG Outubro/l997	Conhecer o mundo do trabalho e dos jogos e brincadeiras das crianças trabalhadoras brasileiras e em especial das crianças da zona canavieira pernambucana, através da oficina de jogos dramáticos e brincadeiras tradicionais.	Crianças que trabalham para outrem, estudam e ajudam no trabalho doméstico, crianças que trabalham e não estudam, crianças que trabalham nos assentamentos e estudam, crianças que trabalham nos assentamentos e não estudam, crianças que deixaram de trabalhar e só estudam; outras categorias de sujeitos: sindicalistas, jornalistas, educadores, políticos.	Ofícios ao Presidente da República, Presidente da Câmara dos Deputados, Presidente do Supremo Tribunal Federal, boletins, relatórios, panfletos, cartazes, publicações, desenhos, vídeos, jornais, jogos dramáticos e brincadeiras tradicionais, observação e entrevista.

Quadro - 01

- Eventos-Campos (03,05, 07,08,09), específicos do Trabalho Infantil dos Canaviais de Pernambuco.
- Eventos-Campos relativos à problemática geral dos diversos mundos do Trabalho Infantil e indiretamente relacionados com o campo específico (01, 02, 04, 06, 10).

VISÃO PANORAMICA DO CAMPO – CONTINUAÇÃO			
ECs – Eventos – Campos	**Objetivos**	**Categorias de crianças envolvidas no processo investigativo**	**Principais instrumentos de pesquisa utilizados**
05- Segunda incursão ocasional aos canaviais. Ferreiro/l998	- visitar os engenhos e usinas de açúcar, visando reunir elementos atuais sobre a realidade do trabalho infantil; -conhecer os jogos, brincadeiras e brinquedos que por ventura ocupam o tempo de lazer na infância canavieira; - conhecer in loco os impactos da crise político-econômica no setor sulcro-alcooleiro que gerou a falência das usinas e engenhos e, conseqüentemente detonou processos de miserabilidade nesta região: desemprego, êxodo rural, fome, desestruturação familiar e outras formas de exploração ; - conhecer o cotidiano das escolas do Programa Mão Amiga; - reencontrar Amaro e Júlio, visando socializar com eles as fotografias do II Encontro de Meninos e Meninas Trabalhadores (as) da Agricultura/CONTAG e coletar novas informações sobre o mundo do trabalho e do lazer das crianças trabalhadoras canavieiras; - reunir sugestões e subsídios das próprias crianças, visando a realização do I Encontro de Meninos e Meninas Trabalhadores (as) da Agricultura/FETAPE	crianças que deixaram de trabalhar e só estudam, crianças que só estudam e ajudam nas tarefas domésticas, crianças que estudam e ocasionalmente (sazonalidade) trabalham para outrem e ainda ajudam nas tarefas domésticas (buscar água, lenha etc.), crianças que trabalham durante o dia e estudam à noite.	entrevistas, observações, documentos da FETAPE, fotografias.
06- Marcha Global Contra o Trabalho Infantil. Março/l998	- Conhecer o panorama do mundo do trabalho e do lazer das crianças trabalhadoras no âmbito da América do Sul.	Crianças que *pararam* de trabalhar e só estudam, crianças militantes, ou seja, participantes em eventos anteriores, crianças que estudam e ocasionalmente ainda trabalham.	entrevistas, observações, documentos diversos (folders, panfletos, cartazes etc.), desenhos, fotografias, vídeo.

Quadro – 01 - Continuação

- Eventos-Campos (03,05,07,08,09), específicos do Trabalho Infantil dos Canaviais de Pernambuco.
- Eventos-Campos relativos à problemática geral dos diversos mundos do Trabalho Infantil e indiretamente relacionados com o campo específico (01, 02, 04, 06, 10).

VISÃO PANORAMICA DO CAMPO – CONTINUAÇÃO			
ECs – Eventos – Campos	**Objetivos**	**Categorias de crianças envolvidas no processo investigativo**	**Principais instrumentos de pesquisa utilizados**
7-O campo na cidade e o Encontro para avaliar o Trabalho Infantil/Save the children Agosto/ll998 8- I Encontro Estadual de Crianças e Pais Trabalhadores (as) Rurais de Pernambuco/FETAPE, Visita ocasional aos canaviais/ reencontro com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso (Teixeira), reencontro com José Carlos (participante dos Tribunais de Brasília e do México) Setembro/l998	Conhecer o mundo do lazer dos adultos (pais), suas representações acerca o significado do tempo de lazer na infância e a repercussão do envelhecimento precoce para a vivência dos jogos e brincadeiras das crianças.	Crianças que ajudam os pais em assentamentos; crianças que deixaram de trabalhar, só estudam e ajudam em casa ; crianças que estudam e ocasionalmente trabalham para outrem.	fotografias, entrevistas, observações, documentos, folders e cartazes
9- II Encontro de crianças para discutir o trabalho Infantil / Save the Children – Visita Ocasional aos canaviais Dezembro/l998	No encontro do Save The Children: expor as fotografias realizadas no I Encontro (Setembro/l998), visando socializar os resultados das fotos para permitir por parte das crianças : o auto-reconhecimento nas fotos, uma leitura crítica das imagens; na visita aos engenhos: conhecer mais amiúde o cotidiano do lazer das crianças e suas famílias durante o final de semana, visando coletar informações sobre os equipamentos e instalações para o lazer disponíveis nos engenhos bem como os conteúdos culturais do lazer: jogos, brincadeiras, eventos, atividades lúdicas diversas.	Crianças que deixaram de trabalhar e só estudam, crianças que deixaram de trabalhar, estudam e ocasionalmente ajudam os mais no trabalho doméstico (cortar capim, tanger gado, buscar água etc), crianças que estudam e trabalham na roça ajudando os pais, fazem serviço doméstico e estudam.	fotografia, desenho, vídeo, poesia, observação e entrevistas.
l0- Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil. Maio/1999	Atualizar os dados e informações sobre o mundo do trabalho e do lazer das crianças pobres trabalhadoras a nível nacional e internacional	Nenhuma; outros participantes: sindicalistas, juristas, educadores, jornalistas e políticos.	observação, entrevistas, folders, boletins, periódicos, cartazes, relatórios, publicações diversas.

Quadro – 01 - Continuação

- Eventos-Campos (03,05, 07, 08,09), específicos do Trabalho Infantil dos Canaviais de Pernambuco.
- Eventos-Campos relativos à problemática geral dos diversos mundos do Trabalho do Infantil e indiretamente relacionados com o campo específico (01, 02, 04, 06, 10).

VIDAS AMARGAS - DOCES JOGOS (A RIQUEZA E A MISÉRIA DO COTIDIANO)			
CATEGORIAS, CONCEITOS, TEMAS, SUB-TEMAS, PALAVRAS CHAVES EMERGIDAS DOS EVENTOS - CAMPOS			
CORPO	**VELHICE PROCOCE**	**POLITICAS SOCIAIS**	**INFÂNCIA**
- homem gabiru - nanico - corpo produtivo - corpo lúdico - corpo da festa - corpo brincante (Da Matta) - corpo mercadoria - corpo mercador.	- cassaco de engenho (João Cabral de M. Neto) - véio - marcas (internas e externas) - olhares - rugas - tristeza - sisudez - presente - futuro - desnutrição - fome - doenças - acidente de trabalho - morte da infância - entrevado - idade - gestos - gostos - atitudes - expressões - adultizados - adulterados	- programa mão amiga (escolarização – a escola inclui excluindo) - exclusão - inclusão precária, marginal e perversa (sociedade de escravos – Forrester, Martins, Bourdieu) - assistencialismo - programas emergências - programas estruturadores -	- meninice - criança - véio

(Quadro 02) – Este quadro será o eixo norteador na construção dos Capítulos, juntamente com os Sonhos desejados (item 3.1) das crianças e dos adultos (item 3.2) no Capítulo II.

VIDAS AMARGAS - DOCES JOGOS (A RIQUEZA E A MISÉRIA DO COTIDIANO)			
CATEGORIAS, CONCEITOS, TEMAS, SUB-TEMAS, PALAVRAS CHAVES EMERGIDAS DOS EVENTOS - CAMPOS			
CONJUNTURA	**MUNDO RURAL CANA DE AÇUCAR**	**TRABALHO**	**LAZER**
-capitalismo -neoliberalismo -globalização (Estado Mínimo, privatizações, abertura de mercados (livre comércio) - sucateamento dos bens e serviços públicos) - desemprego estrutural - subemprego (emprego informal)	-latifúndio açucareiro - crise das usinas (investimentos em outros negócios) - monocultura - reforma agrária - miséria absoluta - prostituição infantil - habitação (cavernas) - saúde (doenças) - desestruturação familiar - êxodo rural - fome - indigência - desemprego - escolarização - amargo - doce - usineiros - industriais do açúcar - destruição da terra - casa grande senzala (Gilberto Freyre) - sobrados e mocambos (habitações precárias e palácios, condomínios, etc)	- infantil - precoce - maneiro - pesado - educativo - ajuda - escravo - doméstico - forçado - insalubre - tolerável - intolerável - alienado - resistência real	- ócio - lúdico - jogo (sociabilidade, desenvolvimento, fantasia, aprendizagem - brincadeira - traquinagem - inter-relações com: - infância - adolescência - adultos - religião - gênero - classe social (lazer dos ricos e dos pobres) - manipulação política dos lazeres (voto de cabresto – showmícios, bandas de axé music - migalhas - resistência simbólica - subversão

(Quadro 02) – Continuação - Este quadro será o eixo norteador na construção dos Capítulos, juntamente com os Sonhos desejados (item 3.1) das crianças e dos adultos (item 3.2) no Capítulo II.

CAPÍTULO II
1. O trabalho Infantil e as tramas do capitalismo

Auto-retrato do sistema fracassado:
(...) Eu sou aquele camponês que,
por não terem dado-lhe a terra para plantar,
mendiga o pão nas metrópoles
Eu sou aquele vagabundo que o caos social gerou
Eu sou aquele que, apesar dos desencantos e das
decepções, não perdeu o ânimo e a determinação
de continuar firme em busca de justiça social

(Versos do poeta e sindicalista Iraquitan Oliveira, da cidade de Palmares, Evento-Campo 09):

1.1 Neoliberalismo e Trabalho Infantil

No Capítulo I procurei recuperar a memória dos caminhos e procedimentos teórico-metodológicos desta investigação, os quais foram trilhados à luz do movimento da história da problemática do trabalho infantil e, conseqüentemente, do assalto à infância da classe trabalhadora.

Neste capítulo, vou adentrar na temática do trabalho infantil e seu principal gestor e algoz: o capitalismo neoliberal, uma vez tal temática ter emergido dos Eventos-Campos (Quadro 01, Capítulo I). Paralelamente a esta reflexão, trarei à baila a questão da repercussão da crise do capitalismo e sua incidência e conseqüências desumanas no campo sulcro-alcooleiro da Zona da Mata pernambucana (desemprego, precarização das relações de trabalho, êxodo, fome, miséria absoluta). Tais reflexões serão discorridas à luz da seguinte questão, surgida durante o processo de pesquisa: *Quais os efeitos, conseqüências e repercussões das destruições do capitalismo no setor sulcro-alcooleiro da Zona da mata pernambucana?*

Há, atualmente, na sociedade, um sentimento de grande inquietação e indignação frente à globalização e seus efeitos iníquos sobre o mundo do trabalho, a vida, a cultura, a economia, a política, enfim, as relações sociais. É neste contexto de grandes barbáries que ocorre a gênese de um novo século e um novo milênio. Há, em contrapartida, neste emaranhado de crise social, política e econômica, um grande alarde por parte das hostes neoliberais, caracterizando-se pela promessa de cidadania, num momento em que, recuperando a expressão de Florestan Fernandes (l996), *vivemos numa sociedade civil ainda não civilizada.* Este quadro não afeta apenas o Brasil, mas a quase todos os países do terceiro mundo, nos quais se ouve o eco rouco da retórica da

cidadania plena e digna. Isto tudo num país em que a maioria dos 160 milhões de brasileiros ainda não saiu do reino da necessidade e da exclusão econômica e sócio-cultural. São batalhões no exército de reserva dos sem-terra, sem-teto, sem-educação, sem-habitação, sem-justiça, sem-infância, sem emprego, e, sobretudo, sem-justiça, sem-riqueza, sem-presente e sem-futuro.

É neste contexto da Modernidade que a globalização[1], coerente e fiel aos seus pressupostos neoliberais, deixa rastros de exclusão e violência, produzindo com grande eficácia, simultaneamente, opulência para os ricos, e fome e miséria para a maioria da população. Deste modo é que os governos, aqui e alhures, promovem, perpetuam e acentuam a má distribuição da riqueza, da renda e da terra, deixando assim amalgamada uma grande dívida social já institucionalizada em séculos anteriores. Considerando os efeitos destrutivos deste processo, pode ser chamado de *Globalização da Pobreza* (Chossudovsky, l999) ou *Globalização da Miséria e Exclusão Planejada* (Ahlert, l997)[2], pois, ela existe por mecanismos econômicos, da política macroeconômica que produz reformas, cujas repercussões sob as populações empobrecidas, advém dos ajustes fiscais, cortes orçamentários nos setores sociais, privatização dos ativos do Estado e também dos serviços públicos, desindexação dos salários.

Vive-se, pois, num sistema puramente especulativo, numa economia virtual, pós-moderna, que não democratiza as riquezas e nem cria novos empregos (Passetti et alii., 1996). Ao contrário, promove a enxurrada de privatizações de empresas estatais, enxugamento do Estado, abertura de mercados, concessões de serviços públicos a firmas populares, etc... Neste sentido, o canto da

---

[1] Aqui compreendida como *(...) uma formação social globalizante; uma configuração geo-histórica, social, econômica, política e cultural contraditória, ainda pouco conhecida em sua anatomia e em sua dinâmica* (Ianni, 1996, p. 13-58). O conceito de Globalização é bastante controverso, podendo ser compreendido de diferentes formas e a partir de diferentes vieses e matizes epistemológicos, dada a complexidade de sua análise..Para Coggiolla (l997 : l09-l39) *(...) A Globalização não é senão a expressão ideológica da internacionalização sem precedentes das forças produtivas, e de sua completa inadequação à sobrevivência dos Estados nacionais, insuperável para o capital e suas supostas* ***instituições internacionais****. O* ***espasmo*** *não é uma especificidade francesa, mas a expressão de um processo universal: a revolta das forças produtivas da humanidade contra o anacronismo capitalista, revolta à qual só proletariado tem as condições de dar uma expressão*.O conceito controverso de Globalização é às vezes equivocada e acriticamente tratado como sinônimo de mundialização ou internacionalização (ver a esse respeito Coggiola (l997) e Ianni , l996). Para os seus críticos ferrenhos possui efeitos predatórios, enquanto uma forma de exploração capitalista. Para alguns dos seus entusiastas e adeptos, o neoliberalismo ela define uma nova era irreversível da história humana, apesar dos estragos que vem causando em termos de exclusão social(Folha de São Paulo, Caderno Especial: Globalização, 02/11/97).

[2] Na opinião do autor, as sociedades capitalistas começaram a experimentar a partir dos anos 60 um grande desenvolvimento internacional através do crescimento do sistema financeiro (bancos internacionais) e das empresas transnacionais. Tal desenvolvimento do capital além-fronteiras, motivou críticas fulcrais aos Estados-Nações que se constituíram no transcorrer da Modernidade.

sereia pós-moderno e neoliberal penetra nas relações de trabalho, fomentando o desemprego estrutural, o individualismo, a indigência e a miséria, tanto no campo como na cidade. É, então, sob a égide da suposta morte da modernidade, das utopias e das ideologias, que emergem os anúncios do efêmero, do individual, do estético, numa verdadeira cultura de evasão da realidade. Nestes termos é que *(...) A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica* (Harvey, l998: 148).

Assim é que a estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercantilização de formas culturais . Em linha gerais pode-se dizer que as principais características da ideologia pós-moderna são: a ausência de distinção entre esquerda e direita; a ciência como mero jogo de linguagem; a informação contando mais do que a produção; desmaterialização do dinheiro; a verdade confundida com desempenho; o relativismo cultural; o pluralismo e ecletismo doutrinários; a submissão ao Deus- mercado; as privatizações; a supremacia do espaço sobre o tempo; o fim da história e da memória; o econômico predominando sobre o social; a simbiose entre cultura e comércio; a pornografia de massa, a diminuição e banalização dos afetos; a recusa das causas e da gênese das coisas; a impotência cívica do voto; o banco dominando a fábrica (Harvey, l998; Anderson, l999; Vasconcellos, l999; Chauí, l999, Betto, l977). Em suma,

> *(...) de acordo com essa ideologia: a razão, a verdade e a história são mitos totalitários; o espaço e o tempo são sucessão efêmera e volátil das imagens velozes e a compreensão dos lugares e instantes na irrealidade virtual, que apaga todo o contato com o espaço-tempo, enquanto estrutura do mundo; a subjetividade não é a reflexão, mas a intimidade narcísica e a objetividade não é o conhecimento do que é exterior e diverso do sujeito, e sim um conjunto de estratégias montadas sobre jogos de linguagem, que representam jogos de pensamento* (Chauí, l999)[3].

O resultado de toda essa ingerência pós-moderna sobre a vida cotidiana da maioria dos trabalhadores, é que vivemos de simulações de trabalhar, sob a égide do trabalho precário que

[3] Cf.Marilena Chauí. *Maldição e Utopia*, Caderno de Resenhas, Folha de São Paulo, Jornal de Resenhas (p.2-3, l2/07/l999).

termina por repercutir nos chamados tempos de lazer e, assim é (...) *vivemos de simulações ao nos divertir, entreter ou amar* (Betto, 1977:45).

Na perspectiva social, a decantada *liberdade de mercado* e o suposto retorno ao *Estado Mínimo* pregam a *redução dos impostos* em benefício da acumulação privada de capital e a sufocação da suposta face de *bem-estar social*, patrocinada pelo Estado. Por conseguinte, a assistência social vê-se aniquilada e o Estado restringe, limita ou corta a partilha do excedente econômico do poder público com os excluídos e miseráveis das mais diversas categorias (Fernandes, 1984:12-13).

Essas idiossincrasias do Estado Capitalista são forjadas em nome de uma suposta liberdade e sob um clima de *repressão*, cujo objetivo maior é a inculcação do mito da erradicação da miséria, da má distribuição de renda, do desemprego, da reforma agrária, do trabalho infantil e outros pontos da agenda social.

Essas reflexões são basilares para o entendimento de que é no limiar de final de século e início de um novo milênio que a *classe que-vive-do-trabalho* , sobrevive do trabalho e morre sem trabalho é forçada a enviar seus filhos de forma precoce para o processo produtivo de exploração da mão-de-obra barata. Esse fenômeno é inerente à globalização do mundo do trabalho, que tem provocado fortes e marcantes transformações na sociedade contemporânea. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva na era da acumulação flexível, dotada de forte caráter destrutivo, vêm acarretando uma onda avassaladora de desemprego. Há, neste sentido, inúmeras destruições das forças produtivas, e do meio ambiente, e da força-humana de trabalho em escala internacional. A violência é tão grande que aproximadamente mais de l bilhão de pessoas, segundo dados da OIT, encontram-se atualmente exercendo *trabalhos precarizados* tornando-se literalmente excluídas do mundo do trabalho , sem contar aqueles tantos milhões que estão condenadas ao *medo e ao sofrimento*, impostos pelas ameaças de perda de seus postos de trabalho (Dejours, l999; Antunes, l995).

Não se pode fazer vistas grossas ao fato de *(...) o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego que atinge a humanidade que trabalha em escala globalizada. Da Inglaterra à Espanha, do México à Argentina, da Rússia à Índia, para não falar do Brasil* (Antunes, l995). O que é visível e notório atualmente é que

quanto mais se abrem os mercados, quanto mais se avança na competitividade e na *integração mundial*, mais explosivas e iníquas tornam-se as taxas de precarização ou inclusão precária, exclusão absoluta, miséria e desemprego. Aliás, por falar das conseqüências de todo esse processo de acumulação flexível no Brasil, Tavares (l999 : 7) nos mostra a radiografia da desorganização da vida econômica nacional, a qual a autora chama de *Destruição Não Criadora* e cujo quadro é o seguinte: *desemprego e degradação das contas de trabalho; déficits crescentes nas transações comerciais e de serviços com o exterior; dependência e vulnerabilidades cada vez maiores da economia vis-à-vis os movimentos do capital financeiro internacional; desestruturação de amplos seguimentos do sistema produtivo industrial; delapidação do patrimônio público; liquidação; dos poucos complexos industriais existentes no país com capacidade de atuação global e captação autônoma de recursos externos; desnacionalização acelerada da produção e do investimento privado; desmonte do setor público e sucateamento da infra-estrutura de serviços básicos; endividamento interno e externo em progressão geométrica e desajuste fiscal permanente são alguns dos resultados do processo de estabilização e ajuste estrutural associado ao Plano real e às reformas econômicas impulsionadas pelo atual governo.*

Todo esse processo destrutivo e auto-destrutivo do capital termina por gerar uma *sociedade de escravos*, no dizer de Viviane Forrester (l997) ou uma *sociedade dos excluídos e dos precarizados*, cujas conseqüências desse processo de acumulação desenfreada podem ser sinteticamente representadas dessa forma, conforme nos aponta Antunes (op. cit):

> *a) existe hoje uma crescente redução do proletariado fabril, estável, que se desenvolveu na vigência do binômio taylorismo/fordismo;*
>
> *b) há um enorme incremento do subproletariado fabril e de serviços que têm sido, freqüentemente, denominados de trabalho precarizado e de tempo parcial, também chamados de terceirizados, subcontratados ou par-time;*
>
> *c) verifica-se uma heterogeinização do trabalho, expressa aumento crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário;*
>
> *d) utilização da força humana de trabalho das crianças no lugar dos trabalhadores adultos;*
>
> *e) há um incremento dos assalariados médios e de serviços, embora o setor de serviços já presencie, também, traços de desemprego tecnológico;*

Segundo o autor o desemprego estrutural, atingindo o mundo em dimensões globais, termina por promover *uma processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos*.

Neste sentido, promove um processo de maior heterogeinização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora. Em obra mais recente[4], o autor, discorre sobre as conseqüências da acumulação flexível, reafirmando as profundas mutações no interior do mundo do trabalho, entre elas, o crescente desemprego estrutural em escala mundial, bem como o crescente contingente de trabalhadores em *condições precarizados*. Além disso, há uma degradação que se multiplica, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias e para a valorização do capital . Uma de suas teses, portanto, é de que a sociedade do capital e sua lei do valor necessitam cada vez *menos* do trabalho *estável* e cada vez mais das diversas formas de trabalho parcial ou *par-time*, terceirizado, que se constituem, em escala crescente, parte construtiva do processo destrutivo capitalista. Há, portanto, a tese de que *o capital não tem mais interesse em explorar o trabalho abstrato*[5], que acaba por se converter na tendência da redução do trabalho vivo e da ampliação do trabalho morto. Ao mesmo tempo em que assim se desenvolve, o capital recorre cada vez mais às formas precarizados e intensificadas de exploração , que se torna ainda mais fundamental para o seu ciclo trabalho reprodutivo num mundo onde a competitividade é a garantia de sobrevivência das empresas capitalistas . Nesta perspectiva , o único impulso do capital é valorizar-se, criar mais-valia, absorver com sua parte constante os meios de produção e a maior massa possível de mais-trabalho (Antunes, l999: l5) . Desta forma, ele *(...) é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais trabalho vivo chupa* (Marx, l988: l79-l80).

Este panorama apresenta drástica conseqüência: a substituição da força de trabalho do adulto pela da criança. Essa tem sido uma tendência internacional tanto no terceiro como no primeiro mundo (ex.: Espanha, Portugal, Reino Unido, Alemanha e outros) (Revista Atenção, 1995). Neste aspecto, urge destacar três fatores que, no âmbito dos impactos da globalização sobre o mundo do trabalho, desencadeiam o processo de exploração do trabalho infantil, a saber:

---

[4] Cf. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.*

[5] O *trabalho concreto* corresponde à utilidade da mercadoria (valor de uso), enfim à dimensão qualitativa das diversas formas de trabalho útil. Já o *trabalho abstrato* diz respeito ao valor de troca das mercadorias, independentemente das variações das características particulares dos diversos ofícios.O trabalho abstrato, portanto, diz respeito ao dispêndio de energia humana ou de trabalho humano, sem levar em consideração as diversas formas em que é empregada. Em suma, é nessa qualidade de trabalho humano abstrato que o trabalho cria o valor das mercadorias (cf. Marx, l988: 45-78; Bottomore, l997: 383-384; Cattani, l997: 268-274).

desemprego, flexibilização do mercado e *terceirização*. Isto posto, é preciso não perder de vista que as crianças que trabalham precocemente, comprometem o seu desenvolvimento em todas as suas dimensões (bio-psicossociais, culturais, intelectuais, etc) e, além de eliminar os postos de trabalho de milhões de pais de família, competem com estes com salários pífios, convertendo-se assim em arrimos de família, trabalhadores precários e desqualificados num tempo que deveria ser de formação e ludicidade, mas que solapa-lhes a infância, desestruturando as famílias, gerando constrangimentos para os adultos, destruindo o presente e o futuro.

A incorporação precoce do braço infantil nessas formas de trabalho precário e clandestino termina por suprimir os direitos anteriormente conquistados pelos trabalhadores e de tal sorte que *(...) Hoje o filho-criança desemprega o pai-adulto, porque seu trabalho é mais barato. Ou o filho-criança completa o salário ou o ganho do pai-adulto porque o que este recebe é insuficiente para sustentar a família* (Martins, l993: l3-l4).

Dados mais recentes indicam que a massa de *crianças carentes de infância* (Ibidem) têm aumentado consideravelmente, na medida em que se baixa o custo de encargos sociais, diminuindo-se os salários, ocasionando assim o desemprego dos pais a partir do incremento de *novas tecnologias*[6]. Segundo a OIT, estima-se que 250 milhões de crianças no mundo e 7,5 milhões no Brasil estejam realizando as tarefas mais humilhantes, forçadas e insalubres. Estas crianças estão sujeitas ao abandono e obrigadas a ocupar os postos de trabalho de 30% da população ativa do mundo. São obrigadas a passar da condição de consumidoras para provedoras da renda familiar, abdicando assim da infância, e ocupando os postos de trabalho dos pais.

[6] Ver em Marx: *A Máquina e a Indústria Moderna*, onde o autor analisa as conseqüências da mecanização que substitui o trabalhador no contexto da Revolução Industrial no início do século. *O Capital*, livro I, capítulo III, 4º ed., 1990.

1.2 O neoliberalismo no banco dos réus dos Tribunais Contra o Trabalho Infantil[7]

Na atualidade, protestos radicais contra a exploração do trabalho infantil já foram de forma veemente evocados pelos sindicatos de trabalhadores franceses: *devolvam o emprego do meu pai, eu não quero trabalhar!!!* (Revista Atenção, op.cit.:14). Além disso, existem na produção teórica e na militância política elementos que responsabilizam a política neoliberal pelo aumento cada vez maior da miséria e as suas conseqüentes repercussões na família e, em especial, na infância. Além dos governos, são considerados culpados o *Fundo Monetário Internacional*, o *Banco Mundial*, a *União Européia*, o *Tratado de Livre Comércio* e a *Organização das Nações Unidas*, cujos princípios e concepções conduzem ao agravamento da exploração do trabalho infantil, em especial nos países do terceiro mundo[8]. As políticas e planos de ajuste, que são regidas pala batuta dos pressupostos políticos e econômicos e imperialistas dessas instituições do capital internacional, vêm provocando cortes nos gastos sociais e tudo isso sob os pretextos da austeridade fiscal e do equilíbrio do orçamento, o que termina por repercutir na diminuição e cortes das verbas para Educação, Saúde, Moradia e programas de assistência e proteção à família e à infância (Galeano,l999; Chomsky, l997; Chossudovsky, l999; Furtado, l998; Pochmann, l999), cujos impactos repercutem, sobretudo, nos países periféricos, aumentando assim a plêiade de miseráveis e *novos pobres* (classe média). Essas preocupações ganham maior relevância se pensarmos que há três anos atrás o *Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil do México* (Evento-Campo 02) denunciou, através de testemunhos, fatos e documentos, que o número de crianças expostas à exploração do trabalho infantil era de aproximadamente 200 milhões. O Departamento do Trabalho norte-americano anunciava, na época, que seriam 400 milhões no ano 2000. Após três anos, a meio caminho desta previsão, 300 milhões de crianças trabalham em todo o mundo, ocupadas com as tarefas mais pesadas e desumanas. Trata-se, segundo a própria sentença do *Tribunal Internacional Contra o Trabalho*

---

[7] Os *Tribunais Independentes* cumprem, ao longo da história, as suas funções sociais, políticas, jurídicas e democráticas, possuindo legitimidade para propor eventos e para julgar crimes que coloquem em risco as *relações sociais com potencialidade de lesão* (Santos, l996). O autor coloca em seu texto *Os Tribunais na Sociedade Contemporânea* que os tribunais independentes são um dos fenômenos mais intrigantes da Sociologia Política e da Ciência Política Contemporânea. Segundo ele, os tribunais revelam um crescente protagonismo social e político por toda a Europa e Estados Unidos.

[8] Cf.Tribunal Nacional Contra o Trabalho Infantil, *Revista Motrivivência* (1995), Tribunal Infantil Independente contra o trabalho Infantil, *Revista Motrivivência* (1996).

Infantil de São Paulo (Evento-Campo l0) de uma progressão desejada, planificada e organizada pelas instâncias do capitalismo internacional.

Como se pode perceber, os representantes do poder do capital privado internacional, com os quais os Estados (Nações) contraem dívidas públicas, fazem com que, na prática, os cidadãos tenham que pagar para que seus governos façam o que esses organismos privados exijam que façam. Isto significa dizer que eliminem o déficit público, isto é, destruam, ou não criem, invistam em políticas sociais que sirvam de paliativo e/ou fomento à barbárie econômica.[9] Sendo assim, todo quadro descrito vem tendo fortes ressonâncias na redução dos salários e dos empregos, das verbas para a Educação Pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada, além de promover um caos social generalizado que termina por consolidar a face destrutiva e auto-destruidora do próprio capitalismo.

É, pois, nestes meandros conjunturais que há um aumento crescente da exploração do Trabalho Infantil em função dos impactos sociais acarretados pelos planos de ajuste internacionais, questão esta que já vem sendo discutida e denunciada pelos movimentos sociais, sobretudo a partir do Tribunal Nacional Contra o Trabalho Infantil em l995 (Evento-Campo 0l), cujas conclusões da sentença assim se apresentaram:

> (...) *A exploração do trabalho infantil, em nosso país, não é fruto* ***tão somente de empresários inescrupulosos, mas reflete a adequação de nossos governos e instituições às políticas dos chamados planos de ajuste estrutural*** (grifo meu). ***Quem está no banco dos réus é todo um sistema de exploração do trabalho assalariado*** (grifo meu) *que se beneficia do trabalho infantil; (...) A inserção precoce ao mercado de trabalho compromete as gerações futuras ao alijar as crianças e adolescentes do* ***direito à infância, ao lazer, à escola, ao desenvolvimento físico e mental*** (grifo meu) *; (...) A sobrevivência da exploração do trabalho humano, em benefício do lucro, leva à desagregação social, com conseqüências mais penosas para as crianças desprotegidas e à mercê de todos os tipos de exploradores; (...)Este Tribunal atribui a responsabilidade à ONU que, no Programa de Ação de sua recente Cúpula Social, ao invés de exigir dos Governos do mundo a ratificação da Convenção l38 da OIT, legitima, na verdade, o trabalho infantil quando propõe* ***a proteção de crianças que trabalham na rua .***

Também na opinião dos participantes do Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil do México (Evento-Campo 02), os planos estruturais de ajuste do FMI e Banco Mundial, adotados por quase todos os governos do planeta e do governo brasileiro, pretendem orientar-se

[9] Cf. Chauí, Marilena. Folha de São Paulo, Jornal de Resenhas. Discurso Editorial/USP/UNESP. Maldição e Utopia, (f. 2.-3, l2/07/l997).

para uma economia de livre mercado, cujo objetivo central é a maximização do lucro e não consideração sobre as conseqüências desumanas da atividade econômica capitalista sobre as populações cada vez mais imersas no reino da necessidade e da precarização.

A veemência das denúncias apresentadas no Tribunal do México e do Brasil, no que tange aos programas de ajuste estruturais sob a tutela das instituições de Bretton Woods, dizem respeito à violência do intervencionismo dessas instituições financeiras em todo o mundo. Como se sabe, o caráter intervencionista das aludidas instituições atingem o Terceiro Mundo, o Leste Europeu e também os países industrializados, todos vítimas de reformas impostas pelo FMI e Banco Mundial. Tais reformas ou *Cardápios do FMI* restauram os padrões coloniais, barram o planejamento nacional e a pretendida democracia e solapam projetos que beneficiam a população, enquanto estabelecem a estrutura de um mundo de crescentes desigualdades, contando com uma grande maioria relegada ao sofrimento e ao desespero no interesse de pequenos setores de privilégio e poder (Chossudovsky, l999:28).

Os Planos de Ajuste Estrutural do FMI, através de seus pacotes intervencionistas e de *estabilização* econômica, teoricamente, quer dizer, ideologicamente, têm a intenção de *ajudar* os países na reestruturação de suas economias. A finalidade é gerar um superávit nas balanças comerciais destes países para que estes possam pagar a dívida e iniciar um processo de recuperação econômica. Na prática, porém, o que se vê é um processo de enxugamento do Estado e de *apertar os cintos,* que é imposto pelos credores, solapando assim a recuperação econômica e a capacidade dos países para quitarem suas dívidas. Em outras palavras, os ajustes estruturais contribuem para o aumento da dívida externa e da dependência. A denúncia formulada no Tribunal do México sobre a relação do aumento do desemprego dos adultos com o crescente aumento da utilização da mão-de-obra infantil faz sentido e é perfeitamente visível no Brasil, onde metade da população vive abaixo da linha de pobreza, tendo que suportar ainda mais, os impactos das intervenções de socorro do FMI, cada vez mais devastadoras e cujas perspectivas são:

> *(...) Amplos setores da população brasileira de l60 milhões de trabalhadores serão lançados à pobreza abissal. Regiões inteiras do país serão empurradas na recessão. O governo atual será enfraquecido com a iminente fratura fiscal federal, os governos estaduais serão deixados à própria sorte. As regiões do país tornar-se-ão cada vez mais balcanizadas; como na Indonésia e na Coréia, os investidores de Wall Street serão convidados a recolher os cacos* (Chossudovsky, l999 302).

Aliás, a questão do desemprego sempre foi bastante abordada, principalmente na relação direta com o trabalho infantil. Em todos os depoimentos havia a denúncia de que o neoliberalismo desemprega os adultos, proletarizando-os, condenando-os, gradativamente, à *desregulamentação* e à *flexibilização* e que termina por atirá-los no *setor informal ou trabalho à margem da lei* (Galeano, l999 :l69-l87) o que significa a inclusão dos trabalhadores no mundo do trabalho precário. A conseqüência nefasta de todo esse processo de globalização da economia, é a tendência galopante desses postos de trabalho serem ocupados a preço de banana pela mão-de-obra barata das crianças e adolescentes. A esse respeito, havia durante a Marcha Global Contra o Trabalho Infantil (Evento-Campo 06) uma crescente tomada de consciência sobre as perversidades cometidas pela reestruturação produtiva do mundo do trabalho neoliberal, cujo fruto amargo é o desemprego ou o emprego precário, ambos responsáveis pela destruição das relações sociais , das relações de trabalho, da família, da infância. Nesta perspectiva, durante a Marcha ouviam-se os ecos do jargão brasileiro *toda criança na escola*, que eram severamente criticados, pois, no entender dos sindicalistas, não bastava colocar as crianças na escola, mas sim, promover uma Educação efetivamente pública, de qualidade e desconstruir o conceito de Estado neoliberal, para que, desta forma, pudesse haver uma outra concepção de políticas públicas e sociais, conseqüentemente, de distribuição de renda, justiça e terra.

Considerando o quadro conjuntural insistentemente colocado no Tribunal e à luz desse quadro acima descrito por Chossudovsky sobre a realidade atual, pergunto-me: *com o empobrecimento e a devastação social das populações rurais, como será possível para as crianças terem um tempo efetivamente livre das pressões e constrangimentos, se o peso e as repercussões dessas políticas macro -estruturais recaem sempre sobre as costas delas? Como é possível brincar sob a ameaça do abandono do Estado ou das suas políticas assistencialistas, emergenciais, precárias e sem consistência e referência social?*

1.3 O Trabalho Infantil e os planos de ajuste estrutural

Os planos de ajuste estrutural, como já foi mencionado, promovem uma deterioração geral da classe trabalhadora, atingindo, sobremaneira, a infância e adolescência. Em razão disso é que o Trabalho Infantil vem aumentando em função de uma forte tendência na implantação das *zonas econômicas livres* ou nas *zonas econômicas especiais*, onde é mais fraca ou proibida a atividade sindical, e onde as legislações do trabalho não têm vigência. Assim, o Trabalho Infantil é instaurado não como um fenômeno isolado, mas como um ponto terminal de uma corrente que pressiona e puxa para baixo o conjunto das legislações, códigos e valores de remuneração do trabalho em todo o mundo.

A liberdade total para os investidores capitalistas é estimulada pela generalização do chamado *livre comércio,* sobre os preceitos do FMI e do Banco Mundial, aos quais se junta a OMC (Organização Mundial do Comércio). Durante os tribunais foi citado um exemplo da interferência do livre comércio nas fabricas de brinquedos. Essas fábricas foram inicialmente relocalizadas para Hong-Kong e, em seguida, migraram para a Tailândia e, mais recentemente partiram para as *zonas econômicas especiais* da China. Os investidores migrantes, habitualmente burlavam as normas sociais, sanitárias e de segurança do trabalho e uma prova disso é que numa dessas fábricas de brinquedos em Hong-Kong, em l994, 200 trabalhadores, entre eles crianças, morreram num incêndio provocado por negligência criminosa do proprietário. Outro exemplo que ilustra a dinâmica perversa destas zonas econômicas especiais de livre comércio aconteceu numa fábrica de bonecas em Bangkok que incendiou-se. Nesta, as jovens trabalhadoras que ganhavam menos de um dólar por dia, comiam e dormiam na fábrica, morreram queimadas vivas, pois as dependências da fábrica estavam fechadas por fora; ou seja, exatamente como os barracões no tempo da escravidão (Galeano, l999: l79). Isto quer dizer que as crianças que deveriam estar brincando com esses brinquedos, jamais tinham acesso a eles, e portanto, ao processo e ao produto dessas *mercadorias lúdicas,* desses brinquedos; e o pior é que esses brinquedos são vendidos a um preço irrisório para outros mercados, no mercado informal de quinquilharias, sob a mácula do sacrifício e da vida de inocentes.

De fato, a partir de l982, o FMI e o Banco Mundial foram designados como autoridades centrais capazes de exercer o poder coletivo das Nações-Estado capitalistas sobre as negociações financeiras internacionais. Este poder do capitalismo internacional continua a ser empregado para forçar as reduções dos gastos públicos, cortes dos salários reais e a austeridade nas políticas fiscal

e monetária, de tal maneira que chegam a provocar uma onda dos chamados ***distúrbios do FMI*** de São Paulo a Kingston e Jamaica e do Peru ao Sudão, Egito (Harvey, l992:l35-l62).

Todo esse quadro descrito por Harvey (l998); Chossudovsky (l999); Galeano (l999) e denunciado nos Tribunais Internacionais Contra o Trabalho Infantil (Eventos-Campos 0l, 02 e 09) é de grande atualidade, principalmente no âmbito do atual governo brasileiro que se constitui um fiel e obediente escudeiro dos interesses do capital internacional e cujos resultados nefastos repercutem na redução dos salários dos trabalhadores , dos empregos, das verbas para a Educação Pública, Gratuita e de Qualidade, além de promover um caos social generalizado, consolidando, assim, a face destrutiva e auto-destruidora do próprio capitalismo. Em síntese, o Tribunal Nacional ao responsabilizar o Banco Mundial e o FMI pela destruição da força humana de trabalho (Antunes, l995; Antunes, l999; Galeano, l999), culpabiliza direta e indiretamente estes pela exploração da mão-de-obra barata infantil no Brasil e alhures. O teor das acusações dos tribunais, era de que o desemprego estrutural é a principal causa da utilização da mão-de-obra infantil, terminando por imprimir uma tendência de substituição dos postos de trabalho dos adultos pelas crianças.

Também os tribunais do México e São Paulo chegaram à conclusão de que as políticas aplicadas, em todo o mundo pelas multinacionais, pelas instituições financeiras internacionais e governos, visam atualmente a uma desregulamentação do trabalho, à flexibilização, à individualização do contrato de trabalho, dos horários e dos salários, a privatização da educação, dos sistemas de saúde e dos serviços públicos. Nestes termos, todo esse processo destrutivo da força humana de trabalho, resulta na exploração de milhões de crianças, em virtude de milhões de pais e mães serem jogados no desemprego, na incerteza e na miséria. Nesta perspectiva é que se pode dizer que se forma, assim, um círculo vicioso no qual, de um lado, as crianças submetem-se a um salário de miséria, aumentando o desemprego dos adultos e baixando os seus salários; e, de outro lado, o desemprego dos adultos tende a fazer do trabalho infantil a única possibilidade para aumentar a pífia renda ou ausência na estrutura familiar. Em vista disso é que, utilizadas como mão-de-obra não organizada, mais dócil, as crianças tornam-se assim, uma arma nas mãos do capital para pressionar o conjunto dos trabalhadores assalariados (Chossudovsky, l998, Galeano, l999, Pochmann, l999). O corpo de jurados e testemunhas reunidos no Tribunal de São Paulo reafirmou a sentença do Tribunal do México, a partir do resultado a saber:

> *(...) São culpadas as multinacionais que estendem o trabalho terceirizado no labirinto do setor informal, na agricultura, nas **zonas francas**, nas maquilados (montadoras), nas oficinas que escapam a qualquer regulamentação do trabalho. Nós acusamos as multinacionais que, no quadro de negociações internacionais, tais como o MAI (Tratado Multilateral sobre Investimentos) e outras, procuram se dotar de plenos poderes para aniquilar todas as regulamentações nacionais e internacionais;*
> *(...) É culpado o FMI que, em acordo com os governos, impõe em todos os países, planos sobre planos de ajuste estrutural, a destruição dos serviços públicos, da escola, da educação, da saúde;*
> *(...) É culpado o Banco Mundial que através da concessão de empréstimos, exige a implantação de reformas educacionais que retiram dos estados a condição de formuladores de políticas educacionais, transformando a escola em campo de ação do capital privado;*
> *(...) São culpados a OMC (Organização Mundial do Comércio), a OUA (Organização da Unidade Africana) a ONU e as cúpulas ditas **sociais**, tal como aquela de Copenhague, cuja orientação permanente confessa é a demolição das Convenções da OIT;*
> *(...) São culpados os tratados de livre comércio, tais como o NAFTA(Tratado de Livre Comércio da América do Norte); a ALCA (Área de Livre Comércio das América); o Mercosul (Mercado Comum da América do Sul); o CARICOM (Caribe) e APEC (Comunidade Econômica da Ásia-Pacífico), que organizam em escala regional, e de continentes inteiros a destruição de milhões de empregos, a desregulamentação do trabalho, a destruição da previdência social;*
>
> *(...)É culpada a União Européia, cuja diretiva de 22 de junho de l994, por exemplo, elaborada contra a opinião dos especialistas da OIT, autoriza explicitamente o trabalho infantil de l3 a l4 anos, especialmente através dos estágios e outras formas de **escola empresa**, e até trabalhos perigosos;*
> *(...) São culpados os governos que, ao longo dos últimos três anos planificaram e organizaram o aumento do trabalho infantil.*[10]

O conteúdo da sentença deste Tribunal ataca em cheio as tendências econômicas e financeiras dos movimentos de internacionalização dos mercados e de integração supranacionais que vitimiza as populações e os sistemas de proteção dos países da América Latina, criando através dos *Ajustes Macroeconômicos internacionais* novas formas e acentuando modelos tradicionais de exclusão social: subemprego, baixos rendimentos e informalidade (Pochmann op. cit.:49-50). Este processo de internacionalização das economias leva, em tese, à maior circulação de capitais, ao mesmo tempo em que abre oportunidades para a mobilidade da mão de obra. Contudo, diante das novas formas de exclusão social, reduzem-se as possibilidades de mobilidade abrangente de parcelas da população, contribuindo, desta maneira, para o desequilíbrio na repartição dos benefícios do progresso econômico. Neste contexto é que, quando os programas sociais deixam de ter como meta o atendimento universal da população, restringidos pelos ajustes

[10] Ibidem

macroeconômicos (corte do gasto público, privatização, focalização dos recursos e descentralização das ações) ressurgem, com maior incidência, as ***medidas de caráter assistencial***[11] (grifo meu) .Tais medidas, algumas vezes, são desenvolvidas pelo chamado *Terceiro Setor*[12], através de algumas ONGs não comprometidas com os interesses da classe

trabalhadora de orientação liberal, portanto, não militantes ou social-democratas, e financiadas pelo capital internacional que passam a assumir as responsabilidades que são do Estado: *(...) E longe de nos dar segurança, nos inquieta o desenvolvimento de ONGs fomentadas e financiadas pela ONU, FMI e Banco Mundial, que surgem para se ocupar do trabalho infantil* (Declaração da Audiência Nacional Preparatória ao Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil).

No Brasil o Tribunal Nacional Contra o Trabalho Infantil/ Seção Preparatória para o Tribunal do México em l995 (Evento-Campo 0l), teve o seguinte desfecho em sua sentença: a) condenou como crime de *lesa-humanidade* a exploração do Trabalho Infantil; b) condenou e denunciou toda a sociedade brasileira, os beneficiários deste crime, o grande capital nacional como o setor sulcro-alcooleiro e internacional como o japonês, francês, alemão e italiano nas siderúrgicas de Minas Gerais. Condenou também todos que auferem lucros na cadeia produtiva, empregando direta ou indiretamente, a mão de obra infantil e todos os que se beneficiam do rebaixamento do custo do trabalho; c) condenou e denunciou os responsáveis por toda esta situação, pela manutenção e expansão da exploração do Trabalho Infantil. O *executivo* que, com sua política, amplia a situação de miséria do povo O *legislativo* que aprova leis, permitindo que se amplie o emprego de crianças, como o retrocesso em relação ao limite mínimo de admissão ao emprego, um deles, aprovado em l988. A justiça que se omite em aplicar leis protecionistas, como ocorre freqüentemente no Brasil, no sentido de coibir a exploração de crianças; d) condenou os que, pela conivência com esta praga que se alastra em todos os estados da federação, ***em todos os ramos da economia*** (grifo meu), concorrem para a exploração das nossas crianças[13] e adolescentes, conforme pode-se constatar, através do quadro indicativo dos diversos mundos da exploração infantil no Brasil, esboçado a partir do *II Encontro de Meninos e Meninas Trabalhadores da Agricultura/CONTAG* (Evento-Campo 03):

---

[11] A crítica a esses programas assistenciais (ex: Programa Mão Amiga, Bolsa Escola) será tratada mais adiante neste capítulo à luz das obras de Martins, Bourdieu, Demo e outros.

[12] Todavia, segundo Gohn (l997) existem diversas categorias de ONGs e Movimentos Sociais que não possuem o mesmo papel político e ideológico da categorias de ONGs supramencionadas.

[13] Ibidem

Mundos do trabalho Infantil	
Mundo Urbano	Mundo Rural
marcenarias, serrarias, oficinas mecânicas, comércio, jornaleiro, vigias de carro, vendedores de picolé, flanelinhas.	cana-de-açúcar, alho, algodão, sisal, laranja, gesso, carvão, garimpo, quebra-de- pedra, resina de pinus, sal, cerâmica, castanha de caju, tomate, arroz, babaçu.

O Tribunal Contra o Trabalho Infantil de São Paulo esboçou um panorama internacional sobre a situação da infância no mundo, a partir das denúncias sobre os maus-tratos generalizados contra as crianças dos diversos continentes participantes do evento. O representante do Senegal, *Abdoulaye Koté*, denunciou a violação dos direitos humanos e a utilização de crianças, enquanto soldados, nas chamadas *guerras de limpeza étnica*[14] e as condições traumatizantes e degradantes das crianças traficadas para o mercado do trabalho escravo em alguns países da África como Senegal e Sudão. Segundo ele, existem maus-tratos, abusos sexuais e prostituição infantil: *(...) As crianças descobrem o seu corpo no horror e na confusão e por conta disso milhares delas sofrem com a perda da infância e não brincam. Gema López Limón*, representante do México, relatou que faz parte das estratégias do capitalismo de final de século, a ação de empresas multinacionais, como a coreana LG Eletronics, situada em Tijuana, que importa crianças órfãs e pobres da cidade do México sob rígida disciplina, jornadas extensas e formação militar sob o pretexto de formá-las para o mundo do trabalho. O representante da Indonésia falou em nome de toda a Ásia destacando, sobretudo, que na Índia, Indonésia, China e Bangladesh as crianças estão sendo vítimas do trabalho escravo e da prostituição infantil. Na Indonésia, por exemplo, em face dos 30 milhões de desempregados adultos, as crianças são arrebatadas das estações rodoviárias e aglomerações urbanas para o trabalho pesado nas ilhas. No Peru, as crianças pobres trabalham excessivas jornadas nas fazendas de açúcar e no meio urbano vivem do lixo, dormindo nas ruas, sarjetas, túneis e canos de esgoto.

Em suma, os diversos eventos-campos, sobretudo os relacionados aos Tribunais Contra o Trabalho Infantil; a Marcha Global Contra o Trabalho Infantil; os eventos da CONTAG e FETAPE; todos estes foram unânimes em responsabilizar as instancias do capital especulativo

[14] cf. Boletim da Anistia Internacional (Março, l999).

internacional pelos planos de ajuste adotados em favor dos ricos e contra a horda de pobres cada vez mais crescente em todo o mundo.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Imagem da Marcha ao Congresso Nacional e ao Palácio da Alvorada, para a entrega de cartas de reivindicação pela erradicação do Trabalho Infantil ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao Presidente da Câmara dos Deputados e do STF (em anexo), organizada pela CONTAG por ocasião do II Encontro Nacional de Meninos e Meninas Trabalhadores da Agricultura
(Evento-Campo 04)

2. ENVEREDANDO PELOS CANAVIAIS: RETRATOS DA CRISE E OS IMPACTOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO SETOR SULCRO-ALCOOLEIRO

2.1 A situação atual da Zona da Mata canavieira

Nas incursões ou visitas ocasionais nos engenhos (Eventos-Campos 03, 05, 07, 08, 09) compreendi a complexidade desta investigação, principalmente no que diz respeito às delimitações. Nesta perspectiva, vivi durante todo o tempo o dilema de fazer recortes mais relevantes para a pesquisa e de buscar os elementos mais expressivos sobre a vida cotidiana do trabalho e do lazer das crianças. Em conseqüência disso, vi-me envolto com questões conjunturais ligadas à materialidade da vida dos trabalhadores rurais: fome, êxodo rural,[15] miséria

[15] Na cidade do Recife, constatei , através das minhas observações e da Mídia, que a situação das famílias migrantes das diversas regiões do Nordeste é desesperadora, pois estas são obrigadas a conviver com a exploração sexual das crianças no mercado da prostituição infantil para os consumidores do chamado Sexoturismo. As famílias são obrigadas a conviver com a desnutrição, a fome, o abandono e o próprio trabalho infantil no meio urbano.

absoluta, desemprego e outras, cujos impactos sob essas populações, são, sem sombra de dúvidas, oriundos da história da monocultura latifundiária do açúcar, iniciada, segundo Freyre (l997)[16] na primeira metade do século XVI e dos planos de ajuste impostos pelas instituições financeiras internacionais acima aludidas. Por isso, todas as vezes que me aproximava dos canaviais, sentia crescer em mim a convicção de que não bastava denunciar a supressão do lazer ou limitação deste para as crianças, não bastava apenas coletar jogos e brincadeiras e depois analisá-los. O que na verdade queria fazer, pensava eu, era articular as reflexões sobre a pobreza ou limitação dos lazeres infantis à dura realidade da vida local com habitações precárias, rios poluídos, escolas carentes, desemprego e subemprego.

À medida que ia descortinando o universo daquela realidade doce-amarga, via crescendo a certeza das relações imbricadas entre campo e cidade, pois já havia presenciado na cidade do Recife outras formas de degradação do humano, da infância, do trabalho e da vida, que me fizeram compreender, por exemplo, os descaminhos das famílias que migram neste jogo perverso de ir e vir para tal caldeirão de miséria. Portanto, posso dizer que uma das reflexões de maior peso durante a pesquisa de campo, foi pensar essas degradações das subjetividades e dos constrangimentos das crianças e famílias dos trabalhadores rurais, quando são obrigadas a abandonar toda uma vida e cultura rural, quando são obrigadas a violentar seus hábitos, seus jeitos de falar, jogar, trabalhar e se expressar, para enfrentar as mazelas da modernidade, do tecido urbano sonegador de cidadania. Foi nesta direção que estive pensando o tempo sobre as conseqüências do êxodo rural, sobre as relações campo-cidade:

> *(...) La relación campo-ciudad, relación dialéctica, oposición conflictuada que tiende a transcenderse cuando en el tejido urbano realizado se reabsorben simultáneamente el antiguo campo y la antigua ciudad. Lo que define la sociedad urbana va acompañado de una lenta degradación y desaparición de los campesinos, del pueblo; así como un estallido, una dispersión, una proliferación desmesurada de lo que antaño fue la ciudad* (Lefebvre, l973: l5).

[16] Segundo o autor, *(...) O açúcar não só abafou as indústrias democráticas de pau-brasil e de peles, como esterilizou a terra, numa grande extensão em volta dos engenhos de cana, para os esforços de policultura e de pecuária. E exigiu uma enorme massa de escravos. A criação de gado, com possibilidades de vida democrática, deslocou-se para os sertões. Na zona agrária desenvolveu-se, com a monocultura absorvente, uma sociedade semifeudal – uma maioria de brancos e brancarões dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal, não só os escravos criados aos magotes nas senzalas como os lavradores de partidos, os agregados, moradores de casa de taipa e palha, vassalos das casas-grandes em todo o rigor da expressão* (no prefácio à 1ª ed.: xlix).

De fato, quando se leva em consideração as relações imbricadas entre as pequenas cidades periféricas da Zona da Mata canavieira e a zona urbana metropolitana da cidade do Recife, percebe-se uma unidade em termos da materialidade da vida cotidiana, no que se refere-se a um quadro de degradação social. Neste sentido, as imagens de sujeitos que se vê na cidade do Recife são: pedintes, camelôs, desempregados, subempregados vagando penitentes e insistentes nas avenidas e pontes, por entre os edifícios monumentais e nas margens do belo, fétido e poluído rio Capibaribe. E tudo isso contrasta com a opulência dos condomínios e casarões de estilo colonial.

Foto: Maurício Roberto da Silva
O Campo na cidade *– Cenas da dura vida cotidiana das crianças catadoras de papel e suas famílias na cidade do Recife.*
(Evento-Campo 03)

Após diversas incursões que realizei no campo açucareiro, ficaram, portanto, as imagens do desemprego, usinas falidas e outras em decadência, migração para as pequenas e grandes cidades, prostituição, mendicância, alcoolismo, fome e miséria. No que atinge diretamente às crianças, estas vivem nas pequenas cidades realizando biscates como vendedores de picolé, algodão doce e outras quinquilharias, ou inseridas em outras formas de exploração do trabalho infantil a saber: borracharias, oficinas mecânicas, mercearias, armazéns e em outros pequenos negócios. Quanto às condições de trabalho, prevalecem a insalubridade , a falta de equipamento de proteção individual, inexistência de registro na carteira profissional, falta de instalações sanitárias e transporte adequado, excesso de jornada de trabalho, baixa remuneração, trabalho realizado a céu aberto, trabalho por produção, trabalho clandestino (Simas, l997).

Numa das visitas ocasionais que realizei nos engenhos, o que vi foram as usinas falidas, os portões fechados, o mato comendo, restando apenas os resquícios do passado de opulência em contraste com as lembranças da precariedade dos subempregos e as imagens das centenas de trabalhadores, hoje, desempregados.[17] Trabalhadores esses que continuam a vagar pelas péssimas estradas de acesso às pequenas e grandes cidades, muitos de pés descalço no asfalto ou na poeira da desesperança e, portando, na pele também, a história da seca e do descaso dos políticos para com a região. Durante este trajeto vi meninas muito novas e já grávidas pois, segundo a opinião de alguns trabalhadores, a procriação começa muito cedo, terminando por instituir uma vida prematura de adulto, sem direito à vivência da infância e da juventude, na verdade uma vida dedicada ao marido, aos muitos filhos, e duplas ou múltiplas jornadas de trabalho, quase sem nenhum lazer. Deste modo, as meninas viram mulheres muito cedo e muitas só conhecem o trabalho na roça, na cana, trabalho doméstico e, por fim, os lazeres restritos a bate-papo e causos.

Quando conheci de perto algumas moradias, observei que boa parte delas eram de taipa, nas quais viviam famílias com prole numerosa e sem a mínima infra-estrutura e condições dignas de vida, como apontam as estatísticas do Centro Josué de Castro (l995). Os números, neste sentido, indicam que, percentualmente, 48,2% dos domicílios de crianças e adolescentes trabalhadoras dos canaviais não possuem água encanada, e que 4l,5% não submetem a água de uso doméstico a qualquer tratamento alternativo. O esgoto adequado é presente em apenas 6,5% dos domicílios, reforçando o surgimento de doenças dependentes do ambiente .

[17] Segundo Stédille o retrato da crise atual na Política Agrária, pode ser constatada nas estatísticas. A área cultivada diminuiu em 8 milhões de hectares; importamos bilhões de dólares em produtos agrícolas; a renda média caiu 46%; em dez anos, 942 mil pequenas propriedades com menos de l00 hectares foram à falência: dois milhões de assalariados rurais perderam seus postos nos últimos cinco anos, obrigando milhares a migrar para os grandes centros, aumentando a marginalidade das metrópoles (Folha de São Paulo, 03/l3/l999, Opinião, l-3).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Uma mostra das péssimas condições de moradia de algumas famílias trabalhadoras da zona canavieira
(Evento-Campo 03)

Efetivamente, são essas algumas das imagens que tive ao deixar a cidade do Recife, a idéia de estar entrando num outro mundo, ou melhor outro submundo tão perverso quanto a capital e mais requintes de um tempo de barbárie. A idéia que se guarda na memória, quando se consegue sair emocionalmente ileso de tamanho caldeirão de maus-tratos é de que

> *(...) A roda do mundo parou no canavial, mas continuou a girar na Casa Grande. Os herdeiros dos senhores de engenho passaram a ser chamados de usineiros e empresários da cana. Atualmente conduzem seus negócios por meio de microcomputadores em salas refrigeradas, instalados nas principais cidades nordestinas, mas a sua natureza é a mesma de seus ancestrais. A natureza de um* predador. (Costa apud Simas 997: 11).

O espírito predador atingiu, além do homem, o Estado e o meio ambiente enquanto vítimas favoritas. O Estado é vítima conivente, às custas do dinheiro público e uma prova disso é o que se sucedeu em l995. Neste ano, o total de investimentos contraídos pelos usineiros no Banco do Brasil era de 4 milhões e 800 milhões de reais. Essa quantia se encontrava vencida sem que os devedores manifestassem a menor intenção de pagar a dívida, demonstrando com essa atitude que :

> *(...) A chantagem é a mesma há quinhentos anos: para honrar os débitos teriam que fechar usinas e desempregar milhões de canavieiros. Em nome do trabalhador, os governos renegociam as*

> *dívidas e enchem a pança do predador com novos empréstimos. As finanças das usinas de fato vão mal, mas as contas bancárias dos usineiros vão muito bem, obrigado* (Ibidem:l2).[18]

De fato, quanto a esse respeito, procurei escutar a opinião das sindicalistas da FETAPE (Evento-Campo 05)[19] a respeito dos motivos da crise, as quais foram incisivas em dizer: *(...) Os usineiros não estão mais interessados nestas terras mortas pela monocultura, eles estão investindo em outros lugares, em outros negócios como shopping centers, condomínios e outros ramos do comércio e da indústria*.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Imagem de antigo barracão desativado no engenho Humaitá- Palmares
(Evento-Campo 09)[20]

---

[18] Este processo de falência de pequenas e grandes empresas tem deixado um rastro de miséria, incerteza e desesperança. Convém destacar ainda que cada empresa fechada não se traduz apenas num PIB menor, mas sim, dezenas, centenas e até milhares de trabalhadores desempregados, sem receber salários atrasados, férias, décimo terceiro, etc. Todo esse processo vem gerando, portanto, uma grande massa de desempregados, de **vítimas de falências e má fé**, sem sequer ter o que comer. Enquanto isso os donos dos negócios *quebrados* continuam a ostentar o mesmo padrão de vida, sem ficar um centavo mais pobre. Enfim, a lógica é *empresa pobre,* empresário *rico* (Revista Autonomia, Julho/Agosto l999.

[19] Entrevista colhida no trajeto pelos engenhos e usinas da Zona da Mata Sul. As sindicalistas Geórgia e Maria de Lordes ajudaram-me a conhecer melhor a realidade e reencontrar as crianças que participaram do Evento 03 (Encontro Nacional de meninos e meninas Trabalhadores da Agricultura/CONTAG).

[20] Segundo Barbalho (1984. : 64) No Nordeste do Brasil, trata-se de estabelecimento comercial situado nas proximidades das usinas ou engenhos de açúcar, no qual se abastecem os trabalhadores da indústria açucareira. É raro o trabalhador do eito que não viva endividado no barracão da usina, cujas contas, ao que se diz à boca pequena, jamais tem fim. *(...) Quem compra fiado em barracão, quanto mais paga, mais deve – afirmam os* ***cabras*** *da bagaceira*. Via de regra, o trabalhador do eito não têm outra alternativa senão aquela de adquirir mantimentos para a sua sobrevivência no barracão da usina, o qual, para obrigá-lo a tornar-se seu freguês, de certo modo lhe facilita o crédito, embora este, cada vez mais, o torne escravo do estabelecimento. *(...) Aos abusos referidos quase sempre fazem vistas grossas os produtores, tendo, a esse respeito, constatado o pesquisador Telmo Maciel que, na sua área de pesquisa*, ***os proprietários rurais admitem a exploração dos trabalhadores pelos barracões..***.

Como se não bastasse a destruição da força humana de trabalho, ocasionada anteriormente pelo subemprego e pela exploração do trabalho de crianças e jovens e, hoje pelo desemprego em massa, os empresários da cana continuam a predação da Zona da Mata através da monocultura, poluindo o meio ambiente. Segundo estudos mais recentes, os poluentes são responsáveis pelo desaparecimento da *vida dos* rios e as estimativas de l989/l990 mostram que foram lançados nos cursos d'água nordestinos entre 22 milhões e 550 milhões de metros cúbicos de vinhoto, um subproduto da moagem da cana, fétido e ácido, que termina por absolver o oxigênio da água, matando os peixes (Andrade citado por Costa no prefácio do livro *Açúcar Bruto*, Simas, l997: 11-l2; Andrade, l998:234-238).

O mais grave de tudo isso é que a destruição dos rios ocorre justamente em regiões onde as populações carecem de abastecimento de água potável. Além disso, se levarmos em conta que boa parte dos lazeres incluem o banho de rio, então pode-se concluir que o usufruto do lazer ligado à natureza está comprometido ou suprimido. Nesta região, portanto, os modos de vida humanos, individuais e coletivos, evoluem no sentido de uma progressiva deterioração, que pode ser pensada a partir da Ecosofia; ou seja, da articulação ético-política entre os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana (Guattarri, l993: 8-9), e, acrescentaria um quarto componente : as relações de trabalho. Posto isto, há de considerar que *(...) Como o escorpião, capaz de agir contra a própria natureza, intriga o instinto auto-destrutivo dessa espécie. Senhor de engenho, usineiro ou empresário da cana, é um predador de homens, da natureza e dos cofres públicos, seus meios de sobrevivência* (Simas, op.cit: l2).

O geógrafo e historiador Manoel Correia de Andrade[21] chama a atenção para a atualidade das obras *Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mocambos* do sociólogo Gilberto Freyre. Nestas são considerados os prenúncios do meio rural com a sociedade patriarcal do período colonial, ainda dominante, na qual as relações entre o escravo e o senhor permanecem como dantes nas casas grandes. Assim, nesta mesma linha de raciocínio , prevalecem na capital pernambucana a dualidade básica entre Sobrados e Mocambos. Na cidade permanece, ainda hoje, lado a lado, as residências dos senhores e os mocambos construídos sobre palafitas, no leito dos rios, residência do pobre, do escravo ou do ex-escravo. A esse respeito, chamou-me bastante a atenção as casas,

[21] Cf Jornal do Comércio, Novembro/l999.

em sua maioria com poucos e pequenos cômodos, contrastando com a generosidade espacial das casas grandes, pouca ou nenhuma ventilação e habitada, às vezes, por famílias de prole numerosa, chegando a se constituir muitas delas de oito a dez pessoas. Porém, algumas poucas casas, apesar da miséria ostentada, possuem antena parabólica, financiada, muitas vezes, com o décimo terceiro salário ou com dinheiro que seria para a alimentação. O problema habitacional dos trabalhadores da cana me fez retroceder no tempo e na história ao clássico de Engels (1985) *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* no qual o autor nos fala em como as casas eram inabitáveis, obrigando os trabalhadores a viverem em instalações precárias por não poderem pagar aluguel em habitações de melhor qualidade. Vivendo, na maioria, em casas, os operários, não são como os ricos que fazem da própria casa um centro de lazer com piscinas, campos de tênis e futebol, churrasqueiras, saunas, salão de jogos, etc. As casas na região canavieira são verdadeiros cortiços, um espaço de convivência muito pobre que não permite quase nenhuma possibilidade de interação social e realização de jogos nas suas instalações e imediações, conforme apontam as representações das crianças através do desenho a seguir:

Desenhos de crianças do Programa Mão Amiga – Palmares
(Evento-Campo 09)

Não seria nenhum exagero retomar a Teoria do Trabalho Alienado (Marx, 1978.: 152), na qual o autor afirma que a Economia Política oculta a alienação na essência do trabalho, por não

considerar a relação imediata entre o trabalhador e a produção, repercutindo na vida objetiva do trabalhador, de tal sorte que: *(...) O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz desnudez para o trabalhador. Produz palácios para os ricos, mas cavernas para o trabalhador*.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Retrato de uma Casa Grande num engenho próximo à cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

Outra questão que me deixou bastante intrigado, antes mesmo de me preocupar com os folguedos infantis, foi a perversidade da *monocultura* da cana-de-açúcar que acabou contribuindo para uma *Geopolítica da Fome*, para uma destruição da terra e do corpo social do homem do Nordeste, conforme apontam as palavras de Castro (l967: 40) :

> *(...) Com a pele do seu solo magro, mal encobrindo o seu esqueleto de granito e calcário, dilacerada em vários pontos, rompidas pelas pontas das rochas mais duras que interrompem no meio da paisagem em brancos blocos escarpados, como se fossem mesmo os ossos da terra descarnada . Não é menor o sofrimento da terra que foi devorada pela cana. Da terra que a monocultura da cana-de-açúcar, introduzida nesta região, devorou em poucos anos com apetite insaciável, consumindo todo o seu húmus, engolindo todo o seu solo .*

De fato, as conseqüências da monocultura são as mesmas para a terra aviltada e para o homem explorado e sofrido nesta região marcada pelo coronelismo e pela dominação, de tal sorte que homem e natureza sofrem os impactos da ganância da acumulação desmesurada do capital. Nesta perspectiva, o açúcar arrasou o Nordeste, pois anteriormente à exploração, esta faixa de terra úmida do litoral possuía grande fertilidade, era um solo rico em húmus e sais minerais, coberto de matas tropicais da Bahia ao Ceará. Com sua natureza concebida para produzir alimentos, esta região passou a ser consumida pela fome e

> *(...) Onde tudo germinava com exuberante vigor, o latifúndio açucareiro, destrutivo e avassalador, deixou rochas estéreis, solos lavados, terras erodidas. (...) Ali onde a mais opulenta é a opulência, mais miserável se torna, terra de contradições, a miséria; região eleita pela natureza para produzir todos os alimentos nega-os todos: a faixa costeira ainda conhecida, ironia do vocabulário, como Zona da Mata, em homenagem ao passado remoto e aos míseros vestígios da floresta sobrevivente dos séculos do açúcar* (Galeano: l986, 84-85).

Além dessas conseqüências, segundo as sindicalistas da FETAPE (Evento-Campo 05), a monocultura causa ainda outros problemas e constrangimentos verificados por uma espécie de monocultura do trabalho e da produção agrícola, a saber: *(...) Os trabalhadores não sabem fazer mais nada, eles só sabem produzir cana!* Contra esta linha de pensamento, retrucaram as sindicalistas da FETAPE: *(...) Se os trabalhadores conseguirem assentamentos, precisarão de uns 400 anos para que essas terras voltem a ser produtivas, tamanho são os efeitos destrutivos da monocultura açucararia.* Neste sentido, é perfeitamente possível, e , isto já está acontecendo, o fato dos trabalhadores correrem o risco de terem suas prováveis terras assentadas consideradas improdutivas pelo INCRA: *(...) O próprio Governo pode autorizar os assentamentos e depois alegar que os trabalhadores são incompetentes e preguiçosos para* cultivar *estas terras.*

Para resolver esse impasse e eliminar esse risco, objetivando conseqüentemente a erradicação do Trabalho Infantil no âmbito da cana-de-açúcar, será preciso que o movimento sindical nesta região tenha como frentes de luta as seguintes reivindicações: *um projeto de reintegração social, com base nas políticas sociais estruturadoras que ofereçam à população rural Bolsa-Escola e uma Política Agrícola com incentivo à agricultura familiar, crédito agrícola mais eficaz, redistribuirão da terra (assentamentos produtivos), saúde, capacitação e previdência social.*[22]

[22] cf. Cartas emitidas ao Presidente da República, Presidente do Supremo Tribunal Federal e Presidente da Câmara dos Deputados, durante o *III Encontro de Meninos e Meninas Trabalhadores (as) da Agricultura*/CONTAG .

Foto: Maurício Roberto da Silva
Cenas da pesagem da cana na balança de um engenho próximo à cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

Imerso numa realidade gravemente afetada pela crise, impunha-se para mim o desafio de investigar o lazer das crianças e ao mesmo tempo não perder de vista a aventura mercantil que deu origem à exploração monocultora latifundiária da cana-de-açúcar, cujas conseqüências são até hoje: terra explorada, seres humanos explorados; quer dizer, um processo destrutivo calcado na batalha entre o trabalho escravo e assalariado do século XIX, que impunha aos trabalhadores condições desumanas de trabalho e moradia (Andrade, l998: 88)[23]. Em relação a isso, a fala de Júlio, l2 anos,[24] revela o cotidiano do duro trabalho na palha da cana e o pouco tempo para realizar as brincadeiras e manipular os brinquedos : *(...) Pai corta e eu amarro. Acordo às cinco da manhã e de seis às dez horas ajudo meu pai na cana, dou comida aos bichos e às treze horas, tomo outro banho e almoço. Na parte da tarde, continuo ajudando meu pai, tomo outro banho e às dezoito horas vou para a escola e depois volto, mais ou menos, às vinte horas já muito cansado.* Deste modo Melo Neto (l979:27) reitera em seus versos a dureza da vida dessas

[23] Na opinião do autor o século XIX foi para o Nordeste, sobretudo para a o ciclo do açúcar, um período de grandes transformações econômicas, políticas e sociais. Os velhos engenhos que durante séculos haviam tido uma evolução muito lenta foram sacudidos por várias inovações que melhoraram a técnica agrícola e transformaram profundamente tanto os processos industriais quanto os de transporte. Neste sentido, a cana-de-açúcar, que era a senhora absoluta das terras, passou a sofrer concorrência de outra lavoura de exportação que interessava também aos grandes proprietários – o algodão. Embora este concorrente tenha sido vencido na região úmida, foi durante muitos anos concorrente da economia açucareira (l998: 88).

[24] Trata-se do meu reencontro com Júlio na cidade de Ipojuca, para dar-lhe retorno do Evento-Campo 03 e confabularmos sobre o cotidiano de trabalho e lazer/lúdico nesta região

crianças supracitada por Júlio: *(...) a cana se cria ainda hoje, em mãos de barro de gente agricultura, o barrento da pré-infância logo aflora, quer inverno ou verão mele o açúcar* (Melo Neto, l979: 27).

A situação nos engenhos é de desespero e nitidamente visível, quando se visita as pequenas cidades periféricas em torno das usinas, boa parte delas falidas. Constata-se também o crescimento vertiginoso da prostituição, do trabalho infantil em pequenas cidades do interior (vendedores de picolé, carregadores de supermercados e de feiras livres etc), da mendicância e da fome. As razões e conseqüências de todo esse quadro descrito podem ser confrontadas através dos depoimentos de Andrade (Evento-Campo 03)[25]; Andrade, l988:236) :

> *(...) Hoje, a decadência da indústria canavieira, aliada à crise provocada pela globalização da economia, tende a colocar esta região em situação crítica. A desativação das usinas e a modernização da cultura da cana provocaram um grande impacto sobre a oferta de trabalho, generalizando o desemprego. Os habitantes do campo transferiram-se para as cidades, que* ***incharam****, de vez que tiveram um grande aumento populacional sem poder absorver a mão-de-obra que nela se instalou, dando margem ao surgimento de bairros periféricos, formados por habitações subnormais, carentes de serviços públicos mais elementares, como saúde, educação, abastecimento d'água e esgotos*

Foto: Maurício Roberto da Silva
Transporte de cana na Zona da Mata
(Evento-Campo 09)

[25] Boa parte dos depoimentos sobre a crise na região sulcro-alcooleira são oriundos da entrevista realizada com Professor Manoel Correia de Andrade no Instituto Joaquim Nabuco (Eventos-Campos 03 e o5). Todavia, vale salientar também, que utilizo neste capítulo artigos do referido professor escritos para o Jornal do Comércio de Pernambuco, bem como, o seu clássico *A Terra e o Homem do Nordeste* (l988).

Segundo Andrade, para falarmos sobre a crise no setor sulcro-alcooleiro, em especial, sobre a falência das usinas, é preciso considerar uma série de causas que têm provocado tal situação:

> *(...) Ao meu ver há uma série de causas juntas, causa natural e causa social. A natural, por exemplo, uma vez que a região aqui é muito acidentada, então numa região com estas características é difícil desenvolver a cultura da cana e, também não tem sido feito nada para impedir o desgaste do solo, do ponto de vista natural. Outro problema é a localização geográfica, a área está longe da parte mais próspera do mercado consumidor. O mercado consumidor maior é o Rio, São Paulo, Minas gerais (...) em compensação ele está mais perto do mercado europeu. Do ponto de vista social e econômico tem dois aspectos fundamentais: primeiro a cultura da cana depende de uma aristocracia rural, que não é muito empreendedora (...) e quando se dispõe a empreender o faz aplicando o dinheiro lá no Centro Sul que o retorno é mais rápido.*

Quando se fala de desgaste do solo, é importante relembrar, mais uma vez, os efeitos destrutivos da cana que, por sua vez, ocorrem pela ação direta desta sobre o solo e ainda, da ação indireta que se dá através do sistema de exploração da terra que a economia açucareira impõe: exploração, monocultura, e latifúndio. Neste sentido, a crise atual na cana é reflexo de mais de 400 anos de colonização que terminou por destruir simultaneamente o homem e a terra do Nordeste*:*

> *(...) Poucas regiões do mundo se prestam tão bem para um ensaio de natureza ecológica como a do Nordeste açucareiro, com sua típica paisagem natural, tão profundamente alterada, em seus traços geográficos fundamentais, pela ação do elemento humano.(...) Com seu revestimento vivo quase que completamente arrasado e substituído por outro inteiramente diferente: região de floresta tropical, transformada pelo homem em região de campos abertos, teve o Nordeste a vida do seu solo, de suas águas, de suas plantas e do seu próprio clima, tudo mudado pela ação desequilibrante e intempestiva do colonizador, quase cego às conseqüências de seus atos, pela paixão desvairada que dele se apoderou, de plantar sempre mais cana e de produzir sempre mais açúcar* (Castro, l995: 93-100) .

Na opinião de uma representante do Centro D. Hélder Câmara, este quadro descrito pelo autor, agrava-se cada vez mais na atualidade :

> *(...) A terra da Zona da Mata é muito produtiva e é uma terra úmida que, se tivesse uma Política Agrária que tivesse programas de crédito agrícola e incentivasse a Agricultura Familiar como no Engenho Serro Azul em Palmares, a situação estaria diferente hoje. Mas é preciso uma reeducação dos políticos e das políticas públicas para que seja possível uma permanência qualitativa do trabalhador no meio rural sulcro-alcooleiro e, aí sim, facilitar a questão da estrutura familiar, da escolarização, da erradicação do Trabalho Infantil, e, conseqüentemente de uma condição de vida mais humana para as famílias, as crianças e os jovens. A reeducação por parte dos usineiros é muito importante, pois antigamente onde tivesse espaço, o dono do engenho permitia o trabalhador rural plantar fruteiras em redor da casa, hoje, ele não tem mais a*

> *cultura de plantar para a sobrevivência, alguns donos de engenho não permitem outras culturas e ele não faz outra cultura a não ser plantar cana.*

A situação da falência das usinas tem gerado muitas controvérsias entre os próprios sindicalistas em torno da responsabilidade dos usineiros pela usura na acumulação de capital, investindo-o em outros negócios e regiões e, com isso gerando uma situação de verdadeiro caos social :

> *(...) Se eles investissem o que ganham em atividade produtiva, eles iam acumulando mais, mas se pegam o dinheiro e, ao invés de investir na atividade produtiva, na atividade social, eles gastam em outras coisas para, egoisticamente, acumularem riqueza pessoal e não social, então a região passa a sentir na pele esses efeitos perversos.(...) Agora o problema é que estão arruinados, grande parte, não digo os usineiros mas as usinas. Agora, como elas são sociedades anônimas, muitas vezes, a usina se arruína e o usineiro continua rico. Ele tira da usina e bota no bolso dele* (Andrade, Evento-Campo 03).

Segundo o entrevistado, a crise no campo canavieiro tem gerado desemprego, desestruturação familiar, prostituição e um êxodo para as pequenas e grandes cidades. Em Recife, o mercado de trabalho já congestionado oferece ao cidadão do campo como alternativa subumana de vida: o subemprego, o trabalho doméstico quase escravo para as meninas. Os trabalhadores que migram para cidade viram semi-escravos :

> *(...)Tornam-se mercadoria. O sujeito vai trabalhar numa casa de família e, em Boa Viagem se depara com a prostituição turística e, aí a menina tem o conceito que é o seguinte: se eu for empregada doméstica eu vou ganhar salário mínimo em dois dias, três dias. Aí ela argumenta: você pode até ter uma vida digna na casa da patroa, mas lá vou ganhar apenas um salário mínimo e ficar sendo objeto de cantada, assim é melhor ganhar mais fácil.*[26]

Durante a entrevista conversamos também sobre a situação no campo, em especial sobre a exploração da mão-de-obra barata infantil , cuja erradicação é bastante difícil, principalmente, pela situação de miséria absoluta em que vivem as pessoas nesta região e também *(...) Porque o cortador de cana ganha por tarefa e se leva o filho que vai ajudá-lo, aumenta o salário. A esperança é que a própria massa explorada venha a reagir contra a exploração*.

[26] Ver também Andrade (l998: 235).

Assim, espera-se que, desta forma, a miséria e a escravidão no campo acabem, acabando consecutivamente com as outras formas de exploração, degradação e submissão, mas, para tanto, é preciso que se realize uma Reforma Agrária real :

> *(...) Se não tiver uma Reforma Agrária real não adianta fazer nada. Deve ser uma Reforma Agrária em que haja divisão de terra em alguns aspectos para formar propriedades familiares altamente assistidas ou então a formação de fazendas coletivas ou cooperativas que reúna os trabalhadores rurais e eles recebam a sua remuneração através de parcelas e cotas. Eu digo isso desde l940 e ninguém me ouve* (Ibidem).

As conclusões que tirei após a entrevista com o professor Manoel Correia de Andrade é de que, enquanto as medidas concretas, por ele supracitadas, não se efetivarem, será muito difícil pleitear para o trabalhador do campo, em especial da cana-de-açúcar, trabalho digno, moradia, salário e lazer. Será muito difícil que as crianças e jovens não continuem sofrendo os efeitos da ausência de políticas públicas eficazes ou em virtude das políticas compensatórias e assistencialistas.

Na tentativa de compreender os motivos da crise no campo e a conseqüente falência das usinas procurei alguns usineiros para saber a versão deles, afinal, esta crise é que tem suprimido a infância, a adolescência, a escolarização, e o trabalho como atividade central do ser social, em suma, da cidadania. Consegui, neste sentido, apenas uma entrevista com um representante do patronato, Associação dos Fornecedores de Cana, (Evento-Campo 07) que sobre a crise na cana, assim se expressou :

> *(...) A crise no setor sulcro-alcooleiro, aqui em Pernambuco, deve-se a muitos fatores, entre eles, a falta de subsídios e benesses para o Nordeste, a falta de financiamentos, os juros muito altos e por isso a defasagem do preço da cana (muito barata), a questão da topografia do solo daqui da região, as condições climáticas também, a irregularidade das chuvas, um pouco do advento das novas tecnologias, mas muito pouco por isso e mais porque:(...) Muitas usinas aqui em Pernambuco fecharam porque não tinham condições de se manter, uma até por falta de capacidade do próprio usineiro, dos industriais do açúcar e outra em função da própria situação da lavoura, do mercado do açúcar. São Paulo começou a concorrer com a gente aqui no Nordeste, São Paulo com um custo muito mais barato, com uma topografia plana, um solo bom, além disso o custo da cana de São Paulo é bem mais barato que o nosso, é tanto que o preço é diferenciado.*

A crise no setor sulcro-alcooleiro, na opinião de Andrade (l998:233), inicia-se na verdade entre l990 e l997 e, para o seu enfrentamento foi sugerida uma reforma agrária mais radical, apresentada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra e pelos sindicatos rurais. Além disso,

propôs-se a diversificação das culturas, apresentada pelos empresários, e atitudes intermediárias de distribuição de terras aos agricultores para desenvolverem culturas voltadas para o mercado interno, ao lado da agricultura empresarial para o mercado externo.

De acordo com o autor supracitado, os empresários do açúcar atualmente estão animados com a possibilidade de conquista de mercados no exterior, para poder exportar diretamente, em especial para os países asiáticos. Assim é que, de um lado, há por parte do patronato um desejo para realizar exportações e, de outro, há a proletarização da força de trabalho dos trabalhadores que lutam através dos sindicatos, para pressionar os patrões por melhores salários, passando apenas a defender o emprego ou subemprego e, com isso, afundando-se cada vez mais nos pântanos desumanos das relações de trabalho precárias (ibdem).

Existe, atualmente, nos meios acadêmicos e sindicais, um amplo debate sobre a crise nesta região, especificamente sobre a crise dos latifúndios, a falência das usinas, o fechamento dos engenhos. Em conseqüência disso, vislumbra-se de maneira acelerada o crescimento vertiginoso do desemprego, inclusive em algumas poucas áreas, por causa da mecanização no campo, a falta de perspectivas de emprego e escolarização para os que saem dos engenhos e migram a *ponta da rua* [27]. Do ponto de vista social, o problema agrava-se ainda mais com a modernização e o grande investimento de capitais, pois não há interesse dos órgãos governamentais em manter o sistema caboclo de cultura da terra por pequenos posseiros, obrigando estes a abandonarem seus *sítios*[28] que ocupavam por várias gerações. Desta maneira, a força de trabalho é substituída por assalariados imigrantes que trabalham apenas durante os períodos de plantio e colheita, ou por colonos financiados por entidades públicas. Em conseqüência disso, os primitivos habitantes da região sulcro-alcooleira migram para as cidades, tornando-se mendigos ou trabalhadores assalariados sazonais, passando a ter uma qualidade de vida precária em termos de trabalho, educação, saúde moradia (Andrade, l998: 232).

Afora a influência das novas tecnologias para o crescente desemprego, outra questão também se apresenta como um dos fatores detonadores da crise no setor sulcro-alcooleiro, é o

[27] Trata-se de locais de moradia resultantes de invasões desordenadas nas periferias dos municípios da Zona da Mata (Centro Josué de Castro, l995: 23).
[28] Cf. Barbalho (l984: 359) são propriedades rurais, no Cariri, Ceará, onde se cultivava a cana-de-açúcar.

Pro-Álcool, que inclusive, é fruto da ganância dos usineiros pela acumulação de capital. Assim sendo, a política econômica do Governo Federal e das facilidades de crédito concedidas aos industriais com o advento do Pro-Álcool, permitiram que os canaviais se estendessem por áreas ecologicamente desfavoráveis e não tivessem condições de competitividade. Além do mais, poderia ter havido uma política conseqüente que mantivesse os canaviais nas áreas favoráveis e evitado a expansão das usinas em detrimento de outras atividades agrícolas que têm mercado em expansão na própria região e no mercado externo, como, por exemplo, o de frutas tropicais (Andrade, l999)[29]

Como se sabe, o Pro-álcool constitui-se numa política de substituição de energéticos e as perspectivas gerais para cada alternativa energética eventual. Todo esse interesse em torno do Pro-álcool aconteceu devido ao choque do petróleo, em l973, e na sua reedição, em l979, além do subseqüente agravamento da balança de pagamentos e da dívida externa nacional. O Brasil passou a adotar uma política de substituição do petróleo importado por energéticos alternativos produzidos internamente com uma produção expressiva em relação à extração do petróleo (Leite, l990).

Longe de se materializar como um fator de progresso para a região canavieira nordestina e, em especial, para Pernambuco, o Pro-álcool terminou contribuindo para o fechamento das usinas e destilarias em vários estados nordestinos. Contudo, na década de 70, incentivou o aumento da área plantada de cana, levando à urbanização e à favelização da população de trabalhadores rurais, fazendo emergir as chamadas *pontas de rua*.

A crise das usinas, hoje vivenciada, faz com que, das 28 usinas apenas oito sobrevivam, sendo tudo isso reflexo da usura dos usineiros nordestinos que se beneficiaram de programas governamentais como o Pro-álcool, instalando usinas no sul e no centro-oeste. A queda da produção da cana-de-açúcar, cuja região, formada a partir do século XVI, não vem resistindo à competição das novas produtoras de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Centro-Oeste, regiões onde se dirigem os maiores investimentos, e, conseqüentemente, onde há uma maior rentabilidade (Andrade, l998:232-233)

[29] cf. Jornal do Comércio, 27/06/l999.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Cena da crise das usinas nas proximidades da cidade de palmares
(Evento-Campo 09)

Em outras palavras, a ganância dos usineiros, referida por Andrade, é no fundo o desejo por mais rentabilidade. Isto vem provocando a gradativa queda do número de usinas e destilarias em toda a região nordestina, proletarizando ainda mais os trabalhadores que se vêem obrigados a migrar em busca de trabalho, na maioria das vezes, precário e clandestino. O pior de tudo isso é a situação dramática dos pais que vêem o núcleo familiar submeter-se à privação e degradação da condição humana, nesse movimento perverso migratório que culmina com a sobrevivência desumana e miserável nas periferias das grandes cidades.

Quando se trata da crise atual na cana-de-açúcar, os trabalhadores, a exemplo de Jovino (Evento-Campo 03)[30], reportam-se à infância no tempo de seus avós. Para eles, antes da existência dos engenhos Bangüê[31], o cortador de cana ganhava um sítio, era protegido. Hoje, a situação do trabalhador da cana é difícil devido à inconstância do emprego provocada pelo

[30] Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmares
[31] Tipo antigo de engenho movido a tração animal ou à água: *(...) O engenho Bangüê era o tipo de propriedade rural dentro de cujos limites existia solidariedade entre os patrões e empregados, seu relacionamento era bem mais humano, por exemplo, do que as relações atuais existentes entre usineiros e trabalhadores das usinas, estes transformados em quase autômatos e aqueles distanciados de suas fábricas de açúcar, via de regra, entregue a gerentes*, cf. Barbalho (l984 : l84).

período da entresafra que é praticamente morto. Em março termina a moagem e nos meses de abril, maio, junho, julho, agosto e um pouco de setembro, o cortador de cana fica desempregado. O trabalho na cana, na sua opinião, é duro pelas jornadas longas, pela exposição ao sol, pelos acidentes de trabalho, mas sobretudo pelo novo sofrimento que vivem os trabalhadores rurais: o desemprego! Os trabalhadores saem dos engenhos e vêm para Palmares onde têm que enfrentar a miséria, a prostituição, a miséria. As únicas possibilidades de emprego para crianças e jovens, em cidades de pequeno porte como Palmares são o trabalho doméstico para as meninas, além da susceptibilidade da prostituição infantil e, para os meninos, o emprego em supermercados como carregadores e entregadores de mercadoria utilizando carrinhos-de-mão. Segundo ele, essas tarefas apesar de não serem tão insalubres como a cana, também empatam não só o desenvolvimento da criança de uma forma global , mas também, a escolarização e, sobretudo, o tempo, que deveria ser destinado para as brincadeiras e não para o provimento da família.

A situação das famílias desempregadas em virtude da crise das usinas é desesperadora e as crianças, além de trabalhar em supermercados e armazéns, também realizam trabalhos insalubres e perigosos, sem nenhum futuro em oficinas mecânicas, borracharias, serviços de pintura de automóveis, serventes ou atividades banais, pouco lucrativas como: vendedor de picolé, pipoca, *algodão doce*, refrescos, *rolête de cana.* A vida para as crianças e suas respectivas famílias é dura, quer estejam no eito (cana), quer estejam nas pequenas cidades, quer elas migrem para as periferias das grandes cidades, ou seja: *se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*... (palavras do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso, Evento-Campo 03).

A expulsão dos trabalhadores do campo é resultante de vários outros componentes: destruição dos sítios, demissões, modernização das usinas, falência destas e de outras empresas. Segundo Jovino, os motivos das falências são pela má administração das usinas, falta de investimento local neste setor, inadimplência e finalmente, porque os usineiros não investem mais no *desenvolvimento humano*, não apostam nos trabalhadores, mas sim, investem nos seus próprios interesses e desenvolvimentos pessoais para fins de mais acumulação de riqueza e patrimônio.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Retrato da situação dos trabalhadores na Zona da Mata canavieira (Cidade de Ipojuca): filas interminâveis, em busca de emprego e para receber os parcos salários do sub-emprego.
(Evento-Campo 05)

Todo esse processo acima descrito e por mim constatado , cria nas cidades um batalhão de *(...) Crianças e adultos abandonados, transformados em população sobrante pela forma acidentada, desumana e desrespeitosa, irracional, que o desenvolvimento capitalista assumiu nos países em desenvolvimento* (Martins, l993:l2). O que é pior, nesse processo de objetivação do ser social, a infância está sendo transformada em sucata, em adultos precoces, mutilando a sociedade inteira, matando o sonho e a esperança e antecipando cruelmente o futuro como momento de carência e brutalidade sem remédio (Ibidem: 11-l2).

Todas essas formas de maus-tratos transforma a infância, que se caracteriza como um momento de transmissão de conquista, ludicidade, ruptura e criação, numa infância absorvida como mão de obra excedente, pelo mercado de trabalho, submetendo dessa maneira, o seu destino ao processo de reprodução do capital e da sociedade . Isto posto a região canavieira já está convertida há séculos no *Quarto Mundo onde as crianças carentes de infância, carecem de justiça, pois seus supostos direitos são cotidianamente violados e negados. Todas carecem de infância, pois nelas foi produzido à força o adulto precoce, a vítima precoce, o réu precoce* (Ibidem:l3)

Segundo a opinião de alguns trabalhadores e sindicalistas, a possibilidade de se encontrar crianças trabalhando na cana está cada vez mais difícil, porque a maioria delas trabalham nos engenhos particulares *arrendados*. Além do mais, a usina se exime desta responsabilidade, pois recebe a cana de terceiros. Segundo eles, muitas crianças trabalham na clandestinidade, prestando serviços a terceiros e sem vínculo algum com a usina, quer dizer, estão sendo forjadas aí, novas formas de exploração invisíveis pelo viés da terceirização e da clandestinidade[32].

Neste quadro de decadência e crise do setor sulcro-alcooleiro, a gênese da história do Trabalho Infantil e da conseqüente supressão do lúdico na infância tem suas raízes fincadas na Zona da Mata há muitos séculos e vêm, mais recentemente, dos tempos da escravidão; há todo um processo de sonegação da infância, solapando-lhe o direito de brincar e estudar, e isto, *(...) Não é uma situação momentânea , mas é decorrente da história da pobreza que tem a sua origem num modelo secular, centrado no princípio da grande lavoura e do monopólio da terra, gerando um* ***ciclo de oportunidades perdidas*** (Centro Josué de Castro, l995:57). E tudo isso ainda permanece porque *(...) o patrão (usineiro) detém terra, política, economia*! Palavras do Prefeito de Rio Formoso,[33] (Evento-Campo 03).

Como se pode constatar, os homens e mulheres do campo são menos titulares dos seus direitos que a maioria dos habitantes pobres da cidade. Para os que vivem no campo, os serviços públicos essenciais lhe são negados sob a desculpa da carência de falta de recursos para lhes proporcionar a saúde e educação, água e eletricidade e outros serviços essenciais (Santos, l987: 29). Na opinião do autor, o Estado brasileiro e sua obsessão pelo mercado, é responsável pela situação em que se encontra a suposta ou ainda não conquistada cidadania rural ou cidadania atrofiada, de formas que *(...) o homem do campo brasileiro, em sua grande maioria, está desarmado diante da economia cada vez mais modernizada, concentrada e desalmada, incapaz de se prevenir contra as vacilações da natureza, de se armar para acompanhar os progressos técnicos e de se defender contra as oscilações dos preços internos e externos e a ganância dos intermediários.*

---

[32] Segundo Sigaud em seu livro *Os clandestinos e os Direitos* (l979:l28-l35) na Zona da Mata existem os trabalhadores fichados, clandestinos, os que trabalham com o empreiteiro e os que trabalham com a fazenda. Os trabalhadores clandestinos são os mais numerosos em toda a Zona da Mata e os que executam um tipo de trabalho sem vínculo empregatício, portanto sob a égide da precarização das relações de trabalho no âmbito da cana-de-açúcar.

[33] Ex-trabalhador infantil da cana-de-açúcar

Nas visitas ocasionais que realizei nos engenhos e usinas, reiterei as imagens e dados presentes no *Relatório Trabalhadores Invisíveis: Crianças e Adolescentes nos Canaviais de Pernambuco*/Centro Josué de Castro (l995, op. cit.) bem como, a veracidade e realidade do texto e fotografias de Paula Simas em seu livro *Açúcar Bruto* (l998), cujos ecos das vozes dos sujeitos em situação de risco social, assim soam: quanto à *alimentação*: *(...) O dinheiro não dá pra comer todos os dias. Às vezes só comemos: farinha e água com açúcar* (Rejane, 30 anos e Adapto José, 49 anos, cortadores de cana, 7 filhos, Município de Palmares), *(...) Às vezes passamos o dia bebendo água e chupando cana, pra enganar a fome*, *porque o dinheiro não dá pra comprar comida*...(Adalto, 49 anos, 6 filhos, Município de Palmares, Ibidem); quanto ao *trabalho precoce: (...) Nem me lembro mais quantos anos tinha*, *quando comecei a ajudar na cana...diz minha mãe que eu ainda tinha chupeta* (Carlos, l0 anos, cortador de cana, Município de Cortês) (Ibidem); quanto aos acidentes de trabalho: *(...) Quando a foice me cortou, eu não sabia se o que sentia era fome, dor, ou, raiva*...(Arnon, l3 anos, cortador de cana, Município de Palmares) (Ibidem); quanto à Educação, ao corpo e às jornadas de trabalho: *(...) Não consigo dormir direito, fico cansado, e não tenho coragem de estudar* (Claudemilson, l3 anos, cortador de cana, Município de Palmares) (Ibidem); quanto aos *sonhos*: *(...) Eu só sonho coisa boa...mas, na vida não acontece o que sonho...só* o *contrário* (Carlos Adriano, l5 anos, Município de Cortês), *(...) Eu queria deixar de cortar cana... se eu pudesse pra mim , esse sonho já bastava*! (Lúcia, l5 anos, Município de Cortês), *(...) Eu queria ter vida boa...andando de bicicleta por todo lugar*...(Fernando, l2 anos, Município de Cortês) (Ibidem). Finalmente, quanto ao *lazer*, objeto desta pesquisa: *(...) Minha diversão...!!!? Chegar em casa, tomar banho, comer e dormir, tô cansado demais*...(Carlos Adriano, l5 anos, Município de Cortês).

Na discussão sobre a crise na Zona da Mata, existe sempre a tendência para colocá-la como irreversível e desprovida de todo um conteúdo de luta coletiva e organização política, resistência e utopia por parte do movimento sindical: ledo engano! Existem ações por parte deste movimento, como os *Seminários de Negociação Coletiva*, cujas principais tarefas são a formação de dirigentes capazes de compreender as mudanças do mundo do mundo do trabalho e o valor da Educação e da escola para os filhos dos trabalhadores, a busca da integração entre trabalhadores rurais e urbanos e, finalmente, a realização de ações com os trabalhadores desempregados. Além disso, as *Campanhas Salariais* envolvem homens, mulheres, crianças e adolescentes, todos envolvidos nas ações políticas no âmbito do entrevero entre capital e trabalho nesta região. Deste

modo, não se pode fazer vistas grossas às lutas de resistência da FETAPE (Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco), capitaneada pela CONTAG, e, que, ao meu ver, possui um enorme significado político frente à massa extraordinária de sofrimento produzida pelo neoliberalismo nestes meandros, construindo, assim, a esperança e tentando conter a marcha rumo ao abismo cada vez mais descendente e decadente das condições de vida do povo dessa região.

Apesar de todas as lutas sindicais, não se pode desconsiderar que o neoliberalismo é um *programa de destruição metódica da coletividade* (direitos dos trabalhadores, sindicatos, associações, cooperativas, família) (Bourdieu, l998)[34]. Mas também, é necessário ter clareza de que a crise que atinge o mundo do trabalho urbano-rural, seus organismos, sindicatos e partidos, é de proporções incomensuráveis. Ela é de tal gravidade e intensidade, que seus efeitos destrutivos atingem, ao mesmo tempo, a materialidade e a subjetividade dos trabalhadores (Antunes, l995: 147-154). Deste modo, as metamorfoses do mundo do trabalho atingiram diretamente a subjetividade do trabalhador, sua consciência de classe, afetando seus organismos de representação (sindicatos e partidos). Neste sentido, os sindicatos se viram forçados a assumir um papel cada vez mais defensivo, cada vez mais atado à imediatidade , à contingência, regredindo assim, à sua já limitada ação de defesa. Paulatinamente, o movimento sindical foi abandonando suas características anticapitalistas, em meio à convulsão social, buscando dessa forma preservar a jornada de trabalho regulamentada e os demais direitos sociais já conquistados. Assim, quanto mais a revolução técnica avança, mais ele tem que lutar para manter *o mais elementar e defensivo* dos direitos da classe trabalhadora*,* sem os quais, sua sobrevivência está ameaçada: o direito ao trabalho e ao emprego .

Pelo que pude perceber durante o *Seminário de Negociação Coletiva da FETAPE*[35] (Evento-Campo 03), há em meio a essas crises e transformações no mundo do trabalho, uma consciência cada vez maior pela defesa dos direitos do trabalhador adulto, pela eliminação do

[34] Cf. Artigo intitulado *A máquina Infernal*, Folha de São Paulo, Caderno Mais, l2/07/l998, p.5-7.

[35] Não se pode desconsiderar que tanto centrais sindicais de trabalhadores quanto os seus sindicatos filiados, têm se constituído nos principais interlocutores dos direitos da criança e do adolescente, sobretudo no campo da Educação e Trabalho (CUT/CNTE, l998: l5). Na questão da luta contra o Trabalho Infantil, as centrais sindicais estão implementando esta luta nos sindicatos inspiradas pelo Plano de Ação contra o Trabalho Infantil na América Latina e no Caribe, cujas metas básicas prevêem a erradicação do Trabalho Infantil em 4 anos (OIT, l996: 48-55).Ver especificamente o artigo de Luis Anderson nesta mesma publicação sob o título: *El papel del sindicalismo en la lucha contra el Trabajo Infantil en Latinoamérica* (Ibidem)

Trabalho Infantil e pela Proteção do Trabalho do Adolescente.[36] No entanto, ao referir-se à resistência no meio rural nordestino, não se pode falar dessas lutas sem referir-se a Francisco Julião[37], ícone maior das Ligas Camponesas , que incentivou as massas para se filiarem aos sindicatos para poder interferir na Lei Agrária. Suas idéias foram expostas no documento lido em l5 de setembro de l96l, por ocasião do início da Campanha pela Reforma Agrária, na qual anexou o que ele próprio chamou dos *Dez Mandamentos das Ligas Camponesas* (Andrade, l998: 259-273). Estes mandamentos versavam sobre os direitos básicos e de cidadania mais elementar que pressupõe assistência médica e dentária, proteção à maternidade e escola para as crianças. (Dourado et alii, l998 :6).[38]

***

Durante as tentativas de estabelecer nexos da situação do campo canavieiro com as questões relativas à exploração do trabalho infantil e do furto do lazer das crianças trabalhadoras, surpreendi-me na literatura advinda da Economia Agrária com o conceito cognominado de *rurbano*[39], trazido à baila por Grazziano (l988). Na opinião do autor, o *rurbano ou novo rural*, consiste na consideração do conceito de novas/velhas formas de ocupação agrícola, secularmente já existentes no país e que, agora, assumem importância fundamental para o redimensionamento da idéia de atividades agrícolas e não-agrícolas no âmbito da agricultura brasileira.

---

[36] cf. A *Convenção Coletiva dos Trabalhadores Canavieiros de Pernambuco*, STRs/FETAPE/CONTAG, l997.

[37] Refiro-me a ***Francisco Julião***, ideólogo das Ligas Camponesas, uma luta organizada dos idos de 60, cujo objetivo era a implantação da Reforma Agrária e cidadania digna no campo (Barreto, op. cit.). Ver também a história de ***Gregório Bezerra*** que se constitui até hoje, segundo Fernandes (1983: 140), numa memória histórica de grande relevância no que tange às lutas contra as iniqüidades no Nordeste da cana: *(...) camponês canavieiro aos 5 anos, empregado doméstico de latifundiários aos dez e menino de rua em Recife, para onde fugiu dos maus-tratos, tornou-se pedreiro em 1916 e militar 6 anos depois. Ingressou no Partido Comunista (PCB) em 1930. Dirigente da Aliança Nacional Libertadora (ALN) em Pernambuco, seria preso em novembro de 1955 e condenado a 28 anos de reclusão. Libertado pela anistia, foi eleito deputado federal constituinte do PCB. Cassado em 1947, mergulhou na clandestinidade, dedicando-se à organização de posseiros e trabalhadores rurais até 1964, quando foi novamente capturado e vítima de torturas hediondas. Condenado a 19 anos de cadeia pela ditadura militar, seria um dos presos políticos trocados durante a seqüestro do embaixador americano em l969. Banido do país, viveu no México, Havana e Moscou, retornando ao Brasil em 1979, com a anistia.*

[38] Ver também o livro de Leda Barreto intitulado *Julião, Nordeste, Revolução*, l993.

[39] Este projeto é uma nova linha de pesquisa que procura analisar as transformações nas relações campo-cidade no Brasil a partir de l98l nos dados do PNAD (Ibidem).

Segundo ele, de acordo com os dados da PEA (população economicamente ativa), as novas formas de ocupação situam-se primordialmente no setor de serviços e não necessariamente nas atividades tipicamente agrárias. Este fenômeno se baseia na pluriatividade, na agricultura em tempo parcial, de acordo com as diferentes regiões do país e que vêm ocasionando *(...) a especialização das unidades produtivas, o crescimento da prestação de serviços, a formação de redes dentro dos distintos complexos agro-industriais, o crescimento do emprego rural não-agrícola e a* ***melhoria das condições de vida e lazer do meio rural***[40] (Ibidem, prefácio: ixxiii, grifos meus).

As afirmações de Grazziano contradizem os estudos de Andrade (l998) acerca da situação no campo açucareiro: falência das usinas, desemprego, etc. Portanto, este conceito precisa ser relativizado, principalmente se levarmos em consideração que das 28 usinas de Pernambuco apenas 8 estão em funcionamento. Isto posto, acredito ser preciso visualizar o novo rural ou rurbano, considerando as inter-relações e a unidade inseparável entre *rural desenvolvido* e o *rural atrasado* (Couto Filho, l998)[41], ambos inerentes à mesma totalidade histórica da vida cotidiana, superando assim esta visão fragmentada e equivocada defendida pelo autor. Segundo ele, o *rural desenvolvido* consiste na agricultura moderna e nas atividades não-agrícolas: turismo, lazer e construção civil; já o *rural atrasado*, na sua opinião, diz respeito ao trabalho precário e de tempo parcial na semana, migrações temporárias para a realização de atividades sazonais ou em virtude das ocorrências inesperadas da seca. Além do mais, as informações que obtive indicam, que os empregos não-agrícolas na zona canavieira, diferentemente da zona litorânea (hotéis-fazenda, comércio, outras atividades turísticas, etc), se constituem predominantemente em tarefas precárias como: empregada doméstica, ambulantes, trabalho clandestino e outros.

[40] Grifos meus. É questionável a melhoria das condições de vida e do lazer quando se sabe que os chamados hotéis – fazenda e certos equipamentos voltados para o turismo e o lazer rural, são de acesso apenas para a classe média alta e para os ricos. Os pobres, pelo que ganham, são meros prestadores de serviços ficando alienados do usufruto dos conteúdos da chamada indústria do lazer.

[41] O autor refere-se especificamente ao estado da Bahia.

2.2 As políticas "sociais" no campo canavieiro: das políticas emergenciais às políticas estruturadoras

As imagens advindas da conjuntura estão refletidas nas políticas nacionais de natureza neoliberal[42], cujas iniqüidades são preconizadas pela mão liberal.[43] com seus cinco dedos da mão. Mão liberal, por um lado, perversa, que afaga com a promessa da suposta liberdade e, por outro, destrói a coletividade, os direitos, os sonhos, enfim a subjetividade do trabalhador, levando a maioria dos povos a uma brutal *exclusão social*. Exclusão esta que segundo Escorel[44] apud Ahlert (l997: 22), acontece por intermédio de dois eixos principais: o mundo do trabalho e o mundo das relações sociais e nos âmbitos político (cidadania) e cultural. São os efeitos dos cinco dedos da *mão invisível do mercado* neoliberal que anunciam promessas irrealizáveis, eldorados e paraísos com base no marketing ideológico do *para todos* (*Educação*, *Saúde*, *Previdência Social*, *Reforma Agrária* e *Emprego*), apesar da subserviência do governo aos planos de ajuste, que se encontram sob a vigilância das instituições financeiras internacionais (FMI e Banco Mundial), conforme já anunciado no item 1. deste capítulo.

É nesta perspectiva que essas políticas públicas globalizadas pelo neoliberalismo, de cunho assistencialista e emergencial, são impostas à classe trabalhadora tanto rural quanto urbana, transformando assim, o biológico, cultural, político e social ato de comer, na ilusão do mais insólito sonho e primitivo desejo de cidadania. Seguindo os descaminhos dessa lógica, as políticas pretensamente sociais induzem à confusão entre necessidades imediatas e políticas,

---

[42] A essência das idéias neoliberais de políticas públicas podem ser encontradas na obra de Friedrich Hayek , intitulada *O Caminho da Servidão* (l944), no qual o autor analisa o modelo de Estado soviético e o modelo de Estado Nazista, concluindo que nos lugares onde o Estado avança, cada vez mais seu controle sobre o sistema, necessariamente desenvolve-se uma sociedade servil. Hayek e Milton Friedman criticaram o gigantismo do Estado e propõem sua redução ao máximo para dar toda liberdade ao mercado. Neste sentido, o livre-mercado deve auto-regular-se, com leis próprias, dentro da oferta e procura dos grandes consumidores. Em suma, segundo eles, é preciso minimizar o Estado, portanto, torná-lo mínimo . Sendo assim, Hayek crítica as políticas públicas de um estado forte, atraindo adeptos, como Milton Friedmann, cujas idéias têm o objetivo de construir uma sociedade de intelectuais para pensar as novas concepções filosóficas com o intuito de salvar o sistema capitalista do seu próprio declínio (Ahlert, l997: l8-l9).

[43] Inspire-me no artigo de Moacir Scliar, publicado no Caderno Cotidiano e Imaginário (*Folha de São Paulo*, 01/06/1988, p. 3-6). Neste artigo o autor utiliza-se de metáforas para referir-se às *cinco explosões nucleares realizadas pelo Paquistão*, visando com esse simbolismo estabelecer relações com as políticas públicas (sociais?) contidas nos cinco dedos da mão da campanha de Fernando Henrique Cardoso (Educação, Saúde, Previdência Social, Reforma Agrária e Emprego), durante as eleições de seu primeiro mandato.

[44] Segundo o autor supracitado apud Ahlert a exclusão social pode ser compreendida naquelas situações e condições nas quais há um processo social ativo de discriminação, estigmatização e expulsão de um conjunto de âmbitos sociais não determinado por decisões individuais

entre os níveis zoológico e humano, entre a *cesta básica* e uma vida digna. Por este motivo, nos últimos anos, uma horda de excluídos foi transformada em eternos miseráveis, sobreviventes que não ultrapassam seus interesses imediatos, os mesmos que antes nem os possuíam, pois só vegetavam na exclusão social, política e cultural[45].

Quando se trata especificamente de Políticas Sociais aplicadas à infância e à adolescência, volvendo-se o olhar para o passado, o que se constata é que a infância e adolescência pobres sempre foram *assistidas* no Brasil com projetos limitados e precários para o atendimento dos graves problemas econômicos, psicossociais, culturais, enfim objetivos, que atingem essa faixa da população (Rizzini, l997, Passetti, l999). Essas políticas em diferentes momentos da história, e até hoje, valorizaram as políticas de atendimento entre a caridade misericordiosa, a filantropia e a internação das chamadas *classes perigosas* nas instituições geradoras de revolta e violência, como é o caso da FEBEM .

Hoje, quando vêm à baila a questão da exploração da mão-de-obra barata infantil e as políticas, pretensamente sociais e/ou públicas de *Erradicação do Trabalho Infantil*, percebe-se claramente nelas a mesma intencionalidade e ideologia, ou seja, a perpetuação da pobreza, da indigência, do conformismo, da privação e carência absolutas. Neste sentido, tais políticas operam de forma iníqua com carência de um conteúdo ontológico e um valor ético fundamental para a construção de uma nação: a cidadania. Portanto, o que está ainda em jogo, o que vigora nas políticas públicas para as chamadas crianças e jovens *carentes* é justamente a *carência* de uma política que seja capaz de mudar a vida, de transformar a realidade, de uma política que mesmo sendo específica para um seguimento da sociedade, possa conter em seu bojo uma unidade de direitos e deveres, de melhoria e inclusão não-precária de todo o tecido familiar. Em outras palavras, as políticas públicas para a infância e adolescência não podem, principalmente quando se trata da Educação, deixar de incluir em sua práxis o bem estar social da coletividade no ponto de vista de classe, raça, religião, gênero, idade e etnia, além de uma articulação com as demais políticas (Agrária, Emprego, Saúde, Lazer, Previdência Social etc.) conforme as reivindicações da CONTAG a seguir e os próprios sonhos-desejados de políticas públicas das próprias crianças: *(...) Quero ser feliz, comer, ter saúde, educação, fazer amizade, conhecer melhor as pessoas, estudar e ter lazer todo o dia*, (depoimento de Leandro, l2 anos, Evento-Campo 07). Isto significa dizer que ao elaborar planos de Educação e orçamentos para a implantação de políticas

[45] Cf. Wolfgang Leo Maar, *Folha de São Paulo*, Opinião, 06/10/1988, p. 1-3.

sociais, devemos contemplar não apenas as crianças, adolescentes e acadêmicos, mas também os adultos que queiram progredir e os marginalizados, os esquecidos, os despossuídos e os deficientes que desejem ingressar na corrente principal da vida (Mead, l982 : l55).

As reflexões acima mencionadas são pertinentes, uma vez que, os Eventos-Campos desvelaram os reclamos da exploração do trabalho de crianças e adolescentes, e, consecutivamente, da falta de uma política estruturadora e efetiva que seja capaz de substituir as políticas precárias que solapam a dignidade do trabalhador rural, tais como: reforma agrária, crédito-agrícola, Educação, Saúde. Nesta linha de raciocínio, as políticas para a Agricultura brasileira, segundo o Secretário de Políticas Sociais da CONTAG, Aírton Faleiro: *(...) devem se consolidar na prática enquanto* ***políticas integradas e integradoras*** *, cujos programas a elas referentes, tenham a natureza de* ***uma reintegração social produtiva*** (Evento-Campo 04). Segundo ele, um projeto de tal envergadura social deveria ter como eixo político a reintegração social dos sujeitos à terra e às seguintes metas, em termos de política pública no meio rural: *bolsa-escola, redistribuição da terra, capacitação, crédito- agrícola, previdência social, salários dignos e saúde.* No que tange à Saúde, foi amplamente discutida a necessidade de assistência médica no campo, a questão dos acidentes de trabalho, a desnutrição e subnutrição, o cansaço que promove o envelhecimento precoce, a deficiência de vitaminas e boa alimentação, a atrofia do desenvolvimento físico, moral, intelectual e social.

A Educação no meio rural foi também duramente criticada, em virtude da grande taxa de evasão escolar, da falta de escolas, da falta de professores, dos péssimos salários e da grande distância que separa as moradias das escolas .Do ponto de vista da política educacional foi reivindicada a ampliação do *Programa Bolsa Escola*, uma vez que este atinge, apenas, cerca de 30 mil crianças dos Estados do Mato Grosso do Sul, Pernambuco e Bahia, beneficiando desta forma, menos de 0,0l % das crianças que são forçadas a trabalhar no campo.

Para erradicar o Trabalho Infantil no campo, a CONTAG reivindica em primeira linha, conforme carta encaminhada ao Presidente da República, que este tome as seguintes providências:

> *(...) realização de Reforma Agrária, elevação do salário mínimo, proibir os empréstimos bancários e qualquer outro tipo de benefício para os empregadores que exploram o trabalho de crianças, ratificar a Convenção l38 da OIT, retirar da Constituição no artigo VII inciso XXXIII a expressão salvo na condição de aprendiz que dá margem à má interpretação do conceito de aprendizagem e conseqüente exploração de crianças , manter fiscalização rigorosa sobre as empresas que exploram a mão-de-obra infantil, implementação do Projeto de Renda Mínima, o fortalecimento das políticas educacionais com ênfase numa Escola com formação de qualidade.*

As reivindicações por Políticas de Combate ao Trabalho Infantil, proferidas pela CONTAG, propõem em suas entrelinhas, não apenas os programas emergenciais, precários e de natureza paliativa, mas também as políticas efetivamente sociais, estruturadoras, integradas, integradoras e de alcance social, como por exemplo: *reforma agrária, política salarial, política educacional*, cujo fim último é a prática. da aplicação de uma política com critérios sociais que busque soluções para os problemas que extrapolem a mera satisfação das necessidades básicas humanas e construção de uma vida digna e decente.

***

Durante todo o processo de coleta de dados busquei o maior número de elementos para maior compreensão do *Programa Mão Amiga*[46]. As ações deste programa se circunscrevem no âmbito do PETI[47] e conseqüentemente do *Programa Bolsa Escola*, cujo pano de fundo é o lema

[46] O projeto *Mão Amiga/Bolsa Criança Cidadã* do Estado de Pernambuco é desenvolvido pelas Secretarias do Trabalho e Ação Social e de Educação e Esportes em parceria com os municípios e entidades não- governamentais. Seu objetivo é o de prevenir e erradicar a exploração do trabalho de crianças e adolescentes da zona canavieira do estado, em especial aquelas ligadas às atividades da cana-de-açúcar, e direcioná-las à escola. O projeto tem como objetivos: Criar mecanismos que ***garantam o*** *acesso e a permanência de crianças e adolescentes na escola de tempo integral* (grifo meu); estimular atividades de iniciação profissional em adolescentes com mais de l2 anos; ***ampliar o universo cultural de crianças e adolescentes através de atividades de lazer, esporte e cultura*** (grifo meu); apoiar e orientar trabalhos com as famílias beneficiárias do projeto; envolver a sociedade civil organizada nas ações de acompanhamento do projeto; articular organizações governamentais e não governamentais a fim de ***promover cursos profissionalizantes para os adolescentes egressos*** *do projeto* (Grifo meu) (Secretaria do Trabalho e Ação Social de Pernambuco (l998).

[47] Este programa é gerenciado pelo Governo Federal, através do MPAS- Ministério da Previdência e Assistência Social e da Secretaria de Assistência Social. A SAS considera a família como lócus privilegiado para o ***pleno desenvolvimento da criança e do adolescente*** (grifo meu). No Projeto de Erradicação do Trabalho Infantil o núcleo familiar contará com o apoio financeiro objetivando ***melhoria das suas condições de vida*** (grifo meu)**,** possibilitando o acesso a cursos profissionalizantes, capacitação gerencial, implantação de programas de crédito popular capazes de redefinir suas condições de produção e sua inserção no mercado de trabalho (MPAS, l996).

Toda Criança na Escola,[48] capitaneado pelo jargão mor *Criança Cidadã*.

O efeito ideológico subjacente a este é inculcar a idéia de igualdade e cidadania, pasteurizando assim o status-quo, mascarando também a perversidade dessas políticas e, ao mesmo tempo, perpetuando o ciclo de pobreza iniciado há 500 anos. Nesta perspectiva, considerei o *PAPETI- Projeto de Acompanhamento do Programa de Erradicação do Trabalho Infanti*l, coordenado pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como um importante documento produzido nas instâncias acadêmicas, visando enriquecer o meu olhar em torno da avaliação do PETI. O teor das minhas indagações a respeito giraram em torno de uma avaliação crítica do *Programa Mão Amiga*,[49] seus *limites* e *possibilidades*, a sua limitação enquanto ação meramente emergencial e não-estruturadora, o impacto sobre as famílias e, sobretudo, acerca do cotidiano da escolarização, do trabalho e do lazer, visivelmente alterado, ainda que encoberto pelo véu de precarização, principalmente, a partir das ações do programa no que se refere especificamente à jornada de tempo integral ou *Jornada Ampliada*.

A questão do alarde em torno da decantada *Criança Cidadã*, presente na propaganda do governo, merece uma reflexão sobre o conceito de *cidadania,* neste caso, portanto, banalizado pelo marketing governamental, que opera sob a égide das migalhas assistencialistas dos direitos da cidadania (Demo, l998: 4). Assim sendo, cabe, lembrar que cidadania tem a ver com liberdade e é uma noção que nasce com o projeto burguês e que transcende a sociedade burguesa. Portanto, só se pode entendê-la enquanto direitos políticos, civis e sociais naturalizados, institucionalizados, universalizados, conquistados, enfim, socialmente referenciados (Teixeira, l986), pois ela jamais será doação do Estado, uma vez que é essencialmente uma conquista dos excluídos, através do exercício político de lutas. Assim sendo, ela se constrói num processo que

[48] Trata-se de um programa do Governo Federal com a finalidade de promover a melhoria e o desenvolvimento do ensino fundamental, somando-se aos programas e iniciativas implementadas pelos governos estaduais e municipais que concorrem para o mesmo objetivo. O *Programa Toda a Criança na Escola* estabelece como prioridade nacional a meta de assegurar vagas na escola para todas as crianças na faixa de escolarização obrigatória. Assim, para alcançar tais metas, são identificadas as principais situações-tipo de exclusão, definidas estratégias diferenciadas para eliminar suas causas e criados mecanismos flexíveis de apoio aos sistemas estaduais e municipais, aos quais compete a responsabilidade pela oferta do ensino fundamental, nos termos estabelecidos pela Lei no. l4, de l996. Portanto, ao governo federal caberá desempenhar uma ação mobilizadora e catalisadora, articulando recursos e meios para a consecução do objetivo proposto (*Programa Toda Criança na Escola*, Ministério da Educação/Brasil em Ação, Brasília, l997: l2).

[49] Este programa atinge 65 municípios pernambucanos: 50 na Zona da Mata canavieira: l2 no Agreste e Sertão do Araripe e três no Sertão do São Francisco , atendendo atualmente a cerca de 73 mil estudantes, entre 7 e l4 anos de idade, totalizando 49.l93 bolsas cf. Jornal do Comércio, 05/l2/l999)..

se dá no interior da prática social e política de classes, portanto, não outorgada, mas sim, conquistada nas lutas de resistência e de sabotagem que os excluídos forjam, para reivindicar os seus direitos à Educação, Saúde, Trabalho etc. (Buffa, Arroyo e Nosella, l988: 75). Nesta perspectiva, a *Criança Cidadã* do projeto governamental, enquanto criança oriunda das classes trabalhadoras empobrecidas, é uma criança abstrata, sem liberdade e com direitos conquistados apenas no papel ou utilizando a expressão de Dimenstein (1993) : *cidadão de papel*. Tais reflexões acerca da cidadania da criança, bem como de todo o tecido familiar da classe trabalhadora, adquire novos contornos, principalmente se levarmos em consideração a questão da cidadania no meio rural, onde os trabalhadores podem ser ainda considerados como cidadãos de segunda categoria, uma vez que eles ainda não conquistaram os direitos sociais e políticos, e, por conseguinte, estão, enquanto pobres, *incluídos em esquemas assistencialistas* (Demo, op. cit.: 7).

A principal crítica que faço ao *Programa de Erradicação do Trabalho Infantil* (PETI), reside no fato deste operar ideologicamente com a palavra *erradicação*, digo, com o *mito da erradicação da exploração*, que em sua essência, significa, de um lado, acabar, eliminar, suprimir, exterminar, abolir; e de outro *arrancar pela raiz*, segundo nos ensina o nosso clássico dicionário Aurélio. Nos meandros dessa lógica, ou seja, de *arrancar pela raiz* a exploração do trabalho infantil, vejo uma impossibilidade de tal promessa, uma vez que a exploração é inerente e necessária à própria perpetuação do próprio modo de produção capitalista. No meu entender, portanto, não é possível erradicar o trabalho infantil sem antes erradicar toda e qualquer forma de exploração da condição humana, como bem colocou a sentença do Tribunal Nacional Independente Contra o Trabalho Infantil/Sessão Preparatória para o Tribunal do México *(...) Quem está no banco dos réus é todo um sistema de exploração do trabalho assalariado*. Isto significa que não é possível erradicar o Trabalho Infantil, sem sobretudo erradicar as bases do modo de produção capitalista, nas quais se sustenta a Economia Política. Contudo, é possível minimizar, reduzir e escamotear temporariamente, retórica e eleitoreiramente a exploração do trabalho infantil sob a mácula da ideologia neoliberal, mas nunca *arrancá-la pela raiz*, enquanto o ser social estiver sob a regência da exploração sem medidas. Neste sentido, o marketing da erradicação do trabalho infantil, da miséria, da fome etc, só terá ressonância com a radical abolição da propriedade privada, da mais-valia, do trabalho alienado, do trabalho abstrato, da má distribuição de renda, da riqueza, da injustiça social e do latifúndio, em suma, da divisão social do trabalho e da exploração, conforme a história de luta do movimento operário, expressos

no *Manifesto do Partido Comunista* (Marx e Engels, l998)[50], e na densa produção de natureza marxiana. Neste sentido, fica respondida provisoriamente a hipótese formulada na introdução a saber: ***É possível erradicar o trabalho infantil no âmbito do capitalismo ?***

A questão acima colocada traz à tona uma mal-entendido, corrente no senso comum e nas hostes acadêmicas, cujo argumento apressado e generalizado é de que na perspectiva marxiana há uma posição em favor do trabalho para crianças. Entretanto, a questão precisa ser melhor explicitada. Senão, vejamos o que está expresso, em termos de reivindicação, sobretudo, na Medida no. l0 do Manifesto do Partido Comunista (Reis Filho, l998: 28): *(...) Educação Pública e gratuita para todas as crianças.* ***Supressão do trabalho fabril de crianças, tal como praticado hoje. Integração da Educação com a produção material*** (grifo meu).

O que na verdade reivindicava Marx e Engels era o fim da exploração do trabalho das crianças, a abolição da propriedade privada, aumento da produção e a destruição das classes. Portanto, o que era primordial para eles, era o caráter socialista da ***união entre instrução e o trabalho da fábrica*** (grifo meu). (Manacorda, l99l.: l7-l8). Assim, é que, principalmente, Engels defendia a adoção de medidas aptas a *garantir a existência do proletariado*, requerendo todas as suas determinações, quer dizer, não apenas aquelas medidas democráticas referentes à universalidade e à gratuidade do ensino, mas também aquelas medidas referentes à ***união entre ensino e trabalho que serão destinadas a todas as crianças e não apenas aos filhos dos proletários*** (grifo meu) (Manacorda, l99l: l7; Nogueira, l990: 89). Neste sentido, para Marx e Engels, era necessário abrir as portas do mundo a todos os educandos, fato este que já constituía a realidade de boa parte da população: os filhos dos operários. No entanto, tal abertura ao universo do trabalho não deveria ser reduzida à prática pura e simples de um ofício, nem tampouco a um mero treinamento técnico (aquisição de um saber-fazer ou aprendizagem de um ofício). Sendo assim, eles propunham, na verdade, que a participação das crianças na produção fosse diretamente relacionada à formação intelectual em seu sentido mais amplo.

As idéias supracitadas configuram, por conseguinte, o eixo central que os autores tiveram acerca da visão da questão educacional e da formação, baseada, pois, na combinação do ensino em todos os níveis – *o trabalho produtivo pago*, para todas as crianças acima de certa idade.

---

[50] cf. Marx e Engels e Engels, F. *Manifesto do Partido Comunista*. In: Reis, Daniel. O Manifesto do Partido Comunista: l50 Anos Depois. Rio de Janeiro: Contraponto, l998.

Contudo, vale ressaltar, que em Marx a expressão *trabalho produtivo* é uma expressão polissêmica, obrigando-nos a entender com maior exatidão o sentido que os autores emprestam ao termo *produtivo* ao referirem-se ao *trabalho produtivo* conjugado ao ensino . De acordo com o autor, a expressão trabalho produtivo pode ter dois significados diferentes, a saber: a) qualquer trabalho que tenha por resultado um produto; b) *o trabalho na perspectiva específica e particular da produção capitalista, na qual a finalidade é a o lucro e a lógica da acumulação desse lucro, portanto, do trabalho capaz de produzir um excedente* (grifo meu) (Nogueira, l990: 90).

Fica claro, então, que Marx e Engels entendiam as atividades de trabalho e de educação como integrantes de um único processo, com articulação entre teoria e prática, ou seja, pela *educação politécnica*, através da qual podem ser transmitidos os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção, além de um manejo das ferramentas elementares das diversas profissões. Desta forma, eles acreditavam que seriam atingidos três objetivos: a intensificação da produção social, a produção de homens omnnilaterias,[51] quer dizer, plenamente desenvolvidos e a obtenção de poderosos meios de transformação da sociedade capitalista (Machado, l989: 88-89).

Essa crítica radical ao PETI/Mão Amiga, no que tange ao *mito da erradicação da exploração do Trabalho infantil no Capitalismo*, termina por pontuar limites que desvelam o véu de ilusão que oculta este programa, que transparece ao olhar menos rigoroso como uma política social emancipatória, radical, enfim, revolucionária. Nesta perspectiva, uma das críticas que escutei diversas vezes nos eventos-campos, com a qual me identifico, diz respeito ao caráter de instabilidade, incerteza e constrangimento que provoca nos sujeitos envolvidos. Além do mais, outra crítica atinge diretamente o seu caráter assistencialista, que termina por provocar nos trabalhadores atitudes conformistas, arrefecendo assim a organização social e política destes, frente às lutas radicais por condições de vida digna e humana. Em contrapartida, não se pode olvidar o extraordinário potencial de transformação, enfrentamento e resistência que têm demonstrado os trabalhadores, inconformados com as políticas excludentes e inclusivas precárias, no Brasil e em todo o mundo.

[51] A omnilateralidade na perspectiva marxiana diz respeito à formação de um homem de desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação (Manacorda, l99l : 78-79).

Outras críticas a este programa já foram formuladas na pesquisa de Neves (l999: 208), na qual a autora chama a atenção para os paradoxos[52] contidos nos efeitos e elementos das ações que viabilizam o programa. Desta maneira, o programa opera por um caráter relativamente impositivo, uma vez que elimina, em grande parte as motivações para a resistência, ao acenar com uma quantia de dinheiro, a ser percebida estavelmente, pelo menos durante a provisoriedade do programa. Além disso, o valor da bolsa em dinheiro, dependendo do número de filhos, pode ultrapassar o valor do salário do chefe da família ; fato este que , na minha opinião, poderá gerar constrangimentos na relação dos pais com os filhos, no que diz respeito à identidade e baixa auto-estima ou acomodação dos pais em relação a aceitação dos filhos enquanto principais provedores do lar .

Em meio a esses limites e constrangimentos, existem outros a saber: *o atraso das bolsas*[53], ocasionado, principalmente pela burocracia do repasse do Governo Federal para o Estadual e deste para o Municipal[54]; a transferência para as crianças da responsabilidade indireta pelo provimento da família, na medida em que a garantia da permanência no programa é a freqüência e não apenas o rendimento escolar. A minha hipótese, a partir das observações e depoimentos que ouvi e inspirado nos paradoxos do programa destacados por Neves, é de que boa parte dos pais desempregados ou sub-empregados mandam os filhos para a escola muito mais interessados no caráter monetário da bolsa do que propriamente pela consciência social da necessidade de Educação.

O *Programa Mão Amiga*, antes restrito a apenas l3 municípios, hoje, cobre uma faixa de aproximadamente 20, atendendo uma média de 68 mil crianças na faixa etária de 7 a l4 anos. Isto significa dizer que, de acordo com os dados quantitativos, supostamente não existem mais crian-

---

[52] Ver mais amiúde sobre os paradoxos do PETI, colocados pela autora em seu livro *A Perversão do Trabalho Infantil: Lógicas Sociais e Alternativas de Prevenção* (l999), no qual é discutida com profundidade a questão do Trabalho Infantil na região da cana-de-açúcar do estado do Rio de Janeiro, principalmente nos municípios de Campos dos Goitacases, Carapebus, Quissamã, Conceição de Macabu, Cardoso Moreira, Italva, São João da Barra, São Fidélis e São Francisco do Itabapoana. A obra traz, portanto, uma importante e crítica avaliação do PETI, trazendo à tona a confluência de lógicas sociais que presidem a incorporação e a reprodução do trabalho infantil nesta região; além disso, debate os pressupostos subjacentes às alternativas der prevenção que estão colocadas em prática por políticas públicas.

[53] As bolsas referentes aos municípios da Zona da Mata atrasaram três meses : setembro, outubro e novembro e, o mês de dezembro só será pago no próximo ano (cf. Jornal do Comércio, Recife, 05/l2/l999.

[54] Cf carta em anexo, de José Santana dos Santos, trabalhador das plantações de laranja do Estado de Sergipe e participante da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil

ças trabalhando na palha da cana. Mesmo que esta nova configuração estatística seja confirmada, impõe-se considerar, no ponto de vista qualitativo, o fato desses programas serem apenas compostos de medidas emergenciais, não oferecendo, portanto, paralelamente, programas estruturadores, nem garantias de que as crianças não voltem clandestinamente ao trabalho.[55]Além disso, o *Mão Amiga* apresenta limites de alcance efetivo às populações atendidas, devido aos drásticos cortes implementados pelo Governo Federal. Assim é que, de um lado reduziu o valor da bolsa e, de outro, contraditoriamente, aumentou o número de municípios beneficiados.

As reflexões acerca das estatísticas devem ser, no entanto, relativizadas, uma vez que muitas das crianças que estão sendo beneficiadas pelo *Programa Mão Amiga* jamais trabalharam e outras que trabalham na cana ficaram de fora, excluídas deste tipo de atendimento[56].Além disso, existem rumores não comprovados da utilização da mão-de-obra infantil na perspectiva da clandestinidade, pouco susceptível, às vezes, de fiscalização por parte das autoridades e da própria sociedade civil organizada. É preciso, portanto, investigar com maior profundidade os dados e discursos otimistas oficiais e da mídia ,que afirmam a total erradicação do trabalho infantil no setor sulcro-alcooleiro, com base na *ajuda* do Governo de 50 ou l00 reais para as famílias, em nome de uma prometida, mas compulsória e mimética cidadania.

Finalmente, um outro limite prático do programa é o de sua restrição para crianças e jovens na faixa dos l4 anos e onze meses. Essa restrição alija os adolescentes, também chamados de ***Órfãos da Bolsa Escola***,[57] da continuidade no programa, permitindo, assim, que boa parte deles, retornem em pouco tempo ao trabalho da cana, utilizando ***no lugar do lápis a foice*** , para suprir a necessidade financeira das famílias. As palavras de Francisco de Souza, l7 anos, nos mostra como os jovens são alijados de forma dramática do programa ***trocando os livros por enxadas*** (Grifo meu): *(...) Tenho vontade de mudar de vida .Queria muito deixar o corte da cana para ser professor, só que é muito difícil. A sina da gente é morrer por aqui mesmo*.[58]

---

[55] Pretendo, neste sentido, buscar mais elementos para uma melhor avaliação dos dados estatísticos acerca do número de crianças que efetivamente ainda trabalham. Porém, saliento que, do ponto de vista qualitativo, se existir apenas uma criança trabalhando, ainda assim se justificaria esta investigação.

[56] No I Encontro para Avaliar o Trabalho Infantil-Save the Children havia muitas crianças que estavam inseridas no programa sem nunca terem trabalhado na cana. Essas evidências mostram as fragilidades do Programa Mão Amiga e o questionamento sobre a legitimidade dos dados que apontam para a inexistência de crianças trabalhando.

[57] Cf. Jornal do Comércio op. cit.

[58] Ibidem

Quando se trata, contudo, das Políticas de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), não se pode subestimar toda a visibilidade desta problemática, alcançada através das lutas dos sindicatos (CONTAG/FETAPE) e ONGs (Save the Children) e do Fórum para a Erradicação do Trabalho Infantil. Mesmo com todo o empenho dessas instituições, o que pude concluir, a princípio, é que, apesar da visibilidade conquistada até então, da escolarização precária e um pouco mais de tempo para a vivência da cultura lúdica; as crianças ainda se encontram, assim como toda a família, *em situação de risco social.* Isto significa que, a *proteção* e a *assistência* a elas não estão necessariamente ligadas a uma consciência social por parte dos patrões e da sociedade em geral, mas sim, em parte, restrita às questões legais, principalmente no que diz respeito ao cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e da Constituição.

Continuando as trilhas de uma avaliação crítica do Programa Mão Amiga, o diretor do Centro de Educação da UFPE admitiu que o mesmo foi todo improvisado, desde a estrutura física (barracões, salas de aula, etc.) até o próprio pessoal envolvido (monitores, professores); além disso, este foi imposto de cima para baixo e a toque de caixa, sem que os municípios estivessem preparados. Contudo, a receptividade foi bastante grande.

Segundo a opinião de boa parte de professores e monitores , este programa se caracteriza por ser de cunho oportunista, assistencialista e eleitoreiro[59], fato este que pode ser observado no poema coletivo composto pelas crianças: *(..) terminando este poema, quero logo agradecer ao nosso presidente que fez a gente crescer*.[60] É preciso, no entanto, avaliá-lo de forma mais ampla e relativizada, sem contudo aprová-la ou legitimá-la, considerando, principalmente, as suas ingerências políticas, pedagógicas e sociais nos liames entre o assistencialismo e a possibilidade de uma brecha para o despertar de uma luta por uma efetiva política educacional. Desta maneira, é preciso levar em consideração que, de um lado:

> *(...) Não é tão simplesmente um projeto do governo , mas representa também a luta de umas três décadas dos movimentos sociais que conseguiu colocar na Constituição a idéia da atenção integral à Criança e ao Adolescente, portanto, isso é constitucional, isso é o que prega o Estatuto da Criança e do*

[59] Durante o Encontro de crianças para avaliar o Programa Mão Amiga organizado pelo Save the Children, (Evento-Campo 07), as crianças demonstraram grande preocupação em torno dos murmúrios sobre o suposto fim do programa. Assim, é que havia um permanente clima de tensão, acompanhado do questionamento sobre o fim do programa após as eleições para o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, verificado na entrevista realizada pelas crianças com a coordenadora do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil: *(...) Se Fernando Henrique perder, o Mão Amiga vai acabar ? Se Fernando Henrique ganhar, vai continuar o programa ?* cf. Relatório do Save the Children , op. cit.

[60] Poema escolar realizado pelas crianças do Projeto Mão Amiga na cidade de Palmares(Evento-Campo 09).

> *Adolescente. A gente não pode esquecer que o governo é apenas o gerente de uma proposta social, agora, se ele quer faturar em cima disso, aí ele tem o direito, mas nós temos o direito de desmascará-lo, pois é direito da criança uma Educação de qualidade, proteção total e uma escola de tempo integral* (Coordenador do PAPETI, Evento-Campo 07)

De outro lado, não se pode fazer vistas grossas às conseqüências paradoxais que gera tal programa no âmago do tecido sócio-familiar :

> *(...) Esse programa é mais perverso do que a causa que o origina e é extremamente perverso do ponto de vista da dinâmica que as cidades vivem. Primeiro você interfere no interior da família, interfere na escola sem pedir licença e com um apelo muito grande que é oferecer dinheiro para a família, quer dizer, de repente você desbanca o pai de família que é o provedor tradicional da família e a criança passa a ser a provedora.(...) Além disso, no ponto de vista axiológico dos valores da família rural é um negócio extremamente perverso, pois, de repente o filho (a) é o pequeno imperador, passa a ser o rei da casa, pois afinal,é ele quem tem uma renda fixa.*

Também os sindicalistas rurais[61] tecem críticas aos limites do caráter assistencialista e compensatório do Programa Mão Amiga; segundo alguns, o programa é paliativo e visa apenas resolver temporariamente a situação degradante do trabalho infantil precoce na cana-de-açúcar que rouba o tempo de lazer das crianças. Neste sentido, ao invés de programas dessa natureza, seria necessário o estabelecimento de medidas estruturadoras na aplicação de recursos em ações que não sejam simplesmente temporárias, mas sim que contenham em seu bojo medidas de curto, médio e longo prazos, pois: *(...) O Programa Mão Amiga é assistencialista e é como se fosse um mercúrio cromo num ferimento que é mais grave quando na verdade deveria ser passado um remédio que curasse o mal, que direcionasse para uma cura total da pobreza*.[62] Além disso é preciso o estabelecimento de políticas públicas de cunho mais abrangente em relação a escolarização e a formação, cujo eixo norteador, no ponto de vista político, econômico e cultural, seja o incentivo aos programas de geração de empregos, renda, educação e cultura. Nesta perspectiva, é preciso pois o estabelecimento de uma política social que seja capaz de superar o

---

[61] Esta opinião é de diversos sindicalistas e particularmente do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Ipojuca (Evento-Campo 04).

[62] Apesar de insistir no combate à miséria apenas com programas emergenciais e assistenciais do tipo *Cesta Básica* e *Mão Amiga*, o governo diz que *Assistencialismo é uma vergonha* e segundo ele mesmo afirma , caindo assim nas próprias armadilhas e teias da *inclusão precária e marginal* das *novas formas de exclusão e desigualdades sociais* (Martins, op. cit.) gestadas pelos próprios preceitos ideológicos neoliberais que ele próprio incute: *(...) Fico espantado quando se vê, como se fosse um grande êxito, nós estamos distribuindo cestas básicas. Meu Deus ! Nós temos é de distribuir mais emprego, temos que criar mais iniciativas, temos de dar mais dignidade à condição humana para que as pessoas possam dispensar o assistencialismo* (Folha de São Paulo, 03/07/l999: l-4)

imediatismo e a precarização dos programas de inclusão, valorizando, assim, o homem, a terra, a economia e a cultura locais :

> *(...) cesta básica não adianta, mas sim uma formação em Educação Agrícola, valorização da escola pública de qualidade, que proporcionasse às crianças outras possibilidades profissionais. Elas querem ir para a escola para ser outra coisa que não seja apenas agricultor, elas querem ser médicos, advogados, bancários e outras profissões, pois têm a visão do trabalho na agricultura apenas como escravo, pesado e explorador. Para que essa mentalidade mudasse deveria ser introduzido no currículo escolar as técnicas agrícolas, para que desta maneira estas crianças e jovens pudessem se tornar técnicos agrícolas, despertando assim nelas a vontade de ficar no campo* (Ibidem).

De fato, um programa desta natureza possui essa dimensão das *políticas sociais acomodadoras da pobreza* (Demo, l988) que, termina, talvez, por engendrar, processos de *aparentes conformismos* nos trabalhadores, além de tentar, apesar de suas lutas de resistência, inculcar a ilusão de *inclusão social*, ainda que esta, nestes meandros, se constitua numa *inclusão perversa*, ou seja, *marginal e precária* (Martins, op.cit., Bourdieu, l997, Demo op. cit.).

Nesta linha de raciocínio, tal forma de inclusão patológica e precária termina provavelmente, por encobrir e retardar, mas radicalmente anular o potencial de transformação das classes sociais através do véu do assistencialismo, da minoração das carências básicas, da *utopia do possível*. Concepção esta, hoje em dia tão propagada pelas políticas supostamente inspiradas na Terceira Via de cunho social-democrata,[63] mas que no caso brasileiro, assemelha-se aos requintes perversos da ideologia neoliberal; que, em suma, representa uma continuidade do que é essencial da fase neo-liberal thatcherista no Reino Unido (Antunes, l999: 97).[64] Dito de outra maneira: *(...) a Terceira Via acaba configurando-se como a preservação do que é fundamental*

[63] De acordo com Marilena Chauí (Folha de São Paulo, Caderno Mais!, l9/l2/l99), a origem desta fórmula, como reconhecem seus atuais proponentes, é pouco ilustre: foi empregada pelo fascismo para indicar um projeto e um programa econômico, social e político que se pretendia eqüidistante do liberalismo e do socialismo/comunismo Reapareceu nos anos 40 nos discursos de Perón e consolidou o peronismo. Dito de outra forma, outrora como agora, a idéia de Terceira Via tem a pretensão de colocar-se além da direita liberal e da esquerda socialista-comunista.

[64] Segundo o autor (l999: 66-67), a agenda do conservadorismo de Thatcher, inspirador de diversas políticas neoliberais em diversos países do Terceiro Mundo, contemplou os seguintes pontos: l) a *privatização* de praticamente tudo o que havia sido mantido sob controle social: 2) a redução e mesmo a extinção do capital produtivo estatal: 3) o desenvolvimento de uma legislação *fortemente desregulamentadora* das condições de trabalho e flexibilizadora dos direitos sociais: 4) a aprovação, pelo Parlamento Conservador, de um conjunto de atos fortemente coibidores da ação sindical, visando destruir desde forte base fabril dos shop stewards até as formas mais estabelecidas do contratualismo entre capital, trabalho e Estado, expresso, por exemplo, nas negociações coletivas.

neoliberalismo, dando-lhe um frágil verniz social-democrático cada vez menos acentuado (Ibidem: 99).

No que concerne às diferenças do Trabalho Infantil entre os países civilizados do norte europeu (Dinamarca, Suécia) de orientação social-democrática e dos países de políticas claramente sociais neoliberais do Terceiro Mundo, é preciso, neste sentido, reconhecer que no primeiro caso há um abrandamento da exploração de crianças tendo em vista os vestígios, cada vez mais escassos, das políticas emanentes do Welfare State[65], da rígida legislação e políticas de proteção às crianças e adolescentes, enfim, dos altos níveis de vida. Entretanto, em diversos países europeus como Itália, Portugal, Espanha, existe um batalhão de crianças substituindo os postos de trabalho dos adultos. No segundo caso, portanto, no Brasil e maioria dos países de políticas neoliberais em voga, há um crescente grau de exploração da força humana de trabalho, a saber: crianças, velhos, mulheres, negros, enfim, trabalhadores assalariados.

***

Retomando a questão da inclusão dos pobres em políticas assistenciais, e precárias, é preciso perceber que qualquer possibilidade de acesso a certos consumos, como por exemplo, a antena parabólica, normalmente comuns às classes dominantes ou classes médias altas, poderá terminar criando, provavelmente, nestas classes, por um lado, a ilusão de igualdade e a sensação de felicidade em poder mimetizar os poderosos, confundindo, portanto, o falso com o verdadeiro (Martins, l997:22-23). Por outro lado, poderá abrir os horizontes de luta pelo usufruto de consumos de bens materiais e culturais produzidos pela humanidade ao longo da história. Deste modo, pode parecer paradoxal a aquisição de antenas parabólicas, como pude constatar (Evento-Campo 06 e 07) em locais onde as crianças sofrem de desnutrição, principalmente porque estes sonhos de consumo de lazer são comprados a duras penas por estes trabalhadores. Na opinião de alguns sindicalistas , muitas vezes, os trabalhadores sacrificam o l3º salário para adquirir bens de

[65] Segundo Draibe apud Argüello (l994: 42) o Welfare State no âmbito do Estado Capitalista *(...) é uma forma particular de regulação social que se expressa pela transformação das relações entre o Estado e a Economia, entre o Estado e a Sociedade, a um dado momento do desenvolvimento econômico. Tais transformações manifestam-se na emergência de sistemas nacionais, públicos ou estatalmente regulados de educação, saúde, integração e substituição de renda, assistência social e habitação que, a par das políticas de salário e emprego, regulam direta ou indiretamente o volume, as taxas e os comportamentos do emprego e do salário na economia, afetando, portanto, o nível de vida da população trabalhadora.*

consumo para eles até então inconsumíveis. Desta forma, estariam transgredindo ou desafiando ditames da economia, em busca de consumo de equipamentos de lazer e entretenimento, para assim, sentirem-se ou estarem em pé de igualdade com os ricos empresários do açúcar. Todo esse processo confuso e contraditório se torna *um poderoso agente da falsamente nova sociedade, a sociedade da imitação, do falso novo, da reprodutividade e da vulgarização* e, diferentemente, do que pensa o autor, e usando as suas próprias palavras, *também um lugar da invenção e da criação, da revolução*, portanto da ousadia, do inconformismo e da transgressão.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Imagem de casa no Engenho Humaitá na periferia de Palmares
(Evento-Campo 09)

***

2.3 A Jornada Ampliada e a aprendizagem social de conteúdos culturais do lazer/lúdico

Uma outra crítica que faz o PAPETI ao PETI/Programa Mão Amiga e que tem estreitas relações com o lazer das crianças, diz respeito ao projeto pedagógico que prevê atividades escolares pela manhã e à tarde, a chamada *Jornada Ampliada* prevista por este *Programa de Erradicação do Trabalho Infantil*. O sentido desta atividade era bastante confusa de início, a tal ponto que muitos monitores afirmavam que a jornada ampliada era entendida, num primeiro momento, como um espaço para a criatividade, brincadeiras, lazer e nenhuma atividade que tivesse relação com o ensino regular, tais como, o uso do quadro de giz. Outra compreensão da jornada pelos monitores é que esta deveria se constituir num momento de atividades lúdicas e de reforço escolar. Em meio a tais confusões, o programa, a despeito do despreparo dos monitores, tinha claro que *(...) Além da educação fundamental, será oferecida uma* ***jornada ampliada*** *com atividades de reforço pedagógico, esporte, recreação, cultura e lazer. Para os maiores de l2 anos, o projeto prevê oficinas de aprendizagem prática para o conhecimento na área agropecuária* (SAS/Pe, Projeto Criança na Escola apud PAPETI : l2).

Este mesmo projeto reafirmava ainda *a necessidade de desenvolver ações de enriquecimento cultural, através de laboratórios itinerantes de leitura, oficinas de esporte, cultura e lazer: desenvolver nas atividades de* ***jornada ampliada,***[66] *questões relativas à cidadania levando em consideração a realidade local.*

As críticas à jornada ampliada expostas pelo coordenador do PAPETI vão na direção de que é preciso outra concepção de projeto pedagógico , o qual não deve ter as características de dupla jornada, mas sim, de uma *jornada integral* .Num projeto de natureza integrada não haveria uma tal divisão social do saber (escolar : as disciplinas formais e não-escolar: arte, jogos, brincadeiras, esportes), mas a unidades entre ensino e ludicidade, trabalho escolar e jogo. Um exemplo elucidativo dessa crítica é ilustrada:

---

[66] As atividades da Jornada Ampliada se diferenciam das oferecidas pela escola, voltada para a aquisição de conhecimentos característicos à instrução do sistema formal. As atividades têm como objetivo o reforço escolar , a aquisição de habilidades e saberes relacionados aos conteúdos culturais do lazer: artes, esportes e jogos. O objetivo maior é estimular a aprendizagem e facilitar a participação na vida social, através de temas, a saber: construção da cidadania, conhecimento e internalização do direito a se reconhecer como portador de direitos sociais, além de conhecimentos atualmente valorizados para a construção social de futuros adultos tais como: meio ambiente e expansão do conhecimento do espaço físico e social no estado, no país e no mundo (Neves, l999: 2l6).

> *(...) Tem município que o técnico pega uma bola e dá para os meninos e aí eles passam a tarde inteira atrás da bola. O que isso tem de educativo? Qual a diferença que faz ficar correndo atrás de uma bola sem nenhuma orientação, e no sol à pique, os meninos suados correndo atrás da bola, porque não tem espaço para eles ficarem e não tem ninguém para orientar, e ele lá cortando cana. Não sei se no ponto de vista da formação faz alguma diferença*.

Concordo, de um lado, com a crítica à jornada ampliada, aos limites da formação pedagógica dos monitores, enfim com o sentido de improvisação do programa. E, de outro lado, acredito ser de fundamental importância para as crianças, o usufruto dos jogos e brincadeiras que extrapolem a excessiva pedagogização do lúdico, portanto de um *brincar livre e à vontade*, um *laissez-faire* lúdico, enfim uma aventura pelos terrenos da fantasia e da liberdade. Considerando o exposto, seria preciso que o programa, para superar essa visão, tivesse o pressuposto de que o jogo ou a brincadeira é uma forma de aprendizagem social e de conhecimento individual e coletivo; além disso, uma forma de comportamento social que se diferencia da atividade laboral e do ritmo cotidiano da vida, reconstuindo-os para compreendê-los, segundo uma lógica própria, circunscrito e organizado no tempo e no espaço (Wajskop, l995).

Apesar das críticas levantadas sobre o suposto *laissez-faire* das *jornadas ampliadas* e da precarização do Programa Mão Amiga como um todo, tenho que admitir o significado da descoberta do jogo e dos jogos para relação e convivência social dessas crianças, e do significado da vivência do tempo de lazer, ainda que estejam imersas num pseudo reino da liberdade. Oxalá a oportunidade que as crianças têm agora de brincar, pintar, correr nas tardes do projeto, seja compreendida pelos monitores, pais e pelas próprias crianças, como a possibilidade de construção de um outro projeto social que transcenda o assistencialismo, a passividade e a submissão.

Na opinião de professores e monitores do Mão Amiga, não se pode desconsiderar os progressos das crianças, oportunizados pela *Jornada Ampliada*, no que diz respeito à vivência dos conteúdos culturais do lazer, os quais elas levam muito a sério. Segundo eles, elas passaram a brincar mais, fazer artes, praticar esportes e, principalmente, dançar. Portanto, pode-se concluir que, a partir deste programa, elas passaram a ter uma outra postura frente aos afetos e ao tempo de lazer e, de tal maneira que: *(...) Antes não beijavam e nem abraçavam, hoje já abraçam, conversam, sorriem e só querem se divertir e a toda hora querem passear...*

Os resultados obtidos nas ações do programa, a partir dos efeitos da atividade lúdica e criadora, demonstram que as brincadeiras das crianças têm um fim em si mesmo, qual seja: jogar para afirmar o eu, conhecer o outro e, com este ou sozinha, brincar para se divertir, para numa relação dialética entre ficção e realidade, aproximar-se e distanciar-se do mundo, dando assim, novas nuanças para a construção da história e da cultura. Talvez seja por esse motivo que elas, ao experimentarem o sabor das danças, brincadeiras e esportes proporcionados por algumas situações no PETI/Programa Mão Amiga não queriam abrir mão da possibilidade de expressar seus desejos e suas criações ao mesmo tempo em que desenvolvem relações sociais com base nos afetos: abraços, toques, alegrias, tristezas, medo e esperança, timidez e altivez.

O PETI, através da Jornada Ampliada, segundo Neves (l999:18-219) opera ainda no limiar do desequilíbrio entre a potencialidade do lúdico e do criativo e a internalização da responsabilidade e da disciplina. Todavia, configura-se como um espaço legítimo para o lúdico e o criativo, uma vez que seus usuários constróem o ***direito ao uso improdutivo do tempo*** (grifo meu), através da participação em práticas de conteúdos culturais diversos, tais como: excursões, eventos recreativos e artísticos diversos.

Mesmo levando em consideração os limites e a natureza precária do Programa, devo reconhecer que o mesmo abriu brechas e possibilidades para os movimentos sociais no campo lutarem por um outro projeto de escola, por uma política pública para a Educação que possibilite superar a inclusão precária das crianças no sistema escolar. Isto posto, é preciso reconhecer que, no ponto de vista da *Jornada Ampliada*, o programa permitiu uma aprendizagem social através do uso do tempo de lazer, uma possibilidade de resistência e conquista de outros tratos pedagógicos com a infância, ainda que precários; e até mesmo a aquisição e compra de brinquedos para a manifestação da cultura lúdica. Assim é que, ter tempo livre para brincar foi considerado um ganho fundamental, na opinião da maioria das crianças, pois segundo elas *(...)* Criança *também tem o direito de brincar e se divertir!!!* (Evento-Campo 07).[67] Além disso, respondendo mais especificamente sobre o que mudou depois do Programa Mão Amiga, as crianças responderam: *(...) eu aprendi a ler, estudar e brincar* (Evento-Campo 07).

[67] Ver também o relatório do Save the Children intitulado *A participação das crianças: uma abordagem de Avaliação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (l998).*

Durante o *Encontro para avaliar os impactos do Programa Mão Amiga/Save the Children* (Evento-Campo 07) estes foram amplamente discutidos e vivenciados pelas crianças, em forma de oficinas e jogos, tendo como lema o questionamento ***O que mudou em sua vida a partir do seu ingresso no Programa Mão Amiga?*** Assim, neste evento, o resultado das oficinas e debates, trouxe à tona os pontos positivos e negativos acerca do referido programa:

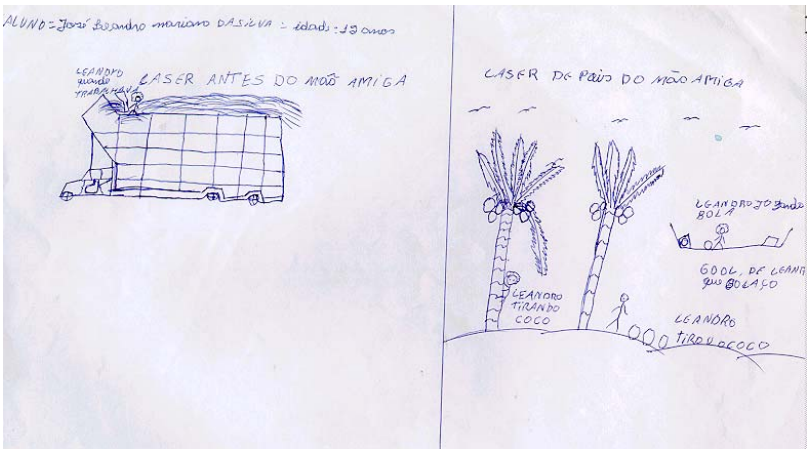
> *(...) Ficou evidente que o maior ganho foi a oportunidade de freqüentar a escola, abandonando o trabalho anterior. Todos demonstravam receio de que o programa acabasse após as eleições. Apesar de considerarem que o valor da bolsa é pequeno, ela faz muita diferença: beneficiando diretamente a criança, complementando ou até* ***garantindo a alimentação*** *(grifo meu), permitindo a aquisição de material escolar ou vestuário e algumas vezes ,* ***possibilitando a compra de brinquedos*** (grifo meu). *Finalmente* ***ter tempo livre para brincar*** (grifo meu) *foi considerado um ganho fundamental* (Ferreira, op. cit).

Havia neste evento, percebi, um clima de muita incerteza, tensão e dúvida a respeito da continuidade do programa após as eleições. Considerei, portanto, este aspecto um dado de suma importância, principalmente quando se faz as críticas a este tipo de programa emergencial e esporádico. Isto significa que além do peso da responsabilidade de prover ou completar a renda familiar, a criança tem que sofrer como se fosse adulto trabalhador a ameaça de perder até a sua condição de ser assistido precariamente por este tipo de política social; tem que vivenciar, precocemente, as perversidades do assistencialismo compensatório, da desassistência do descaso, e/ou do abandono patrocinado sob os auspícios da ausência ou presença clientelista do Estado.

Muitas críticas sobre esse programa já foram bem colocadas anteriormente pelo coordenador do PAPETI , no que concerne aos efeitos desestruturadores da família, devido a responsabilidade que se atribui à criança enquanto provedora e não consumidora da renda familiar. Neste sentido, ao serem questionadas sobre o que de fato mudou na vida delas com o Programa Mão Amiga, estas enumeraram objetos de consumo para a diversão e também coisas consideradas, por nós pesquisadores, como pertencentes às necessidades humanas mais elementares e básicas para a construção da cidadania : *Minha, mãe comprou uma* Televisão (Josildo). *Minha avó comprou uma geladeira, um sofá e uma radiola* (Paulo César); *Eu aprendi a ler, estudar e* **brincar** (Leandro) . As palavras de Leandro traduzem a opinião de quem sabe do significado da privação e da carência, do alívio passageiro que oportunizam certas medidas emergenciais, mas ao mesmo tempo, demonstra claramente uma consciência de classe ao dizer que:

> *(...) A minha vida antes de eu ta nesse programa era uma vida ruim, não tinha o que comer suficiente, mas agora não, eu estou neste programa tenho alimento certo toda hora, não falta****, tenho o lazer pra brincar e têm várias coisas , tem brincadeira, escola para estudar o dia todo, brincar e outras coisas que é o direito da gente, só não tem igual o do rico*** (grifo meu).

Leandro, apesar de ter clareza de seus direitos, revelou durante nossas conversas, a conquista de mais tempo de lazer e a possibilidade de aquisição de brinquedos e equipamentos de lazer e, segundo ele, mais felicidade para a família. Suas palavras trazem para nós pesquisadores, o anúncio, que ao mesmo tempo é uma denúncia velada e manifesta de que este programa traz felicidade passageira para ele e sua família, a mitigação temporária da miséria e, conseqüentemente, a possibilidade concreta de *continuar a ajudar*, através do valor da bolsa, no provimento da família. Além disso, suas palavras demonstram que, de fato, o Programa redimensionou a sua perspectiva do uso do tempo como um todo, e, em especial, do tempo destinado às jornadas de trabalho e, por fim, do usufruto do tempo para, segundo ele, ter um lazer diferente dos outros como: brincar, dançar, correr, sorrir. Respondendo à pergunta *o que mudou em sua vida, em termos de lazer, a partir do Mão Amiga*, ele nos mostra no desenho a seguir, *o antes* (trabalho pesado), ilustrado pelo transporte insalubre que o transportava como gado e mercadoria, e, *o depois*, as relações lúdicas com a natureza e disponibilidade de tempo para os jogos e brincadeiras.



Desenho de Leandro, 12 anos, realizado durante o Encontro para avaliar o Trabalho Infantil Save the Children

> *(...) Antes do Mão Amiga eu não tinha lazer, só era trabalhando. E não dava pra ter lazer, como muitos que vivem sem fazer nada. Só brincando, cantando e sorrindo, pois não tem que se preocupar). E em acordar cedinho para ir trabalhar no outro dia. Eu mesmo, acordava de três e meia. Da manhã para ir cortar cana e se não saísse na hora não pegaria cana pra cortar* (Leandro).
>
> (Evento-Campo 07)

A repercussão do Programa Mão Amiga sob a vida das crianças, os constrangimentos da volta ao trabalho em virtude do drama calcado na hipótese de seu fim ou continuidade, além de seu significado simbólico-real , enquanto parte de uma política emergencial , pode ser melhor compreendida, através de paródias musicais,[68] realizadas durante o tempo destinado à Jornada Ampliada numa escola da cidade de Palmares (Evento-Campo 09):

> *(...) E vou dizer a você meu camarada e cortava cana de madrugada*
> *minha bóia fria com um pedaço de jia mas graças a Deus*
> *eu tenho a Mão Amiga se a Mão Amiga acabar*
> *a situação vai piorar*
> *Se a Mão Amiga acabar vai piorar a situação novamente*
> *Se a Mão Amiga acabar vai piorar mas eu quero que*
> *A Mão Amiga não acabe*
> ***Porque senão vai ter muita gente que vai passar fome*** (grifo meu)
>
> *(...)* ***Mal acostumado você me deixou mal acostumado*** (grifo meu)
> *com o seu amor então volta traz de volta meu sorriso*
> *sem você não posso ser feliz*
> *volta mão amiga volta por favor volta porque eu*
> *não sei viver sem a mão Amiga porque com ela*
> *É muita diferença porque se não for a Mão Amiga*
> *Muitos alunos vão voltar a trabalhar*
> *Volta mão amiga porque com você nós não somos bem*

A letra da paródia musical, revela, desvela, entre outras coisas, o drama e as tensões em que vivem as crianças e suas famílias com a possibilidade da perda da Bolsa e o possível retorno à palha da cana. Expõe, sobretudo, a força que tal programa tem, através de seu caráter clientelista, no sentido de induzir os sujeitos para o conformismo e o atrelamento e adaptação às hostes da dominação, como se pode captar na entrelinha do verso da paródia musical ***(...) mal acostumado você me deixou mal acostumado*** . Porém, não só as crianças tecem loas ao programa, e, por conseguinte, à Jornada Ampliada. Também alguns monitores, através da poesia (Evento- Campo 09), acreditam que este tipo de política, baseada no imediatismo na precariedade, representa a solução para dos principais problemas e males sociais amalgamados ao longo da história de privação, miséria e mal-estar social:

[68] Ver paródia na integra (em anexo).

(...) Este novo projeto
Que como graça aconteceu
Foi a solução para alguns problemas
Que muita gente já resolveu
Dando todo mês esse dinheiro
Está nos ajudando na vida
Compramos já muitas coisas
E até comida.

Posso me lembrar das crianças sempre brincando, a todo o momento, com o corpo, ao mesmo tempo que o olhar escondia interrogações sobre o presente: garantir a alimentação, comprar mais material escolar ou roupas, comprar brinquedos, etc. Pelo que pude perceber, além de se sentirem condenadas a perder tudo isso após as eleições, foi a possibilidade de perder o *tempo livre* para brincar, um dos fatores que mais as tenham feito repetir em uníssono, nas entrevistas coletivas que realizei, as seguintes palavras *(...) Não sei o que vai acontecer se esta bolsa se acabar porque eu não quero mais voltar a cortar cana, pois é muito ruim*. Paulo César (l3 anos) entrevistado por Josildo (l4 anos) e Nelma Patrícia (l0 anos) foi mais incisivo: *(...) Se o programa acabasse hoje, não voltaria para o corte da cana, poderia ser outro serviço, mas o corte da cana, não!* Compreendi o quão difícil seria para elas perder um direito já alcançado, a escola, ainda que imersa no reino da inclusão: perversa, precária e marginal (Martins, l977, Bourdieu, l998, Demo, l998 op. cit.) mas acima de tudo, perder as tardes de jogos, artes, traquinagens, ócio e a sociabilidade, oportunizados pela já comentada, criticada e, para elas, necessária: a ***Jornada Ampliada***.

É bem provável que o medo que as crianças tinham de perder a bolsa e, com ela, o tempo livre para brincar, fosse porque na certa não queriam engessar o tempo da infância com o trabalho precoce/alienado. É possível que já tivessem iniciado o aprendizado do ócio como um fazer significativo e não, um mero passatempo para a vida dos trabalhadores adultos, para os velhos e para elas. E foi por isso que na ameaça da perda pelo direito ao tempo livre para brincar tenham respondido com alegria, veemência e determinação: *(...) Criança também tem o direito de brincar e se divertir!!!*

***

Quanto à questão da história das políticas educacionais, é preciso não olvidar que durante o período governado por Getúlio Vargas, sempre houve no campo canavieiro uma ausência de oportunidades educacionais. Neste sentido, colocados a salvo dos distúrbios morais que

proliferavam nos grandes centros urbanos, as crianças e adolescentes das área rurais nunca foram considerados como objetos dignos do interesse dos juristas, médicos, políticos e higienistas. Todo esse descaso se justifica, uma vez que as leis que incorporaram regulamentações específicas à infância, no início do século XX, negligenciaram o trabalho rural das crianças e adolescentes, provavelmente porque este era considerado natural e até mesmo saudável, pelo fato de acontecer, coletivamente, entre membros da família. Além disso, nesse período, o campo era visto como símbolo do atraso, em contraposição à cidade, e os trabalhadores rurais concebidos como uma massa homogênea, quase como um recurso natural de propriedade dos latifundiários. Nesta perspectiva, é que nenhuma ***medida de alcance*** foi tomada nessa época, nem do lado dos empregadores, nem pelo Estado para oferecer o acesso ao conhecimento formal básico, quer dizer, ao ensino primário (Dourado et. alii, l999: 4l2).

Quando visitei os engenhos e usinas, constatei com os próprios olhos que esse quadro descrito repete-se até os dias atuais. E tudo isso de tal forma que ainda hoje o que se vê é uma plêiade de analfabetos adultos, que atinge aproximadamente três quartos da população rural. Na verdade o que se vê é uma carência educacional secular, escolas desaparelhadas, falta de merenda escolar, instalações precárias, currículos escolares inadequados ao universo cultural das crianças e professores desqualificados e recebendo salários de miséria, fato este que não os impede, apesar das condições materiais precárias, de exercer, ao mesmo tempo, com certa dose de dignidade e indignação as atividades de magistério.

De fato, ao entrar nas escolas, em especial chamou-me a atenção o tamanho das salas de aula e o número de crianças, aproximadamente 40, apinhadas umas às outras, instalações rudimentares, pouca luz e poucos recursos didáticos, a não ser a lousa e giz. Apesar de tudo, dava para ler nos olhares das crianças, por um lado, a alegria e o orgulho que sentiam por estarem na escola e não no corte da cana e, por outro, os sinais de timidez, submissão, desnutrição, retraimento e é claro, de semi-analfabetismo.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Visita ocasional aos engenhos – Sala
de aula de uma
Escola do Programa Mão Amiga
(Evento-Campo 07)

Pelo que pude perceber são as próprias crianças que apresentam um modelo real de escola, tentando, decerto, reivindicar um projeto de Educação que consolide os interesses das classes trabalhadoras, e, mais do que isso, uma escola, cujo papel não se apóie no *paradoxo de prometer inclusão, excluindo* (Luft, l997: l49-l56). No fundo trata-se de uma reivindicação por um outro projeto de escola e de outra política educacional que atenda aos interesses e necessidades das populações do setor sulcro-alcooleiro. Foi isso o que abstraí das falas das crianças em torno da Educação, quer dizer, a reivindicação de projetos educacionais diferentes dos burgueses do século XIX criticados por Marx e cujo objetivo era manter os trabalhadores, enquanto massa de manobra, ignorantes e escravos do trabalho produtivo (Ponce, l998)

Desta maneira é que, elas, ao avaliar as escolas do Programa Mão Amiga, destacaram, principalmente, as questões relacionadas à infra-estrutura, tecnologia, capacitação, instalações, materiais didáticos, melhores salários para os professores e para os pais e atividades pedagógicas com ***recursos lúdicos*** (grifo meu) etc. Portanto, para elas, a escola deveria ser um centro de produção de conhecimento e vivência de experiências significativas para as suas vidas, na qual a construção da cultura lúdica, da arte e dos esportes, está condicionada não apenas a jogos e brincadeiras e a um mero preenchimento do tempo de lazer, mas um projeto de escola lúdica, politécnica, plural e de tempo integral. Nestes termos, a escola atual deve ser substituída por uma que seja ***limpa e com jogos e brincadeiras*** (grifo meu), com professor de Educação Física e

Capoeira, com televisão, computadores e biblioteca, espaço adequado e próprio, com professores que não faltem às aulas e ganhem bons salários, com materiais para as atividades artísticas, com transporte para quem mora distante, com banheiros limpos, quadras esportivas, material escolar em todos os lugares, turmas separadas (sem classes multisseriadas)[69] (Evento-Campo 07).

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Visita ocasional aos engenhos – Escola do Programa Mão Amiga
(Evento-Campo 07)

O desejo das crianças por um outro projeto de escola com mais ludicidade e condições dignas, extrapola, portanto, as reivindicações acima, contendo, as seguintes recomendações e sugestões: aumento do número de professores nas escolas; maior apoio da mídia, melhoria da merenda escolar; capacitação para professores que sejam capazes de lidar com metodologias de *animação das oficinas;* aumento do número de carteiras escolares; segurança nas escolas, *música e concurso de dança* ; banda de música; aumento da bolsa e ampliação da idade limite para l7 anos.

[69] Ibidem

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Visita ocasional aos engenhos – Escola do Programa Mão Amiga
Jogos e Brincadeiras Tradicionais desenvolvidos enquanto estratégia de para *colheita* de dados com as crianças, por ocasião da visita a Amaro
(Evento-Campo 07)

Os ecos dos sonhos-desejados das crianças por uma escola lúdica e de qualidade estão contidos também na proposta do Comitê Argentino Contra o Trabalho Infantil , durante a Marcha Contra o Trabalho Infantil (Evento-Campo 06):

> *(...) A única ferramenta que as crianças devem ter na mão é um lápis, um livro, um caderno e brinquedos, para que elas possam sentir-se e construir-se verdadeiramente enquanto trabalhadores e trabalhadoras. Somente através da Educação e da Cultura é que elas podem ser homens e mulheres realmente felizes.(...) Infância é território da família, da escola e do jogo. Tempo de bolinhas de gude ou de brincar de pula-cela . É tempo de guardar os dentes de leite, é tempo de pular amarelinha e de professores que brincam com as fantasias das crianças.*

Finalmente, durante o Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil do México (Evento-Campo 03), surge um esboço abrangente de política pública para a Educação, que coincide em alguns aspectos com o das crianças e, em cujo cerne, está a democratização do ensino público e gratuito, a dignidade dos professores e o trato dos filhos dos trabalhadores assalariados enquanto cidadãos de primeira categoria, educados, portanto, numa escola de qualidade e com professores qualificados e bem remunerados:

> *(...) Una escuela que prepare para la vida, que sea activa para los niños. Ocho horas de escuela con dos comidas en ella y l00 por ciento de aumento salarial a los maestros. Becas a todos los niños para que estén en la escuela, Calendarios y horarios flexibles de escuela. Que los sindicatos como propio el problema del trabajo infantil. Escuelas móviles en las parcelas guarderías para los hijos de las jornaleras. Salario digno a los trabajadores y curs*os *y escuelas de capacitación de oficios varios* (Mercedes Gema López Limón)[70].

Em síntese, o que se pode concluir é que a Zona da Mata guarda ainda em seu solo monocultor da cana-de-açúcar, de um lado, relações de trabalho escravagistas perenizadas pela história da propriedade fundiária. De outro lado, volvendo os olhos para a atualidade, essas populações vivem a saga desse ciclo histórico de dominação e exploração, sofrendo, sobretudo, os impactos impostos pela nova ordem do capitalismo global e seus planos de ajuste, em virtude de um Estado cada vez mais onipresente e gerador de abandono, descaso e finalmente de miséria. Nesses meandros, portanto, as políticas públicas, tais como reforma agrária, educação, lazer, geração de empregos, previdência social etc., precisam ser reinventadas na perspectiva de uma inclusão social que fuja aos ditames da cesta básica, da distribuição do leite, enfim da solidariedade meramente filantrópica, imposta pelo Estado neoliberal travestido de social-democrata.

Quanto à questão da hipótese de que *se é possível brincar e ter tempo efetivamente livre para a vivência das atividades lúdicas em meio a uma realidade marcada pela privação e precarização?* Neste sentido, cheguei provisoriamente à conclusão, que as crianças envolvidas do Mão Amiga, através da Jornada Ampliada, mesmo considerando o caráter precário e passageiro deste programa, conseguiram comprar mais brinquedos, adquirir equipamentos para o lazer, alimentar-se melhor, em suma, ter mais tempo disponível e não totalmente livre para o usufruto do lazer/lúdico. Digo isto, com base no caráter ambivalente do programa, com seus limites e possibilidades, conformismos e resistências, oportunizando às crianças e suas famílias, ao mesmo tempo, adaptação ao status-quo e sinais de outras possibilidades, ainda que precárias, de dignidade e construção de um naco opaco e sem luz de cidadania. Nestes termos, em relação às *possibilidades*, elas de fato, afastaram-se temporariamente do canavial ou trabalham clandestinamente; e, em relação aos l*imites* estarão sempre vivendo em estado de tensão, ameaçadas pelo medo de que em breve acabe a migalha de pseudo-cidadania oportunizada pelo afago assistencialista da mão *mui amiga*.

---

[70] Investigadora da Escuela de Pedagogia de la Universidad Autónoma de Baja California.

CAPÍTULO III

TRABALHO, INFÂNCIA E LAZER/LÚDICO.

1.Trabalho e lazer ou trabalho e tempo livre: eis a questão

> *(...) Se a humanidade é definida como atividade – pressuposto básico de Marx – então a alienação significa que a humanidade existe sob a forma de inumanidade, que os sujeitos humanos existem como objetos. Alienação é a objetivação do sujeito. O sujeito (homem ou mulher) aliena sua subjetividade, e essa subjetividade é apropriada por outros (...) Ao mesmo tempo, como sujeito é transformado em objeto, o objeto que o sujeito produz, o capital, é transformado em sujeito da sociedade. A objetivação do sujeito implica também a subjetivação do objeto* (Holloway citado por Antunes, l999: l32).

O capítulo II versou, introdutoriamente, em sua essência, sobre as conseqüências da crise do capitalismo, nas quais estão nitidamente marcados os efeitos da *acumulação flexível* neoliberal e suas repercussões e mutações sob o mundo do trabalho atual. Estas mudanças são capitaneadas pelos gestores do capitalismo internacional (FMI e Banco Mundial), através dos Planos de Ajuste Estrutural. (Foi trazida também à baila a reflexão acerca das repercussões da Globalização da Economia, no que diz respeito à crise e seus impactos da reestruturação produtiva na região da Zona da Mata açucareira pernambucana, desemprego, êxodo rural, etc.). Também, houve todo um esforço para o debate crítico em torno do PETI/Mão Amiga, cujos pressupostos ideológicos são postos em prática, através do assistencialismo e do clientelismo, culminando, assim, com a inclusão temporária, precária e marginal do ser social criança e de toda a sua família em políticas sociais pasteurizadoras e reprodutoras da pobreza secular.

Considerando o exposto, não foi possível adentrar na questão fundamental de pesquisa ou hipótese, a saber: *até que ponto o trabalho infantil, de fato, solapa a infância, na medida em que suprime ou torna precário, qualitativa e quantitativamente, o tempo de lazer para o desenvolvimento da cultura lúdica na infância canavieira?* Finalmente, *O lazer/lúdico o gato comeu?* Há, no meu entender que considerar as reflexões acima evocadas, bem como as possíveis relações entre trabalho e lazer, trabalho e tempo livre e, fundamentalmente lazer na infância pobre e trabalhadora. Vale salientar, que tais discussões advêm das categorias, temas e sub-temas

emergidos nos diversos Eventos-Campo, conforme o Quadro 0l (Capítulo I, p.79-80), no qual estão elencadas, de maneira sintetizadas, as diversas representações sobre a problemática em questão: o trabalho infantil e o usufruto. pleno ou precário, ou supressão do tempo de lazer destinado às manifestações da cultura lúdica.

Como afirmou Antunes (l999: l5-l7), a lógica societal, na qual estamos imersos, é voltada para a produção de mercadorias e para a valorização do capital, do trabalho abstrato, do trabalho morto. Esta lógica, por conseguinte, forja a produção de corpos-mercadoria. Mais ainda engendra um tempo sob os desígnios do trabalho abstrato, que se constitui num tempo abstrato de trabalho e de lazer, isto é, tempo vazio e linear já inscrito em nossas subjetividades (Kurz, l988: 45-46)[1], numa submissão voluntária aos ditames temporais da *ditadura do tempo abstrato* (grifo meu). Perspectiva temporal essa, que também ocupou o lazer (Ibidem)[2] e que não se constitui num *tempo verdadeiramente livre*, uma vez que este foi transformado num consumo de mercadorias de crescimento constante. Deste modo, o vazio da aceleração impregnou o que restou da vida, antes *dotada de sentido*, as formas raquíticas de descanso foram substituídas por formas de hedonismos idiotizadores de consumo, portanto, mortas de sentido, cuja função é, dentro da lógica pós-moderna, estimular os *sentidos* para a *Sociedade do Entretenimento*, centrada no forte aparato antidemocrático e excludente das novas tecnologias. Nestes termos, essa *sociedade do espetáculo*, do tempo efêmero, quantitativo, fragmentado e eivado pelo consumo banal de mercadorias bizarras, termina por atuar como elemento dinâmico nas transformações do imaginário, na sensibilidade e nos sistemas de percepção das populações, sobretudo, das megatropóles modernas.[3]

[1] Cf. Anais do V Congresso Mundial de Lazer, São Paulo, Nov./l988.
[2] Cf. Cf. Entrevista concedida ao Caderno Mais, Folha de São Paulo, 23/0l/2000, p 5-3.
[3] Cf. Nicolau Sevcenko (Folha de São Paulo, Caderno Mais, 09/0l/ 2000).

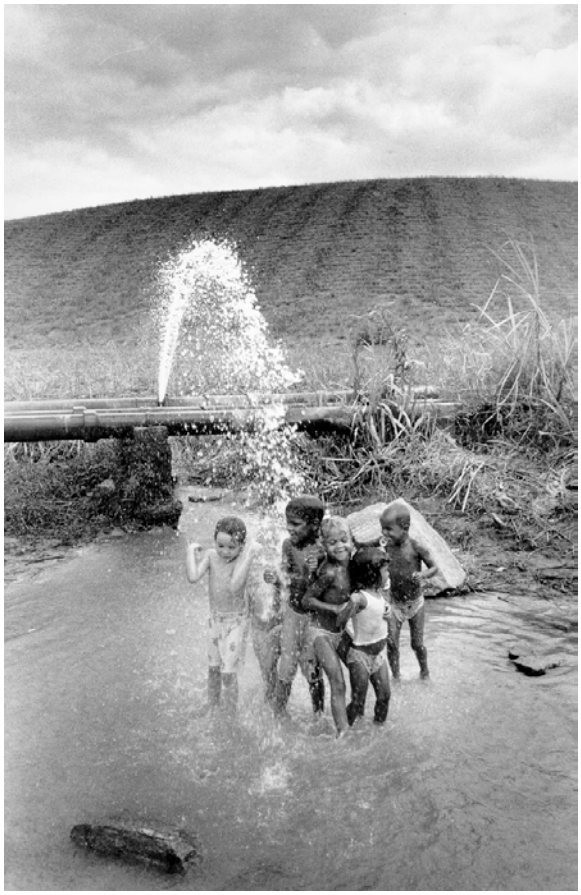


Foto: Mauricio Roberto da Silva
Estamos sempre prontos para brincar: no vento, no sol, na chuva, no ar...
(Evento-Campo 09)

O lazer é filho da sociedade capitalista e está de forma imbricada ligado ao tempo de trabalho, sobretudo no que diz respeito ao tempo destinado às jornadas de trabalho e ao conseqüente preenchimento do tempo liberado com o consumo de mercadorias. Neste sentido a redução das jornadas de trabalho diária ou semanal, tem sido, desde o surgimento do capitalismo, a centralidade e a condição preliminar das lutas dos trabalhadores em prol do *Direito à Preguiça*,[4] enquanto possibilidade de emancipação destes contra as opressões dos

[4] Escrito por Paul Lafargue em l883, este livro é um painel da sociedade burguesa, visando alcançar o proletariado no nível da consciência de classe e, por esta razão, é uma crítica à ideologia do trabalho, ou seja, a exposição das causas e da forma do trabalho na economia capitalista ou trabalho assalariado. Além disso, com o Direito à Preguiça, muito embora o tema seja o elogio da preguiça, enquanto condição para o desenvolvimento físico, psíquico e político do proletariado, Lafargue tem como premissa principal o significado do trabalho no modo de produção capitalista, quer dizer, da divisão social do trabalho e da luta de classe, pressupostos estes, inspirados, por um lado, no jovem Marx através de seus Manuscritos Econômicos de l844, sobre o trabalho alienado; e por outro lado, na análise do trabalho assalariado, no primeiro volume de O Capital (Chauí, l999: 23).

dogmas do trabalho, em suma da expansão da superexploração capitalista. Estas reivindicações se constituíram e se constituem ainda, num importante mecanismo de contraposição à extração do sobretrabalho, realizada pelo capital, desde sua gênese com a revolução industrial e na contemporaneidade com a acumulação flexível do toyotismo e da máquina informacional (Antunes, op. cit., l999).

O debate acerca da diminuição das jornadas de trabalho e do conseqüente aumento do tempo do não- trabalho, portanto, da conquista de *tempo realmente livre*, ganha uma enorme relevância, principalmente, considerando-se as diferentes posições controvertidas frente à questão da diminuição do tempo de trabalho, aumento do tempo livre e a possibilidade de redução ou abrandamento das estatísticas de desemprego. Convém lembrar, contudo, que a redução da jornada de trabalho não implica necessariamente na redução do tempo de trabalho mas sim na luta pelo controle e redução do tempo opressivo do trabalho e conseqüentemente no aumento qualitativo e quantitativo do tempo de trabalho para que um maior número de trabalhadores trabalhem, trabalhando em menos tempo, porém, com o seguinte questionamento: *produzir o quê? E para quem?* (Antunes, l999: l73-l78)[5].

Além desses questionamentos, sugere-se que a questão da problemática jornadas de trabalho/desemprego/tempo livre seja enfrentada da seguinte maneira: a) a luta pela redução da jornada de trabalho que se verifica em todo o planeta deve visar, no plano mais imediato, diminuir o iníquo desemprego estrutural, cujo principal responsável é a lógica destrutiva do capital e seu sistema; b) a luta pela redução da jornada ou tempo de trabalho deve se materializar para que não prolifere ainda mais a sociedade dos precarizados e dos desempregados. Além disso, é de fundamental importância que se reconheça o direito ao trabalho, não porque se cultue o trabalho assalariado, estranhado, heterodeterminado e fetichizado, mas por reconhecer que a classe-que-vive-do trabalho encontra-se excluída ou incluída de forma precarizada no mundo do trabalho capitalista, sob a égide da *desefetivação, desrealização e brutalização* (Ibidem). Esta desefetivação se dá pela via da realização efetiva do trabalho, privando o trabalhador da apropriação da realidade, transformando-o em trabalhador desefetivado, isto é, à margem do

[5] O autor refere-se àqueles autores (Rifkin, l995; De Masi, l999 ; Gorz ,l987; Aznar, l993 e outros) que culpabilizam as novas tecnologias pelo crescente aumento do desemprego estrutural, advogando, portanto, o fim do trabalho e apresentando como alternativa a redução das jornadas de trabalho, para que todos trabalhem em menos tempo e, conseqüentemente , tenham mais *tempo livre.*

processo social e econômico, levando-o à marginalização-alienação, à miserabilidade e à fome absoluta (Marx, l978: l49-l50).

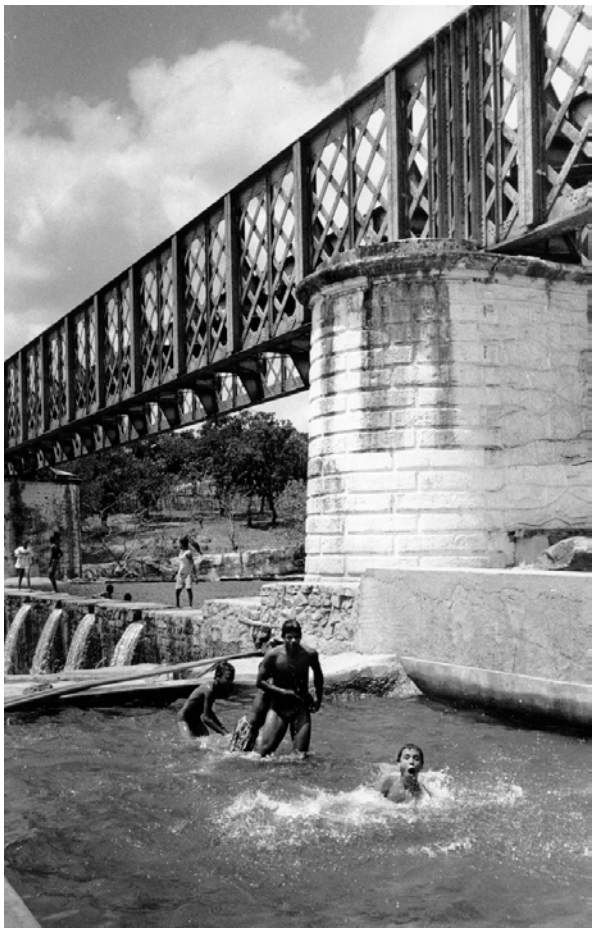


Foto: Mauricio Roberto da Silva
O lúdico no final de semana pode ser em qualquer lugar, num rio,
numa barragem...
(Evento-Campo 09)

Quando se discute sobre o tempo de trabalho e não-trabalho no capitalismo, na atualidade, não se pode desconsiderar o drama do desemprego, que, como já foi mencionado no Capítulo II, atinge a l bilhão de trabalhadores em todo o mundo. Então, seguindo este raciocínio, não se pode esquecer o dilema desses trabalhadores que são impedidos, simultaneamente, de usufruir com dignidade o tempo nas dimensões do trabalho e do *lazer*. Estas preocupações se dão, sobretudo, pelo caráter de dupla alienação desses trabalhadores, banidos ao mesmo tempo da

democratização desigual[6] do trabalho abstrato e do consumo das mercadorias da *Indústria do Entretenimento* ou *Indústria Cultural*.[7] Sendo assim, quando se trata do uso do tempo no âmbito do desemprego, costuma-se batizá-lo de *tempo desempregado ou liberado* (Dumazedier, l994) e *tempo desocupado* (Marcellino, l987: 33). Entretanto, prefiro a expressão utilizada por Kurz (l998: 4l-46), a saber: *tempo de escassez!*. E por quê ? Porque se trata de um tempo de exclusão ou inclusão precária, no qual os excluídos da aceleração vazia não ganham ócio,[8] pois, *o direito ao divertimento cabe apenas aos que trabalham* (Riesman, l995: 359); e eu diria, para os poucos que ainda trabalham. Os que não mais trabalham são definidos como não-humanos em potencial, vivendo, portanto, as agruras do desespero e da baixa auto-estima do tempo de escassez. Isto posto, pode-se concluir que *depois da utopia do trabalho, também fracassou a utopia do tempo livre* (Kurz, l998: 4l-46), por conseguinte, o tempo de lazer na sociedade capitalista é privilégio dos ricos, que também estão alienados com os consumos da Indústria do Entretenimento: *lazer é coisa de rico. Pobre diverte-se como pode* (Sader, l998)[9].

De todas as maneiras o que está em jogo é o tema formulado por Padilha (2000) e endossado por Antunes (l999) de que *Tempo livre e capitalismo são um par imperfeito*. A questão norteadora dos argumentos desses autores é *se é possível compatibilizar trabalho coisificado com tempo efetivamente livre a partir do binômio tempo livre e capitalismo.* A resposta é que só é possível uma vida dotada de sentido *fora* do trabalho se *dentro* deste (trabalho) também existir uma vida dotada de sentido. Assim, não é possível compatibilizar trabalho *assalariado, fetichizado e estranhado* com *tempo* (verdadeiramente) *livre*. Isto significa dizer que, de alguma maneira, o âmbito do trabalho estará *maculado* pela *desefetivação* que se verifica no âmago da vida laborativa (Antunes , l999: l75). Em outras palavras, se tomarmos a

---

[6] Expressão utilizada por mim, apoiado em Padilha (2000: 68-7l.) para referir-me *(...) às visíveis diferenças em relação ao consumo e à ocupação do tempo livre dos indivíduos que vivem nas sociedades capitalistas, em função da própria divisão social do trabalho*

[7] De acordo com Marilena Chauí (l995: 329), a partir da segunda revolução industrial no século XIX e prosseguindo no que se denomina agora sociedade pós-industrial ou pós-moderna (iniciada nos anos 70 deste século), as artes foram submetidas a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da ***indústria cultural***, baseada na idéia da prática do consumo de produtos culturais fabricados em série. Deste modo, as obras de arte são mercadorias, como tudo que existe no capitalismo.

[8] Vale salientar que são os desempregados, exercendo ou não tarefas precarizadas, aqueles para os quais os bens materiais e culturais, ou seja, as políticas públicas (educação, habitação, trabalho, terra, cultura, previdência social e lazer) são cada vez mais usurpados. Para eles, o *tempo livre* resume-se a ***caminhadas, corridas e ginásticas cotidianas*** para procurar emprego, esmola e um posto de saúde; restringe-se ao consumo dos lazeres televisivos e *idiotizadores* dos sábados e domingos.

[9] Cf. Entrevista concedida à Revista É, SESC/São Paulo, outubro, no. 4, ANO 5, l998.

categoria lazer enquanto consumo da sociedade capitalista, produtora e consumidora de mercadorias e tendo como premissa as chamadas *indústrias do lazer* e *Indústria da Cultura*, chegaremos à conclusão de que suas mazelas compensatórias, fetichizantes e abstratas, são oriundas do próprio mundo opressivo e objetivado do trabalho. Sendo assim, faz sentido dizer que *(...) se no trabalho e no lazer corre o mesmo sangue social, é de se esperar que a alienação de um gere evasão e processos compensatórios em outros* (Bosi, l98l: 86). Nesta mesma linha de pensamento, Riesman[10] (l97l: 60) corrobora as idéias supramencionadas de Antunes e Bosi, chamando a atenção para o caráter da compensação no tempo liberado do trabalho alienado:

> *(...) De fato, logo compreendemos que a carga lançada sobre o lazer pela desintegração do trabalho é demasiado grande para que se possa enfrentá-la; o lazer em si não é capaz de salvar o trabalho, mas fracassa juntamente com ele, e só poderá ser significativo para a maioria dos homens se o trabalho o for, de maneira que as próprias qualidades por nós procuradas no lazer terão maior probabilidade de se tornarem realidade se a ação política e social travar a batalha, em duas frentes, do trabalho e do lazer.*[11]

Henri Lefebvre (l99l: 62-63) em seu livro *A Vida Cotidiana o Mundo Moderno* analisa criticamente a Sociedade do Lazer. Para ele os teóricos do lazer, acompanhados por uma plêiade de jornalistas e de vulgarizadores, defendem uma suposta *Sociedade do Lazer* ou dos lazeres, uma sociedade, na qual, de fato, o não-trabalho contém, de um lado, o futuro e o horizonte, e de outro, o prenúncio de uma transição confusa e perigosa. Assim, após uma análise mais detalhada das previsões dos anunciadores apocalípticos da *Sociedade do Lazer*, o autor termina reforçando as posições críticas supracitadas (Antunes, l999; Kurz, l988; Padilha, 2000; Bosi, l98l; Riesman, l97l), no que diz respeito ao caráter alienante do trabalho e do *tempo de lazer:*

> *(...) No momento, o lazer é antes de tudo e para todos, ou quase todos, a ruptura (momentânea) com o cotidiano. E vive uma mutação difícil no transcorrer da qual os antigos valores foram inconsiderados e prematuramente obscurecidos. O Lazer não é mais uma Festa ou a recompensa do Labor, também* ***não é ainda uma atividade livre que se exerce para si mesma*** (grifo meu). *É o espetáculo generalizado: televisão,cinema, turismo* (Ibidem).

---

10 Citado por Marcellino (l987: 26).

11 O autor, citando Paul Goodman, refere-se à questão da relação trabalho e lazer e a riqueza social e o conhecimento organizacional O pano de fundo de sua assertiva é tornar o trabalho menos alienado, portanto, mais variado, mais participativo , mais atraente e menos separado por compartimento da educação e da política. Para ele, o fato de os homens precisarem sentir-se mais adequados ao trabalho, sujeitarem-se a um emprego e depois relacionarem-se com a vida só através do consumo não basta.

Em outra obra sua intitulada *Critica da Vida Cotidiana* (Critique *de la Vie Quotidienne*, l958: 37-5l)[12], Lefebvre reitera a unidade trabalho-lazer, pois esta unidade existe desde que cada pessoa planeje o seu lazer, de acordo com o tempo liberado do trabalho, e do trabalho como ele é. Nestes termos, o que a Sociologia deve estudar é como vem sendo experenciada a vida cotidiana dos trabalhadores, a partir do trabalho e do lazer, o lugar destes na divisão do trabalho e do conjunto social; e, por fim, como isso tudo se reflete nos lazeres, ou, pelo menos, nas exigências concernentes aos lazeres do mundo moderno. Na sua opinião, o homem dito *moderno* espera do lazer primeiro o fim de um cansaço, de uma tensão dos problemas e das preocupações. Ele pede aquilo que uma terminologia hoje decantada e divulgada no mundo do consumo chama de *relaxamento*. Neste sentido, há uma verdadeira ideologia, um *tecnicismo* e uma *tecnocracia do relaxamento*, os quais se obtêm por processos variados, alguns passivos, através do controle do conteúdo, através do vazio – e outros ativos, através do controle de ações e músculos. O homem moderno espera, portanto, encontrar no lazer aquilo que seu trabalho (alienado) e sua vida familiar ou *privada* não lhe trazem. Portanto, sob a aura da compensação, o homem busca nos lazeres a felicidade imaginada e idealizada, totalmente fora da cotidianidade, apesar de que a noção do *lazer livre* é verdadeira até certo ponto. Por outro lado, tal noção é insuficiente e precária, pois, a felicidade e a liberdade procuradas no lazer são pura *ficção de felicidade* e simulacro de liberdade. Se isso não for levado em consideração, corre-se o risco de esquecer que pode existir alienação tanto no lazer quanto no trabalho (Ibidem- 43-48).

Nesta mesma direção, Manacorda (l99l: l92) citando Visalberghi, afirma que, se o tempo profissional é desumano, também aparece como desumano o tempo livre. A alienação atua hoje não apenas no trabalho, mas no chamado *tempo livre*, chegando mesmo a ser um pressuposto da atual ideologia do tempo livre, podendo ser superada apenas numa diferente estrutura de produção. Somente desta maneira se torna possível a união real entre ensino e trabalho, da qual não pode ficar excluída a educação intelectual e o ensino tecnológico. No entanto, tudo isso implicaria considerar a suprema contradição tempo de trabalho e tempo livre, reino da necessidade e da liberdade, os quais se encontram envolvidos na mesma alienação (Manacorda, l99l: l95).

[12] Tradução de Giovanina Gomes de Freitas Olivier, l998, mimeo.

De fato, é preciso reconhecer, em face das evidências da destruição das forças produtivas, que o *tempo livre* é incompatível com o trabalho alienado, enfim, com o sistema global do capital, porque:

> *(...) Não é por meio de uma expansão do tempo livre voltado para o consumo de mercadorias que o terror da economia sem freios pode ser contido; mas somente por meio da absorção do trabalho e do tempo livre cindido numa cultura abrangente, sem a sanha da concorrência. O caminho para o ócio passa pela libertação da forma temporal capitalista* (Kurz, l999: 5-3)[13]

O trabalho pode ser compreendido de forma ambivalente, considerando o seu caráter contraditório na perspectiva das relações positividade-negatividade. Na perspectiva marxiana, o trabalho é por um lado estranhamento, sacrifício, peso, fadiga, objetivação e, por outro, pode, desalienando-se, vir a ser fonte de liberdade, criação e recriação da natureza. Pode oprimir e alienar e, ao mesmo tempo, consistir-se em atividade com possibilidade universal de riqueza e fonte de emancipação da condição humana. No entanto, esta utopia emancipatória , através do trabalho, é quase que impossível no capitalismo, uma vez que neste, o processo de libertação dos homens encontra-se relacionado a um estado de sujeição ao sistema e aos imperativos econômicos do modo de produção (Padilha, 2.000: l7).

Apesar de tudo, conforta-me nisso tudo saber que, mesmo imersos nas teias da exploração do trabalho capitalista, dos lazeres supérfluos e da corrida do tempo tecnológico, existem homens, mulheres e crianças que usam o tempo de forma transgressora, portanto, através da preguiça, da reflexão, da repetição criativa, da reinvenção das brincadeiras e do apuramento dos sentidos, para, desta maneira, se imporem a essa noção pós-moderna de tempo quantitativo, efêmero e fragmentado[14]. Em meio a todo esse emaranhado de tempo alienado, ainda teimo em acreditar não no tempo parcial, mas no tempo da mudança, das transições e dos transitórios, dos conflitos e das dialéticas.

Continuo, pois, acreditando não no tempo fetichizado pelo dinheiro, pela mercadoria, isto é, o tempo-mercadoria, mas no tempo da vida cotidiana com sua fluidez, continuidade e descontinuidade, em suma, com sua ***lentidão***: *cheio de surpresas e de suspiros, de debates e de*

[13] Cf. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 03/0l/l999.
[14] Cf. Harvey (l992) e Anderson (l999).

silêncios, e a vida cotidiana suntuosa, monótona e variada, tediosa e fascinante (grifo meu) (Lefebvre, l978: 7-8). É, pois, nesse tempo que acredito, naquele onde o sonho nunca se acaba e onde sonho e realidade se encontram numa transição perpétua, onde a realidade nunca cessa de se referenciar, pois é nesse tempo que está presente a animalidade onírica do desejo, o semi-sonho sem limites e sem pontuação (Ibidem).

Foto: Mauricio Roberto da Silva
A sociabilidade é uma construção social que se dá pela via do coração e do açúcar dos afetos...
(Evento-Campo 07)

Toda essa reflexão me faz ainda acreditar nas utopias, na lentidão da preguiça e da *improdutividade subversiva* como traços ontológicos e essenciais a serem subvertidos um dia no tempo do trabalho produtivo e conseqüentemente dos lazeres capitalistas. Nesta perspectiva, aleo-me às idéias de Milton Santos, que nos adverte que *(...) a velocidade que comanda e poderá comandar daqui pra adiante é à* ***força dos homens lentos***, *pois, durante séculos*, *acreditáramos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo*, ***(...) agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos*** (Santos, l999: 260-26l).Talvez seja por esse motivo que o autor tenha encerrado sua conferência com a seguinte mensagem, durante o V Congresso Mundial de Lazer, em l998, na cidade de São Paulo: *(...) A resistência é a única forma de enfrentar o futuro*.

Concordo com as críticas sobre o caráter objetivado e mercantil do lazer, acreditando ser necessário, contudo, relativizar, sem contudo desconsiderar a crítica radical, acerca da

incompatibilidade de um tempo realmente *livre* no âmbito do modo de produção capitalista. A crítica procede, principalmente, considerando-se que a palavra lazer traz, etimologicamente, em seu bojo, a palavra liberdade, indicando que o sujeito é *licere*, *é permitido* , é *livre* para escolher o que fazer no *tempo livre* (Magnane, l969), muito embora se trate de uma falsa promessa e uma mimese de liberdade. Apesar desses limites, acredito que devamos compreender o lazer também com outros olhos, para além da mercadoria e do consumo alienado e acrítico, digo, na perspectiva do uso do tempo de forma criativa e transgressora para além da mercadoria e *sinal de utopia*. Isto é possível se considerarmos a *especificidade concreta do lazer*, e, consecutivamente, enquanto *possibilidade privilegiada, enfatizada, para a vivência de valores que embasem mudanças, no sentido da construção de uma nova sociedade*. (Marcellino, l992: l8l-l89). Digo isto, porque acredito ser necessário, por parte de nós pesquisadores, a ampliação do olhar para as possibilidades de resistência sócio-cultural (táticas de resistência), sobretudo porque a compreensão da realidade do lazer parece emergir de uma dinâmica social onde lógicas opostas estão em ação, e onde a prática popular pode ser entendida como uma forma de resistência que assume múltiplos significados (Valle apud Marcellino, l992: l89).

Estas reflexões me conduzem a pensar nas expressões, formuladas por Parker (l978: 57-58), nomeadamente, ***lazer quadrado*** e ***lazer transgressor***, especificamente, no que diz respeito ao movimento existente entre alienação e transgressão ou *tentativas* de superação e resistência, verificadas no interior das *práticas de lazer***.** Na opinião do autor, apoiado em Klapp, o *lazer quadrado* refere-se às práticas ligadas àqueles sujeitos conformados e adaptados que estão, inquestionavelmente, satisfeitos com suas identidades e adaptados às mazelas do sistema, enfim, com o status-quo. Neste sentido, as formas de lazer são *quadradas* pelo fato de reforçarem os valores do trabalho, e eu acrescentaria alienado, fornecendo *divertimentos superficiais* e *prazer sem perturbações*. Assim, os consumidores do *lazer quadrado* encontram suas *sensações* dentro do campo respeitável da família, igreja, escola e negócios, em suma, em formas de atividades de lazer convencionais, consensuais e *tranqüilizadoras* (grifo meu). Estes são, portanto, aqueles ávidos consumidores da *Indústria de Lazer* que, consumindo-a compulsoriamente, produzem-na e reproduzem-na.

A meu ver, quando se fala em *lazer transgressor*, não se pode perder de vista também *os usos do tempo na infância* em geral, sobretudo das classes médias e ricas e fundamentalmente, no

que diz respeito à utilização do objeto de consumo chamado *brinquedo*.[15] Como se sabe, o brinquedo, objeto lúdico, é uma mercadoria de grande valor na sociedade de consumo. Sua forma fetichizada tem por finalidade reproduzir-se e aprisionar o lúdico e o ser social criança em sua realidade objetivada. Sendo assim, as crianças consumidoras são *coisas* que brincam com *coisas* (os brinquedos).

Foto: Mauricio Roberto da Silva
A pose para a fotografia também é um momento de ludicidade
(Evento-Campo 07)

Esta reflexão leva em consideração os quartos das crianças das classes média e alta, normalmente repletos de brinquedos e bugigangas da *Indústria de Lazer Infantil*. Mas, o que tudo isso tem a ver com o lazer transgressor? Tem a ver, na medida em que as crianças dessas classes sociais, não se reconhecendo nos produtos que consomem, passam a destruí-los, desconstruí-los e recriá-los a partir de seus desejos, interesses e necessidades. Por conseguinte, a transgressão está justamente no potencial de criação e fantasia, demonstrando, assim, a capacidade que elas têm de desalienar-se no tempo destinado às manifestações lúdicas. É preciso, pois, levar em consideração que, receptora mais ou menos passiva ou ativa, dependendo do objeto cultural em voga, a criança, em nenhum momento e circunstância, é um ser inerte, acrítico e conformista, no qual é possível imprimir com facilidade ou eficácia as marcas dos consumos a ela destinados (Zilberman, l990: 8).

[15] Ver Leif e Brunelle (l978), Oliveira (Revista Motrivivência, l996) e Pinsk (l97l).

Na minha opinião, os adeptos do *lazer transgressor* constituem-se em consumidores críticos e românticos ou saudosistas dos lazeres de culturas mais tradicionais. Estes sujeitos, no ponto de vista das escolhas de lazer, caracterizam-se por rebelar-se contra os hábitos sociais convencionais, estabelecendo, portanto, uma relação entre a busca de identidade e a fuga dos ditames do poder instituído. Eles desdenham , pois, os conteúdos e valores culturais e éticos das práticas conservadoras, buscado desta forma uma nova identidade através do *caminho das sensações alternativas* (Parker, l978: 57-5). A transgressão entre estes representa a busca de um culto para encontrar experiências mais elevadas e novas identidades que lhes possibilite sair da condição de ludibriados e, acrescento eu, ludibriados pela máxima liberal da conquista da *liberdade* com as próprias mãos, ou do *cada um por si e Deus por todos!*

Contudo, não se pode falar necessariamente de uma cultura da transgressão no campo do lazer, pois, o que predomina nas Políticas Públicas para o Lazer e na Indústria do Lazer, salvo algumas exceções, é justamente, o caráter autoritário, impositivo, não criativo e com nuances mercantilizadas destas. Na verdade, são programas massificantes de *lazer*, cujo fim é o *controle* sob a vida dos trabalhadores e suas famílias. Além do mais, o lazer quadrado ou *semi-lazer*,.[16] digo, lazer alienado, é também fortemente arraigado, principalmente no meio rural, como forma de controle social e manipulação das massas trabalhadoras. Tal fato pode se verificar, através da compra de votos ou dos *votos de cabresto* pelos políticos para seduzir os leitores, cuja *recompensa* é a promoção de churrascos, gincanas, showmícios, campeonatos de futebol e outros eventos desta natureza. Além desse tipo de programa, há aqueles, cujos objetivos são: promover a *organização das horas sociais* (grifo meu) e o uso da recreação como aproveitamento das horas de lazer. Em verdade, esses objetivos traduzem a preocupação de ocupar o *tempo livre* dos trabalhadores rurais de forma adequada, pois, para muitos técnicos e *animadores culturais* o tempo dos trabalhadores é livre e ocioso, mal preenchido e mal aproveitado. Deste modo, o lazer assim concebido se traduz em *lazer disciplinado*, atendendo apenas aos objetivos disciplinadores, perdendo, portanto, o sabor do acaso dos *lazeres tradicionais* para tornar-se formativo e

[16] Cf. Dumazedier (l980: l09) que utiliza a expressão para indicar os lazeres, cujos objetivos são um fim lucrativo, utilitário e obrigatório. Segundo ele são lazeres parciais, pois não contêm gratuidade, liberdade de escolha, etc.

desenvolver o espírito da ordem, da obediência, do amor à pontualidade, etc. (Barreiro, l994: 69-80).[17]

No entanto, há de se reconhecer, paralelamente a esse comportamento alienado aos consumos dos lazeres, que os trabalhadores constroem, ainda que sublinarmente, nas periferias das cidades e nos campos, formas e conteúdos para a manifestação de uma cultura genuinamente lúdica e popular, independente das ingerências do Estado. De fato, pode-se verificar que:

> *(...) Hoje o lazer, o lúdico no sistema social em que a gente vive é controlado pelo Governo – decreta-se o dia da pipa, então vamos soltar pipa, o dia da bicicleta; então vamos andar de bicicleta. É controlado porque não convém ao sistema que a espontaneidade emerga porque é perigoso, porque o homem espontâneo é um homem que pode descobrir dentro de si determinadas maneiras de ver o mundo diferente da institucionalizada. E isso é extremamente perigoso para o sistema* (Pereira apud Coutinho, l994: 9)

De todas as maneiras, é preciso levar em conta, seja de forma crítica radical ou romântica, que é possível que ambas as categorias de consumidores transgressores (românticos ou críticos), estejam talvez à caça dos *valores lúdicos* que o capitalismo solapou da condição humana: liberdade, criatividade, sentimento, descoberta, paixão, solidariedade, desejo e utopia. Em meio a esse inconformismo social, crescem as práticas alternativas de lazer sob o véu da suposta *preservação da natureza* (caminhadas, trilhas, etc.), bem como os movimentos sociais manifestos e ocultos contestadores da lógica mercantil que lutam em prol da cultura e do lazer. No embalo da rede da discussão, entre adeptos do *lazer quadrado* e *transgressor*, vale a pena lembrar o lazer das classes trabalhadoras, em cujas hostes os valores do *lúdico* (espontaneidade, prazer, gratuidade), de uma certa forma se impõem aos lazeres mercantilizados. Digo isto porque pude presenciar como as crianças e adultos nos canaviais, materializam essa cultura lúdica à base da força da subjetividade subversiva e da desobediência civil aos ditames das opressão. Pude perceber que na região da Zona da Mata açucareira, na qual estão inseridas a classe trabalhadora rural excluída ou incluída precariamente no processo produtivo, é que elas detêm um enorme patrimônio cultural que corre à *margem* da cultura dominante, contando com características culturais e estéticas próprias e funções específicas. É, pois, justamente aí, entre o fio da injustiça social, da cultura viva e fruída, onde:

[17] A autora refere-se à Cultura Camponesa e Educação Rural Capitalista no Programa da Campanha Nacional de Educação Rural, no período de l950 a l963. Trata-se, portanto, de questões específicas da pesquisa relativa a esse

> *(...) os oprimidos sussurram e desse modo resistem, preservam e recriam seu mundo. Se o sussurro não se expande é porque os mais fracos não encontram canais para tal. Todavia, isso não os impede de viverem, ainda que semiclandestinos, uma experiência, forte, rica, variada. Experiência onde eles se reconhecem sujeitos ativos, participantes, humanos. É a desalienação, vivida à revelia do sistema dominante* (Perrotti, l990: 21-22).

A racionalidade capitalista, todavia, convém de novo reforçar, interessa-se apenas pelo tempo de produção, o tempo descartável, fragmentado, mercantilizável/mercantilizado. Ela despreza por completo o tempo dos homens: tempo total, integral, simultâneo, passado, presente-futuro fundidos em instantes de plenitude. A desumanização da racionalidade capitalista, despreza completamente o sangue que palpita nas veias do homem que trabalha, seus desejos, seus sonhos, substituindo-os pela relação tempo-volume, pela quantidade, pela velocidade do tempo amalgamada em dinheiro, em lucro (Ibidem, l990: 20). Em outras palavras:

> *(...) O tempo de produção, associado com o tempo de circulação da troca, forma o conceito de* ***tempo de giro do capital****. Este também é de uma magnitude de importância extrema. Quanto mais rápida a recuperação do capital posto em circulação, tanto maior o lucro obtido. As definições de* ***organização espacial eficiente e de tempo de giro socialmente necessário*** *são formas fundamentais que servem de medida à busca do lucro – e ambas sujeitas a mudança* (Harvey, l998: 209).

O sistema de racionalidade produtiva inviabiliza o *lúdico*, cuja lógica não é regulável, mensurável, objetivável, lucrativa. Assim é que ao tentar subordiná-lo e atrelá-lo ao tempo de produção ocorre sua descaracterização, sua mutilação, sua morte (Ibidem). E o que acontece com o lazer, não é isso ? Não é a deformação do lúdico, morto, massificado, sem criatividade, sem liberdade, sem sentido, uma vez estar *preso* aos esquemas do tempo-mercadoria, do corpo-mercadoria?

O que acontece é que o lúdico, na verdade, é cada vez mais banido ou vivenciado de modo subversivo, portanto, ele é permitido apenas nas searas discriminadas dos *improdutivos*, dos criativos, dos lentos, dos transgressores. No âmbito da lógica da *produtividade* o lúdico constitui a negação desta e a prova inconteste de sua incompatibilidade com o sistema produtor de mercadorias. Assim, é que, ao invés do lúdico, coloca-se em seu lugar o simulacro de criação, sentimento, diversão e festa; coloca-se em seu lugar o *lazer*, o não-trabalho, que na verdade é

!!!!!!!!

período, na qual a pesquisadora destaca outras virtudes do programa em estudo, cujos objetivos eram satisfazer às modificações estruturais a partir deste período no âmbito da fase de modernização agrária do Brasil.

completamente diverso do lúdico, pois, este identifica-se com o jogo, com a brincadeira, com a criação contínua, ininterrupta, intrínseca à produção (Perroti, l990: l8-27).

O lúdico não se coaduna com *produtividade* e *desempenho* e é , por conseguinte, *improdutivo e inútil* porque anula as características repressivas do trabalho alienado, pois, o necessário labor ou trabalho forçado é um sistema de atividades inumanas, mecânicas e rotineiras, em cujo sistema a individualidade não pode constituir um valor e um fim em si. Em face disso tudo, para superar este sistema, o sistema de trabalho social deveria ser organizado de maneira distinta, isto é, através da economia de tempo e espaço que permitisse o desenvolvimento do indivíduo *fora* do mundo do trabalho repressivo. Conclui-se, pois, que o reino da necessidade, da labuta e trabalho não é o da liberdade do *tempo livre*, visto que a existência humana, neste domínio, é determinada por objetivos e funções (objetivação) que não são propriamente seus e que *não permitem o livre jogo das faculdades e desejos humanos* (grifo meu) (Marcuse, l966: l72-l73).

Realmente, o *tempo do lúdico* nunca poderá atrelar-se e imiscuir-se com o tempo da produção capitalista, porque neste último está circunscrito o consumo, o estranhamento, a separação entre o econômico, o cultural e o social. O lúdico, portanto, não se identifica com os valores do *lazer* capitalista. Ele identifica-se de forma latente com a criança, cuja subjetividade não está apta para o sistema produtivo, tendo em vista o espírito da racionalidade não ter conseguido ainda domá-la. Todavia, é este sistema que teima em domesticá-la para o trabalho prematuro e explorador, insiste em desumanizá-la, transformando-a de ser social para coisa, mercadoria dócil. Sendo assim, apesar das transgressões e protestos simbólico-reais as crianças poderão, com o tempo, ser pressionadas pela necessidade e privação, poderão, talvez, sucumbir a esta racionalidade (Perrotti, op. cit.). Por outro lado, conforme presenciei isto no trabalho de campo, poderão apresentar sinais de uma extraordinária força subversiva através dos atos lúdicos. Todo esse esforço delas revela o desejo das crianças de refazer, desconstruir, reconstruir, enfim, recriar a vida cotidiana, a história, o tempo, a sociedade.

Nesta pesquisa, trago também para reflexão os termos *lúdico e ócio*, entendendo-os como portadores de sinais e valores que extrapolam a lógica da inutilidade e da improdutividade. Por isso acredito nas palavras do poeta João Cabral de Melo Neto que nos diz: *(...) fazer o que quer*

que seja é inútil, não fazer nada é inútil. Mas entre fazer e não fazer, ***mais vale o inútil*** (grifo meu); e nas palavras do poeta Manoel de Barros que assim se expressa: *(...) nasci para administrar o à toa, o em vão, o inútil.* Nesta linha de raciocínio e concordando com as idéias de Kurz (l999: 5-3)[18], sou também da opinião de que não se pode confundir a noção antiga e medieval de ócio com o lazer moderno. O ócio não era uma fração de vida isolada do processo de atividade com fins lucrativos, mas estava presente até nos poros e nichos da própria atividade produtiva. O lazer não é mais um ócio livre, mas um tempo funcional para o consumo permanente de mercadorias, na verdade, um *tempo morto* pelo *trabalho morto e sem nenhuma serventia* (Ibidem) e *vazio de sentidos* (Antunes, l999: l73-l78). Nestas sociedades, enquanto a abstração do tempo-espaço capitalista não havia cindido o tempo da vida da vida humana, o ritmo do esforço e descanso, de produção e ócio transcorria na dimensão qualitativa, vital, amplo e abrangente, até ceder espaço à cadência do fluxo de trabalho abstrato da industrialização capitalista. Como se sabe, nessas sociedades, havia uma concepção de tempo não fragmentado do cotidiano centrado num sistema de identidade entre produção, vida pessoal e cultura e as jornadas de trabalho. De tal modo que as l2 horas de jornada de trabalho de hoje não significavam, naquela época, as l2 horas de atividade tensa e sob desígnios da objetivação da racionalidade capitalista. Finalmente, a atividade produtiva pré-capitalista , além de eivada de ócio caracterizava-se por ser menos concentrada, isto é, mais vagarosa e menos intensiva do que a sociedade atual. Assim, nos meandros dessas sociedades, nas quais imperavam as atividades auto-determinadas e sem a pressão da concorrência, o ritmo moderado do ato produtivo, bem como a relação lúdica com o tempo, revelam nitidamente a maneira *natural* do comportamento humano (Kurz, l999, op. cit..).

[18] Cf. Caderno Mais, Folha de São Paulo op. cit.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Primeiro banho de mar de César, durante a Marcha Global contra o Trabalho Infantil.
(Evento-Campo 06)

Também Lefebvre (l958: 2), ao referir-se ao trabalho e não-trabalho na Antiguidade e na Idade Média, nos diz que nessas épocas o trabalho produtivo se confundia com a vida cotidiana, mesmo no momento em que as relações sociais burguesas se confundiam com as relações sociais feudais do século XVII. Segundo ele, o que distingue hoje tão profundamente a vida do trabalhador industrial da dos camponeses e artesãos, é que para esses o trabalho se dispunha ao redor da casa, não se separando, consecutivamente, da cotidianidade familiar. Nesta perspectiva, os imperativos da comunidade camponesa (a aldeia) regulamentavam em outros tempos tanto as festas quanto a organização do labor e da vida doméstica. Assim, poderia se desenvolver uma vida que não era propriamente individual, mas dos homens e mulheres engajados nos laços- e nos limites- da comunidade ou da corporação. Contudo, os diversos elementos, valores e relações sociais da vida cotidiana são subvertidos pela sociedade burguesa que revalorizou o trabalho, sobretudo durante o seu período de ascensão. Deste modo, no momento histórico em que emergia a relação entre trabalho e o desenvolvimento concreto da individualidade, o trabalho passou a adquirir um caráter cada vez mais parcelado, dando assim uma outra conotação à história social dos lazeres, principalmente, das crianças trabalhadoras exploradas.

***

2. A Alienação do Trabalho Infantil: Riqueza ou pobreza da condição Humana?

Apesar de sua consolidação no século XIX, o trabalho precoce era, na Europa, dotado de valor ético-moral já na segunda metade do século XVIII. Além do mais, era considerado pelos empregadores como *um favor e um benefício* para com o Estado, que tinha por obrigação manter as *casas de trabalho*. Estas se constituíam em instituições que abrigavam crianças pobres que viviam da vadiagem e da mendicância, possibilitando-lhes uma formação profissional. Sob este aspecto, o trabalho precoce era considerado uma *lição de vida* e não um *deformador da infância*. As representações sociais da época, a ideologia diretamente decorrente da ética calvinista, via no trabalho um fator de moralização, um antídoto contra os maus hábitos e a vagabundagem (Engels, l985; Nogueira, l993; Pereira l977). Os empresários eram tidos como benfeitores que viam na criança um instrumento filantrópico de profissionalização, na medida em que esta acarretava o controle da vadiagem, da mendicância e da marginalidade social. Além disso, contribuía como fator de equilíbrio do orçamento familiar doméstico operário[19].

A ideologia do trabalho enquanto ética pautada na moralização justificou, desde o início deste século até os nossos dias, a inserção de um vasto contingente de crianças e jovens pobres, filhos da classe trabalhadora, no processo produtivo. Havia a inculcação da ideologia da ética puritana, aliada à representação imaginária do trabalho como atividade redentora, enobrecedora e formadora, por conseguinte, do bom caráter do cidadão, como uma *virtude*[20]. Na Inglaterra, os patrões eram da opinião de que, sem a atividade fabril, as crianças ficariam abandonadas nas ruas à mercê de todas as seduções e vícios, transformando-se em futuros delinqüentes[21].

Com a disseminação do trabalho infantil em quase todo o planeta, aumenta a tendência da criança pobre, tanto rural quanto urbana, assumir os postos de trabalho dos adultos, conforme as sentenças dos Tribunais Internacionais Contra o Trabalho Infantil do México e de São Paulo (Eventos-Campos 02 e l0). Estes, por sua vez, condenados ao desemprego ou à execução de tare-

[19] Cf. Artigo de Irandi Pereira no *Caderno Especial:Trabalho Infantil.* Folha de São Paulo, 0l/05/l997.
[20] Ibidem. Grifo meu.
[21] Cf. Engels (l985: 3ll-335), principalmente, no item A Atitude da Burguesia em Face do Proletariado

fas precárias , vêem-se cada vez mais excluídos do usufruto dos bens culturais, quer sejam da Indústria do Lazer ou das políticas públicas de responsabilidade do Estado. Se para os adultos trabalhadores a exclusão do mundo do trabalho e do tempo livre significa um sinal de sub-cidadania, para as crianças, por sua vez, representa, ou pode representar, a supressão, a precarização do tempo para o lúdico, enfim, o banimento e a morte da infância.

O trabalho infantil, nesta dimensão de *estranhamento*, situa-se enquanto sonegador da infância, em todos os seus desdobramentos que deve ser condenado em todas as suas formas de exploração quer sejam as *mais ou as menos perigosas*. Deve ser banido totalmente sem exceção, pois é ele quem suprime a infância dos filhos da classe trabalhadora assalariada, forçando-as a renunciar às brincadeiras e à escola para ajudar no sustento da família. É este tipo de atividade desumana, que empata o desenvolvimento das potencialidades e, conseqüentemente, obsta a criança de participar junto com sua família, de forma mais igualitária, da riqueza social, cultural e econômica da sociedade a que pertence.[22] Ele representa uma alternativa de sobrevivência das famílias de trabalhadores constrangidas quanto ao acesso das condições objetivas de vida, constituindo-se, por conseguinte, em trabalho morto e conseqüentemente uma forma de atividade social, cultural e economicamente condenada por grande parte da sociedade civil, através dos movimentos sociais (Tribunais Internacionais e Marcha Global contra o trabalho infantil).

O trabalho infantil é ao mesmo tempo uma forma de *trabalho insalubre* e *perigoso.* A primeira forma diz respeito a um tipo de trabalho realizado naquelas atividades ou operações que, por sua natureza, condições ou métodos de trabalho expõe o trabalhador (criança) a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância fixados, em razão da natureza, da intensidade do agente e do tempo de exposição aos seus efeitos. A segunda, forma, *o trabalho perigoso* é aquele que implica contato com inflamáveis, explosivos ou energia elétrica de alta tensão, em condições de risco acentuado à integridade física da criança ou adolescente. Portanto, é um tipo de atividade que exige maior esforço físico ou que se realiza em condições excessivamente desagradáveis, sendo proibida legalmente a execução de serviço por jovens e crianças abaixo dos l8 anos de idade, que demandem o emprego de força muscular superior a 20 quilos para o trabalho contínuo e 25 para o trabalho ocasional (OIT, UNICEF). Contudo, na minha opinião, ambos os conteúdos dessas formas de trabalho devem ser absolutamente banidos, uma vez que tanto o penoso quanto o insalubre, põem em risco a formação ominilateral das crianças oriundas da classe trabalhadora

pobre, quer dizer, prejudicam o desenvolvimento total, completo, multilateral, enfim de todos os sentidos das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade de satisfação (Manacorda, op. cit.: 78-79).

O trabalho infantil, também se confunde com o *trabalho escravo.* Na Índia, por exemplo ele assume os contornos de perversidade do trabalho escravo, cujas características, são: *confinamento, endividamento forçado, maus-tratos e impedimento de ir e vir* (Sutton, l994: l0-34). No Brasil, o trabalho infantil tem como principio gerador a pobreza e o desemprego, tendo simbolicamente, similitudes com o trabalho escravo no seu sentido strictu -sensu. Sejam quais forem as repercussões da exploração do trabalho infantil para os filhos das classes trabalhadoras pobres, o que se pode abstrair é que, no âmbito do capitalismo neoliberal, vivemos numa *sociedade de escravos*, no dizer de Forrester (op. cit.: l5), *aos quais a escravidão só a escravidão confere um estatuto.* Quanto a esse ponto, as crianças da Zona da Mata canavieira são peremptórias em rechaçar qualquer tipo de trabalho cujo teor é a *exploração com requintes de escravidão*: *(...) o que eu quero é brincar, brincar, estudar e fazer amigos* (Leandro, l2 anos, Evento-Campo 07).

Para as crianças e alguns pais que entrevistei, o trabalho deve ser educativo e se constituir numa tarefa leve e lúdica, (Sebastião da Silva, op. cit., 33 anos e pai de crianças participantes Evento-Campo 08), que não seja pesada, forçada e insalubre, portanto, um *serviço maneiro*, que seja realizado, não na perspectiva de produção de lucro para outrem, mas sim, no âmbito das tarefas domésticas no seio da família. Pelo que deixaram transparecer os sujeitos, o trabalho deve se constituir num *work*, cujo processo produto deve sempre satisfazer uma necessidade social e encarnar o tempo de trabalho socialmente necessário. Deste modo, se um produto não satisfaz a nenhuma necessidade social ou é fabricado em um tempo de trabalho superior ao socialmente necessário, não se pode falar de *work* e sim somente de *labour*. O *work* significa o trabalho compreendido não apenas em seu sentido econômico, mas enquanto produção e intercâmbio orgânico entre a sociedade e a natureza. O *labour*, em contrapartida, é uma atividade de trabalho objetivado, melhor dizendo, pode ser considerado como atividade laboral alienada, a atividade laboral da particularidade se constituindo, portanto, na atividade que produz e reproduz a vida cotidiana. (Heller, l977: l24-l25).

!!!!!!!!

[22] Cf. Instituto de Estudos Especiais da PUC/São Paulo, l995.

Assim sendo, o trabalho, considerando o ser social criança, deve se converter, em sua essência, tempo e conteúdo, numa atividade educativa dotada de sentido, portanto não-alienado, conforme nos acena nas entrelinhas de suas palavras, Josiane, l2 anos: *(...) Só concordo com o trabalho que não seja escravo, que não seja pesado aquele de ajudar em casa, para que tenha muito tempo para as brincadeiras* (Evento-Campo 06).

A afirmação de Josiane, porém, desconhece que também o trabalho de ajuda ou doméstico, pode se constituir numa forma de alienação, podendo, tornando-se enfim, tanto quanto o trabalho perigoso ou explorador, num impedimento para a construção da infância, e, consecutivamente, para a realização das brincadeiras durante o tempo de lazer/lúdico. Segundo o UNICEF (l997: 30-35), o trabalho doméstico infantil, sobretudo nos países mais pobres, se constitui ainda, numa *forma oculta de exploração*, que supõe múltiplos riscos para as crianças, uma vez que algumas tarefas domésticas rotineiras pesadas podem converter-se numa *situação de escravidão*. Concordo com Josiane, porém, pondero que, enquanto pesquisador e cidadão sou contra qualquer forma de trabalho, quer seja explorado por outrem ou no âmbito doméstico, que possa privar a criança da escolarização e, sobretudo quando rouba-lhe o tempo para a construção da cultura lúdica. Se o conteúdo ético do tempo de lazer é a liberdade e, se esta é uma característica essencial do lúdico, então, suprimindo-a , suprime-se a possibilidade de aprendizagem social da criança negando-lhe, assim, no âmbito da vida social, a possibilidade de gerir no presente e no futuro uma subjetividade não-enferma e não-coisificada.

A expressão negativa do trabalho, enquanto princípio da Economia Política, é a essência subjetiva da propriedade privada e está frente ao trabalhador como propriedade alheia, a ele estranha, prejudicial e nociva. O trabalho como atividade humana que provoca o estranhamento ou alheamento do homem é o devir do homem na alienação ou como homem alienado (Marx, l978: 46-164). Pode-se dizer que o trabalho infantil, nas condições de super-exploração, produz uma das formas mais bárbaras de acumulação de riqueza através de outrem, ou seja, alienação em cadeia, explorando concomitantemente a criança e toda a família do trabalhador. Este processo de estranhamento possui conseqüências ético-políticas no que diz respeito ao distanciamento do sujeito do processo produtivo e do próprio produto, ou seja, do objeto (Ibidem). O objeto do trabalho alienado é, por conseguinte, a *objetivação da vida genérica do homem*, fazendo dele um ser alheio a ele; quer dizer; o homem aliena-se do próprio homem, aliena-se do produto de sua atividade vital, o trabalho. Esse, aliena-o de seu ser genérico, o que também aliena-o na relação

com os outros homens. Na trilha desta lógica, para Marx, o objeto surge como um ser estranho ao produtor, o seu produto, se lhe defronta como um ser alheio, como um poder independente do produtor. Desta maneira, o produto do trabalho e o trabalho que se fixou num objeto, coisificou-se, tornando-se uma *objetivação* (Ibidem: l49).

A alienação se impõe enquanto fator de dominação sobre o trabalho humano, referindo-se a alguma forma de perda, de privação, por parte de um sujeito, representando assim um desgaste de suas faculdades físicas e da mortificação dos demais campos da experiência humana (cultural e intelectual). A não-humanização na relação sujeito-objeto está justamente na atividade produtiva (processo e produto), bem como na relevância, posição e papel do sujeito frente ao objeto a ser conhecido (o trabalho), apropriado, criado e recriado.

A exploração do trabalho infantil, enquanto trabalho alienado, resulta em conseqüências ainda mais graves para a criança, pois esta é mais susceptível que o adulto às seqüelas e constrangimentos deste tipo de atividade, considerando-se que as suas condições bio-psico-sociais de desenvolvimento são mortificadas e degeneradas prematuramente. Assim é que a objetivação da subjetividade infantil, através da exploração, é comumente incentivada por boa parte do patronato, uma vez que, para este, a criança é presa fácil para a dominação, pois possuem mãos e corpos hábeis para o trabalho. Além disso, não têm condições de reagir; de se sindicalizar e de participar de movimentos reivindicativos e de resistência que ameaçam a acumulação de capital e a ordem social.[23] Esta é a razão pela qual os empresários *investem* cada vez mais na força humana de trabalho da criança, no olhar deles, ingênua, dócil e sem possibilidades de resistência às situações de opressão do mundo do trabalho.

3.O trabalho infantil e os sentidos do Lazer/Lúdico na Infância

[23] Ver em Marx (l980: 449) no Capítulo XIII, mais ou menos nesta mesma direção, sobre as *Conseqüências Imediatas da Produção Mecanizada Sobre o Trabalhador*. Uma delas é a apropriação pelo capital das forças de trabalho suplementares: o trabalho de mulheres e crianças. Segundo o autor: *(...) Tornando supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros flexíveis. Por isso, a primeira preocupação da Maquinaria, foi a de utilizar o trabalho das mulheres e crianças.*

(...) Nasci para administrar
o à toa
o em vão
o inútil...

(Manoel de Barros)

De acordo com Marx (l978: l46-l47), o trabalho alienado, partindo dos pressupostos da Economia Política, supõe a propriedade privada, a separação de trabalho, capital e terra, igualmente de salário, lucro de capital e renda da terra, assim como a divisão do trabalho, a concorrência, o conceito de valor de troca. Se o *trabalhador-criança* decai a uma mercadoria, mergulhado na miserabilidade, resulta em acumulação de capital. Então, como pensar em *tempo livre* ou tempo de lazer para a manifestação do lúdico das crianças em meio ao trabalho pesado na cana-de-açúcar? A pergunta ficará, por enquanto, em aberto, até que reflitamos juntos sobre a questão da pertinência ou não dos termos lazer e lúdico na infância.

Quando se trata da questão relativa ao uso do termo *lazer na infância*, observa-se que poucos autores ao referem-se aos usos do tempo liberado das atividades obrigatórias (escola) e não-obrigatórias neste período. Um dos autores mais representativos na área dos Estudos do Lazer, Nelson Carvalho Marcellino (l990: 54-55), coloca que a utilização do termo lazer na infância não é consensual entre os autores que investigam essa questão. O autor se refere, em particular, a Parker (l978: 60-6l), uma vez que grande parte dos autores utilizam a expressão lúdico, jogo ou brincadeira. Parker, por conseguinte, questiona o uso do conceito lazer para crianças em idade pré-escolar, pois o tempo para elas ainda não se tornou institucionalmente dividido em atividade obrigatória (colégio) e atividades não obrigatórias. Este autor, contudo, afirma que a noção de lazer já mais apropriada para a idade escolar, embora a escolha de ocupações de lazer seja normalmente restringida pelos pais e pela quantidade de dinheiro que em geral recebem para gastar. Na opinião dele, para os pré-adolescentes, usa-se algumas vezes a expressão *brincadeira* para indicar as atividades onde não há obrigações e que servem como fins em si mesmas ao passo que para outros grupos etários, tais atividades seriam caracterizadas como lazer. Todavia, na prática, a brincadeira e o lazer dos pré-adolescentes se constituem no mesmo tipo de atividades, uma vez que, estes, em geral, brincam no tempo de lazer. Isto significa dizer

que a brincadeira é o conteúdo que dá sentido ao tempo de lazer das crianças, ou ainda que *as crianças experimentam o brinquedo como lazer* (Ibidem).

Marcellino (l990: 54-55) , em contrapartida, diz que as opiniões não são consensuais a este respeito, pois, se verificam devido ao peso considerável que se atribui ao aspecto *tempo* na conceituação do lazer aplicado à infância. De acordo com ele, isto poderia levar em consideração a sua *não-aplicabilidade à criança* (grifo meu), considerando-se, que, pelo menos em *termos ideais* (grifo meu), a infância seria marcada pelo *descompromisso*, pela falta de *obrigações*. Isto implicaria na impossibilidade do contraponto obrigação/lazer e, consecutivamente, na demarcação de um tempo *livre* ou *disponível*, destinado a esta faixa etária. Segundo ele, essa suposta disponibilidade de tempo, na infância, e sua fruição livre e espontânea, decorre da visão abstrata de infância, enquanto reino absoluto do lúdico, que não a percebe como integrante de uma sociedade concreta, na qual as crianças trabalhadoras são evadidas da escola e, em virtude do trabalho, não podem vivenciar, o *lúdico* nos pátios, recreios, parques, quintais e praças.

Essa crítica pretende, desmistificar a idéia de criança brasileira abstrata, uma vez que estas pertencem a classes sociais e culturas distintas, tendo, portanto, oportunidades, vivências plenas, precarizações ou supressões distintas no que concerne ao uso do tempo de lazer em suas diferentes infâncias. Isto quer dizer que, ao analisar a criança concreta inserida na sociedade brasileira , não se pode perder de vista o que vem se verificando de modo crescente , ou seja: *(...) o* ***furto*** *da possibilidade da vivência* ***do lúdico*** *na infância, ou pela negação temporal e espacial do jogo, do brinquedo, da festa, ou mesmo através do consumo obrigatório de determinados bens e serviços oferecidos como num grande supermercado* (Ibidem). Deste modo, fica claro, que o *furto do lúdico* atinge as crianças independentemente de classes sociais, gênero e cultura. Assim, todo esse processo é resultante do fato de que a sociedade burguesa instrumentaliza a cultura, priorizando a sua faceta produtiva e sua manifestação apenas como produto. Desta maneira, a criança é desvalorizada, pois não é vista como sujeito das relações sociais e produtora de uma cultura infantil, mas como mera consumidora dos *produtos* da Indústria Cultural. Dito de outro modo, a partir das palavras de Perrotti (l990: 26): *(...) a produção cultural para crianças, enquanto substituição, ajusta-se a uma necessidade: à necessidade do sistema econômico em se reproduzir, ainda que seja à custa da morte do lúdico, do prazer, da criação. Ainda que seja à*

custa da morte da aventura, do sonho, do encontro. E isso, *continuará acontecendo enquanto os valores de troca regularem a vida das pessoas.*

Marcellino (l990, op. cit.) é um dos poucos autores que fazem a relação tempo de trabalho e tempo de lazer na infância, trazendo para a reflexão a questão da supressão do tempo de lazer/lúdico da infância das classes trabalhadoras pobres. Já em l986 num artigo chamado *O lazer e o uso do tempo na infância*[24] , o autor colocava a necessidade de superar a idéia romantizada de uso do tempo na infância , apenas como um tempo idílico do brinquedo e do lúdico, uma vez considerada a relação criança-trabalho.

É curioso notar que, mesmo tendo escrito seu texto nos anos 80, portanto, um pouco antes do *boom* da reestruturação produtiva e, conseqüentemente , da exploração do trabalho infantil dos anos 90, o autor recorra ao século XIX na Europa, citando Lafargue, e no Brasil aos trabalhos de Esmeralda Blanco Moura (l982), para denunciar a exploração do trabalho infantil nas zonas urbanas durante o processo de industrialização do Brasil[25]. Sua indignação contra o trabalho infantil no processo de industrialização em São Paulo é, em sua essência, a denúncia pelo *furto do lúdico*, cuja expressão inspirou o tema desta pesquisa.

Apesar desta investigação conter em seu título e em seu corpo a palavra *lazer*, devo salientar que o seu emprego se dá, de uma lado, pelo seu uso corrente tanto no senso-comum quanto na produção acadêmica, em virtude do mesmo termo estar diretamente vinculado ao tempo ligado ao trabalho produtivo e assalariado dos trabalhadores adultos no mundo do trabalho capitalista. De outro lado, pretendi, intencionalmente, utilizá-la, visando deixar claro os sentidos dela, enquanto uma categoria recorrente ao capitalismo e permeada de questões epistemológicas e ideológicas, relacionadas à inserção prematura das crianças no mundo do trabalho alienado, pesado, insalubre, escravo. Portanto, a expressão *lazer,* aplicada à infância, justifica-se dadas as similitudes da inserção da criança e do trabalhador adulto no processo produtivo: relações desumanas de trabalho, extensas jornadas de trabalho, sub-salários de miséria, etc..

Considerando o exposto, vou construindo no decorrer deste capítulo a idéia da expressão l*azer/lúdico*, como veremos adiante, visando, simultaneamente, recuperar os sentidos, valores e características do lúdico, hoje em dia tão desvirtuado pela sociedade de consumo cada vez mais voraz, como também preservar a crítica ao não usufruto de certos bens de consumo de lazer

[24] Cf. Revista *COMUNICARTE*, IAC.Ano 4, no. 7, l986.
[25] Ver também sobre essa questão Pinheiro (l98l) e Rago (l985).

destinados apenas às elites e não aos operários[26]. Em suma, o meu dilema conceitual, no emprego da palavra lazer aplicada à infância trabalhadora explorada não se verifica apenas em razão de uma questão semântica, mas, em virtude de questões de natureza epistemológica, ideológica e histórica.

Quando a questão do *lazer* refere-se à infância pobre e trabalhadora, não se pode desconsiderar que as *extensas jornadas de trabalho* que realizam os meninos e meninas, sobretudo, no período do corte da cana, se constituem num fator limitante ou supressivo do tempo para o lúdico. As longas jornadas de trabalho das crianças, também chamada de *tempo de trabalho excedente*, são a expressão da superexploração tanto da força de trabalho dos adultos quanto das crianças, tendo como finalidade principal a mais-valia. Este tempo de *trabalho excedente ou mais trabalho (surplus labour*), tem como conseqüência , conforme já nos advertia Marx (l988: l68-l22) *usurpar o tempo de crescimento, o desenvolvimento e a manutenção sadia do corpo*[27]: *(...) Tempo para educação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o preenchimento de funções sociais, para o convívio social, para o jogo livre das forças físicas e espirituais, mesmo o tempo livre de domingo- e mesmo no país do sábado santificado - pura futilidade* (Ibidem: 202). O capital, tem, então, como único impulso vital, a auto-valorização , a criação mais-valia, a absorção como sua parte constante dos meios de produção, enfim, a maior massa possível de mais- trabalho (Ibidem: l80), produzindo, assim, a *exaustão prematura e o aniquilamento da própria força de trabalho, prolongando o tempo de produção do trabalhador num prazo determinado mediante o encurtamento de seu tempo de vida* (Ibidem: 203).[28] Contudo, convém lembrar, que não é apenas a excessiva jornada de trabalho que pode suprimir ou precarizar a vivência da ludicidade e a escolarização das crianças, mas sim, o tipo de trabalho em si, precoce, pesado, enfadonho, perigoso, insalubre, em suma, alienado.

O trabalho infantil compromete a infância, circunstanciando *constrangimentos múltiplos,* gerando *alienações múltiplas,* e desencadeando, desta maneira, o dilema e o impasse de ser *amplamente alienado*, ou seja, ser criança e ser adulto ao mesmo tempo; ser criança e trabalhar precocemente; ser criança, adulto e velho e não dispor de tempo para o lúdico; ser criança

[26] Cf. Parker (op. cit.: 5l) , Forjaz (l988), Goldenstein (l99l).
[27] Ver a esse respeito o Capítulo IV *Do Corpo Brincante ao Corpo Produtivo*
[28] Ver no Capítulo IV a questão do Corpo e do Envelhecimento Precoce.

adultizada e envelhecida; ser de forma precária incluída no sistema educacional; ser criança por pouco tempo, perder o resto da infância e a juventude, saltando em seguida, para a curta idade adulta e imediatamente para a velhice, sem futuro, isto é, sem chances de inserção no mundo do trabalho[29] e no mundo das novas tecnologias[30]. Além disso, ao mesmo tempo, acumular responsabilidades e pressões que, sem dúvida, deixarão marcas indeléveis na memória, afetando assim o processo de construção da identidade; e, em suma, portar já no corpo os sinais do trabalho alienado que, por sua vez, a estigmatizará em outras regiões brasileiras como o atarracado *homem gabiru, cassaco de engenho, paraiba ou baiano.*

Contudo, todo esse processo de degradação do humano não se trata mais daquilo que Marcellino chamou de *Furto do Lúdico* e Bertoni Jovine (apud Cambi e Olivieri l988) chamou de *dupla alienação da infância*, Entretanto, a meu ver, este processo de estranhamento, no caso das crianças canavieiras, pode ser compreendido de forma mais ampla, ou seja, aquilo que intitulo de *múltiplas alienações*, considerando os seus aspectos: *social, econômica e cultural* (Chauí, l995).[31]

Pensar nos usos do tempo na infância trabalhadora, principalmente rural, é pensar automaticamente num tempo predominante de trabalho pesado, no qual o tempo de lazer, compreendido aqui enquanto tempo livre para o lúdico, deve ter como ápice o seu conteúdo ontológico fundamental: a liberdade. Assim, há uma dificuldade em acreditar que a liberdade possa existir, enquanto os sujeitos estiverem indelevelmente marcados pelo reino da coisa e mercadoria. Neste aspecto concordo com Heller (l994) ao dizer que:

(...) La humanidad será libre cuando todo homem particular pueda participar conscientemente en la realización de la esencia del gênero humano y realizar los valores genéricos en su propria vida, en todos los aspectos de esta.

---

[29] No Capítulo II abordo a questão dos limites diversos do Programa Mão Amiga, no qual estão excluídas as crianças que completarem l4 anos e 11 meses. Trata-se dos chamados *Órfãos da Bolsa Escola.*

[30]Cf. As pesquisas de Heloisa Martins, Celso Ferretti, Miguel Arroyo e Marília Spósito, especificamente o texto da Mesa Redonda *Juventude, Trabalho e Educação*, 25º Encontro CERU/USP, 22/05/l998.

[31] Segundo a autora a *alienação social* é aquela na qual a sociedade é o *outro* (*alienus*), algo externo a nós, diferente de nós e com poder total ou nenhum sobre nós; a *alienação econômica* é aquela na qual os produtores não se

***

Mas se boa parte das críticas contra o lazer na sociedade capitalista, indica que ele carece de efetivo e real *tempo livre* e de outros valores éticos e sociais, que talvez possam ser os do lúdico, então, finalmente, o que é *lúdico*, o que é *ludicidade* ?

De acordo com Santin (l994: 28) a ludicidade deve ser compreendida como uma forma viva e como uma ação sentida e vivida, não podendo ser apreendida pela palavra, mas pela fruição. Apesar disso , o autor coloca que ela é fantasia, imaginação e sonhos, que, segundo ele, *se constroem como labirinto de teias urdidas com materiais simbólicos*.Até agora, a única coisa clara em sua retórica é o fato da ludicidade, diferentemente dos lazeres esteriotipados, pré-fabricados e sem a marca do sujeito, é a alusão que faz à presença da fantasia, da imaginação e do sonho nos atos lúdicos. Para ele a ludicidade é *(...) É uma tecitura simbólica fecundada, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um*, cuja ação se confunde com o *brincar.*Brincar, portanto, para o autor *é exercer o poder criativo do imaginário humano construindo um universo, do qual o criador ocupa lugar central, através de simbologias originais e inspiradas no universo real de quem brinca*. Sendo assim, a única novidade em suas palavras que possa nos conduzir à reflexão sobre os valores implícitos ao lúdico é a posição desalienada do sujeito, enquanto ser social criador que ocupa um lugar central no processo de construção da sociabilidade e da cultura. Contudo, nas páginas anteriores (24-28), o autor, ao analisar *O mundo do trabalho e o mundo do brinquedo*, posiciona-se, afirmando que o brinquedo *não é frívolo de tempo não-desperdiçado* (grifos meus), pois é uma atividade *desprovida de qualquer interesse econômico* (grifo meu), não criando nenhuma riqueza, servindo, portanto, com seus valores para desmascarar os valores opressivos do mundo do trabalho, conclui ele, citando Paul Lafargue.

Marcellino em seu livro *Pedagogia da Animação* (l990: 23-52) traz a idéia do *lúdico como elemento da cultura* e o lazer como espaço para a manifestação deste. Na opinião dele há, na verdade, um *jogo de palavras* quer poderia ser caracterizado como um traço comum no tratamento das questões conceituais no campo das manifestações lúdicas. Para ele há, além de

!!!!!!!!

reconhecem como produtores, nem se reconhecem como objetos produzidos por seu trabalho; a *alienação intelectual*

uma imprecisão, há também nas perspectivas etmológicas dos dicionários, um caráter abrangente do lúdico enquanto manifestação, tratando-o muitas vezes como sinônimo de jogo, brinquedo e brincadeira. O autor, contudo, alerta que suas considerações iniciais sobre a questão conceitual do lúdico demonstram a sua posição em optar por uma abordagem do lúdico não em si mesmo, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (*brinquedo, festa, jogo, brincadeira etc*.) mas nos valores deste, como um *componente da cultura historicamente situada.* Marcellino tece suas considerações em defesa do *lúdico* enquanto *componente da cultura*, considerando a sua manifestação nas relações sociais em diversos períodos históricos. Assim, ele destaca os valores do lúdico que, na sua opinião, confundem com os do lazer, destacando o *caráter desinterassado* ou gratuidade, *tempo e atitude voluntária*, elementos estes que estão presentes no brinquedo, na festa e no jogo.

Para Parker (l978: 22) o conceito de lúdico relaciona-se ao de lazer, uma vez que todo o folguedo (lúdico) é uma forma de lazer, mas nem todo o lazer é lúdico. Mas o que deixa subentender o autor nas entrelinhas ? Na minha opinião, o que se pode abstrair desta afirmação, é que, a exemplo do que já colocou Marcellino, o lúdico é um componente cultural do tempo de lazer. Isto significa, necessariamente, retomar a discussão da incompatibilidade do tempo livre no capitalismo (Antunes, Kurz, Padilha, op. cit.), pois, na minha opinião, e concordando com os autores, os ditames da racionalidade econômica capitalista opõem-se radicalmente aos valores ontológicos e éticos do lúdico. A lógica capitalista pressupõe de forma determinante e hegemônica o objeto no lugar do sujeito, a mercadoria, a opressão, enfim a objetivação do ser humano. O lúdico, em contrapartida, prioriza o sujeito construindo o objeto e se reconhecendo e espelhando-se neste para desta maneira, construir as bases materiais do prazer e da felicidade humana. Compreendendo desta maneira, o lúdico então, dentro do mecanismo do sistema é a sua negação e, em seu lugar consome-se o lazer, o não-trabalho, coisa totalmente diferente do lúdico, que é jogo, brincadeira e criação contínua, ininterrupta, intrínseca à produção (Perroti, l990: 20).

Todavia é de bom alvitre reconhecer que o lúdico não é apenas uma entidade divina e metafísica, um reino da fantasia, dotado apenas da força transgressora da liberdade, gratuidade, criatividade, prazer, solidariedade, participação voluntária e outros. Pelo contrário, ele contém

!!!!!!!!

é resultante da divisão social do trabalho, ou seja, da separação social entre trabalho manual e intelectual.

em seu bojo todos esses valores supracidados, mas também uma relação dialética entre consenso e conflito, a dor e prazer, alienação e emancipação.

Talvez o que acabo de colocar sobre o lúdico, seja possível de observar nas crianças. Pois quando elas brincam, é possível perceber o quanto o tempo-espaço destinado para o jogo não é só um reino de paz, prazer, harmonia e alegria, mas também, e, contraditoriamente, consenso e conflito, alegria e tristeza, dor e prazer, liberdade e opressão. Então, o lúdico, longe de ser romantizado e idealizado, é um jogo de valores éticos que estão em permanente movimento, enquanto construção social de alteridade.

Mas, vejamos o que nos diz Huizinga (l980: 3-3l) em seu clássico Homo Ludens? O autor considera o lúdico ou jogo como uma manifestação cultural, cujos valores são importantes para a civilização, pois, é nele e través dele que a civilização se desenvolve. No jogo ou no lúdico existe sempre alguma coisa *em jogo*, de tal maneira que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Assim, toda a ação lúdica significa alguma coisa e sua complexidade extrapola as análises biológicas do tipo funcionalista de descarga de energia excessiva, de distensão após um esforço, de preparação para as exigências da vida, de compensação dos desejos insatisfeitos etc., sob a forma de exercícios e reações puramente mecânicas.

O lúdico é muito complexo para ser interpretado e deve ser compreendido e avaliado em sua totalidade, pois ele vai para além do alívio de tensões, da alegria e do divertimento. Neste sentido é mister compreender que:

> *(...) Como a realidade do jogo ultrapassa a esfera da vida humana, é impossível que tenha seu fundamento em qualquer elemento racional, pois nesse caso, limitar-se-ia à humanidade. A existência do jogo não está ligada a qualquer grau de civilização, ou a qualquer concepção do universo. Todo o ser pensante é capaz de entender à primeira vista que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo. A existência do jogo é inegável. É possível negar, se quiser, a justiça, a beleza, a verdade, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo* (Huizinga, l980: 3l).

Apesar de discordar que a justiça e a verdade sejam uma abstração e não concretudes ético-políticas, concordo com o autor a respeito da complexidade na definição do que é lúdico ou jogo, porque muitas vezes ao tentar formulá-la de forma mais racional, terminamos por anunciar a sua morte. No entanto, é possível enumerar algumas características próprias ao jogo em geral e outras que pertencem aos jogos sociais em particular que, na verdade, se constituem em

elementos e valores que fazem parte de outras esferas, acontecimentos e ações da vida cotidiana. Neste sentido, podemos dizer que o jogo é uma *atividade voluntária que, sujeito a ordens, deixa de ser uma imitação forçada*.O jogo jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca se constitui uma tarefa (trabalho), sendo sempre praticado nas *horas de ócio*. Por conseguinte, liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual. O jogo é sério, e nunca há um contraste bem nítido entre ele e a *seriedade*, sendo a inferioridade do jogo sempre reduzida pela superioridade de sua seriedade. Em suma, ele se torna seriedade e a seriedade jogo. O jogo é *desinteressado* , pois pertence à vida comum e se situa fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos, mas, pelo contrário, interrompe esse mecanismo. Ele se apresenta como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização. Outra característica do lúdico e que o distingue da vida *comum* é o *tempo e o espaço*, ou seja, o lúdico possui certos limites espaço-temporal, assim como um caminho e sentido próprios. Além disso, tem uma característica interessante que é a de fixar-se imediatamente como fenômeno cultural, podendo ser considerado como uma criação nova e um tesouro a ser preservado pela memória.

O jogo possui como característica a ordem, isto é, e*le cria ordem e é ordem*. Neste sentido, ele introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a esta estraga o jogo, privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor. Talvez seja pelo fato de existir essa profunda afinidade da ordem com o jog*o*, que este parece estar intimamente ligado à beleza. Além do mais os efeitos de sua beleza provocam *tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião* A tensão do jogo significa *acaso e incerteza*. Este elemento de tensão é mediado por um certo *valor ético*, na medida em que são colocadas à prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem e, também, suas capacidades espirituais, sua *lealdade.*Porque, apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo (Ibidem).

Um outro caráter especial que subjaz ao jogo, além dos já mencionados, é o *mistério*, pois, desde a mais tenra infância, o encanto do jogo é reforçado por se fazer dele um segredo, uma aventura misteriosa e fascinante. Portanto, no âmbito do jogo, as leis e costumes da vida

cotidiana perdem validade. Fazemos coisas diferentes e somos diferentes do mundo habitual e nos tornamos *o outro*, quando estamos envoltos no terreno da alteridade lúdica:

> *(...) A capacidade de tornar-se outro e o mistério do jogo manifestam-se de modo marcante no costume da mascarada. Aqui atinge o máximo a natureza extra-ordinária do jogo. O indivíduo disfarçado ou mascarado desempenha um papel como se fosse outra pessoa, ou melhor* **é** *outra pessoa. Os terrores da infância, a alegria esfusiante, a fantasia mística e os rituais sagrados encontram-se inexplicavelmente misturado nesse estranho mundo do disfarce e da máscara* (Huizinga, l980: 3l-32).

Após toda essa exposição ou tentativa de explicação dos sentidos do lúdico, Huizinga apresenta de maneira resumida suas características formais, a saber:

> *(..) é uma* ***atividade livre*** (grifo meu)*, conscientemente como* ***não-séria*** *(Grifo meu) e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total.* ***É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material*** (grifo meu)*, com o qual* ***não se pode obter qualquer lucro*** (grifo meu)*, praticada de certos limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a afirmação de certos grupos sociais com tendência a rodearem-se de* ***segredo*** (grifo meu) *e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes* (Huizinga, l980:: l6).

Com essa breve exposição dos elementos que dotam de sentido o lúdico na perspectiva de Huizinga, ainda que o autor não seja um crítico do capitalismo, pretendi mostrar como esse componente da cultura, possui características que não se coadunam com a lógica societária do capital, compreendida enquanto relação social de espoliação. Isto fica claro, principalmente, no que concerne a valorização que o autor atribui à *liberdade* enquanto um valor fundamental para que a *atividade* seja efetivamente *livre*, pois os jogadores decidem eles próprios as suas inserções nas tramas lúdicas.

Considerando a liberdade colocada neste termos, cabe perguntar: *se neste sistema perverso que faz com que a infância seja um tempo de responsabilidades, tensões e constrangimentos precoces, anulando ou subsumindo a possibilidade da vivência de um dos valores éticos mais importantes no jogo e no tempo de lazer; se é possível o exercício pleno da liberdade, aliada à criatividade e à fantasia, enquanto fatores de aprendizagem socia*l. Minha resposta é não! Pois, não se pode falar em liberdade gerada no trabalho objetivado, que anula a riqueza das potencialidades, dos sonhos, dos desejos e da subjetividade das crianças, que estão, enquanto coisa, mercadoria, sob o domínio da potência estranha que as domina.Vale dizer, complementando este raciocínio, que isto só é possível, se a gênese ontológica estiver implícita

no trabalho e, se este for considerado, no dizer de Lukács, citado por Antunes (l999: l44), enquanto centralidade e protoforma do ser social. Assim sendo, o trabalho passa a ser fundamental para a humanização do homem, fazendo parte de sua constituição ontológica, formando, portanto, o ponto de partida genético para uma outra questão vital e que afeta de maneira profunda os homens no curso de toda sua história: a liberdade.

Portanto, a liberdade, só poderá ter sentido para o gênero humano se for superada a alienação aí engendrada (Heller, l994: 2l7). Alienação esta , que se verifica no tempo de trabalho e envereda pelos diversos tempos e espaços da vida das crianças, desprovendo esta vida de sentido, suprimindo ou obstaculizando a conquista da liberdade, em suma, suprimindo a infância:

> *(...) a supressão da infância suprime ao mesmo tempo processos sociais vitais, pois submete as novas gerações a relações sociais e a uma socialização enfermas que já não estão mais sob o domínio do homem e sim da coisa. (...)* ***É ilusória a liberdade gestada nestas condições, porque é antes de tudo a liberdade da coisa*** (grifo meu)*,* ***da mercadoria*** (grifo meu)*, da criança convertida em mão-de-obra real ou potencial* (Martins, l993: l4).

Outra questão colocada pelo autor, o lúdico deve estar desvinculado de todo interesse material, pois seu único fim resume-se no interesse pelo que acontece no tempo-espaço do jogo e, logo, sem a obtenção de qualquer lucro. Isto significa dizer que o lúdico não se atrela, como bem nos advertiu Pinto (l992: 290), baseada em Huizinga (op. cit.), aos esquemas da produtividade capitalista, ao *jogo de manobras*, cujo meta é o sentido mercantil do jogo que objetiva, basicamente, o lucro advindo dessa ação. Também o jogo (manobrado) estimula a mercantilização, desumanizando os sentido da liberdade, do prazer, dos desejos, das emoções, do tempo e dos lugares.Assim, no lugar do jogo mercantilizado e objetivado, a autora propõe o jogo lúdico, cuja essência é expressar a vivência cultural dos jogadores, calcada na possibilidade de conquista da liberdade. Conquista esta que deve desvelar o sentido de gratuidade e prazer, através de conteúdos culturais, construídos no tempo e lugar, partir da subjetividade, interesses, necessidades, utopias, tempo e espaço dos jogadores (Huizinga, l980.: 289).

Conforme nos alertou Huizinga, o jogo é um fenômeno cultural, no qual a fantasia é , ao lado da liberdade e da criatividade, considerada como componente fundamental do lúdico. Fantasia essa, hoje tão ausente dos jogos e lazeres das crianças e adultos, boa parte deles, consecutivamente carentes de liberdade, imaginação, risco, enfim, de criatividade. O autor em diversos momentos insinua uma aproximação entre criatividade, arte (a estética e a beleza) e

jogo. O lúdico, consecutivamente, está em larga medida associado à estética: *(...) Há nele uma tendência para o belo e de tal maneira que lança sobre nós um feitiço, ele é fascinante* (Huizinga, l980: l3). Esta relação imbricada do lúdico com a criatividade se justifica, uma vez que este (o jogo) é inerente à condição humana e, a criatividade e os processos de criação são estados e comportamentos naturais da humanidade (Ostrower, l987: 53). Portanto, se levarmos em consideração que o brincar é uma experiência sempre criativa, uma continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver (Huizinga, l980: 63), então, é preciso que haja a diminuição da obrigação e do constrangimento, e que sejam viabilizados espaço e tempo para o seu desenvolvimento (Carrano, l993), pois, *(...) Brincar é acima de tudo exercer o poder criativo do imaginário humano construindo o universo real de quem brinca. Os mundos fantasiosos do brincar revelam a fertilidade inesgotável de simbolizar o impulso lúdico que habita o imaginário humano.* (Santin, op. cit: 29).

Por fim, o jogo é uma *atividade não-séria*, mas que envolve uma certa dose de concentração, uma tensão permeada de magia, mistério e fantasia, logo de seriedade sem a sisudez, a tensão e a pressão do mundo produtivo do trabalho, e eu diria do mundo do trabalho produtivo. Este elementos são fundamentais para desconstruir o senso-comum de que o lúdico se caracteriza pela *frivolidade* e *inutilidade* (Huizinga, l980: l6-l7). Neste sentido, é preciso reverter esta visão, pois, é na própria frivolidade do jogo que está a chave e a essência do seu caráter educativo e transgressor, pois, suprimindo-a corre-se o risco de fazer com que o jogo também sucumba (Brougère, l998: 20l-2l0). Em razão disso, a *inutilidade* pode significar, talvez, o caminho para a desalienação, o caminho para se construir as bases contestatórias do atual sistema vigente.

Talvez seja justamente pelo caráter de liberdade e subversão da ordem, em contraposição à lógica da produtividade, que o lúdico seja subsumido da noção de infância na Modernidade. O lúdico indica pistas para a definição de papéis sociais e é cultura humana subjetiva, que se contrapõe à racionalidade produtiva. Por isso, é de fundamental relevância considerar o outro lado da moeda:

> *(...) O jogo é sério, tendo quase sempre regras rígidas, incluindo fadigas e às vezes levando mesmo ao esgotamento. Não é um mero divertimento, é muito mais. (...) A criança que joga de fato não olha em torno de si como um jogador de baralho num café, mas mergulha fundo no seu jogo, porque ele é coisa séria (Chateau, 1987: 20-21)*

Como é possível constatar, o lúdico, o jogo ou a brincadeira, enquanto essência do tempo de lazer/lúdico na infância, não se submetem à lógica da racionalidade produtiva e do lucro da cidade capitalista. A criança que muitos afirmam não produzir nada brincando, produz sim: prazer, alegria, relaxamento, vida, cultura. Ela, ao brincar, torna-se criador e criatura, sujeito e objeto das relações sociais, ao passo que trabalhando em condições desumanas, não passa de um mero joguete, um brinquedo, uma mercadoria nas mãos dos patrões e capatazes.

A idéia de lazer relacionada à ociosidade improdutiva e a de lúdico, à não-seriedade, reforçam em nossa sociedade a ideologia moralizadora de que o trabalho é um bem supremo, o devir, e que o brincar não é importante para o presente e o futuro, pois este está envolto na busca egoísta e na paixão pelo lucro. Deste modo é que, além de já terem consciência de que são provedoras da família, muitas crianças já inculcaram a ideologia do lúdico como ato inconseqüente, fugaz e irresponsável.

Este tipo de ideologia é uma estratégia de teor moralizante da classe dominante com o objetivo de acumular mais riqueza e manter presos às suas patas os trabalhadores, cuja força de trabalho é o filão do seu capital. É por este motivo que está disseminada nas entrelinhas dos discursos e sonhos-desejados, a máxima ideológica e perversa de que é para os filhos da classe trabalhadora, o trabalho (a cana, o carvão, a rua) e para os filhos dos empresários (Forjaz,1998), escola privada,as práticas corporais esportivas, passeios ao shopping, brinquedos caros, viagens a Disneyworld, aulas de inglês, judô, informática, piano, violino, Ballet e outros[32].

Essas crianças estão também alienadas de suas próprias infâncias na medida em que não podem viver a plenitude de seus desejos, de seus sonhos de criança, porque seus pais estão respondendo aos apelos da pós-modernidade educando-as precocemente, quer dizer, moldando-as para a efemeridade do futuro e enterrando o presente. Estas crianças correm o risco de supereducação pois, *(...) inquietos com o futuro profissional de suas crianças em um mercado cada vez mais competitivo e bombardeado por enxurradas de pesquisas sobre a importância de estimular bebês ou como deixar seu filho mais inteligente , esses pais sonham no fundo em criar*

[32]Este fenômeno intitulo *Múltiplas Alienações na Infância*, que nos mostra que há uma alienação na infância, independentemente de classes sociais. As crianças ricas e de classe média são preparadas para o devir, o amanhã. As crianças das classes populares têm que abdicar da escola e do lúdico para sustentar a família. De todas essas crianças, de formas distintas, é furtado o lúdico (Marcellino, 1990).

pequenos Einsteins ou Bill Gates (Almeida e Michelotti, l999).[33] Enquanto isso na escolas da zona rural, predomina a carência por recursos didáticos, instalações adequadas, salários dignos para os professores, métodos, etc. Nestas escolas as crianças pobres, exploradas e desnutridas têm dificuldades de aprendizagem por estarem inseridas precocemente no mundo do trabalho ou, por terem que fazer trabalhos domésticos pesados, vivem sob a égide da chamada *pedagogia da repetência.* Em suma, todas as crianças são carentes de infância: *as ricas são tratadas como se fossem dinheiro e as pobres, como lixo*. *E as da classe média são mantidas presas na frente do televisor* (Galeano, 2000).

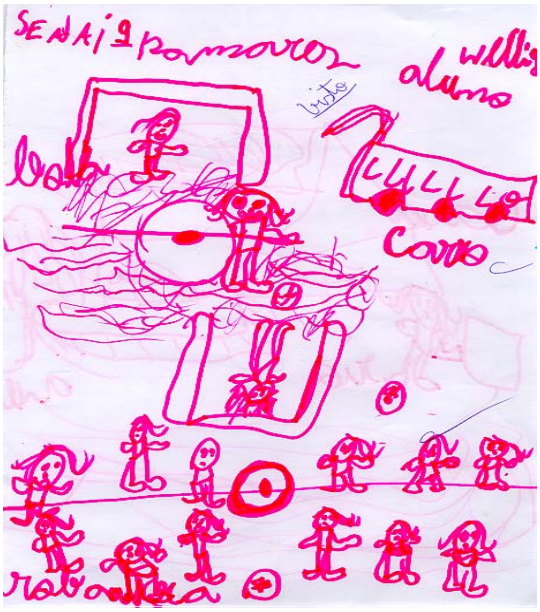
O lúdico, associado à infância, ainda é considerado um momento romântico de encontro com a fantasia, o prazer, a alegria e não-seriedade do mundo (Araújo, 1996: 103-122). Isto se verifica, porque na sociedade capitalista a criança não é tratada como sujeito das relações sociais, mas sim das relações de produção. Por conseguinte, não é de se estranhar que, dentro desta lógica destrutiva, dela se roube a força de trabalho, com base na idéia romântica ideológica e piegas de prazer, alegria, fantasia, improdutividade, inutilidade.

Portanto, a redução do lúdico, ligada à esfera da não-seriedade, corrobora à imagem da criança como inutilidade e, talvez por isso mesmo, um objeto descartável, uma mercadoria manipulável. Em contrapartida, alguns estudiosos do jogo (Winicott, Wallon, Vigotsky, Piaget, Huizinga, Chateau e outros) consideram o jogo uma atividade vital para a criança e um dos elementos preponderantes do universo infantil, tão importante para a humanização da criança quanto o trabalho produtivo o é para o trabalhador adulto.

Todavia, o lúdico, a partir de todo esse aparato ontológico, só parece ser possível, plenamente, a partir de uma *nova sociabilidade* (grifo meu) , isto é, aquela gestada por *indivíduos* (homens e mulheres) *sociais* e *livremente associados*, na qual, ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas e legítimas dos sujeitos, engendradas no âmago da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas funções. Mas isto nos leva a perguntar: *quais são as formas inteiramente novas de sociabilidade*? A resposta nos dá o próprio autor: *aquelas em que a liberdade e a necessidade se realizem mutuamente.* Para ele, e eu

[33] Sobre esse respeito a Folha de São Paulo, no *Caderno Folha Invest* de 11/l0/l999, publicou um artigo intitulado *Crianças já investem como gente grande*. O teor da reportagem versa sobre os filhos das classes médias e ricas, que, preocupadas com o futuro de seus filhos, ensina-lhes a aprender como lidar com dinheiro, fazendo assim um planejamento financeiro para as crianças a partir dos 6 anos de idade.

também reitero: *(...) Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo* (Antunes, l999:l77).



Desenho de uma criança do Programa Mão Amiga – Tema: Meus jogos Preferidos.
(Evento-Campo 09)

***

Apesar dos pesares, nem tudo está perdido, pois na teia das relações alienadas do mundo do trabalho infantil, ainda sobrevive o sinal de resistência e de subversão da ordem. Não quero, com isso apenas justificar ou mesmo valorizar romanticamente a resistência simbólica meramente enquanto tal, mas também como possibilidade política, uma vez que na resistência simbólica também estão as chaves para a interpretação da resistência real. Sendo assim, quero destacar o valor psicossocial, cultural, intelectual, simbólico e político do lúdico para a vida da criança, enfim, da resistência sócio-cultural enquanto anúncio de outro projeto de sociedade.

Edmir Perroti (l990, 20-2l.) nos traz um belo exemplo de resistência sócio-cultural através do lúdico, pelas crianças, ao trazer à tona os estudos de Florestan Fernandes sobre a questão do folclore e a mudança social na cidade de São Paulo, partindo da observação de grupos infantis que se reuniam para brincar, as *trocinhas* do Bom Retiro. Segundo o autor, Florestan deixou claro nestas pesquisas que a criança participa ativamente da cultura, criando-a e recriando-a com

feições próprias, com significados particulares e com funções semelhantes à cultura construída pelo adulto. As *trocinhas* revelam a capacidade humana de negar o papel imposto por um sistema a seus diversos componentes, a partir dos interesses daqueles que se encontram em posições privilegiadas dentro deste. É importante, neste sentido, perceber que a tentativa de impor características passivas aos seres humanos, sejam de que idade forem, não corresponde à história e à cultura construída e vivida pelos grupos sociais.

As conclusões de Florestan nos mostram a capacidade e o papel desses grupos infantis no que se refere à construção de uma cultura própria, viva, transmitida boca a boca e cujos elementos, muitas vezes, são buscados em outras manifestações culturais mais genéricas, isto é, as construídas pelos adultos. Mesmo assim, esses grupos reelaboram esses elementos culturais do mundo do adulto, a partir de suas necessidades, transformando-os em algo próprio e diferente daquilo que lhes serviu de inspiração (Perrotti, l990: 20-2l).

Nesta mesma dimensão, mas tratando de crianças *de* e *na* rua, Graciani (l997: l49) em seu estudo *A Ludicidade: um campo da Expressão e da Resistência da Criança de e na Rua* nos revela que *(...) a criança de rua, brincando, afirma-se, constrói-se, revê-se no mundo, cria saber e conhecimento sobre seu universo, como ato de criação. No terreno da ludicidade, são bruxos, magos, reiventando a realidade*. Finalmente, chega à seguinte conclusão:

> *(...) É bem verdade que a necessidade do trabalho em combinação com o estudo não deixa muito tempo livre para atividades do lúdico e das brincadeiras. Não é menos verdade que o espaço da favela e da rua, na maioria das vezes, representa um obstáculo para o desenvolvimento do lúdico. Todavia, os jogos e brincadeiras, a corporeidade em ato, não acontecem no idealizado* ***mundo infantil*** *de puras alegrias e fantasias, mas no tensionamento real e concreto da realidade de rua* (Ibidem).

Os resultados destas pesquisas, confirmam que estas formas de resistência contêm o eco da afirmação de Schiller, que nos diz que *o homem só é verdadeiramente humano quando brinca,* citado por Marcuse (1966:163-173). As crianças que trabalham precocemente buscam estratégias e brechas para manifestarem suas potencialidades lúdicas, no momento em que são flagradas *brincando em serviço*. O contraditório de tudo isso é que essas crianças arranjem forças e elementos em meio à dor, ao constrangimento do trabalho forçado e ao despotismo dos patrões, através da manifestação da alegria e do prazer do jogo como instrumentos de luta. De posse desses artifícios, entre os liames da resistência e do conformismo, as crianças manifestam seus

impulsos lúdicos nas brechas que permitem o gozo de uma liberdade ainda que passageira. Elas se conformam e se submetem, ao mesmo tempo, às exigências dos patrões por necessidade, ou resistem, no momento em que o ímpeto de brincar é mais forte do que a ameaça da opressão, segundo apontam os depoimentos a seguir:

> (*...) A gente quando está trabalhado ou quando vai para o trabalho, pensa até em brincar e até, canta um pouquinho, ri, conversa, contas piadas, mas é difícil brincar na hora do trabalho, porque o cabo (capataz) pega no nosso pé e se descobre que estamos parados ou brincando, a gente perde o emprego. A gente termina fazendo, às vezes tudo escondido dele, mais é difícil porque a gente tem que cortar e amarrar um grande número de feixes e amarrar pra poder ganhar aquele dinheiro pouquinho. Mas, a gente sempre arruma um jeitinho para brincar* (Maria José, l3 anos, Evento-Campo 07) *(...) Quando a gente pára um minuto para brincar, jogando* ***toquinho*** *um no outro, recebe advertência e, por vezes, não é mais contratado* (Trabalhador da cana-de-açúcar, 14 anos, citado por Pereira, 1994: 47).

O ***brincar em serviço*** já era perceptível, no início do século, nas indústrias de São Paulo. As crianças desapontavam os capatazes e eram severamente castigadas se brincassem durante as jornadas de trabalho. Qualquer deslize ou desleixo no trabalho comprometia a produtividade e, por isso, eram responsabilizadas pela perturbação no ambiente de trabalho e até pelos próprios acidentes de trabalho (Rago, 1985: 144-145, Moura, l982).

Muitas situações ocorridas na época permitem analisar a capacidade de resistência das crianças frente aos ditames do trabalho, em prol do direito de brincar. Elas fugiam do jugo e das torturas e castigos dos capatazes e supervisores, pulavam os muros das fábricas ou reagiam, às vezes, a pauladas e pedradas (Rago, l985: 143), e ainda participavam intensamente das greves junto com os adultos. Outro fato conhecido é o da impressão causada ao empresário filantrópico Jorge Street, citado por Moura (l983: 30) e Marcellino (l996), por ocasião da saída das crianças das fábricas no início do século. O que o impressionava era a alegria e o sorriso estampado no rosto das crianças ao saírem em algazarra dos muros opressivos das fábricas de São Paulo no início do século.

Segundo ele, na saída do trabalho as crianças demonstravam alegria e algazarra: *(...) é uma verdadeira revoada alegre e gritante que sai à frente dos maiores, correndo e brincando* (Ibidem: 30). Essa cena nos faz refletir sobre a sensação de alegria, prazer e liberdade que os pequenos operários experimentavam fora da opressão dos muros da fábrica, diante do reencontro com a própria infância, com a própria adolescência. Essa sensação de alívio, demonstrada

enquanto uma forma de resistência ao livrar-se do trabalho forçado, coincide com as ocorrências e as declarações de um empresário de Manchester, relatado por Engels (l985: l90-l9l)

> *(...) Visitei muitas fábricas em Manchester e nos arredores e nunca vi crianças maltratadas nem que tivessem sido submetidas a castigos corporais, ou até que estivessem mal-humoradas. Pareciam todas alegres (cherful) e espertas, tendo prazer (taking pleasure) em fazer trabalhar os músculos sem fadiga, gozando em pleno a vivacidade natural da idade. O espetáculo que me oferecia a indústria, bem longe de fazer nascer em mim emoções tristes, foi sempre um assunto de alegre reconforto. Era delicioso (delightful) observar a agilidade com que elas reuniam os fios quebrados em cada recuo do carreto da Mule, e vê-las divertirem-se muito ao descansar em todas as posições imagináveis, após alguns segundos de atividade dos seus dedos finos, até que a retirada e o enrolamento acabassem. O trabalho desses Elfos ligeiros lembrava um jogo em que o seu longo trino lhes permitia uma destreza encantadora. Conscientes da sua habilidade, ficavam felizes por mostrá-la a qualquer visitante. (...) Não havia o menor sinal de cansaço porque à saída da fábrica se punham a traquinar no primeiro local livre, com o ardor de criança ao sair da escola.*

Os episódios acima descritos fazem pensar sobre o papel e o significado social e transgressor do brincar para as crianças, independente de raça/etnia, gênero, religião, idade e classe social. E mais ainda, recuperar os sentidos do lúdico em contraposição aos constrangimentos do trabalho infantil na produção de *crianças sem a infância*. É preciso que sejam privilegiados tempo e espaço para a manifestação do lazer na infância, considerando que: *(...) O processo de socialização no jogo permite à criança se integrar ao* ***socius*** *que a cerca, assimilando seus códigos, permitindo instaurar uma comunicação com os outros membros da sociedade tanto no plano verbal como no não-verbal* (Brougère 1995: 61-75).

Desenho de criança do Programa Mão Amiga
Tema: meus jogos, minha escola
(Evento-Campo 09)

Em suma, fica claro que o sujeito-brincante gosta de liberdade, sonho, acaso, invenção e da repetição, esta considerada sempre novidade e criatividade no limiar do jogo infantil (Winnicott op. cit.: 79). O *lazer* na infância é um tempo que , para ser considerado *lúdico* , deve pressupor a liberdade de expressão, comunicação, socialização e a imaginação. Para que o tempo na infância seja considerado um tempo de *ludicidade* , é preciso que ele não seja dominado pela servidão do trabalho alienado, mas revestido da concretude do jogo da liberdade, da fantasia e da criação.Todavia as regras éticas desse jogo social subentendem que: *O homem só é livre quando está livre de coações externa e internas, físicas e morais - quando não é reprimido pela lei nem pela necessidade* (Schiller apud Marcuse ,1966: 166-167).

4. OS SINAIS DO LAZER NOS EVENTOS-CAMPOS: OU ONDE ESTÁ O LÚDICO? O GATO COMEU ???

> *(...) O jogo é parte de um conjunto de idéias com que se aprende a gerir a vida social; bem como um processo contínuo que muda de conteúdo, do nascimento até à morte de cada participante, e que, aliás, não se pode separar analiticamente do contexto em que se produz, sob o risco de não entender a sua funcionalidade: o jogo é uma acumulação de saber que dinamiza a vida do indivíduo em sociedade.* (Iturra, e Reis, s/d: 9-l0)

Fui para o campo com olhar treinado para colher os dados que me possibilitassem captar, de forma mais ampla, os enigmas, as irregularidades, as continuidades e descontinuidades da vida cotidiana. Além disso levei em consideração as reflexões acima mencionadas, acerca do trabalho alienado, lazer/tempo livre e lúdico na infância trabalhadora de uma forma geral, e, em especial da zona canavieira Além disso, considerei de suma importância compreender o lúdico inerente à dinâmica cultural nestas plagas, buscando com isso, apreender os saberes relativo ao jogo e aos jogos, elementos esses que dão sentido e vida às relações sociais.

Em linhas gerais os Eventos-Campos se constituíram de dois tipos, a saber*: Eventos-Campos Específicos* (03, 05, 07,08, 09)*, ligados diretamente ao mundo do trabalho da cana-de-açúcar, e os Eventos-Campos Gerais relacionados (0l, 02, 04, 06, l0) diretamente aos diversos mundos do trabalho e indiretamente ao mundo do trabalho canavieiro.*

Do ponto de vista dos sujeitos envoltos neste estudo, considerei as *categorias de crianças diretamente ligadas ao setor sucroalcooleiro da zona da mata pernambucana* (Eventos-Campos 0l, 03, 04, 05, 07, 08 e 09)**,** bem como, as categorias de *crianças pertencentes a outros mundos do trabalho* (Eventos-Campos 0l, 02, 04, 06). Nesta perspectiva, vale ressaltar que as categorias de crianças a seguir, conforme mencionei no Quadro 0l , Capitulo I, dizem respeito tanto ao mundo do trabalho da cana-de-açúcar quanto aos diversos mundos do trabalho (sisal, laranja, carvoarias e outros): *crianças que deixaram de trabalhar e só estudam; crianças que estudam e ocasionalmente (clandestinamente) trabalham e ainda ajudam nas tarefas domésticas (cuidar do roçado, tanger gado, buscar lenha e água, cuidar dos irmãos e da casa; crianças que já trabalharam e agora estudam em dois turnos (Mão Amiga) e ajudam nas tarefas domésticas;*

crianças militantes (que participam da maioria dos eventos organizados pelos movimentos sociais, ex: José Carlos, Amaro e outros).

Contudo, vale ressaltar que considerei as crianças pertencentes a outros dos mundos do trabalho, tendo em vista as similitudes de suas vidas cotidianas tanto no trabalho quanto ao lúdico com as crianças do setor sulcro-alcooleiro. Desta maneira, as diversas vozes das crianças, quer seja da cana ou de outras atividades produtivas, contêm elementos intersubjetivos para a compreensão mais geral da problemática trabalho infantil e supressão, precarização ou vivência plena do tempo do lúdico.

Os Eventos-Campos, portanto, permitiram-me observar generalidades (condições de vida, habitação, saúde, etc) e especificidades relacionadas à questão do lazer (lazer e religião, lazer e família, lazer e gênero, lazer e desemprego, lazer e alcoolismo, lazer e classes sociais, (lazer dos ricos e dos pobres); jogos tradicionais, mas de domínio universal; jogos com regras adaptadas ou inventados pelas crianças; brinquedos populares ligados à cana de açúcar, brinquedos artesanais, *sonhos-desejados* de consumo de brinquedos industrializados; além dos sonhos-desejados de lazer dos adultos. Assim os Eventos-Campos que se seguem trouxeram à tona elementos da vida cotidiana, nos quais pode-se ter uma visão aproximada de como crianças e adultos imersos num mundo de muita labuta, suor, sofreguidão e exploração, vivenciam, apesar de tudo, uma lúdica rica em expressão, luta, criatividade, sensibilidade, humor e festa.

O ***Evento-Campo 01*** (O Tribunal Nacional Contra o Trabalho Infantil/Sessão preparatória para o Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil do México) , enfatizou o direito à escola, à infância, ao lazer e ao desenvolvimento físico e mental, colocando assim, o lazer em pé de igualdade com os outros pontos da agenda social para a infância e adolescência, pois, afinal, sem tempo para freqüentar uma escola pública de qualidade, sem tempo para os espaços informais, onde travam as tramas da sociabilidade, da fantasia, do desejo e da resistência simbólica das brincadeiras, não têm como garantir uma infância genuinamente cidadã e saudável.

Apesar do lazer ter sido evocado na sentença , junto com a escola, enquanto uma forma de eliminação do Trabalho Infantil, o que pude perceber nas falas dos juízes e testemunhas, foi a pouca referência ao significado do tempo de lazer na infância e as conseqüências da supressão dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento compreendido em suas diversas dimensões: sociais, culturais, afetivas e cognitivas. No meu modo de entender, o pouco espaço destinado ao

lazer, enquanto reivindicação para as crianças, demonstra subrepticiamente o pouco espaço que tem tido o chamado *tempo livre* para os trabalhadores adultos no âmbito da discussão no sindical[1] e na sociedade em geral. Hipoteticamente, acredito que os trabalhadores na luta pela preservação dos postos de trabalho e contra o desemprego, terminem, por questão de sobrevivência, deixando de incluir na pauta o direito à preguiça, ao ócio, ao tempo realmente livre, direito esse, hoje criticado pelos sociólogos do Trabalho e do Lazer, como um tempo destinado pura e simplesmente à procura desesperada pelo emprego, à tensão, ao sofrimento (Kurz, l988; Antunes l999; De Jours; l999; Sader, l998).

Apesar da valorização da escola formal e das poucas sinalizações em direção ao lúdico, algumas testemunhas e jurados posicionaram-se claramente a respeito: *(...) O Trabalho Infantil, regulamentado ou não, constitui a meu ver, uma aberração: criança deve ter* ***direito ao brinquedo , à fantasia, à criatividade*** *e também, vá lá****, à escola, contanto que ela não se constitua instituição total*** (grifo meu) (Helena Grecco-Coordenadora de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte*); (...) Lugar da criança é na escola,* ***no parque*** (grifo meu), *com a família, e qualquer coisa diferente disso que se apregoe é inaceitável* (Lélio Bentes- Procurador do Trabalho-DF); *(...) Através da pintura de um relógio,*[2] *com as cores que representavam as diferentes atividades: trabalho, escola, alimentação, sono e* ***lazer*** *(grifo meu), estas crianças sintetizaram para o nós o seu dia-a-dia. A maioria trabalha de sol-a-*sol, trabalho duro (Sandra Cabral- Secretária Executiva da CUT); *(...) A inserção precoce no mercado de trabalho , compromete às gerações futuras, ao alijar as crianças e adolescentes do direito* à *infância, ao* ***lazer*** *(grifo meu), à escola, ao desenvolvimento físico e mental* (Hélio Bicudo - Presidente do Tribunal).

Os depoimentos das crianças confirmavam o que elas haviam desenhado e pintado na Oficina de Artes, realizada antes do tribunal. Elas desenharam um relógio e colocaram neste, à vivência das jornadas de trabalho, escola, tempo para as sociabilidades: brincadeiras, relações familiares etc.: *(...) Quando eu acabo de trabalhar às 5:30 ou 5 horas, depois eu vou brincar um*

[1] cf. Peixoto (l996). A autora analisa em seu texto *Para não deixar o cérebro na máquina: o jogo dos sentidos no processo do discurso do lazer, os discursos do lazer da CUT*, observando tanto no estudo dos sentidos atribuídos ao tema por trabalhadores organizados em sindicatos quanto no discurso da teorização.

[2] Esta atividade de desenho e pintura foi realizada durante o Tribunal e revelou uma espantosa jornada de trabalho em detrimento da escola e do tempo de lazer. As brincadeiras, conforme os comentários sobre os desenhos, são sempre efetuadas em tempos exíguos quando o cansaço já toma conta do corpo à noite.

pouco. Eu vou assistir novela, vou descansar, vou brincar... (grifo meu) (Daiene- Indústria de calçados de Franca*); (...) Eu não* ***brinco*** *não. À noite vou dormir. Eu gostaria de ter* ***tempo para brincar*** (grifo meu) (José Carlos da Silva – cortador de cana de Pernambuco); *(...) Eu não* ***brinco*** (grifo meu). *Amigos eu tenho só que* ***não brinco*** (grifo meu). *E sábado e domingo eu* ***fico lá à toa. Brincar à toa é passear*** (grifo meu).

Em resumo, este evento, apesar de ter priorizado a denúncia do trabalho infantil e a ênfase na escolarização, também trouxe, ainda como ponto central as conseqüências das excessivas jornadas de trabalho sob as subjetividades coisificadas das crianças, além de uma tímida reflexão em torno do *furto do lúdico* da infância pobre e trabalhadora.

***

O ***Evento-Campo 02*** (Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil/México, conforme foi debatido no Capítulo II, priorizou no seu cotidiano, bem como, em sua sentença final, as críticas ao neoliberalismo, principalmente, no que tange às conseqüências da reestruturação produtiva para os trabalhadores de todo o mundo. O enfoque central foi o desemprego e a conseqüente exploração da mão de obra infantil em substituição aos postos de trabalho dos adultos.

No que concerne à supressão do tempo do lúdico na infância trabalhadora, houve poucas referências. Priorizou-se, fundamentalmente, a exemplo do Evento-Campo 0l, uma Educação Pública, Gratuita e de Qualidade para todos as crianças da classe trabalhadora. Além disso, em termos de conseqüências do trabalho precoce para a subjetividade infantil, foi várias vezes mencionado a questão do corpo e do envelhecimento precoce. Neste sentido, os únicos participantes a mencionarem a questão do lazer e do jogo, foi José Carlos, l4 anos, trabalhador infantil da cana-de-açúcar de Pernambuco e Gema López Limón, jurada e representante do México.

José Carlos se posicionou durante todo o tempo, radicalmente contra o trabalho infantil no Nordeste, em especial, no Brasil, e em todo o mundo, reivindicando trabalho para os pais,

tempo livre para as brincadeiras e Reforma Agrária. Assim , em entrevista para a TV-Educativa do México, ele foi incisivo ao dizer:

> *(...) Eu acho que as crianças brasileiras não deveriam trabalhar sem ter tempo para brincar, estudar e para o lazer.(...) Eu queria que no Brasil os pais tivessem um salário maior e se isso acontecesse as crianças não teriam que trabalhar.*[3]

Gema López Limón, citou o livro de Sandra Arenal (l99l), intitulado *No hay tiempo para jugar*, no qual o pequeno Chon de l2 anos de idade assim reclamava da falta de tempo para o lúdico: *no juego pelota ni a nada, porque no tengo tiempo*. Em seguida, a jurada reportou-se à questão do roubo ou assalto à infância das crianças trabalhadoras mexicanas, através do cerceamento ou supressão do tempo livre para as manifestações lúdicas infantis: *(...) Los niños de Monterrey tienen su infancia robada, para ellos non hay tiempo para jugar y sus vidas passan mui rapida.*[4]

Estes depoimentos revelam o quanto a questão da supressão do tempo de lazer para a vivência das brincadeiras é fundamental em qualquer infância, em qualquer cultura, em qualquer nacionalidade. Além disso revelam uma espécie de *Globalização do Trabalho Infantil*, dos maus-tratos para com a infância de grande parte dos países do planeta, da denúncia da supressão do lúdico, enquanto direito inalienável e próprio a toda criança: o direito de brincar !

***

O ***Evento-Campo 03*** (O Campo na Cidade/Primeira Incursão nos Canaviais de Pernambuco/Visita aos sindicatos dos trabalhadores rurais de Rio Formoso e Palmares), mostrou, fundamentalmente a crise do setor sulcro-alcooleiro na Zona da Mata canavieira (desemprego, falência das usinas, etc.). Mostrou também como os sujeitos, adultos, crianças e velhos, usam o escasso tempo liberado das extensas jornadas de trabalho para expressar a criatividade, desejos, a cultura, enfim o lúdico.

Antes mesmo de seguir o rumo dos canaviais, tive a curiosidade de observar como vivem os trabalhadores rurais que migram para as grandes cidades e como estes usufruem dos bens cul-

[3] Depoimento de José Carlos para a Rádio Educativa do México.
[4] Depoimento de Gema López op. cit.

turais do lazer. Em relação ao trabalho dos adultos, pude perceber como o drama do desemprego e do subemprego os atinge, assim como também atinge, de maneira brutal, o trabalhador canavieiro. O lazer/lúdico para estes, numa sociedade de mercado e geradora de um grande excedente de mão de obra, restringe-se às parcas oportunidades de divertimento que oferecem as periferias: bailes, forrós, pagodes, etc. Todavia, grande parte desses trabalhadores não tem energia, motivação e dinheiro para consumir essas tímidas oportunidades de vivência do lúdico.

As crianças, quando não então trabalhando ou na escola, ainda brincam em espaços estritamente degradados pela destruição do meio ambiente (rios, canais, esgotos a céu aberto e outros), ou em espaços e com equipamentos (brinquedos) inventados por elas próprias. Boa parte delas são crianças *na* rua ou viram crianças *de* rua. Assim, os filhos e filhas dos trabalhadores rurais migrantes não permanecem muito tempo na escola, sendo obrigadas, em virtude do trabalho, a brincar com as sucatas da Indústria Cultural, transformando, portanto, o ambiente inóspito da rua, num espaço-tempo de construção de resistência e sociabilidade, através da construção do universo lúdico (Graciani, l996: l47-l72).

Ainda na cidade do Recife, em entrevista ao poeta Marcus Acioly, pude perceber, através das imagens do seu livro *Nordestinados* (l972), no qual ele conta a história de sua *infância bem vivida* nos canaviais de Pernambuco, a saga da infância pobre e trabalhadora. Para o autor, a *meninice* no meio rural , para os filhos dos que têm posses e terra, é síntese de *inteireza*, de *unidade*, enquanto que as crianças da classe trabalhadora do açúcar vivem uma *suposta infância*. Trata-se , pois, de uma *infância madura ou amadurecida no e com o tempo* e não essa *infância partida,* sofrida, roubada, solapada pela gana incontida dos senhores empresários do açúcar. A meninice no campo deveria ser a relação imbricada entre criança e natureza, brincando, subindo árvores, escalando montes, brincando de se esconder, inventando estórias arrepiando-se de medo dos fantasmas e correndo atrás dos bichos. A exploração da criança no campo, complementa o poeta, é a exploração do menino , mas também da menina, da mulher, disse ele citando Vitor Hugo: *(...) Quem já viu a miséria do homem, precisa ver a da mulher...*

No Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso, em entrevista coletiva, pude constatar a consciência social que têm os trabalhadores , acerca da necessidade da superação da exploração do trabalho e do conseqüente uso do tempo livre, para eles, diversão, divertimento e brincadeira. Aliás, a brincadeira é sinônimo de lúdico tanto para a criança quanto para o adulto.

No entanto, para alguns poucos pais presentes, em primeiro lugar está o trabalho, depois a escola, e se sobrar tempo, a brincadeira. Mas, isto é uma exceção, pois, a maioria dos pais e sindicalistas, apontaram a escola e o lúdico como os elementos fundamentais na construção da cidadania infantil.

O trabalho na infância, defendido por poucos é, no entanto, possível de ser mais constatada entre os velhos trabalhadores canavieiros, pois, os pais mais jovens tem uma outra consciência acerca do trabalho precoce. Para estes, a criança deve estudar e ter tempo para as brincadeiras, diferindo assim, da opinião dos mais velhos. Talvez, para estes últimos, o trabalho esteja ainda ligado à escravatura, que era considerado uma das mais nobres virtudes dentro da *escala de moralidade* e *o não hábito do trabalho*, ou seja, a ociosidade compreendida como a origem dos demais vícios, conduzindo indivíduo e sociedade à mais completa degeneração: vagabundagem, mendicidade e criminalidade (Rizzini, l977:80-8l). Neste sentido, o tempo para a vivência do lúdico na infância, para muitos pais é considerado *inutilidade* e *irresponsabilidade*. Para alguns, o trabalho está acima de tudo e só ele *dignifica o homem*, mesmo que desumanize, explore, embruteça e transforme o ser social em coisa. Assim, muitos pais ainda não percebem a supressão do lúdico como uma privação, uma forma de exclusão social, cultural e política, ao contrário, pensam, como disse o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmares que *(...) brincar é uma irresponsabilidade, uma inadequação*. Esta visão *anti-lúdica* da infância tem raízes na própria história dos trabalhadores mais velhos, acostumados em suas infâncias ao sacrifício do trabalho pesado desde cedo, demonstrando que inculcaram a ideologia da vagabundagem e a valorização do trabalho produtivo. Por conseguinte, eles desconhecem os segredos, mistérios e prazeres do lúdico na infância.

Todavia, essa visão de que só o trabalho é digno entre alguns pais e trabalhadores mais velhos, não é hegemônica. Hoje, muitos pais mais jovens, provavelmente influenciados pela militância sindical na luta contra a exploração do trabalho infantil, já adquiriram a consciência de que seus filhos, a exemplo dos ricos e da classe média, também têm o direito à cidadania plena: brincar se impõe não mais como passatempo ou futilidade, mas como um fator essencial de afirmação e construção das identidade de seus filhos, porque *(...) o desenvolvimento da criança está no brincar, fora do brincar a criança está fora do normal* (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmares).

Se levarmos em conta que o brincar é próprio da criança, ou seja, *uma maneira de ser* dela, se o brincar é inerente a ela e que ao jogar ela *produz história e cultura* e que, fora desse âmbito do lúdico ela está *fora do normal*, então na trilha deste raciocínio podemos concluir que o que está fora do normal e fora do lugar é a racionalidade produtiva capitalista que vê na criança uma mercadoria que produz outras mercadorias , convertendo-se desta maneira, numa produtora de mais-valia em potencial.

Em conversas com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso, fui surpreendido com o seguinte desabafo *(...) O lazer a gente chega a fazer a pulso para esquecer os problemas.* Compreendi nessas palavras a dimensão da dureza e do sofrimento impostos pelo trabalho, de tal maneira que o esgotamento impede os sujeitos de tomarem iniciativa para realizar qualquer ação lúdica. Existem dias em que o cansaço e os problemas advindos das relações de trabalho são tantos que divertir-se chega a ser um peso quase necessário para *desanuviar* a mente, esquecer das agruras do trabalho e, consecutivamente, fazer do tempo de lazer um momento de compensação e superação temporária do trabalho alienado. Isto significa reconhecer a relação imbricada entre trabalho alienado e lazer alienado, demonstrando que o lazer na Sociedade Global é vivenciado sob as formas compensatórias imediatas de liberação das tensões do mundo do trabalho (Lefebvre, l958; Bosi l986; Riesman, l995; Manacorda, l99l; Friedman e Navile, l973; Marcellino, l987).

Uma questão que me intrigou bastante na conversa com o presidente do sindicato foi a dimensão da crítica à divisão de classes sociais inerentes à apropriação e consumo do lazer nesta região *(...) Existe o lazer do rico e o lazer do pobre.- (...) A riqueza do pobre é o adorno do rico e o desejo do pobre é não ter desejo (...) O lazer dos pobres é comer as migalhas do rico. As migalhas quem aproveita é o pobre da mesa dos ricos (...) O rico fica com ódio quando o pobre usa a roupa dele.*

Para o sindicalista, naquela região, as atividades de lazer resumem-se a futebol, cachaça e forró para os homens; as mulheres *ficam em casa* escutando rádio, vendo televisão (quando tem!) e, casualmente, assistindo ao jogo de futebol dos homens. As crianças que trabalham e não estudam, brincam, um pouco, à noite ,de roda, futebol e outros jogos. As crianças que estudam brincam na escola na hora do recreio e seus jogos são os já conhecidos amarelinha, queimada, brincadeiras-de-roda diversas. Quanto ao tempo de lazer/lúdico na infância, ele defendeu com

unhas e dentes o direito de brincar das crianças da zona canavieira, defendendo a brincadeira como algo essencial para o crescimento e desenvolvimento da criança, além de constituir uma forma de inclusão social. Para ele, não só as crianças e jovens têm direito ao lazer, mas sim, toda a família do trabalhador rural, afinal, não é só a classe média e os ricos que devem usufruir dos jogos, equipamentos de lazer e brinquedos, mas sim, toda a sociedade.

Foto: Mauricio Roberto da Silva
Crianças inventam e reinventam as tramas do lúdico, num engenho de açúcar próximo à cidade de Palmares, imersas no reino da privação e da necessidade
(Evento-Campo 03)

Ficou claro nos depoimentos acima que o desejo do pobre é também o desejo pelos consumos da chamada Indústria de Lazer, normalmente restrita aos ricos, como por exemplo: viagens, compras, excursões, parques temáticos, clubes, shoppings, cinema, teatro e outros centros de lazer. Nesta linha de raciocínio, os pobres ao consumirem as *migalhas dos ricos* o fazem contentando-se apenas com a possibilidade de sonhar em realizar atividades, em consumir produtos, em divertir-se com as imagens do lazer das elites, propagadas pela televisão. Outra possibilidade do pobre ter lazer, segundo o presidente do sindicato, é quando este, em sinal de resistência, consegue, a duras penas, consumir certos *pacotes de lazer* destinados aos ricos: viagens, bares e restaurantes suntuosos, lojas, shoppings, etc. Quando isso acontece, afloram os conhecidos preconceitos de classe social contra os pobres infratores da ordem burguesa que passam ser cognominados de farofeiros, gentalha, plebe rude, povo, povão. E aí não tem jeito mesmo, *(...) O rico fica com ódio quando o pobre usa a roupa dele*.

O trabalho infantil, na opinião do prefeito de Rio Formoso, ex-trabalhador infantil da cana e ex-sindicalista, compromete o desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões. Deste modo, ao invés do trabalho precoce, deve-se pensar no trabalho educativo ou *trabalho ajuda*. Trata-se, pois, de um tipo de atividade, cujo objetivo principal é expressar as tendências profundas da personalidade do trabalhador e não a degradação da exploração e da alienação. Portanto, o trabalho para as crianças deve ajudá-las a realizar-se plenamente como ser social a partir de uma atividade realmente entusiástica e criativa, orientada para um fim construtivo de uma coletividade operária (Friedman e Naville, l973: 23). Nesta linha de raciocínio, o trabalho deve humanizar a vida cotidiana da criança e o lazer/lúdico não pode ser precário, pobre e limitado como o é nos engenhos e usinas, enfim, *(...) deve fazer contato de desenvolvimento e crescimento, e, se essa relação não for feita a criança cresce raquítica, cresce fisicamente, mas não a mente.*

De uma forma geral, o lúdico na Zona da Mata canavieira consiste em banho de rio, futebol, forró e diversas brincadeiras tradicionais. Os adultos (homens) se reúnem no barracão (armazém) para beber e contar piadas *(...) Os bóias frias quando tomam umas biritas espantando as tristezas sonham* (João Bosco)[5], em viajar para a cidade para conhecer as opções de lazer que conhecem pela televisão; porém, falta dinheiro até para comer e tempo livre para as diversões. Em razão disso, terminam ficando conformados no campo ou migram para outras regiões, sem nunca terem experimentado os diferentes tipos de conteúdos culturais de lazer que existem nas grandes cidades. Seus sonhos-desejados de lazer são os clubes, as festas, e o futebol dos grandes estádios, viajar, excursionar, sair para conhecer outros mundos e realidades, conforme segredou-me o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmares: *(...) Sonho em viajar, mas nasci e acho que vou morrer nos engenhos*.

Após esse primeiro contado com o campo de investigação, cheguei às seguintes conclusões provisórias: a) que a vida material dos trabalhadores que vivem na Zona da Mata canavieira ou que migram para Recife é de absoluta precariedade, tanto no que tange ao mundo do trabalho (desemprego, subemprego) quanto ao usufruto dos bens culturais do lazer: b) que grande parte das crianças são multiplamente excluídas ou incluídas de forma precária na cidadania, isto é, na escolarização, no lúdico, na infância ; c) que o lúdico das crianças constitui-se numa prática social de resistência simbólica e real às formas de trabalho alienado, de raízes

[5] Cf. Canção "Rancho da Goiabada", de Gonzaguinha

seculares; d) que a maioria dos sindicalistas e pais são diametralmentre contra o trabalho infantil, valorizam o lúdico como um elemento fundamental da vida cotidiana do ser social criança e não como inutilidade ou improdutividade; e) que os trabalhadores adultos e sindicalistas têm a consciência social acerca do caráter de classe (lazer do rico e do pobre), das desigualdades sociais no que se refere ao usufruto do lazer/lúdico nesta região; em contrapartida apresentam os seus sonhos-desejados de lúdico, jogos, brinquedos e equipamentos necessários para a manifestação da cultura lúdica.

***

O ***Evento 04*** (II Encontro de Meninos e Meninas Trabalhadores (as) da Agricultura/CONTAG), trouxe à baila os principais problemas das crianças trabalhadoras rurais: educação, saúde, exploração do trabalho infantil e falta de tempo pra a vivências dos jogos e brincadeiras próprios da infância.

No rosto das crianças dava para ver o fascínio e a alegria de poderem finalmente experimentar o lazer, a convivência social, os novos espaços, as novas sensações e emoções, os novos jogos e atividades lúdicas, enfim as possibilidades para expressarem os seus desejos e sonhos. Quem circulava pelas dependências do local do evento era imediatamente contaminado positivamente pelo clima de alegria, contentamento e fantasia proporcionado pelas crianças, cuja motivação principal advinha dos princípios éticos e pedagógicos norteadores do evento: bons-tratos, atenção, respeito, zelo e ludicidade.

Quanto ao lazer/lúdico, pude perceber que este nunca aparece como uma reivindicação em si e de forma isolada, mas sim, articulado com as dimensões mais amplas e estreitamente relacionadas às políticas sociais tais como: educação, reforma agrária, políticas salariais, previdência social, habitação, além das questões específicas da infância: direitos da criança e do adolescente (sonho, vida, lúdico, afeto) , erradicação do trabalho infantil. Os protestos contra a exploração do trabalho infantil incluía a reivindicação do lazer como um direito inalienável na infância, bem como, a denúncia das condições sub-humanas de vida das crianças e adolescentes no âmbito rural: *(...) Afastados da escola e tolhidos no seu direito de* ***usufruir do lazer*** *(grifo meu) próprio à sua faixa etária, crianças e adolescentes são submetidos às mais precárias condições de vida. Eles têm o direito de serem crianças, pelo menos com um futuro melhor.*[6]

[6] cf. Carta ao Presidente da República (CONTAG, op. cit)

Estas reivindicações fazem sentido, uma vez terem sido expressadas pelas próprias crianças: *(...) A criança deve brincar e estudar para poder um dia dar uma vida melhor para os pais que já nos deu muito* (Cheirinho, l2 anos, trabalhador da região fruticultora de Pernambuco).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Amaro, l2 anos, desvia-se do círculo perverso do trabalho precoce e brinca com o arco da vida
(Evento-Campo 04)

> *(...) O meu ioiô sobre e desce,ronca e range o meu rói-rói quem pula é mané-gostoso, quem sofre é mané-dodói. (...) O torno do torneiro gira e roda o meu pião, quando puxo a ponteira dorme e sonha em minha mão.*[7]

Como é possível perceber, brincar e estudar são vistos com o mesmo peso e valor, fato este que derruba a falsa idéia do senso-comum de que brincar não é imprescindível para o desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões: políticas, estéticas, éticas, afetiva, cognitivas, culturais, biológicas e psicossociais; que brincar não representa uma forma de

[7] (Versos do Poema de Marcus Accioly, *Das Sete* Brincadeiras, no livro Guriatã: um cordel de menino (Evento-Campo 03)

aprendizagem, o que implica não ter uma função social, mas sim um caráter de *frivolidade* e não numa atividade séria dotada de sentido. Nestes meandros é fundamental compreendermos que na atividade lúdica existe uma dialética entre a sua aparente frivolidade e a sua função cultural e educativa. O jogo possui, na sua essência, uma frivolidade por excelência e ele não serve aparentemente para nada, mas por outro lado *(...) nos mostra que, por isso mesmo, a criança pode fazer experiências com ele que não ousaria na vida comum* (Brougère, l998: 48-5l).

Do ponto de vista dos depoimentos das crianças e dos documentos relativos ao encontro, o lazer foi referido no limiar dos Artigo 227 e 7º. da Constituição Federal. Nesta, o lazer aparece como um direito à cidadania junto aos direitos *à vida, à alimentação, à Educação, à Cultura, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade familiar e comunitária.*

O *direito de brincar* deve ser compreendido enquanto a possibilidade de construção das relações sociais e neste sentido... *a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para Educação, a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se para promover o exercício deste direito*[8] (Cely, l998:62).

Durante todo o evento, as crianças se comportaram ludicamente, através de atos eminentemente lúdicos, demonstrando com isso, conforme já evidenciei no Capítulo I, citando Lefebvre na sua *Critique de La Vie Cotidienne* (l958), que a riqueza da vida cotidiana pode ser melhor compreendida no tempo de lazer e não apenas no cotidiano do trabalho produtivo. Talvez por esse motivo é que, devido ao clima de ludicidade do evento, era possível visualizar a todo instante nas diversas ações lúdicas, os princípios ou características fundamentais do jogo, tais quais: liberdade, gratuidade, criatividade, seriedade, fantasia (Huizinga, l980; Winnicott, l975; Chateau, l987) e, conseqüentemente compreender porque *Programa de criança é brincar e estudar* (AMAS, l998).

[8] Princípio 7º. da Declaração dos Direitos das Crianças (IPA: 62).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Cena da Oficina de Jogos Dramáticos e Brincadeiras Tradicionais – Pulando coletivamente a corda, negando a opressão do trabalho precoce
(Evento-Campo 04)

Os dias se sucederam e as crianças permaneciam horas a fio agarradas ao tempo *não-rentável* das brincadeiras da vida cotidiana. Assim, podia-se vê-las imersas na piscina, no salão de jogos, embaixo das árvores, embaixo da lona do circo, em suma, em qualquer tempo e espaço havia uma chama de sociabilidade, de desejo, de afeto, de humano. Elas pareciam não pretender jogar para ganhar algo economicamente rentável e valorativo, mas sim, para experimentarem as possibilidades de serem efetivamente humanas, portadoras e construtoras da história e da cultura. Elas jogavam com tanta obstinação e paixão, demonstrando com essa atitude que o tempo do lúdico na infância é de fundamental importância para a construção social, política, educativa e cultural da cidadania. Ao vê-las tão empenhadas em não deixar morrer a chama da trama lúdica ao longo de suas vidas, e não tão somente naqueles instantes, lembrei-me imediatamente de Huizinga (l980: 3-3l) ao tratar sobre a *Natureza e Significado do Jogo*, alertando-nos para o caráter não lucrativo do lúdico. Ele noz diz, portanto, que no trabalho não *jogamos* para ganhar um salário, trabalhamos, por conseguinte; no lúdico não trabalhamos, não ganhamos aparentemente nenhuma coisa material, simplesmente jogamos.

Na trilha do pensamento deixado por Huizinga, pode-se compreender forma tão intensa com que brincavam durante a *Oficina de Jogos Dramáticos e Tradicionais*. Ali elas não jogavam para serem exploradas, manipuladas, ou para ganhar um salário, lucrar qualquer coisa. Muito pelo contrário, a intenção delas era abrir as porteiras dos engenhos oprimidos para poder dar vasão à ousadia, à subversão, ao risco, ao perigo, ao azar, ao relaxamento, à criação, ao prazer, ao desprazer, à sorte, ao mistério, à auto-confiança, fortalecer os laços de organização individual e coletiva, desenvolver a auto-estima e exercitar a tão desejada liberdade. Por conseguinte, a ordem era a desordem, o tempo contínuo e o espaço infinito. Desta maneira, o lema era brincar, então, não se fazia outra coisa senão, deliciosamente, copiosamente e *gozosamente*, brincar!

Durante todo o trabalho de campo o que estava *em jogo*, sobretudo na concepção da oficina de jogos que realizei com elas, era que estas deveriam ter a possibilidade de desenvolver a consciência total de si próprias, de suas vidas, de seus corpos, de seus *sonhos-desejados*, da imaginação e de seus sentidos. Tudo isso foi para que a trama simbólica e dramática dos jogos pudesse tornar-se um instrumento criativo para ajudá-las a encontrar e dar expressão às partes ocultas e perdidas de si mesmas, e com isso desenvolver a força da expressão e a identidade (Oaklander, l980: l3-67).

Nos primeiros contatos com as crianças, percebi dois movimentos contraditórios dotados de, por um lado, tempo de intenso potencial criativo, alegria e predisposição para as brincadeiras e, por outro, impulsos lúdicos reprimidos, timidez, desconfiança, distanciamento e uma *aparente* falta de hábito e vontade de brincar. Assim, para dissolver esses impasses afetivo-emocionais, procurei abrir espaço para a representação teatral de situações e sentimentos da vida cotidiana, cujos exercícios variavam entre o cômico e o dramático, a saber: expressões de dor, alegria, tristeza, prazer, saudade, fome, decepção, surpresa, violência, paz, brutalidade, delicadeza, luta, reação, ataque e defesa e outros. Foi assim ,então, que procurei incentivar situações onde elas pudessem encenar, inventar e reinventar seus sonhos, criar cenários imaginários, para dessa forma poderem expressar novas formas de ser e agir no real. Todo esse esforço visava desconstruir as repressões, medos, timidez e complexos de inferioridade de classe, através de situações cênicas, porém permeadas de confiança, respeito, espontaneidade, criatividade e fantasia.

Após esse Evento-Campo, cheguei a algumas conclusões provisórias quais sejam: a) que o lúdico na infância é uma experiência social, e não uma mera evasão do real. Ao contrário, o lúdico é uma combinação entre ficção e realidade, de onde brotam aprendizagens sociais que são frutos de interações que se estabelecem a partir das experiências sócio-históricas do mundo cultural dos adultos, no qual a criança é um sujeito construtor dinâmico da cultura a que pertence (Wajskop, l996; Brougére, l994; Perrotti, l990): b) que ficou mais uma vez constatada a seriedade com que as crianças tecem as teias do brincar e dão demonstração clara de disposição para o ócio contemplativo, *produtivo* e *útil* para a manifestação da liberdade, e dos desejos, do *dolce far niente*; são , portanto, a idéia do ócio como uma tempo de produção cultural que não tem preço e não dá lucro, porque opera no cotidiano de seres sociais e não de mercadorias, por conseguinte, construindo afetos, comunicação, fantasias, mistérios e interação social; c) que as crianças, independentemente do mundo do trabalho rural a que fazem parte (cana, sisal, carvão, hortaliças, laranja e outros), possuem o mesmo desejo, isto é, querem um tempo não residual do trabalho estranhado, mas um tempo articulado entre a escolarização e o lúdico; d) que a erradicação do trabalho infantil e consecutivamente o fim do furto do lúdico e degradação da infância, de acordo com os documentos e depoimentos dos sindicalistas e crianças, só será possível através de políticas públicas estruturadoras, nas quais o social prevaleça sobre o econômico: reforma agrária, crédito agrícola, educação pública gratuita e de qualidade, saúde e previdência social: *(...) para que as crianças não tenham que trabalhar pesado e viver como cachorros abandonados e para que elas tenham direito ao lazer e às brincadeiras, é preciso que os pais tenham um pedaço de terra, casa, comida, médico e outras coisas mais* (José Carlos, l4 anos, cortador de cana da Usina São José).

Finalmente, as crianças expressaram o desejo de que a vida cotidiana tivesse a mesma intensidade lúdica encontrada no evento, isto é, com muito tempo para brincar: fazer teatro, assuntar o mundo, inventar engenhocas, cantar, passear, tomar banho de piscina, muitas brincadeiras novas e a possibilidade de fazer novos amigos nos jogos.

O ***Evento-Campo 05*** (Segunda Incursão Ocasional aos Canaviais) revelou o que revelara o Evento-Campo 03: os impactos da crise político-econômica neoliberal no setor sulcro-alcooleiro. Neste sentido, as imagens são as mesmas que captei anteriormente: miséria, desemprego, fome, êxodo, desestruturação familiar e outras formas de exploração da mão-de-obra infantil nas pequenas cidades em torno dos canaviais (trabalho doméstico, supermercado, borracharias e outros).

Quanto ao lúdico, observei crianças brincando das mais variadas brincadeiras tradicionais: amarelinha, futebol, garrafão e outras. Nos alpendres de algumas casas, vi crianças brincando demoradamente do *jogo das pedrinhas*, demonstrando habilidade e nenhum sinal de cansaço ou monotonia. Havia algo de novo e qualitativo na repetição, confirmando o que já nos dissera Benjamim (l984:74): *para a criança, a repetição é a alma do jogo e nada mais, a alegria senão* ***brincar mais uma vez*** (grifo meu). Pude compreender, ali sentado jogando com elas, a teleologia do jogo na infância, cuja lógica e pressupostos são de difícil compreensão para os adultos imersos nas teias do tempo capitalista. Na verdade, o que pude compreender é que trata-se do *princípio do prazer freudiano* presente na essência lúdica e que nos ensina que: *toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno, restabelecimento de uma situação primordial da qual nasceu o impulso primeiro*.

O que mais me chamou a atenção ao observar o caráter repetitivo das crianças, foi o fato delas, inseridas numa paisagem tão árida, num mundo quase que essencialmente ligado à exploração e ao trabalho doméstico, também pesado, poderem construir um outro tipo de vida cotidiana, tecendo resistências, buscando de forma repetitiva o novo no contexto dos jogos conhecidos e tradicionais. Aprendi com elas, que a essência do brincar não é pura e simplesmente um *fazer como se fosse, mas um fazer sempre de novo, transformando a experiência mais comovente em ato.*

No final desta visita ao campo canavieiro ficou sempre esta pergunta no ar: *Como podem as crianças e suas famílias terem tempo livre num mundo de absoluta necessidade e precarização das relações sociais e de trabalho?* É preciso não perder de vista que a vivência do tempo de lazer/lúdico, manifestada na maioria das vezes, num clima de risco social e ao mesmo tempo significando um fator de resistência simbólica, não justifica por si só a existência de uma

vida digna. Pelo contrário, o fato de vivenciar formas básicas das relações lúdicas em situações adversas de existência e, enquanto expressão da sociabilidade, indica apenas que essa forma de resistência simbólica carece de um reconhecimento desta também como expressão da resistência real, da resistência política. Pensando nesta direção é que considero impossível mergulhar no mundo do lúdico das crianças trabalhadoras da cana-de-açúcar sem levar em consideração os condicionantes sociais, políticos e econômicos que impedem a estas e suas famílias de terem o direito, usando a expressão cunhada por Ponce (l998:49) a um *ócio digno* que, na Antigüidade, era tempo de reservado apenas para os nobres atenienses. Este tempo de ócio, que de uma forma acrítica e mercantil, é permitido somente para os empresários do açúcar: viagens de turismo, residências de férias e fim-de-semana, equipamentos para o lazer (jogos, brinquedos etc).

Os resultados deste Evento-Campo coincidem com alguns pontos do Evento-Campo 03, principalmente, no que diz respeito à crise das usinas e engenhos (falência, desemprego, êxodo etc.). O lúdico também apresenta um quadro semelhante, com crianças brincando em brechas e resíduos no tempo-espaço do tempo de trabalho. A maioria dos pais e sindicalistas valorizam a escola articulada com o tempo para vivência das brincadeiras e jogos. As crianças demonstram que o jogo é a centralidade de suas vidas, pois, estão sempre em *prontidão* para qualquer tipo de brincadeira, estão sempre preparadas para inventar e reinventar a vida cotidiana, estão sempre a dar um belo exemplo de cidadania para os adultos, através de suas transgressões e resistências ao poder constituído.

Finalmente, um outro aspecto que salta aos olhos, a exemplo dos outros Eventos-Campos, é a crítica ao caráter de classe e desigualdade social no que se refere ao consumo dos bens culturais do lazer entre ricos e pobres, digo, entre os empresários do açúcar e os trabalhadores assalariados da cana.

O ***Evento-Campo 06*** (Marcha Global Contra o Trabalho Infantil), sensibilizou a opinião pública e permitiu uma visibilidade do drama de milhões de crianças brasileiras e da América Latina exploradas pelo capital local e internacional, enfim, deu visibilidade, no dizer de Martins (l993: l8), aos *humilhados e ofendidos* pelo sistema produtor de mercadorias.

Os planos de ajuste estruturais, exemplo de outros eventos-campos, foram severamente criticados e apontados como responsáveis pelo desemprego dos adultos e o emprego da mão-de-obra infantil no lugar destes.

Quanto ao lúdico, as crianças participantes da Marcha (Verlúcio, César, Ádebora, César, Flor de Maria e Rigoberto), mostraram a todo o momento, quer de forma simbólica ou real, que o brincar é a marca da criança e que a infância é um tempo. Para elas a principal função dos usos do tempo na infância é, basicamente, conhecimento, aprendizagem e construção da realidade e da história através do brincar: é para isso que serve a infância! Desta maneira, era possível sentir no ambiente uma aura de intensa ludicidade e afetividade, promovidas pelas brincadeiras das crianças: danças, poesia, canto, piadas e jogos diversos. Brincávamos, tanto com o ônibus em movimento quando nas paradas para o almoço e lanche, em todos os lugares, durante todo o tempo, que no final da Marcha adquiri vasto conhecimento das regras e táticas de jogos, além de patrimônio afetivo, cultural, enfim, humano.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Crianças da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil, transformam o piso do Palácio do Governo do Estado do Paraná em jogo de dama, xadrez e amarelinha.
(Evento-Campo 06)

As crianças emprestaram à Marcha uma permanente atmosfera lúdica, cujas marcas eram criatividade, sensibilidade e afetividade. Juntamente com os adultos, elas estavam sempre cantando, dançando, desenhando, contando piadas ou imitando as atividades dos adultos.

Quanto aos jogos e brincadeiras, demonstravam uma pulsante veia poética, recitando versos de cordel, evocando versos de cordel, poesias com versos de amor, adivinhações, além de estarem permanentemente em prontidão para brincar de anel, jogar futebol, tomar banho de mar, contar piadas e colecionar figurinhas e cartões telefônicos usados. Com eles a linguagem era quase sempre do faz-de-conta, o humor, a comicidade em lugar das histórias sofridas sobre o mundo do trabalho. Brincar para eles era uma linguagem humana permanente, uma questão de honra, um jeito de ser, uma forma de construir, significar e resignificar o mundo. Em outras palavras, uma forma de elaboração da realidade social, apresentando de forma expressiva, simbólica e real, os elementos éticos, políticos, afetivos, estéticos, imprescindíveis para a construção da história e da cultura no limiar do novo século e milênio.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Durante a Marcha Global Contra o Trabalho Infantil, as crianças construíram os tempos e os espaços para o usufruto do lúdico.
(Evento-Campo 06)

Quando brincavam, gostavam de transformar em brinquedos os objetos mais bizarros do cotidiano como cadeira, mesa, copos de plástico, etc. Sempre que conversávamos revelaram um medo muito grande de ter que voltar a trabalhar e largar a escola e, por conta disso, não ter tempo

para usufruir das brincadeiras e fazer amigos. Para eles a infância é a expressão máxima dos impulsos lúdicos, é tempo de escolarização, mas sobretudo de jogo, segundo me disse César (l2 anos, ex-trabalhador da indústria calçadista do Vale dos Sinos/RS): *(...) na infância a criança tem que jogar bastante, ir à escola e lá também fazer brincadeiras e só quando tiver grande começar a trabalhar.*

As reivindicações em prol do *direito de brincar*, a exemplo dos outros eventos, também eram articuladas ao apelo por uma Educação Pública, Gratuita e de Qualidade, de acordo com as palavras de Rika Tamura (Investigadora sobre o Trabalho Infantil- Universidade de Tóquio-Japão): *(...) A infância é um tempo em que as crianças devem ter para o aprendizado da liberdade, um tempo de ócio, um tempo em que elas possam aproveitar para brincar, ir à escola e fazerem o que quiser.* Ou ainda através dos depoimentos do Comitê Argentino Contra o Trabalho Infantil:

> *(...) A única ferramenta que as crianças devem ter na mão é um lápis, um livro, um caderno e brinquedos, para que elas possam sentir-se e construir-se verdadeiramente enquanto trabalhadores e trabalhadoras. Somente através da Educação e da Cultura é que elas podem ser homens e mulheres realmente felizes.(...) Infância é território da família, da escola e do jogo. Tempo de bolinhas de gude ou de brincar de pula-cela. É tempo de guardar os dentes de leite, é tempo de pular amarelinha e de professores que brincam com as fantasias das crianças.*

As crianças participantes da marcha têm muitos planos, utopias, tanto para o presente quanto para o futuro. São os *sonhos-desejados* de ser gente, de ter direito ao respeito, à dignidade, à escolarização, à arte, ao lúdico. Elas com suas palavras, dão a chave, nas entrelinhas, para a interpretação de qual entendimento têm sobre cidadania. Elas fazem a crítica velada e explícita de tudo aquilo que a legislação prevê, mas que as políticas públicas negam: proteção, escola, carinho, respeito, tempo livre:

- *(...) Quero estudar, ser eletricista, cantar, brincar de bola e de carro, viajar* (Verlúcio, l2 anos);
- *(Quero ficar com os amigos, ficar viajando, brincando, tomando banho de piscina, praia, dançando, passeando, ter vida boa. (...) Quero ser: juíza, lutadora de caratê, polícia, capoeirista, jogadora de futebol, cinegrafista, jornalista, cantora e bailarina. Quero começar a trabalhar quando tiver 2l anos* (Verlúcia l3 anos);
- *(..)Quero ser motorista de ônibus, estudar, brincar, viajar, jogar futebol. Quero estudar e um dia ser motorista e dentista, mas quem não trabalha não come !* (José , l2 anos);
- *(...) Quero ter uma vida boa, sem briga, ter amor, carinho. Quero lazer, brincar, fazer esporte. Trabalhar só depois de acabar a faculdade. Quero me formar em engenharia* (César, l2 anos).

Tendo em vista a participação de representantes de diversos países (Brasil, Japão, Índia, Suíça e Inglaterra, Uruguai e Argentina), foi possível visualizar uma cartografia do trabalho infantil no mundo, na qual se circunscreve uma espécie de *globalização da exploração da força de trabalho infantil* e, conseqüentemente, da supressão da escolarização, do lúdico, da infância.

Em suma, o fato da marcha não contar com a participação de crianças cortadoras de cana, mas de crianças oriundas dos mais diversos mundos do trabalho (sisal, laranja, calçados e outros), serviu-me, para reforçar mais ainda, a idéia de que, independentemente da atividade produtiva, o trabalho infantil deixa seqüelas e que a supressão ou precarização do tempo do lúdico, compromete a subjetividade infantil nas dimensões biológicas, afetivo-emocionais e psicossociais.

***

O ***Evento-Campo 07*** constituiu-se de dois momentos: O Campo na Cidade e o Encontro de crianças para avaliar o Trabalho Infantil/Save the Children). O primeiro momento constou de entrevistas realizadas na cidade do Recife com acadêmicos, representantes do patronato e de algumas ONGs. Os temas das entrevistas versaram desde a crise oportunizada pela reestruturação produtiva na Zona da Mata açucareira, as políticas emergenciais de combate ao trabalho infantil, até a supressão do lúdico na infância e o lazer dos trabalhadores adultos. Vale ressaltar, quanto a esse respeito, que a maioria dos entrevistados colocou a escolarização e o tempo para as brincadeiras na infância como pressupostos essenciais para o estabelecimento de políticas públicas de assistência à criança e ao adolescente.

O segundo momento da pesquisa de campo teve como cerne o encontro de crianças para avaliar os efeitos Programa Mão Amiga, promovido pela Organização Não-Governamental Save the Children. Neste evento as crianças entregaram-se de corpo e alma às brincadeiras realizados nas oficinas de artes e jogos.

Foto: Maurício Roberto da Silva
O jogo de forças entre menina e menino, o saboroso jogo de igualdade.
(Evento-Campo 07)

Durante as oficinas surgiram diversos temas relacionados à questão da divisão sexual do trabalho, especificamente no que tange às relações entre trabalho, lúdico e gênero. Neste sentido, houve uma comparação do esforço dispendido nas tarefas domésticas, bem como o tipo de atividades lúdicas vivenciadas por ambos o sexos: *(...) O trabalho acho que é igual. Lavava prato, cuidava dos meninos, fazia comida, às vezes ficava muito cansada. Minha mãe trabalhava no campo (Janaína). (...) Os meninos é mais difícil. Levantava de 4 horas e as meninas só acordavam às 6 horas* (Antonio). Continuando a discussão em clima bastante lúdico, surge a voz dissonante de um menino reconhecendo a dureza do trabalho doméstico e levantando a lebre sobre a dupla jornada das meninas *(...) O das meninas é igual, porque trabalha na cana e ainda em casa. Eu mesmo acho que o trabalho de casa cansa muito, eu ajudo, lavo prato, faço comida*, *não tenho vergonha de dizer* (Jefferson, l3 anos) Ferreira (l999: 40-49).[9]

[9] A esse respeito, ver Antuniassi (l993). Nas conclusões de sua pesquisa , realizada no meio rural do Estado de São Paulo, as crianças que trabalham em geral executam uma série de tarefas do processo produtivo, não se restringindo apenas a uma tarefa. Além de realizarem tarefas domésticas, também em muitos casos, freqüentaram a escola

Foto: Maurício Roberto da Silva
Brincando de teatro.
(Evento-Campo 07)

No ponto de vista da relação lúdico e gênero, as meninas demonstraram ao mesmo tempo resignação e indignação pelo fato dos meninos, apesar da vida dura, terem mais oportunidades aos jogos e brincadeiras (futebol, andar pelo mato, etc.) restando para elas apenas brincar de boneca e as responsabilidades do trabalho doméstico. Tal questão , apesar de não ser objeto central deste estudo, merece um destaque, uma vez originar-se de processos culturais inculcados nos meandros da alteridade entre o masculino e o feminino, constituindo-se, portanto, numa luta que ainda não conquistou as justas vitórias na sociedade contemporânea: *(...) Esta luta é por vezes dolorosa para a maioria mulheres e homens submetidos na infância e na adolescência a socializações calcadas em privilégios diferenciados, os quais não conseguem estabelecer pontes entre aquilo que eu chamo de subcultura masculina em contraponto a uma subcultura feminina (*Whitaker, l995*).*

No que pese aos usos do tempo de lazer/lúdico na infância, as crianças expressaram o desejo de tê-lo no cotidiano enquanto tempo efetivo para exercer a liberdade, a alegria, a arte, enfim, a fantasia. Para elas, o lúdico deve fazer parte de projeto de vida criativo e inventivo na

infância. Na opinião delas, o lazer na infância destina-se primordialmente às crianças das elites, como bem colocou Leandro, l2 anos *(...) o lazer dos filhos dos ricos tem muitos brinquedos, bola, bicicleta, passeios, ir ao shopping, já pra nós filhos dos pobres é só jogar bola, uma brincadeirinha aqui e outra ali e mais nada, os filhos dos ricos tem mais o lazer !*

Após essa experiência rica em convívio, afeto e conhecimento, chego à conclusão de que esse momento da pesquisa de campo trouxe-me, além de dados e conhecimentos, os sinais do sofrimento dos trabalhadores no meio rural, mas também, os movimentos de resistência que realizam cotidianamente na luta contra a propriedade fundiária capitalista, na luta pela terra, luta pelo trabalho digno, pelo lazer/lúdico, pela vida.

Em síntese, o que pude concluir a partir destes encontros com acadêmicos, representantes de ONGs e as crianças é que o tempo de lazer/lúdico na infância deve se constituir num tempo de inclusão social, um tempo onde a fantasia seja o pilar de construção da realidade, isto é, um tempo em que seja possível, através do brincar, acumular saberes que possam dinamizar a vida das crianças em sociedade (Iturra, e Reis, l998).

***

O ***Evento-Campo 08*** constou das seguintes atividades: I Encontro Estadual de Crianças e Pais Trabalhadores (as) Rurais de Pernambuco/FETAPE, Visita Ocasional aos Canaviais: reencontro com o Presidente do Sindicato de Rio Formoso.

Um dos objetivos da colheita de dados era reunir o maior número de informações sobre o significado do tempo de lazer/lúdico para as crianças e adultos, bem como as conseqüências do furto ou supressão do lúdico para a infância trabalhadora canavieira. Neste sentido, comecei o trabalho de campo pelo Encontro da FETAPE. Este encontro foi de fundamental importância para esta pesquisa, principalmente porque se tratava de um encontro reunindo de uma só vez as crianças e seus pais.

De fato, o encontro foi bastante interessante, uma vez que os pais participaram junto com as crianças da Oficina de jogos dramáticos e brincadeiras tradicionais, conduzida por mim. Esse contato foi fundamental para que eu pudesse compreender um pouco o significado do lúdico para os pais e a representação deles sobre o trabalho e o lúdico das crianças. Assim, diferentemente do que é propagado pelo senso-comum, esses pais são absolutamente contra a exploração do

trabalho infantil e totalmente a favor da infância enquanto um tempo de travessuras e traquinagens lúdicas. Em sua grande maioria, os pais eram a favor de um trabalho maneiro e de natureza educativa (trabalho doméstico), rechaçando, assim, todas as formas de exploração do trabalho infantil. Para eles as crianças deveriam ter mais tempo para ir à praia, tomar banho de rio, subir em árvores, jogar futebol, brincar de boneca.

A própria participação dos pais nas brincadeiras revelava um forte fascínio pelo jogo. Sendo assim, em nenhum momento percebi a presença da concepção do trabalho como um valor supremo e a brincadeira como futilidade, inutilidade e improdutividade, pelo contrário querem para os seus filhos uma educação ominilateral, com direito a arte, emancipação ao invés do trabalho alienado, enfim uma vida digna. Esta constatação é possível perceber na fala de Manoel Sebastião, pai de três crianças participantes do evento:

> *(...) Eu preferia uma condição melhor para os meus filhos, ter um estudo e não ser explorados como estão. A criança precisa de escola e liberdade e além disso o trabalho não é tão importante assim para o adulto, que dirá para a criança. (...) Não quero ver meus filhos num trabalho pesado na cana e na enxada, mas sim quero ver eles com um salário, um artesanato. O governo devia abrir uma escola para as crianças aprender uma arte, outro tipo de trabalho que não fosse a palha da cana.*

Um aspecto positivo que surgiu nesse encontro dos pais com as crianças foi justamente a possibilidade deles brincarem juntos com seus filhos, após muitos anos sem ter tempo e disposição para jogos e brincadeiras. Desta forma, eles puderam, através da alegria, contato corporal e expressão, refletir sobre o papel e o significado do lúdico para as suas vidas e para a vida das crianças.

O encontro, através da oficina de jogos, terminou trazendo à baila as memórias do tempo de lúdico na infância , trouxeram as lembranças das brincadeiras de estilingue, garrafão e banho de rio para os meninos e para as meninas, um tempo de lazer mais restrito pelo trabalho doméstico, mas com direito a brincadeiras de roda e de passar o anel. Junto com essas lembranças lúdicas vinham à tona também a proibição dos pais para as brincadeiras, não em virtude da obrigação do trabalho, mas em virtude das brigas que os jogos causavam antigamente entre as crianças. Hoje, muitos deles proíbem os filhos de brincar para evitar as más companhias e as arengas (brigas) que, segundo eles, terminam sempre em *buruçu* (confusão) e pode muitas vezes terminar em tragédia como, por exemplo: *(...) Risca a cara um do outro no chão e diz: quero ver*

quem apaga e aí começa o pá, pá, pá (D. Zefinha) e além disso *(...) Cachorro que anda muito apanha pau e rabugem*.

Os pais ao relembrarem os jogos e brincadeiras da infância, trazem também nas lembranças as imagens de tempos difíceis, de um mundo de privações, falta de escolaridade, tempo de responsabilidades e obrigações precoces e acima de tudo de pouco tempo para o lúdico. Sendo assim, em entrevista coletiva, falam sobre as conseqüências da supressão do lúdico para a criança que trabalha precocemente:

> *(...) Eu acho uma perda, porque você na questão do brincar, você desperta outras influências que podem acontecer numa relação de brincadeira, pois a vontade de brincar desperta a possibilidade de ver o mundo diferente, para que você não viva e não veja só aquelas responsabilidades. Na minha região mesmo lá no sertão a questão de ir para a escola, voltar pra dar comida pro gado, plantar quando chove, aquela coisa toda fica de muita responsabilidade, só de trabalho. E a brincadeira fica aonde?*

Apesar da grande maioria ter sido tolhida das brincadeiras na infância , há um pequeno número que brincou muito na infância e, que por esse motivo, considera fundamental o divertimento enquanto processo que favorece a sociabilidade, a comunicação e a expressão das crianças, porque senão:

> *(...) essas crianças que ficam afastadas dos colegas eu penso que elas passam a ser crianças doentes. Ficam uns meninos enrolados, uns meninos que não têm saída, não têm conversa, às vezes chegam num canto e ficam lá acanhados, matutos, com vergonha. Brincar é bom por que as crianças se distrai, o cara vai pra rua leva o menino, ali tem divertimento ela está se desarnando de qualquer coisa, elas só criadas em casa, às vezes quando chega qualquer pessoa estranha e se esconde, ficam amatutadas* (João José de Santana).

Decerto, o brincar é de fundamental importância para o fortalecimento das relações sociais, para construir conhecimentos, para expressar emoções, em suma, para a construção social da personalidade da criança e para o aprendizado social de alteridade na relação com o outro. Apesar de muitos pais atribuírem um valor importante para a educação dos filhos, não são eles que arranjam tempo para brincar com as crianças e sim, as mães, que participam de boa parte das brincadeiras. As mães, por conseguinte, cumprem uma importante tarefa pedagógica na preservação dos jogos tradicionais e no estímulo à criação de novos jogos e brincadeiras,

enquanto que alguns pais restringem-se mais, quando têm tempo, para jogar juntos apenas com os meninos, nos campinhos de futebol que existem nos engenhos.

Quando se reportam à importância do lazer para os seus filhos, os pais e as mães, sempre colocam uma ordem de prioridade, a saber: *estudo, assistência médica, alimentação e lazer*.Esta lista de prioridades na perspectiva de uma educação de qualidade para os seus filhos, acredito eu, já são um avanço para quem teve a história da infância impregnada de autoritarismo, restrições e submissão em conseqüência da dominação, remanescente da própria história de escravidão e da propriedade fundiária na região. Apesar de colocarem o lazer enquanto uma necessidade das crianças, admitem que muitos pais proíbem os filhos de brincar e se divertir, porque necessitam que as crianças ajudem no orçamento doméstico. Além disso, a criança precisa ajudar em casa, tirar lenha, pegar os bichos no mato, tirar capim e, por isso, às vezes, sobra muito pouco tempo livre para os jogos infantis: *(...) Lá mermo onde eu moro não tem diversão não, a diversão às vezes é uma bolinha (futebol) quando tem tempo, às vezes eu tou brigando com eles porque tem um lixo pra jogar, tirar uma ração pro cavalo que tem lá*. (José da Silva- Engenho Serra).

As opções de lazer na região canavieira quase não existem, faltam centros culturais, parques para as crianças e jovens, além da dificuldade de transporte. Existe ainda a distância muito grande dos engenhos para as cidades mais próximas: *(...) A gente no interior fica difícil se divertir, o cara mora na rua (cidade) tem um teatro, um cinema, mas por onde agente mora, de pé, a gente anda uma hora para apanhar o ônibus pra poder chegar em Ipojuca, o cara não tem condições de noite...* Num depoimento como esse, dá para imaginar o cerceamento e a dificuldade que têm as pessoas no meio rural, para usufruírem dos conteúdos culturais do lazer, cada vez mais restritos às camadas sociais mais altas. Este mesmo problema vivem as classes populares, que sobrevivem nas periferias das grandes cidades, que são excluídas das políticas culturais, além de não terem acesso à chamada indústria do lazer e aos espaços e equipamentos urbanos mais distantes dos bairros e localidades pobres.

Segundo Parker (l978:63), a classe social tem uma certa influência sobre o tipo de brincadeiras e atividades de lazer das crianças, que se traduzem em dois tipos de fatores: a quantidade do espaço disponível e o estilo de educação. Nesta linha de raciocínio é que as crianças das classes trabalhadoras, em comparação com as das camadas mais altas, geralmente têm menos espaço dentro da própria casa e recursos mais precários e limitados nos arredores de

seus lares, sendo obrigadas, assim, a brincarem com mais freqüência nas ruas. Somando-se a tudo isso, está o problema das distâncias das moradias para os equipamentos urbanos, para a vivência do lazer: parques, zoológicos, etc; normalmente construídos em regiões centrais ou nobres da cidade (Silva, l995)[10].

Foto: Maurício Roberto da Silva
Crianças brincando na Oficina de Jogos e Brincadeiras
(Evento-Campo 04)

Em contraposição ao lazer precário da classe trabalhadora dos canaviais, o lazer do empresariado do açúcar, pelo que pude apreender dos participantes do evento, são lazeres voltados para as viagens para o exterior, para os shows , shoppings centers, cinemas, concertos, teatro, cuidados com o corpo como ginástica, massagem e esportes nobres, além do lazer doméstico, normalmente vivenciado nas próprias casas e mansões com piscinas, saunas, salão de jogos, televisão, vídeo, Internet e outros equipamentos para o entretenimento[11]. Assim é que

> *(...) O lazer do rico é superior. O homem rico ele tem tudo, vai para onde quer, vai para um banho de praia, viaja pra qualquer lugar. Eu trabalhei com Jurandir, ali num engenho e ele um dia deixou um cheque pelo dia que agente trabalhou e disse que ia com a família pros Estados Unidos, ia pra um passeio, conhecer e tal...* (João Santana).

[10] Trata-se de um projeto de doutorado elaborado por mim em l993, mas nunca realizado.
[11] Ver a esse respeito a pesquisa de Forjaz (l980), que trata especificamente do lazer e do consumo cultural das elites empresariais na área metropolitana de São Paulo

As críticas dos trabalhadores ao caráter de divisão social do lazer fazem sentido, uma vez que, de fato, não há uma democratização para o usufruto dos bens culturais do lazer, o que leva as classes pobres a não terem acesso a certos tipos de espaço e eventos, normalmente sob o domínio da Indústria de Entretenimento. Outrossim, é preciso que reconheçamos que os *sonhos-desejados* das crianças e adultos, provavelmente contenham também o desejo dos lazeres-mercadoria, não apenas como mera imitação, mas também pela vontade de igualar-se com as classes sociais mais abastadas. Sendo assim, também considero importante ter em vista que, talvez neste desejo pelos consumos, esteja também implícita uma certa dose de alienação, uma vez que, sobretudo no meio rural, ainda sub-existem formas tradicionais de sociabilidade e lazer. Isto posto, urge considerar os dois lados da moeda nessa crítica à desigualdade social fomentada pelo usufruto do lazer, isto é, de um lado, os sujeitos sentem-se lesados, e com justiça, por não poderem consumir os lazeres urbanos; de outro lado esquecem-se que é justamente na cultura lúdica rural, onde ainda um rico manancial de atividades permeadas de valores emancipatórios que certos conteúdos culturais mercantilizados dos lazeres urbanos, como por exemplo, shoppings centers não contêm.

As crianças da zona rural, como já foi dito antes, pelo fato de não brincarem ficam tímidas, envelhecidas e acanhadas;[12] em contrapartida, os filhos das elites consomem quantitativamente e de forma alienada um número excessivo de atividades para além de seus desejos e necessidades, como, por exemplo: judô, inglês, informática, ballet, música e outros. E tudo isso em nome do status social, e de um futuro idealizado e forjado pelos próprios pais, resultando no *furto do lúdico*. Ao contrário dos filhos dos empresários,

> *(...) as crianças do interior não brincam muito e são meio acanhadas, já as da cidade, as filhas dos ricos, conversam bem e são tudo saidazinha, mas os meninos do interior não têm diversão, não têm saimento pra canto nenhum, de casa para o trabalho ou então agora que tem essa escola é só isso mermo a diversão dos meninos. O menino não vai a um banho de praia, o menino não tem uma alimentação boa para ter uma memória, daí por diante. Já os fio dos rico quando sai, sai no carrão deles, com a famia dentro pra qualquer canto que queira ir* (João Santana, Evento-Campo 06).

[12] Ver a esse respeito o Capítulo IV *Do corpo produtivo ao corpo brincante.*

Se observarmos os brinquedos das crianças no meio rural, constataremos que por motivos financeiros, os pais não podem se dar ao luxo de proporcionar esse tipo de consumo para seus filhos; estes, por sua vez, de uma forma positiva, improvisam mais, transformando criativamente

os objetos que encontram em instrumentos de brincadeira. Já as crianças mais abastadas têm os seus quartos cheios de brinquedos, a tal ponto que engessam a capacidade criadora e expressiva, tornando-se tão somente consumidoras das diversões e brinquedos do mundo dos adultos, manipuladas pela da Indústria Cultural, ao invés de produtoras de uma cultura própria à infância (Oliveira, l996, Pinsky, l97l): *(...) Os brinquedos das crianças do interior não se parecem com os dos filhos dos rico, os brinquedos dos meninos lá eles é que inventa lá, de pau, de tronco de bananeira, as vezes pega um troquinho e compra uma carrinho de pau no meio da feira. Essa é a brincadeira dos meninos* (João Santana).Todavia essas afirmações devem ser relativizadas, uma vez que, como já afirmei no início deste capítulo, que mesmo as crianças das classes média e alta destroem, desconstroem e recriam seus brinquedos numa demonstração de que não se adaptam totalmente aos ditames dos consumos de brinquedos da Indústria Cultural.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Crianças do Engenho Humaitá- Palmares posam com brinquedos industrializados e artesanais que simbolizam cameões que transportam cana na Zona da Mata

(Evento-Campo 09)

Percebi nos pais e mães, ao estabelecerem comparações entre os lazeres e brinquedos dos seus filhos e as crianças das classes mais altas, um desejo implícito de proporcioná-los também para os seus: *(...) Tem muito tipo de brinquedo que gostaria que os menino tivesse, se eles mermo visse e agente pudesse comprasse um aviãozinho, um carrinho daqueles de bateria, nem agente pode comprar e nem eles podem possuir* (João Santana, Evento-Campo 06). Moral da história: uns com tanto, outros sem nada !

Depois de expor os desenhos que fizeram no mural coletivo sobre o tempo de lazer, os jogos e as brincadeiras das crianças e dos adultos, os pais levantaram a questão da especificidade e diferenciação entre o os lazeres masculinos e femininos. De acordo com eles, os homens jogam futebol, se reúnem pra contar suas histórias e causos, vão mais à cidade do que as mulheres e, estas, o que fazem em seus lazeres? *(...) A mulher faz o que pra se divertir? Se ferrar! Fica em casa pra tomar conta dos filhos, lavar pano, passar, tirar lenha nas matas* (D. Zefinha). Apesar de toda a restrição para algumas atividades de lazer para as mulheres, em virtude das duplas jornadas de trabalho, e às vezes triplas jornadas, estas também participam das festas e dançam forró, se não forem evangélicas, é claro! Os homens, por outro lado, dizem que o trabalho pesado envelhece prematuramente, de tal forma que estes não podem mais vivenciar os lazeres esportivos:

> *(...)A gente não faz quase nada mais, é um forró, uma cachacinha, é um joguinho de bola nos domingos*. *Mas agora nem isso mais, não jogo mais não, porque eu comecei amarrando a cana com o véio meu pai, cem feixe de cana por dia e com 47 anos não agüento mais jogar futebol, sempre trabalho bastante, de um canto pro outro, às vezes os meninos diz rapaz vamos, e eu dou uma carreirinha e não agüento mais, não tenho mais condições nas perna* (João Santana, Evento-Campo 06).

As mulheres, conforme foi evidenciado pelas meninas no Evento-Campo 07, têm, desde cedo, uma vida voltada mais para o também pesado trabalho doméstico. Em conseqüência disso, crescem sem as mesmas possibilidades de sociabilidade e educação[13], consecutivamente, com

[13] Sugiro o livro de Felícia R. Madeira intitulado *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre as crianças e adolescentes pobres do Brasil*. Rio de janeiro: Record/Rosa dos Ventos, l977.

menos opções de vivência do lúdico que os homens[14]. Segundo as mães me relataram, suas vidas são difíceis desde a infância, pois, muitas vezes, além de serem oprimidas pelo trabalho explorado por outrem, crescem acostumadas a trabalhar em tarefas domésticas. O trabalho doméstico para as é bastante pesado, pois, além dos cuidados com a casa e com as crianças menores, tem que buscar lenha e água em grandes distâncias. Assim, as meninas envelhecem precocemente, engravidam cedo, trabalham duro e com pouco tempo e opções para usufruir das práticas lúdicas. Em conseqüência disso, suas *infâncias escorrem pelo ralo*, conforme expressão utilizada por Iolanda Huzak[15], e suas vidas, considerando as devidas exceções, terminam ficando marcadas por esse tipo de exclusão. Neste sentido, vale a pena repetir a frase de Vitor Hugo, citada pelo poeta pernambucano Marcus Acioly (Evento-Campo 03): *(...) Quem já viu a miséria do homem, precisa ver a da mulher...*

Após o *Encontro de Crianças e Pais Trabalhadores Rurais de Pernambuco/FETAPE*, voltei a dialogar com os trabalhadores filiados ao *Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso*. Neste *reencontro*, o presidente do sindicato reiterou suas afirmações proferidas no Evento-Campo 03 acerca do lazer/lúdico das crianças e adultos na região canavieira. Na opinião dele, as crianças do meio rural não têm tempo para brincar e os adultos vivem das migalhas dos lazeres dos usineiros: forró, futebol para os mais novos e para os mais velhos, a cachacinha e o jogo de dominó à exceção dos *crentes* da Assembléia de Deus. Estes, em seus tempos livres, vão para os seus cultos, não se permitindo a certo tipo de práticas lúdicas e nem às crianças (Ex: cantar, dançar, e diversos tipos de jogos).

Voltamos a confabular também sobre as suas afirmações anteriores, de que os trabalhadores rurais vivem das migalhas dos lazeres das elites. Para ele, o trabalhador pobre do campo quando migra para as grandes cidades, parte com a ilusão de ter acesso a certos consumos e equipamentos de lazer como, por exemplo, shoppings, shows, espetáculos culturais, turismo etc. Mas, o que realmente acontece, segundo ele; é que

---

[14] Segundo Parker (l978: l06-l07) a divisão social do lazer traz em seu bojo diferenças que refletem a distinção das funções que, historicamente, têm sido atribuídas a homens e mulheres. Tudo isso tem a ver com a tradicional existência doméstica da mulher, seu nível educacional mais baixo, sua função precípua de dona de casa e mãe, sua situação legal de segunda classe, a situação relativamente protegida das adolescentes e as diferenças nos padrões relativos à vida sexual – tudo isso tem contribuído para a diferença no lazer entre os dois sexos.

[15] Cf. Ensaio fotográfico intitulado *A infância escorre pelo ralo*, Revista Caros Amigos, Ano III – número 33-Dezembro/l999: 2l-22.

> *(...) Existe a facilidade da diversão mais do que no campo, mas na cidade o trabalhador vai viver da migalha e da diversão que existe, e ele se diverte com migalhas, pedindo a um e a outro, um dá uma entrada pro baile outro dá uma entrada pro futebol, e as moças que já vai com o namorado, já é os namorados que leva elas e com aquilo ele começa a pensar, a ver que na cidade não tem tanto divertimento assim, e então termina sendo um marginal para sobreviver e ter diversão, e ter o lazer.*

Os lazeres da classe trabalhadora rural são normalmente circunscritos, em termos de tempo, espaço e atividade nos canaviais e aos poucos bailes na usina. Estas atividades são, via de regra, comparadas pelos trabalhadores com os lazeres dos empresários do açúcar que viajam, têm casa própria de veraneio na praia, fazem excursões com a família no Brasil e para o exterior.

Apesar de já ter tido uma vida de mais ostentação no passado, segundo o representante do patronato (Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco), o empresário do açúcar ou usineiro, hoje, possui um padrão entre classe média alta e rica, mora em casas confortáveis, possuem carros e podem se dar ao luxo de fazer, de vez em quando, viagens para o exterior. Todavia, é o depoimento do presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Rio Formoso que melhor situa o quadro de desigualdade social frente ao gozo e aos usos do tempo de lazer na zona canavieira:

> *(...) Primeiro o usineiro hoje que não tem piscina em casa leva os seus meninos, a sua família vai para a praia, leva comida e bebida no seu carro ou come em restaurantes, passa o tempo da abertura de verão até o término morando na praia, os seus filhos no lazer e mesmo que ele não tem casa na praia fica lá numa casa alugada, os filhos naquele lazer, estudando e naquele lazer. Já o pobre quando tem um tempo de ir tomar banho de praia, sai bem cedo e volta de tarde bêbado, queimado do sol, vermelho que nem um camarão que não tem nem tempo de tomar um banho de água doce para chegar em casa, e chegando em casa falta a comida.*

Os depoimentos acima nos remetem a pensar sobre a democratização do lazer, na tentativa de refletir se o tempo livre e as atividades de lazer são benefícios usufruídos pela classe trabalhadora como o são para os empresários e políticos ricos. Em primeiro lugar, há que se considerar que sob a égide do capitalismo global e principalmente, em tempos de crise, não há verdadeiramente tempo livre. O lazer não é um tempo liberado, efetivamente livre, nem para os ricos, nem para os trabalhadores pobres assalariados. E o que, na verdade, acontece é que os empresários e certos políticos dormem pouco na obsessão de trabalhar cada vez mais, sem nunca falhar.E toda essa obstinação é, no fundo, para acumular mais capital, vivendo, portanto, o tempo livre à luz do consumo e fetichismo das mercadorias da chamada *Indústria do Lazer* e com o

exercício de suas próprias obrigações sistemáticas. Isto significa que eles, na impossibilidade de se desligar dos problemas da empresa, aliado ao compulsivo desejo pela maximização do capital, freqüentemente transformam em diversão atividades que fazem parte da produção do lucro, acarretando com isso o estresse e a estafa, doenças típicas da sociedade pós-industrial (Forjaz, l980) Além disso, o parco lazer é somente a continuação do trabalho com outros meios. Esportes caros e *hobbies* não garantem sossego, descanso e relaxamento; promovem ao contrário, muito estresse. É preciso pois, na crítica que se faz comparando o lazer dos ricos com o dos pobres, não perder de vista que*: O lazer dos ricos tornou-se hedonismo de alto grau.* Já os trabalhadores pobres e desempregados não conseguem usufruir do tempo livre e das atividades de lazer, por estarem imersos *no* mundo do não-trabalho ou do subemprego (Kurz, l998: 11). Portanto, o trabalho deles é procurar trabalho, enquanto miseráveis que catam do lixo da sociedade as sobras e as migalhas para a sobrevivência (Ibdem).

Quando se fala das diferenças entre os lazeres dos trabalhadores rurais com os dos usineiros atuais, é interessante voltar um pouco no tempo e na história, reportando-nos ao clássico Casa Grande & Senzala. Neste, é possível confrontar a vida cotidiana dos aristocratas do açúcar e dos trabalhadores (escravos) do século XIX:

> *(...) Uma vida cotidiana recheada de ócio, indolência e voluptuosidade, deitados perenemente em suas redes contrastando com a vida sofrida dos escravos. (...) A vida dos aristocratas do açúcar foi lânguida e morosa. Uma vez por outra, as canas e as argolinhas, cavalhadas e danças. Mas raramente. Os dias se sucediam iguais; a mesma modorra; a mesma vida de rede, banzeria, sensual. E os homens e mulheres, amarelos, de tanto viverem deitados dentro de casa e de tanto andarem de rede ou pelanquim* ((Freyre, l977: 431 - 430*).*

(...) A vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede
Rede parada
com o senhor descansando, dormindo cochilando.
Rede andando com o senhor em viagem
ou passeio
debaixo de tapetes e cortinas.
Da rede não precisava afastar-se o escravocrata
para dar ordens aos negros
mandar escrever as suas cartas pelo caixeiro ou pelo capelão
jogar as cartas com algum parente ou compadre.
De rede viajavam quase todos
sem ânimo para montar cavalo,
deixando-se tirar dentro de casa como geléia
por uma colher.
Depois do almoço ou do jantar era na rede
que eles faziam longamente o quilo
arrotando palitando os dentes
fumando charutos,
peidando
deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas molequinhas.
Mas souberam ser duros e valentes em momentos de perigo,
empunhar espadas e repelir estrangeiros afoitos,
esses homens moles, de mãos de mulher,
amigos exagerados da rede, voluptuosa do ócio,
aristocratas com vergonha de ter pernas
e pés para andar e pisar no chão como qualquer escravo ou plebeu
(*Rede*- Poema de Gilberto Freyre (l980: 22) no livro *Poesia Reunida*)

O lazer dos trabalhadores na zona rural às vezes, em tempos de eleição, é patrocinado pelos usineiros e fornecedores de cana normalmente ligados aos coronéis[16] políticos da região ou, quando se trata de campanha salarial e assembléia de trabalhadores. A intenção é no caso das eleições, manipular ou comprar o voto dos trabalhadores (voto de cabresto)[17], e nas campanhas salariais e assembléias desviar os trabalhadores das lutas sociais e políticas. E tudo se passa da seguinte forma:

[16] cf. Leal(l997: 42) em seu livro *Coronelismo, Enxada e Voto*. Para o autor, coronelismo *(...)é o resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. Não é pois, mera sobrevivência do poder privado, cuja hipertrofia constitui fenômeno típico de nossa história colonial. É antes uma forma de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa. (...) O coronelismo é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras*.
[17] Ibdem:44

> *(...) Eles organizam passeios e pic-nics para desviar*[18] *os trabalhadores das campanhas salariais e atraí-los para seus comícios (showmícios). Sempre eles traçam um plano para no dia da campanha salarial ou assembléias mandarem um transporte para fazer passeios, pic-nics para a praia ou torneios de futebol. Eles sabem que se não tiver a assembléia, não tem campanha salarial, não tem como fazer a convenção e aí enfraquece o sindicato, é uma dificuldade pra gente trazer o povo para as assembléias, porque eles fazem muitas doações. (...) Aí é quando os trabalhadores participam de um banho de praia, de um torneio, além disso esses políticos trazem trio elétrico e bandas famosas para desviar os trabalhadores do movimento sindical, movimento que ele precisa para alcançar em favor da própria vida de seus filhos e deles próprios. É por isso que eu chamo esses lazeres de migalhas!*

Neste evento-campo os principais pontos a serem apresentados, a título de conclusão provisória, são os seguintes: a) posição dos pais contra a exploração do trabalho infantil e valorização do trabalho maneiro (doméstico); b) valorização do lúdico (jogo) por parte destes, enquanto atividade séria, produtiva e não-fútil, não só para as crianças, mas para suas vidas; c) críticas às precárias opções de lazer na zona canavieira; d) relações entre lazer e gênero, especificamente no que tange às diferenças das atividades e jogos entre meninos e meninas, homens e mulheres; e) divisão social do lazer, relativo ao caráter de classe no lazer: diferenças entre os lazeres dos empresários do açúcar e dos trabalhadores da cana; f) relações entre lazer e política: o lazer enquanto instrumento de manipulação das massas, através do voto de cabresto; g) relações entre lazer e religião: restrição a certo tipo de jogos por parte, sobretudo, da Assembléia de Deus.

[18] Fato semelhante a este já acontecia no início do século nas fábricas do Rio de Janeiro. Os jornais operários da época de orientação libertária denunciavam o fato dos patrões controlarem a vida do trabalhador e o comportamento dos trabalhadores através das atividades de lazer. Segundo os anarquistas, algumas fábricas organizavam jogos de futebol e promoviam atos religiosos (missa), direcionando e intervindo nas formas de comportamento e de distrações dos trabalhadores. Segundo eles o patronato utilizava essas manobras, visando impedir a organização de classe dos trabalhadores. Os patrões ofereciam palestras e conferências de interesse dos trabalhadores através dos *centros sociais*, além de peças teatrais, festas com muitas bebidas e comidas e outras atividades recreativas. Em contrapartida, o movimento sindical libertário procurava difundir o teatro no meio operário com encenação de peças interpretadas pelos próprios operários e que versavam sobre os problemas da classe trabalhadora (ex. greves), visando conscientizar e politizar os trabalhadores a respeito dos problemas econômicos, sociais e políticos (Góes, l988.)

O ***Evento Campo 09*** (II Encontro para avaliar o trabalho infantil/Save the Children e Visita ocasional aos canaviais) tinha como objetivos, em primeiro lugar, socializar os resultados do I Encontro (Evento-Campo 07) com as crianças: exposição das fotos, relatório parcial da pesquisa. Em segundo lugar, conhecer mais amiúde o cotidiano do lazer/lúdico das crianças e suas famílias durante um final de semana.

No *II Encontro para avaliar o trabalho infantil/ Save the Children*, voltei a confabular com as crianças sobre os jogos, brincadeiras, artes e esportes que vivenciavam na *Jornada Ampliada* (ver Capítulo II). A partir daí inquiri-as mais uma vez sobre o significado do trabalho e do lúdico em suas vidas, enfim, do que elas mais gostavam de fazer. Neste sentido, a resposta coletiva foi que o brincar para elas era algo que não podiam explicar, não tinha explicações, era simplesmente bom demais, porque dava muita alegria e era muito gostoso. Assim, Sara, l0 anos de idade, resolveu a questão respondendo-me *(...) O que eu mais gosto de fazer? Eu já disse a você, brincar, brincar!* Depois de uma resposta tão direta, mas ao mesmo tempo, tão simbólica e metafórica, só me restou uma saída: não insistir mais em buscar o *por quê* do brincar! Sendo assim, preferi calar e reconhecer que elas é quem guardam num cofre secreto a chave do entendimento acerca dos mistérios, fantasias, enfim, dos valores ontológicos do lúdico em suas vidas.

Nos engenhos por onde passei, vi donas de casa em plena atividade nas tarefas domésticas ajudadas pelas meninas. Os homens e meninos, por sua vez, conversavam e jogavam futebol. Vi também trabalhadores desempregados, que contaram o drama do desemprego e a falta de sentido dos lazeres em suas vidas, uma vez terem perdido a centralidade de suas vidas: o trabalho. Muitos relataram-me sobre o desespero de ter tempo liberado em grande escala, mas não ter motivação e desejo para as diversões, jogos e brincadeiras. Segundo eles, muitos trabalhadores estão se entregando às bebidas durante os finais de semana, para esquecer os dilemas e dramas do desemprego. Apesar de tudo, os lazeres masculinos nos finais de semana constituem-se fundamentalmente de um *joguinho de bola* (futebol), tomar pinga e um *forrózinho* em tempos de batizado e Festa de São João.

E sobre o cotidiano dos jogos das crianças? O que dizer dele?

Por onde passei, vi crianças muito pequenas brincando com qualquer objeto que encontrassem à mão, realizando talvez aquilo que Piaget chamou de jogo simbólico. As outras crianças maiores transformavam as instalações hidráulicas em bica, aproveitando os esguichos, para ali tomar banho, realizar seus jogos em baixo d'água. Muitas crianças brincavam de roda e outros jogos tradicionais, cujo repertório era tão rico e vasto que não poderiam dar conta de vivenciá-lo num só dia. Disseram-me que seus jogos prediletos eram caçar passarinho, se balançar nas árvores, *roubar bandeira* (pique bandeira), rendido (policiais e ladrões), ouvir histórias de assombração, fantasmas (casa mal-assombrada, cemitério) e causos, jogar bola (futebol). Aliás, quanto ao futebol, percebi que em quase todos os engenhos existe um campo de futebol utilizado para as peladas, mas também para casualmente, realizarem torneios entre os engenhos. Outra atividade lúdica muito comum é o banho de rio, porém, de acordo com a opinião de alguns trabalhadores, eles já não são mais aconselháveis para os banhos de lazer e ou lavar roupa, devido ao fato de estarem poluídos por detritos tóxicos atirados pelas próprias usinas.

Quanto às histórias e causos descobri que sempre existem nos engenhos mulheres, homens, crianças e jovens com o dom de contar histórias, reunindo a sua volta grande número de pessoas, fazendo desta atividade uma rica vivência lúdica e oportunidade para desenvolver a sociabilidade.

Outro aspecto que me chamou bastante a atenção, a exemplo do Evento-Campo 08, foi o fato de que em boa parte dos engenhos existe, a exemplo do campo de futebol, uma igreja da

Assembléia de Deus,[19] fato este que termina por emprestar à cultura lúdica local uma marca conservadora e moralista. Sendo assim, fica claro que a religião controla o tempo de lazer/lúdico e que o tipo de crença religiosa predominante numa comunidade específica termina por

[19] Para melhor refletir sobre essa questão, existem os estudos de dois historiadores estrangeiros que realizaram pesquisas no Brasil referentes à ascensão das igrejas pentecostais no Brasil. a saber: o canadense André Corten, cujo livro intitula-se *Os pobres e o Espírito Santo: O Pentecostalismo no Brasil,* e o americano Andrew Chesnut com a sua obra *Renascido no Brasil: O Boom Pentecostal e a Patogênese da Pobreza.* Segundo os autores a Assembléia de Deus foi a primeira Igreja Pentecostal do Brasil. Diferentemente dos neopentecostais ou pós-modernos (Universal do Reino de Deus) que flexibilizou seus códigos em função de sua inserção no *livre mercado religioso*, a Assembléia de Deus possui um código rígido de conduta. Além disso, é uma igreja que nunca fez opção pelos pobres, porque é uma igreja dos pobres. Seus bispos e pastores geralmente são pobres, cursaram até o terceiro ano primário e antes viviam de pequenas atividades de comércio ambulante nas ruas. Excepcionalmente existem bispos preparados, mais a maioria é de origem humilde (Folha de São Paulo, Caderno Mais,06/06/l999, p.5-6).

influenciar as oportunidades de lazer tanto dos fiéis quanto do público em geral (Parker, l978:l24).

Foto: Maurício Roberto da Silva
A igreja da Assembléia de Deus e sua influência
sob lazer dos adultos e jogos e brincadeiras das crianças.
(Evento-Campo 09)

Segundo alguns trabalhadores, esta religião possui um código de comportamento bastante severo e restritivo, por exemplo: os adultos não podem dançar, praticar certos esportes e as crianças são proibidas pelos pais tanto em casa como na escola de jogar xadrez, dama, dominó, ver televisão, tomar banho de mar, cantar e ouvir músicas que não seja de conteúdo evangélico.

Durante todo o tempo da minha permanência nos engenhos, fiquei curioso para saber se existiam jogos e brinquedos específicos dos canaviais e, para minha surpresa, as crianças só sabiam fazer brinquedos, réplicas de caminhões de transporte de cana. Foram os adultos e velhos, portanto, que me falaram dos brinquedos de suas infâncias, *fuguete*, *flecha* e *iô iô*, improvisados com a palha e com os nós da cana Esta minha curta incursão mostrou-me um pouco mais sobre o mundo lúdico das crianças e adultos nos engenhos; demonstrou-me que, apesar da miséria em que vivem, possuem humor, fazem festa, brincam de roda, inventam histórias, causos e jogos, talvez para reinventar essa vida cotidiana tão cruel, opressiva e vilipendiada, mas também vivida com luta, desejo e utopia.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Quando os objetos de uso pessoal viram instrumentos de brincadeira Crianças brincando num final de semana- Engenho Humaitá, próximo a cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

***

O ***Evento-Campo l0*** (Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil/São Paulo) continuou o teor de denúncias sobre exploração do trabalho infantil e trabalho escravo em grande parte dos países do terceiro mundo, além de reiterar as críticas aos planos de ajuste neoliberais.

A novidade deste tribunal, em relação aos outros, foi a clareza e a compreensão que tiveram os participantes do Tribunal, no que diz respeito ao significado do lazer para os adultos trabalhadores:

> *(...) O lazer para o trabalhador sempre foi considerado fator relevante para a sua condição de cidadão. Depois da jornada de trabalho, os momentos com a família e com os amigos levam a uma realização de vida que se centra muito mais no social do que na necessidade maior de vender sua atuação, seja manual, seja intelectual, para prover a sua subsistência e, muitas vezes, a dos seus* (Hélio Bicudo- Presidente da II Sessão do Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil/São Paulo);

O tribunal condenou o trabalho infantil, acompanhado da denúncia sobre os impactos provocados pelo trabalho precoce, destacando entre as conseqüências e repercussões sobre a infância, a supressão do lúdico. Os jurados, em sua maioria, foram de opinião de que através dos jogos as crianças podem conhecer a vida. Na opinião deles, o trabalho precoce pode comprometer a saúde e a aprendizagem, isto é, o desenvolvimento em todos os sentidos: físico, psicológico, cultural, afetivo e espiritual, impedindo ou limitando o usufruto pleno do tempo de lazer/lúdico. Além disso, o jogo é de fundamental importância para vida da criança, porque, brincando, ela põe em prática suas atitudes, sentimentos e sentidos e constrói a consciência e o mundo. Brincando a criança expressa a sua criatividade, busca saídas para a resolução de problemas encontrados no momento do jogo e na vida real. Em razão disso, não jogar significa para a subjetividade infantil envelhecer precocemente e, em conseqüência disso, embotar a infância. É preciso, portanto, compreender que, ao brincar, a criança emprega toda a sua energia biológica, intelectual e afetiva nas atividades recreativas, e se ela não brinca, converte-se num pequeno monstro, envelhecendo a alma e o corpo, bloqueando, assim, os seus sonhos e desejos (Gema López Limón, testemunha do México, Erwin Salazar Vasquez, testemunha do Peru).

As representações dos jurados do tribunal nos remete a Vigotsky citado por Cole (l994: l22-l30) que, com base no materialismo histórico,[20] propõe a idéia de que em termos de objeto da psicologia, a tarefa do cientista seria a de reconstruir a origem e o curso do desenvolvimento do comportamento e da consciência. Para ele, o jogo é de suma importância para o desenvolvimento da criança, pois este satisfaz certas necessidades de divertimento e relaxamento, apesar de se constituir também dialeticamente numa fonte de tensão e relaxamento, prazer e desprazer. Além disso, este é um mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, difere do trabalho e é nele que a rebeldia e a criação se impõem. É preciso, pois, superar a idéia de que a criação e a situação imaginária presentes na brincadeira da criança, é algo fortuito; ao contrário, o jogo é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais da vida cotidiana. Assim é que o primeiro paradoxo contido no jogo é que, a criança opera com um significado simbólico numa situação real, transformando a regra

[20] Vigotsky foi o primeiro a relacionar a teoria marxista da sociedade(materialismo histórico) às questões psicológicas concretas.Neste sentido, elaborou de forma criativa as concepções de Engels sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos como meios pelos quais o homem transforma a natureza, conseqüentemente a si próprio(Cole, op. cit)

enquanto atributo essencial do jogo em desejo, que se torna paixão, sonho e realidade, no reino da espontaneidade e da liberdade.

Finalmente, Hélio Bicudo, Presidente do júri da II Sessão do Tribunal Internacional Independente Contra o Trabalho Infantil, nos dá a exata dimensão do significado do lúdico na infância em situação de risco social, independente de credo, raça, gênero e finalmente de nacionalidade:

> *(...). A criança que trabalha geralmente não brinca, não joga porque o trabalho pode mesmo torná-la indiferente ao lazer, a um descompromisso com aquilo que a rodeia.O cansaço físico, depois de horas e horas de fazer, nega à criança espaços para brincar. E criança que não brinca não se torna um adulto normal, porque falta uma educação que venha a receber a despreocupação e a descontração que o lazer propicia*.

Depois desta longa e profícua colheita de dados, cheguei à conclusão provisória, de que em todos os eventos-campos há uma veemente unanimidade contra a exploração do trabalho infantil, sob o justo argumento de que as excessivas jornadas de trabalho terminam por coisificar as subjetividades infantis.

Quanto à supressão do lazer/lúdico na infância, ficou claro que a vivência das brincadeiras é fundamental em qualquer infância, em qualquer cultura, em qualquer classe social em qualquer nacionalidade. Além disso revelam uma espécie de *Globalização do Trabalho Infantil*, dos maus-tratos à infância de grande parte dos países do planeta, da supressão do direito inalienável e próprio a toda criança: o direito de brincar !

A respeito do conceito de trabalho, percebi tanto por parte das crianças quanto dos adultos, uma tendência a não separá-los, pois, segundo eles a centralidade do ser social adulto é o trabalho não-alienado para, desta maneira, poderem conquistar um efetivo tempo livre. Do mesmo modo, as crianças, sobretudo da zona canavieira, demonstraram o *sonho-desejado* por uma vida dotada de sentido, para além do trabalho precoce e pesado. Elas, assim como os pais, advogaram em favor do trabalho maneiro, educativo e doméstico para, deste modo, poderem, de fato, livrar-se dos constrangimentos do trabalho objetivado e usar o tempo com liberdade, fantasia, criatividade.

Também o conceito lúdico, jogo ou brincadeira, aparece na maioria das falas dos adultos (pais, sindicalistas, acadêmicos e educadores), desconstruindo a idéia deste como improdutividade, inutilidade e futilidade. Neste sentido, vale destacar que, para surpresa minha, principalmente os pais, têm uma compreensão do lúdico enquanto necessário para a totalidade educativa da criança. Portanto, esta visão contraria àquela do senso-comum, de que os pais, movidos pela necessidade, são responsáveis pela inserção precoce da criança no mundo do trabalho, e que, em razão disso, já inculcaram a ideologia de que só trabalho dignifica enquanto o lúdico é dispensável, inútil, improdutivo, irresponsável e banal para a criança. Não foi isso o que vi. O que constatei foi uma consciência social, política e pedagógica sobre a importância do jogo para o desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões, fato este, aliás, reforçado pela opinião de Bia Pardi, jurada do Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil/São Paulo (Evento-Campo l0):

> *(...) Não estudo, a fundo, a questão do jogo e do lazer na infância, mas como política, mãe e cidadã, acho que a infância se caracteriza pelos atos lúdicos, pela fantasia, pela imitação. Então quando você suprime essas formas espontâneas de aprendizagem através do brincar, você compromete o desenvolvimento global da criança, pois ela aprende, apreende e conhece o mundo pela aprendizagem do lúdico. Se tirar o brincar da criança, se suprimir os atos lúdicos, então compromete a sua socialização e suprime a vida*

No ponto de vista do furto do lazer/lúdico na canavieira, destacam-se os seguintes aspectos: o fato das crianças estarem excluídas ou incluídas de forma precária no que se refere ao usufruto dos conteúdos culturais do lazer, uma vez que o tempo liberado das obrigações ou da escola é exíguo.

Na minha opinião o lúdico constitui-se numa prática social de resistência e rebeldia, sendo compreendido e praticado enquanto um elemento central do ser social, seja criança ou adulto. As práticas lúdicas, principalmente os jogos tradicionais infantis, surgem como elementos de negação às iniqüidades do trabalho estranhado, cujas raízes são seculares.

Outro questão que aparece em grande escala nos eventos-campos, principalmente 03, 05, 07, 08 e 09, é a crítica ao caráter de divisão de classe social, referente às desigualdades sociais nos consumos dos bens culturais do lazer, isto é, às diferenças entre o lazer dos empresários do

açúcar e dos trabalhadores da cana. Neste sentido, esta crítica vem sempre acompanhada dos *sonhos-desejados* das crianças e adultos por mais tempo, espaço, brinquedos, enfim, equipamentos e políticas de lazer. Todavia, essas políticas não podem ser emergenciais e devem vir articuladas às políticas estruturadoras em prol da reforma agrária, política salarial, educação pública, gratuita e de qualidade, saúde, crédito agrícola, previdência social e outras. Sendo assim, a erradicação do trabalho infantil e, consecutivamente, o usufruto do tempo do lúdico na infância e em todas as idades, só serão realmente possíveis, se forem erradicadas as desigualdades entre as classes sociais, estabelecida a distribuição de renda, a justiça e a posse da terra.

Quanto às conseqüências da atividade produtiva prematura, os sujeitos foram unânimes em dizer que estas deixam seqüelas e marcas, envelhecendo precocemente a criança, uma vez que a supressão ou precarização do tempo do lúdico compromete a subjetividade infantil nas dimensões biológicas, afetivo-emocionais e psicossociais.

Considerando a disponibilidade do meu olhar, a complexidade e o caráter interdisciplinar do objeto, foi possível ir além da supressão ou precarização do lúdico que não está restrita apenas à infância. Em razão disso, foi possível detectar questões tais como: relações entre lazer e política: o lazer enquanto instrumento de manipulação das massas, através do *voto de cabresto*; relações entre lazer e religião, como por exemplo, restrição a certo tipo de jogos por parte, sobretudo, da Assembléia de Deus, relações entre lazer e gênero, da divisão sexual do trabalho e do lazer, especificamente, no que tange às diferenças das atividades laborais e lúdicas entre meninos e meninas, homens e mulheres.

Os jogos e brinquedos das crianças são construídos no terreno da adversidade e da penúria, na sucata do tempo residual, migalhas de tempo conquistadas a duras penas; são tecidos na *boca-da-noite*, na *boca-de-forno*, na natureza quase morta, da maneira mais criativa possível. Seus jogos são subir em árvores, caçar passarinhos, atirar flechas de folha de cana, imitar os animais domésticos: galo, jegue, boi, vaca. Brincando desse jeito, mitigam o sofrimento, pulam a corda bamba do destino, pulam *academia* (amarelinha), tentando talvez um dia alcançar a outra *academia*, a escola; driblam, em suma, com o lúdico da bola de seus mundos o jogo perverso do capital, que as faz exilar-se, ainda que sob protestos simbólicos, da própria infância.

Tanto as crianças quanto os adultos, têm os seus *sonhos-desejados* de lazer: querem ir à praia, ao cinema, ao teatro, ter férias, conhecer outros estados e países, tomar banho de piscina, passear de carro, consumir os produtos da indústria de lazer (jogos, brinquedos e equipamentos),

ir ao shopping, atividades estas que lhes são interditas. Em resumo, sonham com um tempo livre, com um tempo de não-trabalho que não seja carcomido pela violência do desemprego.

Imersas nesta teia fragmentada e inóspita do tecido social-rural, essas crianças transformam o *tempo morto* em tempo de vida não-linear, em tempo-espaço de jogo social, demonstrando felizmente, a grandeza de suas rebeldias infantis e o anúncio de novas formas de sociabilidade. Os depoimentos das crianças estão todos carregados de desejo por uma vida mais digna, todos anunciam os sinais da necessidade de uma verdadeira revolução social no sentido de não mais mitigar a fome de alimento e de tempo livre para brincar. Todos querem tempo para estudar, querem acabar com a fome de comida e de dignidade social. Todos não querem mais apenas programas assistenciais e emergenciais, mas sim, políticas públicas de direito e de fato *sociais* no âmbito do emprego, da terra, do salário, da saúde e da escola pública. Elas almejam não só sair do trabalho forçado e ir para qualquer escola precária , mas para uma escola que, usando a expressão de Milton Santos (l999) rompa com a condição de eternos e seculares *deficientes cívicos* [21], principalmente no meio rural. Elas querem viajar, desbravar mundos, usufruir dos brinquedos, confabular com o outro sobre as suas fantasias, mistérios, tramas, dramas, dilemas e criatividades; querem morar feito gente, querem ser atendidas pelo médico e o dentista, querem recuperar o trabalho para os pais enquanto protoforma do ser social, trabalho esse solapado pela reestruturação produtiva; querem construir um novo tempo e um tempo novo eivado de genuína liberdade e uma sociedade diferente. Em suma, suas vozes retratam os desejos de romper com a cultura camponesa que orienta apenas para o trabalho e não para o ócio, para a contemplação e para a festa. Quando ouço o eco de suas falas, sinto que nem tudo está perdido e que elas ainda não desistiram e não renunciaram aos sonhos de um projeto social de meninice com infância digna, pois para elas este tempo é irredutível e sagrado, é um tempo próprio para a utopia e a imaginação (Benjamin apud Bestar, 1998:165).

[21] Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 24/0l/l999.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Como se fora a brincadeira de roda
Memória
Jogo do Trabalho na dança das mãos
Macias

O suor dos corpos na canção da vida
História
O suor da vida no calor de irmãos
Magia[22]
(Evento-Campo 09)

***

Durante os eventos-campos, foi possível perceber, conforme o Quadro 04 a seguir, o enorme manancial e comovente potencial transgressor dos *jogos e brincadeiras infantis tradicionais* (Kishimoto, 1993)[23]. Na verdade, esses jogos se constituem num patrimônio cultural da própria da infância, porém, não restrita apenas a ela, permitindo assim, a aprendizagem social de valores fundamentais para a sociabilidade tais como: alteridade, gestualidade, afetos e outros.

Um exemplo concreto disso é a existência entre as crianças canavieiras das brincadeiras chamadas por Cascudo (1993: 338-344) de *Fórmulas de Escolha,* que se constituem em

[22] Trecho da canção Redescobrir de Gonzaginha.
[23] Câmara Cascudo, etinólogo nordestino, optou por estudar a normalidade da história da vida cotidiana do povo brasileiro. Estudou as histórias contadas pelas amas-de-leite, a jangada e os jangadeiros, a rede de dormir, os **jogos infantis** (grifo meu), a cachaça, a morte, os romances trópicos do sertão, os ditos populares, as origens da alimentação brasileira (Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 27/12/1998:5-4).

maneiras de sortear ou escolher alguém para participar de determinada brincadeira. Deste modo é que durante as visitas aos engenhos ou mesmo durante as oficinas e tempos livres dos eventos-campos, anotei as seguintes brincadeiras de escolha: *(...) Panelinha de bobô, foi no mar encheu vazou, três panelas de bolô fedô; (...) três mocinhas do amor, papel, penico e cocô; (...) Fui na lata de biscoito, tirei um, tirei dois, etc.*

Como é possível constatar nos desenhos que se seguem, as crianças da zona canavieira possuem um vasto repertório lúdico, constituído primordialmente de *jogos tradicionais* ou populares (ex. cabra-cega, pular corda, brincadeira do anel e outros); jogos que na verdade são chamados de *jogos do Mundo* ou *Spiele der Welt* (Grunfeld**,** l976)[24]. São jogos encontrados em todo o mundo onde haja crianças brincando. Portanto, isto significa que os jogos possuem uma linguagem universal, consolidando assim a idéia do jogo como criador de um sistema regulador da vida social, e a criança, seja em que rincão do mundo for, é um ser humano criativo, imaginativo e auto-suficiente, capaz de produzir a cultura e a história da vida cotidiana de um povo ou de um país. Nestes termos, a brincadeira pode ser considerada como a única forma de expressão repleta de tais qualidades (Kishimoto,op. cit.: 24-29).

24 Neste 1ivro o autor resgata a origem das brincadeiras tanto infantis quanto dos adultos, localizando-as em cada momento histórico e situando-as geograficamente em cada região do mundo, apresentando as origens e significado de suas regras, equipamentos, materiais, etc.

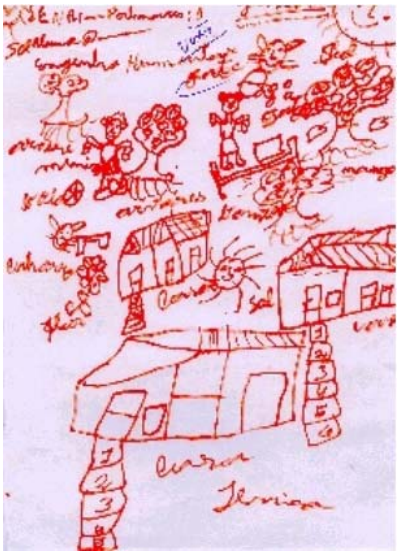


Foto: Maurício Roberto da Silva

Desenhos das crianças realizados numa atividade de sala de aula do programa Mão Amiga sob o tema:

Os jogos e as brincadeiras que mais gosto

(Evento-Campo 10)

Doces jogos – sonhos de lazer				
Jogos e Brincadeiras Tradicionais	**Brinquedos Tradicionais**	**Brinquedos e Brincadeiras ligadas à cultura da cana**	**Jogos de salão**	**Danças**
brincar de carro, pega formiga, telefone sem fio, pular corda, passar o anel, barra bandeira ou pique bandeira, pega-pega ou pega, garrafão, o jogo das pedrinhas, amarelinha ou academia, rendido ou polícia ou ladrão, esconde-esconde, boca de forno, palhaço, saltar a vara, furão, estatua, índio, goleiro, bola ou futebol, queimada, pega peixe, laçar boi, papa-figo,boca-de -forno; brincadeiras de roda: Escravos de Jó, Eu fui à Espanha, Atirei o pau no gato.	(estilingue) badoque ou baleadeira, bambolê, balão, elástico, burrinca, pião, cavalinho de vassoura, bola de gude (chipra), papagaio (pipa), caminhãozinho de madeira, arco e flecha.	fuguete, (com folhas de cana), carrinhos de nós de cana, toquinho, iô – iô (com o palmito da cana), flecha (com a palha da cana).	dados, dominó, dama, baralho	forró, axé, pagode, dança da capoeira, xaxado, frevo, coco de roda

(Quadro 04)

Doces jogos – sonhos de lazer					
Atividades na natureza	**Esportes**	**Outras Atividades de Lazer**	**Brinquedos desejados pela crianças**	**Brinquedos desejados pelos adultos**	**Sonhos de Lazer das crianças**
banho de rio, banho na bica, balanço nas árvores, subir árvores, caçar passarinho, nadar no rio, piquenique.	futebol (homens), futebol de salão (homens), recreações esportivas.	contar estórias de casas malassombradas ou causos, ir para à escola, jogar conversa fora, ir pra rua (para à cidade), fofocar, cantar, contar piadas, ir ao baile na sede da usina, visitar as comadres e os compadres, bordar, fazer amigos, visitar engenhos,.	bola de couro, brinquedos eletrônicos, video-games, carrinhos movidos à pilha, aviãozinho à bateria, bicicleta, brinquedos com controle remoto, computador, etc.	jogar bilhar, sinuca, tomar banho de piscina, shopping, teatro, cinema, bicicleta	ir à praia com a família, tomar banho de mar, andar de bicicleta, tomar banho de piscina, viajar para Recife, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, ir ao shopping, fazer fotografia, brincar de teatro, brincar na escorregadeira, ir ao cinema, fazer ginástica

Quadro 04 – Continuação

O jogo tradicional infantil é oriundo do folclore, incorporando a mentalidade popular e expressando-se, sobretudo pela oralidade, marcando deste modo a produção cultural de um povo em determinado período histórico. Os criadores desses jogos são anônimos e estes são, provavelmente, fragmentos de práticas abandonadas pelos adultos, de fragmentos de romances, poesias, mitos e rituais religiosos. Nesta perspectiva, a tradicionalidade e a universalidade[25] desses jogos fundamentam-se no fato de que povos distintos e antigos como os da Grécia e do Oriente brincavam de amarelinha (academia nos canaviais), empinar papagaios ou pipas, jogar pedrinhas, bolinhas de gude , brincadeiras que as crianças de todo o Brasil e da zona da mata pernambucana conhecem, criam e recriam, construindo seus jogos e brinquedos quase que a partir do nada. Seguindo as trilhas desse raciocínio, o quadro supracitado contém, no meu entender, elementos e conhecimentos suficientes para indicar a existência nesta região de sujeitos capazes de, na opressão, evocar fundamento ontológicos (criatividade, improvisação, fantasia) na dimensão de projetos de emancipação social, de natureza tanto particular (regional) quanto universal.

[25] Segundo Kishimoto (op. cit: 20-2l) existem três hipóteses que tentam explicar a semelhança dos contos mitos e jogos em diversos países: a da imigração em tempos remotos, a origem das estórias na humanidade primitiva e a criação independente das mesmas por diversos povos.

Quando se pretende conhecer as origens dos jogos infantis na zona canavieira pernambucana, não se pode omitir a história da infância no ciclo do açúcar. Nesta região não existia apenas o antagonismo entre senhor e escravo, o dominador e o dominado.[26] Essas relações de dominação e escravidão manifestavam-se também nos jogos infantis dos meninos de engenho (senhorzinhos) com os muleques negros. Para compreender a infância e o lúdico nesta dimensão é necessária uma análise da estrutura familiar patriarcal, do sistema educacional da época, das relações entre crianças brancas (nhohô) e os muleques negros, as mucamas escravas, os pais e os familiares, conforme a *história dos jogos e brincadeiras nos engenhos de açúcar* (Kishimoto, l993: 30-59). Os jogos tradicionais regionais (populares) têm suas origens nos jogos universais , embora, apresentem, apesar da universalidade, modificações pelas crianças lhes dão outras feições culturais. Isto significa que os jogos do passado, hoje jogados com novas regras e táticas, trazem em seu bojo a idéia de movimento e transformação na história do lúdico nas diferentes culturas.

É preciso destacar que a maioria das crianças já viveu , ou convive com outras que viveram na pele, a supressão ou limitação do tempo para a vivência dos jogos e brincadeiras, imposta pelas violências do trabalho prematuro, enfadonho e alienante. Para todas elas: *(...) o tempo disponível para o lúdico foi amplamente sacrificado pela carências cotidianas, que são também ampliação das necessidades decorrentes do cerceamento da terra de trabalho e da supressão de possibilidades dos pobres do campo* (Martins, l993:79).

Os eventos-campos revelaram os ***doces jogos em meio a vidas amargas***, vidas essas, em cujos corpos sociais estão impressas as insígnias da barbárie da exploração capitalista. Em contrapartida, trouxeram à tona alguns elementos para a compreensão, crítica e análise do mundo do lazer/lúdico das crianças e adultos explorados pelo capital. Foi possível, portanto, abstrair da realidade a constatação: apesar da miséria em que vivem, os trabalhadores possuem humor, fazem festa, brincam de roda, inventam histórias, causos e jogos, protestam, reagem, participam dos movimentos socais e lutam pela desalienação do ser humano, lutam pela conquista do ainda não conquistado: tempo livre!.

---

[26] Cf. As obras de Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala), José Lins do Rego (Menino de Engenho), José Veríssimo (A Educação Nacional), Arthur Ramos (O Folclore Negro no Brasil, Waldice Mendonça Porto (Paraíba em Preto e Branco).

Finalmente, fazem tudo isso, para pôr em prática uma luta de classes contínua e, talvez, para reinventar essa vida cotidiana tão cruel e vivida à base do trabalho alienado; essa vida tantas vezes explorada, tantas vezes maltratada pelas políticas *sociais* perpetuadoras das desigualdades e pelos séculos de trabalho escravo e semi-escravo; essa vida sofrida e imposta pela propriedade fundiária nesta região maltratada pela monocultura da cana-de-açúcar (Wanderley, 1979; Andrade, 1998). As crianças, utilizando a expressão de Martins (l993:79), vivem uma *falsa infância* ou uma *suposta infância* como disse o poeta Marcus Acioly (Evento-Campo 03). No fundo, elas e suas famílias *sobrevivem*, de acordo com o poeta João Cabral de Melo Neto (l994:36), a essa *vida severina: aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais Severina, para o homem que retira*.

Desenho de criança do Programa Mão Amiga
(Evento – Campo 09)

Considerando os argumentos subjacentes às falas das crianças e adultos, o posicionamento epistemológico dos autores, bem como, os diversos instrumentos utilizados (observação, fotografia, desenho etc), apresentados no decorrer deste capítulo, pode-se concluir que o capitalismo vem destruindo as forças produtivas e, junto com elas, a utopia do tempo livre. Digo isto porque: *(...) o cassaco de engenho quando não trabalha; as coisas continuam sendo-lhes pesadas. Por sua pouca roupa está sempre esmagado e pesa-lhe no pé, inexistente sapato*...(Melo Neto, l994: 76). Assim, esta situação permanece até hoje mantida sob os desígnios do capital, *sabe-se lá até quando ?* Mas, a resposta pode ser encontrada mais uma vez no eco na voz do poeta (Ibidem):

(...) E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina

Capítulo IV
Do Corpo Produtivo ao Corpo Brincante

l. As marcas da alienação no corpo produtivo e os sinais de resistência no corpo brincante

(Tributo a Amaro)
Oh! Amaro
Cuja vida coincide com as tatuagens
gravadas no teu próprio nome
(ou impróprio ? ou impropério ?)
Oh! amargo
teu olhar é doce como a cana cortante
que abre sulcos no interior da própria alma...
Oh! Amaro,
que teima em brincar na aridez
e fazer acrobacias na corda bamba do tempo
Oh! Amaro,
que me falou da amizade,
me contou a sabedoria e os segredos da
meninice e me ensinou pacientemente a
rodar o pião na palma da minha mão...

(O Sujeito Observador [1])

O Capítulo III versou primordialmente sobre as relações entre lazer, ócio, lúdico, jogo, brinquedo e brincadeira, categorias essas, todas emergidas da colheita de dados durante os Eventos-Campos. Neste capítulo procurei debater criticamente sobre as relações entre lazer e trabalho na sociedade capitalista, na qual o chamado *tempo livre* é incompatível com o seu manancial de exploração e alienação. Deste modo, trouxe a contribuição dos autores e as representações dos próprios sujeitos, acerca do trabalho alienado e da construção da cultura lúdica em meio a condições deploráveis de vida e à morte da cidadania.

Este capítulo traz em seu contexto reflexões acerca das relações Corpo, Sociedade e Classes Sociais, especificamente sobre os corpos das crianças, adultos e velhos trabalhadores da

[1] Poema resultante das minhas reflexões sobre as marcas do trabalho precoce no corpo das crianças e os sinais de resistência simbólica, através das brincadeiras (Evento-Campo 04).

cana-de-açúcar, envelhecidos precocemente e que na vida cotidiana se constituem em produtores de riqueza para outrem. Entretanto, serão considerados os dois eixos temáticos fundamentais que giram em torno do trabalho infantil enquanto *trabalho produtivo*, de um lado, gerando *corpos produtivos* e aparentemente submissos, cujas forças de trabalho (físicas e intelectuais) são apropriadas pelo capital, tendo em vista a sua perpetuação. De outro lado, serão levados em conta os sinais marcantes do *corpo brincante* ou *da festa*, ou seja aquele corpo que apesar da degradação moral, ética e física a que é submetido, também se impõe enquanto corpo-sujeito construtor de resistências simbólicas e reais nos resíduos de tempo fora dos esquemas do trabalho. As imagens corporais com suas categorias, temas, sub-temas e palavras-chaves (Quadro 0l, Capítulo I, p.79-80), surgiram dos Eventos-Campos e das visitas ocasionais aos engenhos de açúcar. Esses dois modelos de corpo (objeto e sujeito) estão em permanente movimento dialético na perspectiva da pobreza (alienação, conformismo) e da riqueza da vida cotidiana (emancipação, resistência). Portanto, além de considerar os aspectos teórico-metodológicos supracitados, vou nortear-me pelas seguintes questões de pesquisa: *que tipo de ser humano é forjado pelo capitalismo numa realidade amalgamada pela fome, miséria e privação, mas também pela luta em prol da subversão da ordem vigente? Que conceitos de corpo emergem do trabalho e da cultura lúdica resultantes da vida cotidiana?*

***

As reflexões sobre a história do corpo vêm se caracterizando, na atualidade, como um importante tema de investigação, cujas diversas abordagens o vêem como um fio condutor para a compreensão da subjetividade Assim é que as epistemologias sobre os horizontes teóricos do corpo visam primordialmente compreender o seu significado filosófico, social, cultural, biológico, político e histórico, frente aos seus múltiplos modelos de condutas e expressão da subjetividade, tais como: gestos, hábitos, ritos, enfim práticas corporais (Sant'Anna, l995: 243-266). Nesta perspectiva, o corpo vem tornando-se, de forma cada vez mais crescente, em objeto das Ciências Sociais e Humanas (Crespo, l980: 7-l6).

Existe na Modernidade uma grande ênfase nos cuidados e estudos sobre o corpo, provavelmente pela emergência de um projeto de libertação deste, principalmente, considerando-se a sua utilização como instrumento privilegiado de controle, opressão e censura das condutas humanas. Há, porém, simultaneamente e em contrapartida, a idéia do corpo como portador de

repressões sociais e da mais profunda servidão humana e deste como emissário de expressão e liberdade.

Nesta pesquisa, no entanto, a categoria corpo se impõe, sobretudo pela presença do trabalho alienado e, conseqüentemente, pela manifesta degradação das condições de vida corporal das populações rurais, no que tange à materialidade biológica e social. Neste perspectiva, os usos do corpo na sociedade capitalista, tem suas determinações primeiras que podem ser buscadas no sistema produtivo (Boltanski, l989).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Crianças participantes da Marcha Global contra o Trabalho Infantil,
por ocasião do primeiro banho de mar em suas vidas no Balneário Camboriú
(Evento-Campo 06)

Esses dois olhares para o corpo são de suma importância para a compreensão do corpo ou dos *corpos dos brasileiros* que, na opinião de Da Matta (l986:83) são dois, a saber: *um para o trabalho e outro para a festa*. Em linhas gerais, pode-se dizer que estes dois corpos são o suporte do *corpo marginal* (Medina, l99l) ou do *corpo dos excluídos*, *dos banidos da história*, de acordo com as expressões utilizadas por Perrot (l988). *O corpo-marginal*, é, portanto *(...) o corpo de*

milhões e milhões de brasileiros, excluído ou afastado dos bens e benefícios materiais e culturais gerados pelo modo de produção capitalista, e que não consegue o mínimo necessário a uma sobrevivência humana honrada (Medina, l99l: 84). Vale ressaltar, contudo, que refiro-me especificamente ao corpo do nordestino da Zona-da-Mata canavieira, no qual estão inscritas as tatuagens das condições histórico-culturais e dos contornos da exploração advindos da esfera do trabalho alienado. Trata-se, pois, de corpos carregados das marcas indeléveis do coronelismo, da dominação dos usineiros, do latifúndio, do capitalismo no campo brasileiro, como apontam os versos a seguir: *(...) Do corpo do nordestino, vou agora lhe falar, condenado à subraça, de tanta fome passar, com os coronéis políticos vivendo a lhe enganar*. Este mesmo corpo é também suporte de signos lúdicos, de jogos, de lascividade e do esplendor das danças populares, das lantejoulas, ritmos e tambores do Maracatú Rural. É por isso que:

(...) Nem sempre o nordestino
se deixa subjugar.
Muitas revoltas ocorrem
pra poder se libertar
o corpo do nordestino
das garras do ***Carcará.***

(...) Apesar do sofrimento
este povo tem valor.
Nas quadrilhas e nos forrós
do corpo é seu senhor;
nos reisados e outras festanças
seu corpo mostra esplendor

(Poeta cordelista Zé Antonio, Revista Motrivivência, l990).

Pode-se dizer que o corpo contém dimensões multifacetadas pertencentes a uma determinada sociedade, quer seja na história das gestualidades carregadas de sofrimento, dor, sacrifício, tortura e dominação, ou ainda nas expressões corporais ligadas ao prazer, ao estético, ao sensível, ao gozo, à festa. Em outras palavras, ele é uma superfície, na qual estão inscritos os desígnios do sacrifício, os estigmas do passado, os conflitos, as repressões, a dor, o sacrifício e a alienação, mas também os desejos, os afetos, a alegria, os sonhos, o prazer, a luta (Foucault, l979: 22; Lefebvre, l99l: l8: 20).

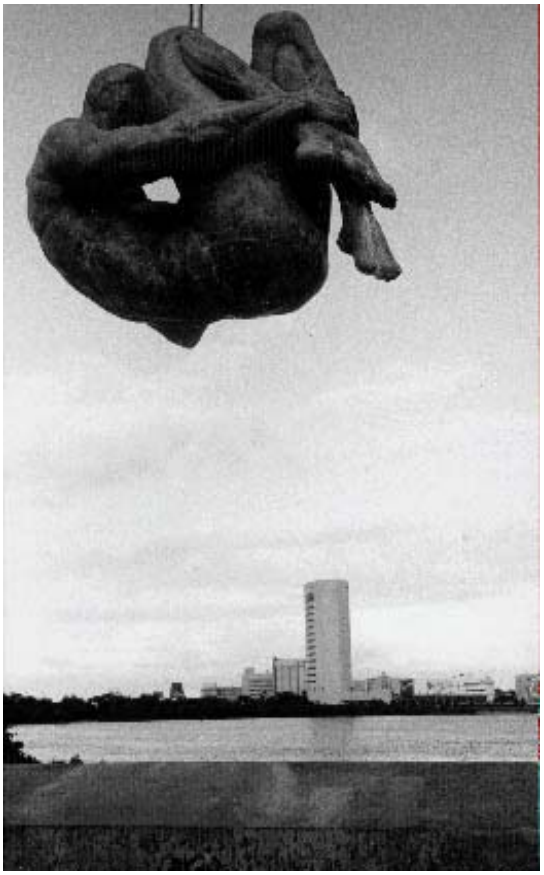


Foto: Maurício Roberto da Silva
Imagem do Corpo Urbano - Oprimido - Monumento Tortura Nunca Mais
Foto realizada durante a primeira incursão ao canavial/ O campo na cidade/Recife
(Evento–Campo 04)

O corpo é, pois, um *suporte de signos sociais* (Rodrigues, l980: 62-64) e nele estão inscritos a cosmologia da própria sociedade, estão marcadas todas as regras, normas, valores e a cultura de uma determinada sociedade. Portanto, *(...) a cada corpo corresponde um domínio ou um estado geral que a sociedade toma como fundamental para a sua instrumentalização e concretização como entidade social visível e determinativa* (Da Matta, l987.: 79). Nesta linha de pensamento, as manifestações corporais são a expressão cultural e social das *Técnicas Corporais*, ou seja, as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos, através das diversas gestualidades, tais como dormir, andar, nadar, dançar, postura das mãos, jeitos de olhar, amar etc (Mauss, l974: 211; Koffes, l986: 47).

O corpo é, indubitavelmente, um suporte de signos sociais, em que cada sociedade possui um determinado paradigma de corpo ou corpos, e, mais ainda, em que cada sociedade faz uso de

técnicas corporais[2] para instrumentalizar esses corpos para a vida, para a política, para a cultura, para o trabalho. Nestes termos, a questão que emerge é *que tipo de corpo ou corpos são gestados no ventre amargo da cana-de-açúcar, considerando as idiossincrasias do mundo do trabalho nas bases da exploração capitalista?* A resposta mais plausível, de acordo com as minhas observações, entrevistas, desenhos e fotos que realizei no campo e reiterando o que disse no início são: o corpo produtivo e contraditoriamente o corpo brincante.

O corpo produtivo contém a dimensão do trabalho produtivo enquanto trabalho humano abstrato e não como atividade vital, portanto, trata-se do corpo que trabalha sob a égide do *trabalho socialmente necessário* com o fim único de trabalhar para manter-se e satisfazer as meras necessidades *necessárias* (Marx apud Antunes, l995: l26). Neste sentido, o corpo é considerado produtivo na medida em que produz capital, entra no circuito de mercadorias, realiza mais-valia, entra em circulação, e isto, porque, no capitalismo, só é produtivo o operário que produz mais-valia para o capitalista, ou que trabalha para tornar rentável o capital (Rubin, l987: 277). Em suma, o corpo é produtivo, porque é engendrado através da mediação entre o corpo biológico e o corpo social (Guéry e Deleule, l972)[3].

O corpo produtivo é, pois, o corpo que trabalha enquanto produtor de mercadorias e desigualdades sociais, ele próprio como mercadoria (corpo-objeto), sobretudo quando aparece sob a forma de valor de troca. Neste sentido, o corpo que trabalha produzindo mercadorias e mercadorizando-se, coisificando-se, perde a sua especificidade e o vínculo estreito que mantinha com a subjetividade do trabalhador, deixa de ser o *metabolismo* entre o homem e a natureza, para plasmar uma outra identidade, uma outra subjetividade: a de vendedor da força de trabalho (Codo, l993: ll8).

Portanto, o corpo produtivo é, consecutivamente, aquele que já na infância, produz mais-valia para outrem, objetivando-se, transformando-se em mercadoria, em valor de troca (Marx, l988:47).[4] Nesta perspectiva, o corpo da criança trabalhadora explorada é, conseqüentemente produtivo, pois deste, a força de trabalho e as energias dispendidas são expropriadas, adultizando-o e envelhecendo-o prematuramente. Além disso, urge dizer ainda sobre o trabalho produtivo, que o mesmo é por excelência uma forma de disciplina corporal do capitalismo, uma espécie de

[2] Cf. Mauss (l974).
[3] Tradução de Giovanina de Freitas Olivier, l999, mimeo.Ver também a esse respeito Rubin (l987: 278).
[4] Ver a esse respeito no Vol. I do Capital os itens 1, 2 , 3 e 4 do Capítulo I p.45-78.

domesticação e manipulação regrada e uma perversa e implacável educação do corpo (Bourdieu, l985: 2l9-220; Alves, l982: 42).

Como se pode constatar, o corpo dos trabalhadores canavieiros, intitulados por João Cabral de Melo Neto, de *Cassacos de Engenho*, continua, a exemplo do século XVIII e XIX, apropriado pelo individualismo burguês que vem até os dias atuais transformando-o em propriedade individual e privada. O corpo nestes umbrais constitui-se num

> *(...) corpo produtor, corpo instrumento, de que os burgueses são os sujeitos; corpo a ser treinado, disciplinado, alimentado, fortificado, conhecido.Corpo que deve render, frutificar. É também o corpo a que os dominados deverão ser subjugados: corpo-ferramenta, corpo alienado, corpo que se vende por um salário. Corpo mercadoria* (Rodrigues, l987: 98).

A grande maioria das crianças que entrevistei, ao pensar o próprio corpo no trabalho, reclamava das extensivas jornadas de trabalho no corte da cana, obrigando-as a acordar muito cedo e renunciar ou diminuir o tempo destinado às brincadeiras, o tempo para que o corpo pudesse com plenitude e sem pressão entregar-se às conjecturas lúdicas. A maioria referia-se sempre ao trabalho na infância como detonador de sofrimento, dor e fadiga, nunca de ludicidade e relaxamento. Essas representações estão presentes na fala de Maria José, l4 anos, testemunha ocular das repercussões e efeitos nefastos do trabalho produtivo e a conseqüente deterioração da força de trabalho de seus iguais, privando-os do tempo para a manifestação do corpo brincante, acirrando a fome de liberdade:

> *(...) Trabalhava na roça e levava comida para os irmãos e me sentia mal de ver eles trabalhando, de ver eles com dor de cabeça. (...) As pessoas em Pernambuco são as que mais sofre trabalhando, cortando cana. (...) O que eu acho ruim é as pessoas morrer de fome...porque todos nós têm seu direito e todo mundo tem que ter a sua liberdade para poder cantar, sorrir e brincar* (Depoimento de Maria José, l3 anos, Evento-Campo 09).

Também José Carlos, l4 anos (Evento-Campo 0l), queixava-se das agruras das longas jornadas de trabalho, cuja repercussão sobre a vida cotidiana , reduz o tempo que deveria ser destinado às brincadeiras.Isto faz, consecutivamente, com que ele não se aproprie do caráter libertador do tempo (tempo livre), nem tampouco refaça as energias através de uma necessidade biológica tão elementar como o sono:

(...) O cassaco de engenho
quando está dormindo:
É como se seu sono
Ainda o encharcasse, limo.
Quando não está dormindo
Não é que está acordado,
É apenas que caminha
Onde o sono é mais raso.

(Mello Neto, l994: 75)

O conteúdo da fala de José Carlos, a seguir, é emblemática, para compreender as relações entre tempo de trabalho, tempo de descanso e tempo de ludicidade. Neste sentido, estão presentes na maioria dos depoimentos das crianças, jovens, adultos e velhos canavieiros, os reclamos e o desejo de um tempo para um trato para o corpo que possibilite, no mínimo, aquilo que os marxistas reivindicaram para a classe trabalhadora adulta, de *três 8,* ou seja, 8 horas de trabalho, 8 horas de sono, 8 horas de lazer: *(...) Eu não brinco não. À noite vou dormir. Eu gostaria de ter tempo para brincar*.

Em relação à questão da relação fadiga no trabalho e o descanso, repouso e relaxamento permitidos pela atividade lúdica, é preciso destacar que a fadiga do trabalho conduz ao envelhecimento, terminando por escravizar o sujeito nas diversas esferas da vida humana: no trabalho e no lazer. Isto quer dizer que o estudo fisiológico da fadiga no mundo do trabalho diz respeito diretamente aos problemas da *senescencia e da senilidade*[5]. Assim é que torna-se imprescindível reconhecer que o envelhecimento está longe de reduzir-se pura e simplesmente à senescencia biológica, propriamente dita. Dito isto, urge compreender que *(...) A antecipação da situação de velhice, vista como acréscimo, quer de riscos e fadiga, quer, ao contrário, de segurança e lazer, é um componente essencial do envelhecimento, é um componente psicológico* (Friedmann e Naville, l973:l28-l20). Este componente psicológico da fadiga sobre o envelhecimento precoce poderá detonar processos prejudiciais à saúde, em dois sentidos: a carga psíquica que pode ter traduções viscerais ou musculares e a fadiga física que poderá detonar problemas somáticos de natureza psíquica e clínica (Dejours, l994:29-32).

[5] Segundo Simões (l994: 22) a senescencia é um fenômeno fisiológico, arbitrariamente identificada pela idade cronológica, podendo ser considerada *como um envelhecimento sadio* (grifo meu), onde o declínio físico e mental é lento, sendo compassado, de certa forma pelo organismo. Já a senilidade *não é exclusiva da idade avançada* (grifo meu), mas *pode ocorrer prematuramente* (grifo meu), pois se identifica como uma perda considerável do funcionamento físico e cognitivo, observável pelas alterações na coordenação motora, alta irritabilidade, além de uma considerável perda de memória (Ibidem).

Para melhor compreender o corpo e os signos do capitalismo no campo açucareiro, apresento a seguir a foto do Amaro, l3 anos (Evento-campo 04), cujo corpo e semblante revelam os sinais de privação, desnutrição, desgaste físico ocasionado pelo esforço precoce no trabalho pesado, além de marcas invisíveis a olho nu. É claro, entretanto, que é neste mesmo corpo, como indica o poema supracitado, onde é possível, para além da ficção/realidade da foto, portanto, na vida cotidiana do Amaro, deparar-se com um ser humano portador dos enigmas, muitas vezes indecifráveis do jogo. Digo isso, pois foi ele, com sua permanente inquietação e linguagem lúdicas, quem cavou no fundo da memória das minhas traquinices da infância, o movimento buliçoso do pião rodando na palma da minha mão, conforme anuncio no poema de abertura deste texto.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Criança trabalhadora da Zona da Mata canavieira pernambucana, l2 anos
(Evento-Campo 03)

Mas, não é apenas através das fotos e dos depoimentos que é possível captar os sinais do corpo produtivo. Através dos desenhos pode-se captar representações do corpo, reafirmando as queixas e denúncias das crianças sobre as degradações corporais, sobretudo no ponto de vista biológico e social. No desenho a seguir é possível visualizar corpos raquíticos, atarracados e subnutridos, o contato com a palha da cana sem nenhuma proteção contra os acidentes de trabalho, condições de transporte anacrônicos, além da inadequação dos instrumentos de trabalho (foice, facões etc) em relação à idade e estatura das crianças.

Desenho de criança do Programa “Mão Amiga”, realizado durante o calendário escolar, tema: o trabalho e as brincadeiras/*Palmares*.
(Evento-Campo 09)

***

Mas e acerca do Corpo Brincante: o que dizer mais dele?

O *corpo brincante* está também presente nas representações das práticas corporais, através dos desenhos das crianças. Neste sentido, a capoeira aparece como um sinal de resistência sócio-cultural e política, chamando a atenção para o fato de que a criança que o produziu é moradora de um engenho situado nas proximidades do lixão na periferia da cidade de Palmares na Zona da Mata (Evento-Campo 09). Assim, as representações do corpo, trazidas à baila, revelam , apesar das sub-condições de vida, o desejo de liberdade, manifestado a partir de dois eixos: corpo escravo e corpo subversivo:

Desenhos das crianças do Programa Mão Amiga, realizado em sala de aula pela professora a partir do tema *As brincadeiras que mais gosto*.
(Evento-Campo 09)

O corpo brincante é aquele que puxa a corda do cabo-de-guerra, resiste. É o corpo que tem força, energia, que o prazer desobediente sai pelos poros, é, portanto o corpo gozozo, o corpo lutador, o corpo guerreiro. A foto a seguir (Evento-Campo 04) traz em si também o significado simbólico da luta do povo rural pela terra, por cidadania, por infância, por ludicidade, pela vida!

Foto Mauricio Roberto da Silva
Crianças trabalhadoras-rurais construindo resistências
(Evento-Campo 04)

Ele é o corpo da festa, da criatividade, da ginga, do jogo, do carnaval (Da Matta, l987), é aquele que se manifesta enquanto construtor de signos sociais subversivos e resistentes à ordem alienante. Trata-se, por conseguinte, do corpo portador de outras subjetividades e, que é produtor de outros tipos de riqueza da condição humana: a estética, os afetos, os desejos, os jogos, as danças, a contemplação, enfim a cultura. O corpo brincante é o *corpo lúdico*, ou seja, aquele que pensa, sonha, cria mundos e capaz de assumir todas as responsabilidades de viver com liberdade: *(...) o corpo lúdico nunca será reduzido a objeto lúdico. Isso acontece na sociedade do trabalho produtivo. Corpo lúdico é o da criança que faz coisas não-produtivas* (Santin, l994: 89).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Reinventando o mar e o rio: crianças brincando no banho de esguicho num engenho nas imediações da cidade de Palmares (Evento-Campo 09)

É preciso reconhecer que a cotidianidade é construída também pelos *usos lúdicos do corpo* (Boltanski, op. cit.: l74), por esse *corpo festeiro e carnavalesco*, o corpo que também quer gozar e celebrar a vida e o mundo. Neste sentido a vida pode ser apreciada por meio do corpo, pois *(...) se a carne é fraca, é porque ela irresistivelmente está gravada pelas regras sociais que comandam que ela trabalhe e se sacrifique, mas também possa abandonar-se ao prazer e aos encantos da festa* (Da Matta, l987: 8). Em resumo: *(...) A obra e as obras {a capacidade de criar uma obra a partir do cotidiano, dos seus altos e baixos, a possibilidade de fazer da vida uma obra, para os indivíduos, os grupos e as classes* (ibidem*).*

As palavras de Suassuna (l998) e as fotos que se seguem, pretendem reforçar a idéia da resistência simbólica permitida justamente pelos corpos produtivos, anunciada no início do capítulo; e, além disso, reiterar o corpo da festa ou do jogo[6] que, contraditoriamente, em meio às

[6] De acordo com Huizinga (l980: 25) existem entre a *festa* e o *jogo* estreitas relações enquanto celebrações da vida, pois em ambos predominam a alegria, embora não necessariamente, pois também a festa pode ser séria. Em ambos podemos encontrar uma combinação de regras estritas com a mais autêntica liberdade.Em suma, a festa e o jogo tem em comum suas características principais: a liberdade, a permissividade, a diversão, o tempo ritualizado.

destruições do capitalismo neoliberal nessa região, consegue dar sinais de uma *estética lúdica* articulada às perspectivas de subversão da ordem vigente através dos corpos-sujeitos:

> *(...) Apesar da pobreza em que há tanto tempo se debate o Nordeste, do ponto de vista da Cultura o nosso Povo tem uma força que me comove e alenta. Uma vez, em Tracunhaém, um dos municípios mais pobres da Zona da Mata pernambucana, eu estava numa Praça, quando, de repente, saiu de um beco um grupo de Maracatu-Rural, o Leão de Ouro, que, tanto com música quanto como dança, era um esplendor e um exemplo para todos nós. Integrado em sua maioria por cortadores-de-cana e por suas mulheres e filhos, estavam todos os dançarinos cobertos de golas e mantos decorados de lantejoulas, espelhos e pedrarias. E eu fiquei ali, deslumbrado diante do milagre, sem saber nem poder explicar como é que este Povo brasileiro cria tanta beleza no meio de tantas dificuldades. (...) Digo isto lembrando o fecundo momento cultural que nós, no Nordeste, estamos vivendo nesta época de terrível abandono, indiferença e crueldade que as camadas mais desfavorecidas da nossa população estão sofrendo no meio deste sistema para o qual nos encaminharam os devotos do Capitalismo neoliberal, social-democrata ou seja lá qual for a máscara por trás de qual se esconda* (Ariano Suassuna no Prefácio do livro *Baque Solto*, de autoria Ribeiro e Montes, l988).

É impressionante como é ontologicamente inerente ao sujeito brincante transformar a realidade emprestando-a contornos de vida e sobrevida; transformar um esguicho de um cano de distribuição de água, em praia e rio. É neste território contraditório que as crianças, jovens, adultos e velhos tecem a história cotidiana de trabalho e de lazer, transformando filetes de água, nos seus imaginários, os rios poluídos pelas usinas no mais puro e cristalino banho de água doce:

> *(...) Só o mal-assombrado*
> *povoa ainda sonhos românticos*
> *as água imundas dos rios do Nordeste,*
> *prostituídos pelo açúcar*
> (Freyre, l980: 29)[7]

O corpo nesta perspectiva possui uma outra estética, dignidade e política; possui um prazer que flui pelos poros para mudar a vida, uma outra postura corporal frente ao mundo alienante. O corpo brincante identifica-se nesta foto com a criação e recriação da natureza. Trata-se, pois, do *sujeito transforma**dor***; aquele que

> *(...) o sujeito que trans-forma*
> *é capaz de grandes alquimias:*
> *Tira leite das pedras,*
> *Mas também das cabras.*
> *Faz das tripas...coração e*
> ***Do coração... tripas***
> *Transforma: bola em mundo e*

[7] Fragmentos do poema *O mal- assombrado*.

mundo em bola...
Transforma ferro em ouro
E pedra bruta no jogo das três pedrinhas,
Das três-marias...
Oh! alquimias lúdicas !

(Maurício Roberto da Silva)[8]

Foto: Maurício Roberto da Silva
O banho de esguicho num engenho nas imediações da cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

Quem porventura chegue de soslaio nos engenhos vai ficar perplexo com os efeitos nefastos do capitalismo no campo canavieiro. Vai se perguntar, como eu me pergunto: *até quando vai existir tanta degradação humana?* Até quando a infância, juntamente com os seus iguais, continuará a pagar com os seus corpos, com o sangue e o suor, os requintes da acumulação de riqueza dos nobres herdeiros e remanescentes da Casa Grande e da Senzala? Mas também há de se perguntar junto com Ariano Suassuna (op. cit.): *(...) Como é possível explicar que este Povo brasileiro crie tanta beleza no meio de tantas dificuldades?*

[8] Poema construído a partir das minhas observações nas Oficinas de Jogos Dramáticos e Tradicionais (Evento-Campo 03).

Quem chega aos engenhos, nos sábados e domingos, vai ter a ambivalente e constrangedora sensação de que a vida parece bela, mas que em verdade é peremptoriamente bruta. Verá, como eu vi, corpos *buchudos* de doenças e meninas prenhes de futuros filhos da exploração capitalista. Verá sorrisos estampados no olhar, a aparente submissão e docilidade expressadas nos gestos lânguidos, mas ao mesmo tempo vigorosos; mulheres com dupla e tripla jornada de trabalho a assistirem o futebol dos homens e a panela de *feijão pouco* a queimar na dobra do tempo de mínguas e fomes. Verá meninas-mães com as pernas cheias de veias e o corpo de prole a brincar de roda, carregando nos braços *o peso da própria infância* dos seus irmãos mais novos. Verá cachorros vira-latas esqueléticos brincando de igual pra igual com as crianças e lambendo a cara dos bêbados desempregados e sub-empregados. Ouvirá estômagos roncando e verá pratos vazios: *meio dia panela no fogo, barriga vazia, macaco torrado pra dona Maria!* Escutará a crítica social contra o sistema capitalista, a crítica social afiada na ponta da língua. Verá corpos *aparentemente* acomodados e submissos, aparentemente vencidos pela destruição não criadora do capital. Verá , se não apurar a acuidade do olhar, de um lado, *bichos de aspecto humano, negociáveis como gado e disponíveis como objeto* (Barreto, l963) e, de outro, a compreensível mania que têm esses seres de dar nó em pingo d'água, o desejo de virar o mundo de pernas por ar e de subverter a realidade perversa com seus sonhos e fantasias, nessa ordem político-econômica que tem causado tantos estragos aos trabalhadores desta região. Verá antenas parabólicas, corpos impregnados de prazer, forró, sêmen e corações cheios de festa e esperança.

As facetas do corpo brincante foram perceptíveis em grande parte dos Eventos-Campos (03, 04,05, 06, 07, 08, 09). Em todas essas ocasiões foi possível visualizar o avesso da hipótese, ou seja, o questionamento contínuo de que seria possível brincar numa situação dominada, de acordo com a expressão de (Neves, l999), pela ***perversão do trabalho infantil***.

O que na verdade havia entre as crianças era um verdadeiro *conluio lúdico,* uma espécie de pacto pelo prazer que as fazia vivenciar todas as experiências com o máximo de empenho, interesse e qualidade, virando o mundo de pernas para o ar, parecendo com isso, querer denunciar a carência de tempo de lazer a que são submetidas nas diferentes regiões das quais fazem parte (cana-de-açúcar, sisal, indústria de calçados, carvoaria, etc). Elas queriam provar de tudo, queriam ao mesmo tempo mergulhar na piscina, puxar o cabo-de-guerra, jogar dominó, futebol, abraçar, pintar o chão, os murais, o sete, a vida...

Os dias se passavam repletos de afetividade: abraços sinceros e carentes de contato, beijos, olhares de relance, apertos de mão, timidez, repressões camufladas, gargalhadas, birras, brigas, acidentes nos jogos e esportes. Nesta atmosfera lúdica era possível perceber as marcas do sofrimento deixados na esteira do trabalho alienado mas, ao mesmo tempo, dava para visualizar nas pegadas deixadas pelos seus corpos em permanente movimento no tempo e espaço, um outro projeto de sociedade, tecido por elas próprias, à luz dos desejos, dos afetos, da criatividade, do respeito mútuo, da solidariedade, mas sobretudo, da alegria como forma de resistência e subversão da exploração, da dor e do sofrimento, oportunizados pelo trabalho pesado. Numa atmosfera como essa tudo terminava sempre em brincadeira, em aposta, em corrida, incerteza, acaso, em respeito e infração das leis e regras dos jogos, realizando assim, o oposto da servidão, o exercício de desobediência civil da não docilidade. Verá, enfim, corpos agindo em permanente estado de gritaria, correria, mistério e acima de tudo improdutividade para o capital.

Mais uma vez me vi tentado a refletir sobre a relação lúdico, tempo, espaço e produção. E assim é compreendi que naqueles espaços, brechas e tempos também imperava e se impunha o não-lucrativo, o faz-de-conta, para o capital é claro, pois ali não importavam, não vigoravam as leis da racionalidade produtiva que não haviam conseguido dominá-las, e o tempo era qualitativo. Por conseguinte, o corpo não era coisa, pois, o tempo e o espaço não eram descartáveis, fragmentados, finitos, mercantilizados. O tempo não era dinheiro, mas manifestação dos afetos, era na verdade um *tempo total, integral, simultâneo, passado-presente-futuro fundidos em instantes de plenitude* (Perrotti, l990: 2l). Assim, o corpo brincante realizava em todos os momentos de encontro e brincadeira uma verdadeira celebração espaço-temporal da infância e da vida.

Todas essas observações pude fazer não só nos corredores, em espaços e tempos informais, mas também, nas oficinas de artes e brincadeiras dramáticas e tradicionais, nas quais pude ter uma noção ainda mais precisa da noção de lúdico e infância.

Tudo isso, conforme já evidenciei no Capítulo III, confirmava a idéia de que o corpo lúdico se situava noutra dimensão ideológica, portanto, da negação da produtividade exploradora capitalista. Assim sendo, a palavra exploração era substituída por atos lúdicos eivados de curiosidade, busca, aventura. Nos liames desta improdutividade para o capital, sobrepunha o direito à preguiça, ao ócio, à contemplação, à criação, ao *dolce far niente* , aos jogos criativos, às

engenhocas, às acrobacias e contorcionismos realizados pelo corpo no espaço, reinventando e anunciando, desta maneira, o tempo, a cultura e a história de suas próprias infâncias, reinventando enfim, a sociedade.

As imagens captadas no âmbito da cultura da cana são dotadas de conteúdos de jogo e festa, levando-nos, mais uma vez, a perguntar com Suassuna*: como é possível criar tanta beleza em meio à miséria? Como é possível, no caso das crianças trabalhadoras encontrar forças para brincar em meio a dor e a dureza do trabalho?* A resposta plausível é que não se pode supervalorizar a resistência em si, apenas do ponto de vista simbólico, pois, ela existe porque trata-se de seres humanos, mais ainda, de crianças, cuja cultura se constrói a partir das conjecturas simbólicas do jogo, do jogo criativo, da criatividade enquanto resistência. É, portanto, essa cultura recriada pelas crianças canavieiras que incorpora não só a ordem sociológica, mas também a política, na medida em que permite que a diversidade seja manifesta, expressa, vivida, usufruída, discutida, enfim reconhecida no jogo das interações e sociabilidades, que vão sendo construídas, definidas e redefinidas de acordo com as possibilidades, interesses e capacidade de mobilização do grupo (Graciani, l996: l47-l72).[9] Seguindo essa lógica, contudo, é preciso reconhecer, que não é possível mudar a vida e lutar contra a dominação e escravidão de séculos, apenas com o olhar voltado para esse tipo de transgressão. É preciso que, aliada a esse tipo de resistência, consideremos a resistência rearticulada pelos sujeitos em suas ações políticas concretas de subversão da ordem vigente, como é o caso do exemplo da participação das próprias crianças nas lutas sindicais, tais como: campanhas salariais, luta contra a própria exploração do trabalho infantil. Pensando nestes termos urge então, com base no nosso cancioneiro popular refletirmos junto com Zé Ramalho sobre a foto que se segue: (...) *eh, oh, oh, vida de gado, povo marcado povo feliz*, também podemos pensar à luz de Gonzaguinha que nos diz: *(...) E quem disse que sorrir é ser feliz ?*

[9] A autora refere-se a ludicidade como um campo da expressão e da resistência da criança de e na rua, analisando-os como ativas, criativas, históricas e produtoras de cultura.

Foto: Maurício Roberto da Silva
O sorriso como resistência da criança de
um engenho nas imediações da cidade de Palmares
(Evento-Campo 08)

O sorriso e o humor dos trabalhadores rurais pode não ser sinônimo de felicidade, mas pode ser chave para a interpretação da subjetividade desses sujeitos inconformados com os destinos de suas vidas, com as relações de poder e dominação impostas pelo aparelho produtivo capitalista. Através da expressão corporal do sorriso, pode ser possível compreender o sonho e o projeto de sociedade que sustentam e propõem as crianças. O ato do riso pode ser um signo de festa, alegria e bem-estar, resistência e utopia e não apenas de um *conformismo feliz* e alienado. Ele pode se converter numa manifestação de denúncia das degradantes condições de vida, e também uma forma política e irônica. Pode com sua crítica velada e simbólica desafiar as estruturas de dominação e opressão, propondo mudanças e possibilidades de revolução de valores no ethos social e no poder instituído. O riso, portanto, pode ser considerado como uma concepção filosófica de mundo, tendo como um de seus principais papéis o de parodiar o sagrado, o Estado e desafiar, enfim, os poderes constituídos. Desta forma é que através de seu lado cômico, lúdico e

jocoso, ele pode ser interpretado como o *novo que vai chegar*, podendo caracterizar a esperança popular por um futuro melhor, por um regime social e econômico mais justo e uma nova sociedade (Bakhtin, l987: 5l-l25)[10].

Ao fotografar esses *semblantes brincantes* e *sorridentes*, percebi que havia neles a marca da *Antropologia da face gloriosa*[11] cujas expressões operam em frações de segundos, em breves instantes, frações de sentimentos alterados entre a alegria e a tristeza, o amor e o ódio, o entusiasmo e a retração. Na verdade *(...) não sem nem uma coisa, nem outra, mas tudo ao mesmo tempo. Evocação de períodos míticos e selvagens. Faces que vivem sentimentos gloriosos e gloriosos tormentos* (Omar,l997: 7)

Foto: Maurício Roberto da Silva
Primeiro banho de mar das crianças de Sergipe e Bahia durante a Marcha Global contra o trabalho infantil
(Evento-Campo 06)

Como se pode constatar, o corpo é capaz de expressar, além do riso, diversos sentimentos e emoções tais como: crítica, raiva, timidez, alegria, tristeza e solidão e outras. Nesta

[10] O autor aborda o papel social e político do riso, principalmente na Idade Média e no Renascimento, no Capítulo Primeiro intitulado *Rabelais e a História do Riso*

[11] Segundo o autor: *(...) A Antropologia da face gloriosa procura estudar cientificamente esses sentimentos, à maneira de uma antropologia debruçada sobre o bárbaro, o difuso, o transversal da nossa realidade brasileira. Mas como são gloriosos, é necessária uma ciência ligeiramente diferente do normal para abordá-la. Daí a fotografia (,,,) A Antropologia da face Gloriosa é um projeto de exploração exaustivo do rosto humano, em* seu transe carnavalesco.

investigação, porém, foi possível detectar as manifestações de dor e prazer no âmbito do jogo e da festa, bem como da dor e do sacrifício no trabalho infantil precoce, manifestados pelo corpo.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Criança trabalhadora da Zona da Mata
canavieira pernambucana
(Evento-Campo 07)

Neste sentido, trouxe para o debate a fala coletiva de Amaro, l2 anos, Benilton, l3 anos e Hélio, l4 anos (Evento-Campo 04), cujo teor versa sobre as diversas sensações verificadas no mundo do trabalho e das brincadeiras. A nossa conversa girou em torno das relações entre sofrimento e dor no trabalho da cana e dor e prazer na dimensão das práticas lúdicas. Assim, é que obtive a seguinte resposta:

> *(...) No lazer você tem alegria, brinca por sua própria conta, ao passo que no trabalho pesado você se machuca, a não ser que o trabalho seja um serviço maneiro de ajudar os pais ou de trabalhar brincando. (...) No lazer você* ***pode brincar livre*** (grifo meu) e se você se machuca**,** ***você sente a dor e não quer parar, porque essa é uma dor diferente*** (grifo meu)*, por exemplo brincando de esconde-esconde ou de bola. Mas quando você trabalha e se machuca aí sim você sente dor e quer parar...*

Esta fala, remete, em primeiro lugar, às *especificidades da dinâmica das relações entre trabalho, sofrimento e prazer* (Dejours, l999: 27), portanto, trata-se neste caso do trabalho pesado e insalubre e , em segundo lugar, nos conduz às considerações sobre as especificidades do jogo.

Como se sabe, o jogo se caracteriza por conter em seu ritual uma dialética interna, cujas regras, táticas e técnicas se manifestam através da alegria e tristeza, sacrifício, dor e prazer, tensão e relaxamento. (Vigotsky, l994). Esta relação entre tensão e relaxamento, contudo, não se constitui necessariamente uma forma de repouso, uma vez que exige dos jogadores, dependendo das circunstâncias, uma boa dose de esforço. Isto posto, urge considerar que a sensação de descanso no jogo, flui justamente da combinação entre tensão, sacrifício, fantasia, criatividade e relaxamento e finalmente o prazer. Nestes termos, a atividade lúdica permanece sendo uma forma de descontração e alívio do cansaço, ao mesmo tempo, de esforço necessário para o equilíbrio emocional e social das crianças e adolescentes. Por isso, assim como o jogo, o descanso proporcionado pelo sono deve ser respeitado, evitando que crianças e jovens fiquem presas a um *pelourinho de tensões diárias* (Leif e Brunelle, l978).

A fala dos meninos traz em seu contexto, de um lado, a reflexão sobre a diferença entre *o trabalho que machuca*, e provoca dor, constrangimento e opressão: e de outro, *o trabalho maneiro*, lúdico, educativo, aquele *de ajuda aos pais*, por conseguinte, um trabalho que é síntese de criação, aprendizagem, prazer e identidade com a vida e a natureza, um trabalho onde a ação provoca o equilíbrio, quer dizer, o homem recriando sua própria vida pelo trabalho (Weil, l996: 46l)..

Pode-se captar no depoimento, uma concepção de jogo e lazer/lúdico, que, diferentemente do trabalho, não oprime; muito pelo contrário, pode-se através da ludicidade, exercitar a liberdade, quer dizer, você *pode brincar livre* dos esquemas opressores da obrigação escravizadora, do esgotamento e da fadiga do trabalho.

Nas conversas que tive com as crianças, pude perceber que o cansaço imposto pelas obrigações laborais, inibe os impulsos lúdicos, o desejo de brincar; impondo assim, os constrangimentos, preocupações e responsabilidades, prematuras do trabalho. Tudo isso termina por desencadear um processo permanente de tensão, estresse e esgotamento, dificultando, muitas vezes, a disposição e a prontidão para a vivência do lúdico, conforme nos afirma Hélio (op. cit., Evento-Campo 08) , que apesar de não ser canavieiro, expressa a sua posição sobre a dureza do trabalho nestes meandros e suas conseqüências para o corpo das crianças que labutam

na cana. Em sua fala defende o lúdico, abomina o excesso de constrangimento no trabalho precoce, defendendo assim, uma outra política para o corpo do nordestino:

> *(...) Eu não trabalho na cana, mas ouvindo os outros falar eu sofro e sei que* ***este trabalho não é brincadeira*** (grifo meu)*. (...) A pessoa fica muito cansada, brincar é bom, mas as vezes a pessoa num tem é vontade, as vezes num tem é disposição para ir brincar. O lazer que eu acho é pra pessoa brincar, viver bem, descansar, num ta com preocupação, ta despreocupado. Porque a pessoa com tanta preocupação não está tendo lazer, porque mesmo que teju brincando, se alimentando bem, mas mesmo assim ta com uma preocupação.*

Na verdade, quando Hélio diz sofrer com o sofrimento do outro, com os companheiros da cana, ele deixa transparecer o sofrimento físico e mental que promovem a erosão da vida mental, individual e coletiva dos trabalhadores, que pode ser chamada de *exploração do sofrimento*, cujos pressupostos éticos são o utilitarismo do corpo submisso do trabalhador, útil para a implantação de um comportamento condicionado favorável à produtividade, logo, da exploração e manipulação da docilidade dos corpos de crianças e jovens (Dejours, l992: 96).

Quanto ao confronto entre corpo brincante e o corpo produtivo, ficou claro que de ambos emanam dor e sacrifício. Porém, quando se trata das peripécias do corpo brincante, o desgaste e a dor se verificam em nome do prazer, do sacrifício pelo prazer, durante as manifestações lúdicas.

O corpo lúdico ou brincante carrega em sua superfície os sentidos da festa, sentidos estes que o transformam em *corpo transgressor*, na verdade, o corpo da ginga, da criação, da emoção, dos sentidos. Este corpo que assemelha-se ao corpo carnavalesco e festeiro, o qual pode sentir na pele o desgaste e o prazer, contrapondo-se, desta maneira, às sensações, atitudes, posturas, reações e expressões corporais no trabalho pesado. Diante disto, faz sentido confrontar as representações de corpo dolorido mas prazeroso dos meninos com a visão do corpo carnavalesco de Da Matta (l986: 74):

> *(...) No carnaval, trocamos o trabalho que castiga o corpo (o velho* ***tripalium*** *ou a canga romana que subjugava os escravos) pelo uso do corpo como instrumento de beleza e prazer. No trabalho, estragamos, submetemos e gastamos o corpo. No carnaval, isso também ocorre, mas de modo inverso. Aqui, o corpo é gasto pelo prazer. Daí por que falamos que* ***nos esbaldamos*** *ou* ***liquidamos*** *no carnaval. Aqui usamos o corpo para nos dar o máximo de prazer e alegria.*

A maioria das crianças que observei, fotografei e entrevistei, pertencentes a outros mundos do trabalho: sisal, laranja, indústria de calçados, não eram diferentes das dos canaviais

de Pernambuco. Elas também carregavam, a exemplo das canavieiras, os mesmos signos ocultos e manifestos do trabalho pesado e ao mesmo tempo os sinais inalienáveis da brincadeira, deixando subentendido nos seus atos lúdicos que *a infância serve para brincar* (Chateau apud Leif e Brunelle, l978: l7). Estas constatações ambivalentes de suas subjetividades foram se tornando, aos poucos, visíveis à flor da pele, valendo ressaltar que muitas vezes, através do toque nas suas mãos e rostos, se sobrepunham com mais veemência ,os sulcos do trabalho alienado e escravo encravados no corpo, desvelando as marcas e no dizer de Limón (l998), o gosto do *fruto amargo do capital*.

2. Corpo produtivo, envelhecimento precoce na infância

Esta pesquisa não trata diretamente sobre a temática abrangente e complexa do envelhecimento no âmbito da vida adulta dos trabalhadores da zona canavieira, mas sim do fenômeno do envelhecimento precoce das crianças trabalhadoras nesta região. A hipótese que levanto, com base nas minhas observações e depoimentos das próprias crianças, pais, velhos canavieiros, professores e sindicalistas, é que as crianças vivem uma infância precária e de curta duração, já que seus corpos são apropriados pelo capital nos primeiros anos de vida. Esse processo de exploração da força de trabalho a partir do corpo das crianças é extremamente prejudicial para a saúde compreendida nas suas dimensões subjetivas: psicossociais, biológicas, uma vez que, *(...) é com o corpo que a criança elabora todas as suas experiências vitais e organiza toda a personalidade* (Fonseca e Mendes, l987: 59). Isto posto, considero impossível continuar a falar sobre a relação corpo, trabalho precoce e infância trabalhadora, sem contudo, tecer algumas considerações introdutórias acerca das idiossincrasias do processo de envelhecimento na sociedade capitalista. Esta reflexões são sobremaneira relevantes, uma vez que é justamente no início (infância) e na ponta (velhice) do ciclo vital que as crianças e velhos trabalhadores, sobretudo os pobres, são tratados na sociedade capitalista como coisa, fardo e incômodo. Além disso, não se pode subestimar o ódio, indiferença e os preconceitos a que são submetidas cotidianamente no exercício de suas condições de perenes excluídos ou incluídos de forma marginal e precária. E tudo isso acontece sob o jugo dos gerentes do Estado, formuladores de leis, normas e ideologias das supostas políticas *públicas* e de *assistência social*, cuja conseqüência principal é o envelhecimento galopante das classes populares.

Quando se fala nas relações entre corpo e envelhecimento precoce na infância, não se pode olvidar que tanto o trabalho infantil quanto a chamada Terceira Idade são invenções da sociedade capitalista, portanto, numa sociedade que rejeita os velhos[12], tratando-os como *inutilidade* e maltrata as crianças, cuja *utilidade*, ao contrário dos velhos, mas não menos perversa, é servir como força de trabalho ativa e explorada a serviço do capital (Motta, l994: 225-226, Debert, l995: 53, Perrotti, l990: l8-l9). Assim, é que o velho aposentado é considerado inútil e improdutivo, um depauperado pelo completo estado de degeneração física e mental, devido à carga abusiva de exploração de sua força de trabalho. Enquanto aposentados, esses velhos pobres trabalhadores são tratados pela legislação como dependentes compulsórios, como seres terminais, enfim como objetos descartados da fatia do bolo da Previdência Social. A legislação trata os nossos velhos, os chamados servidores públicos inativos, como estorvo, impondo cobranças de contribuições desses pensionistas, obrigando-os a pagar as contas das mazelas do projeto neoliberal, através de impostos abusivos e de caráter confiscatório. Essas leis, por conseguinte, contribuem, de forma iníqua para o aniquilamento de suas vidas, o embotamento da cidadania e a negação de seus direitos humanos fundamentais.[13] E tudo isso acontece: *(...) para atender à ganância capitalista globalizada e insaciável da agiotagem internacional, comandada pela ditadura do FMI, a quem o Governo Federal reverencia, qual servil refém* (Ibidem).[14] Sob esse ponto de vista, portanto, a sociedade capitalista é maléfica e prejudicial para a velhice (Bosi, l994: 80-8l) e eu, complementaria: também para a infância urbano-rural, pobre e trabalhadora![15]

***

[12] Em outras sociedades tradicionais como os Jê, os velhos têm status superior nas cerimônias de grande complexidade e são respeitados como depositários de saber cf. Seeger (l980: 79). Ver mais detalhadamente a esse respeito Beauvoir (l990:), em especial no capítulo *A velhice nas sociedades históricas*, no seu livro *A velhice*.

[13] Segundo as opiniões do juiz da 6ª Vara Federal em Brasília, Antonio Souza Prudente, Folha de São Paulo, 23/02/l999: l-5.

[14] Refiro-me a Lei 97l7, de 26/11/98 e a Emenda Constitucional 20, de l6/l2/98, cujo objetivo é destruir a Previdência Social, universal e solidária, instituir os Fundos de pensão por capitalização individual e entregar a assistência médica e hospitalar às multinacionais da saúde e ao mercado financeiro (Jornal *O Trabalho/PT*, no. 467, Nov./l999.

[15] De acordo com Perrotti (l99l: 18-19) em todos os lugares o velho é relegado ao completo abandono, é visto como um traste que atrapalha a produção dos mais novos, que atrapalha o ritmo devorados do sistema capitalista. Mas, não somente os velhos, também todas as categorias que, por uma razão ou outra, não se ajustam total ou parcialmente, ao sistema produtivo: loucos, deficientes físicos, artistas, *rebeldes*, crianças etc.

Quando adentrei nos canaviais de Pernambuco, tive a aparente impressão de que as crianças eram iguais a quaisquer crianças de outras regiões e classes sociais, porém, após escutar suas histórias de vida e de seus pais, tocar seus corpos impregnados de marcas inexoráveis das cargas do trabalho pesado, cheguei à conclusão, apesar de suas insistentes e comoventes resistências lúdicas, de que são crianças privadas de suas infâncias, assim como os jovens são cerceados de suas juventudes:

> *(...) O Nordeste é sem infância, não tem infância, o campo não tem infância. O que há é um envelhecimento precoce porque para o menino rural a infância é um salto para a idade madura. É uma suposta infância a do meio rural. (...) O modelo neoliberal é o mais perverso de todos, nele a infância que já está na velhice, não têm mais futuro, pois já é uma infância que nasce velha.(...) O problema da criança e do velho no interior do Nordeste, é um problema de menino velho e de um mundo velho de vidas secas*(Poeta Marcos Accioly)[16]

Os gritos do poeta também ressoam peremptórios na boca de Sebastião da Silva, 36 anos, canavieiro, Município Xexéu, pai de crianças trabalhadoras da cana: ***(...) Só tem dois tempo: é menino e véio. Nunca passa pra rapaz. Quando pensa que ta rapaz, já ta entrevado!***

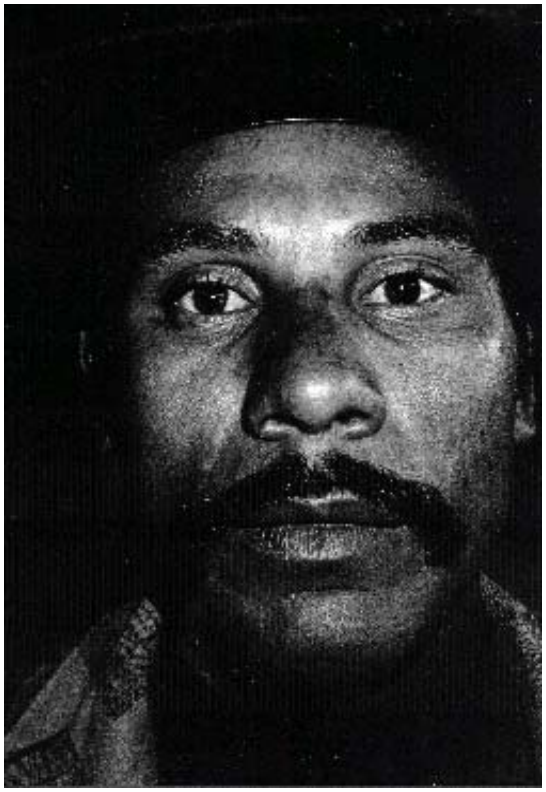


Foto: Maurício Roberto da Silva
Pai de crianças trabalhadoras durante a Oficina de jogos e brincadeiras
(Evento-Campo 08)

[16] Entrevista concedida em sua casa em Olinda, julho/l997.

As falas do poeta Marcos Acioly e de Sebastião sobre corpo e envelhecimento precoce na infância têm algo em comum. Em ambas, a infância no campo é um hiato, uma lacuna, um tempo riscado da vida cotidiana, pois ela é *um salto para a vida madura*, é um salto para a vida adulta, para um tempo de rapaz e de velho (véio). O tempo da infância é, segundo eles e parafraseando outra vez (Martins, 1993), *carente de infância*.

Esse processo de *aceleração para a vida madura*, vivenciado hoje pelas crianças trabalhadoras canavieiras, assemelha-se ao sentimento da infância característico à sociedade tradicional, conforme nos mostrou Áries (1981: l0). Como se sabe é neste período onde a criança era mal vista e em pior escala o adolescente. Nestes meandros, a infância era reduzida ao período mais frágil, enquanto *filhote do homem* que não conseguia bastar-se. Nesta perspectiva, a criança mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, partilhando assim, de seus trabalhos e jogos. Assim, *(...) De criancinha pequena**, ela se transformava em homem jovem**, **sem passar pelas etapas da juventude*** (grifo meu), *que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas hoje* (Ibidem). Neste sentido, a criança era diferente do homem, apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais (Ibidem: l4).

Um processo de precocidade na infância, semelhante ao estudado por Áries, foi verificado por Gilberto Freyre (op. cit: 411). Segundo ele: *(...) Meninos-diabos eles só eram até os dez anos. Daí em diante tornavam-se rapazes. Seu trajo, o de homens feitos, Seus vícios, os de homens.*

A afirmação de que *as crianças que estão na velhice, porque já nascem velhas e não têm futuro*, é uma fatalidade. Aliás, a esse respeito, Marx no livro I (l980: l89) já denunciava que os homens, mulheres e crianças se constituíam numa *população física e moralmente degenerada*, que em regra eram raquíticos, mal construídos e freqüentemente deformados no peito, portanto, ***envelhecem antes do tempo*** (grifo meu), são de vida curta, fleumáticos e anêmicos, denunciando a fraqueza de suas constituições por meio de obstinados ataques de dispepsia, perturbações hepáticas e renais e reumatismo.[17]

[17] O autor refere-se em à saúde e à degenerescência dos trabalhadores em especial aos ceramistas.

Esta constatação, trazida à luz da realidade atual do mundo do trabalho na infância, pode ser compreendida como uma violação, inscrita nesses corpos, imposta por um conjunto de normas e regras sócio-econômicas, pelas políticas sociais carentes de infância, que terminam por domesticar, oprimir, reprimir e educar esses corpos para a submissão (Medina, l987: 66)

Minhas observações e contatos afetivos durante os eventos-campos, fizeram-me concordar com os depoimentos do poeta, principalmente quando ele diz que *o problema da criança e do velho no interior do Nordeste é um problema de menino velho e de um mundo velho de vidas secas* (Ibidem). Neste sentido, os depoimentos em questão reforçam as imagens capitadas pela minha câmera fotográfica. São imagens de rostos com olhares denunciadores do que também afirmou o poeta: *(...) o modelo neoliberal é o mais perverso que há, nele a infância que já está na velhice, não tem mais futuro.* As fotografias que se seguem, corroboram também as palavras de Sebastião no que tange às diversas repercussões do trabalho precoce sob o corpo na infância: queima de etapas, salto da infância para a idade adulta e a velhice, marcas manifestas no corpo e ocultas na dimensão psicossocial do ser. Apesar dessas marcas serem visíveis nos olhares, aparentando uma incomensurável tristeza, uma denúncia da realidade sofrida, eu levanto a hipótese de que esses olhares anunciam um enorme inconformismo, ironia , crítica ao sistema.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Criança participante da Oficina de jogos e brincadeiras
(Evento-Campo 07)

(...) Vou pro campo
meus sonhos na terra enraizar
e o boi da cara preta espantar.
(Maurício Roberto da Silva)

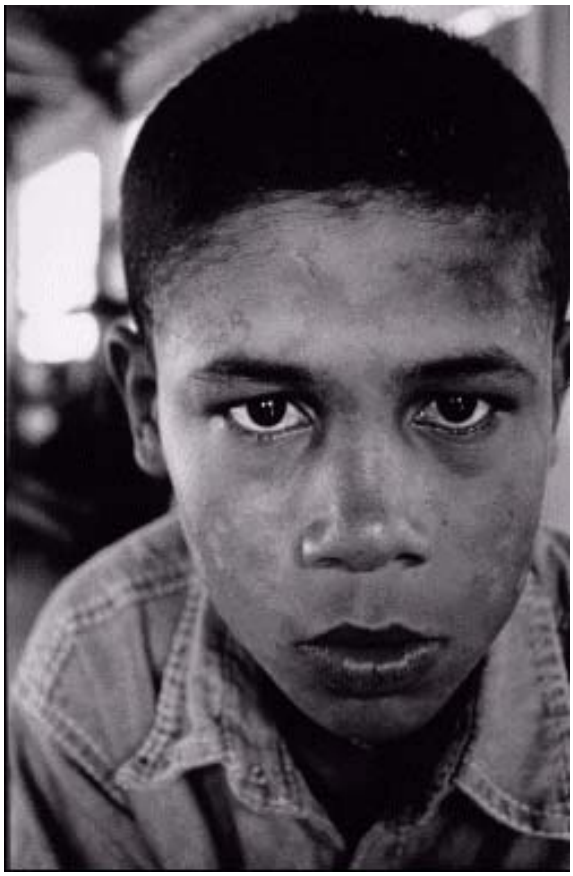


Foto: Maurício Roberto da Silva
(Evento-Campo 07)

(...) Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.

(Carlos Drummond de Andrade, Flor de Poemas/Viagem)

Foto: Maurício Roberto da Silva
(Evento-Campo 07)

(...) Eu não tinha estas mãos sem força,tão paradas e frias e mortas,
eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida
a minha face?

(Ibidem)

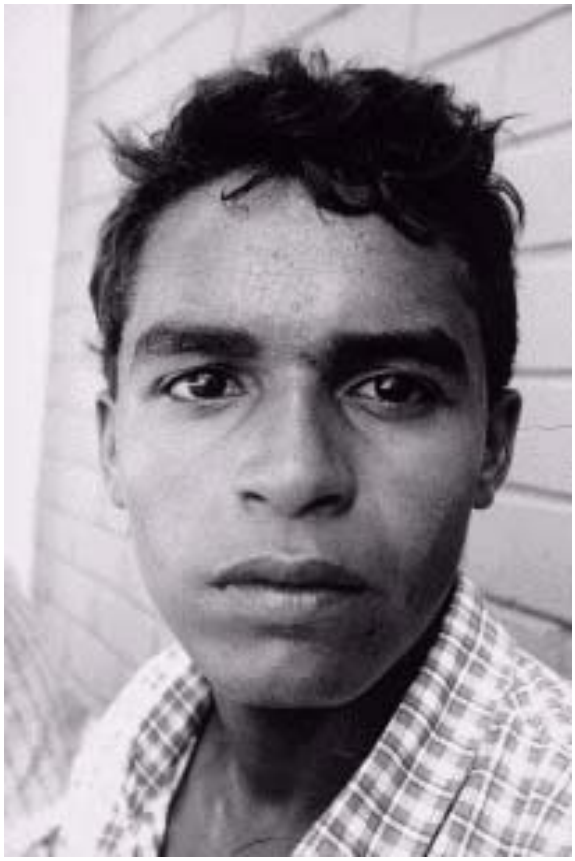


Foto: Maurício Roberto da Silva
Adolescente participante da Oficina de jogos e brincadeiras
(Evento-Campo 08)

> *(...) Vou pro campo suor com a foice negociar e da interdita infância bem cedinho me aposentar...*
> (Maurício Roberto da Silva)

Mas, não só as fotos das crianças e os depoimentos dos adultos trazem para os nossos olhos as imagens do corpo real, concreto e visível dos filhos e filhas da classe trabalhadora canavieira. Elas próprias, as crianças, dizem o que pensam de seus corpos e a imagem que têm deles vendo-os refletidos no espelho, as marcas que estão gravadas na pele, na alma e na dignidade delas, os sonhos-desejados por outro projeto de corpo social:

(...) Passa os anos e agente nunca cresce.(...) A velhice a gente sente no corpo, as pessoas chama agente de véinho, ***a gente se sente velho olhando no espelho*** (grifo meu)*,* ***se sente cansado por dentro, uma coisa que não dá pra esquecer*** (grifo meu) *e, por fora as ruga no rosto, a pele do corpo, muda o jeito da pele na mesma hora. (...) A pele dos outro, a pele dos rico é pele nova de quem nunca levou um corte na palha da cana, tem pele limpa os que não trabalha (Jorge Luis da Silva, l4 anos- Jaqueira)* (Evento-Campo 07).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Criança participante da Oficina de jogos e brincadeiras
(Evento-Campo 09)

(...) Vou pro campo com a minha perna- de- pau amputada brincar e o céu em pleno azul de vôo poder abarcar

(Maurício Roberto da Silva)

Sentir-se velho olhando no espelho , sentir-se cansado por dentro *é uma coisa que nunca se esquece*, são afirmações que nos remetem a pensar o corpo enquanto tempo-espaço de marcas na memória. Neste termos: *(...) a marca é um obstáculo ao esquecimento, pois o próprio corpo traz impresso em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória* (Clastres , l974: l3l). O corpo, portanto, é uma superfície, na qual a sociedade dita suas leis aos seus membros e inscreve

nestes o seu texto. Neste sentido *(...) a lei escrita sobre o corpo é uma lembrança inesquecível.*[18] (Ibidem).

Foto: Maurício Roberto da Silva
As marcas da infância ficam tatuadas para sempre no corpo da memória e na memória do corpo. Imagem captada durante o evento Primeira incursão no Campo/O Campo na cidade.
(Evento-Campo)

Como se pode perceber, trabalho infantil compromete a infância, circunstanciando, aquilo que intitulei no Capítulo III de *constrangimentos múltiplos* gerando *alienações múltiplas,* desencadeando desta maneira o dilemas e os impasses de ser amplamente alienado, ou seja, *ser criança e ser adulto ao mesmo tempo, ser criança e trabalhar precocemente, ser criança, adulto e velho ao mesmo tempo,* acumulando responsabilidades e pressões que, sem dúvida, deixarão marcas indeléveis na memória, afetando assim o processo de construção da identidade. A memória nestas circunstâncias pode ser considerada como *um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si* (Pollak, l992). Este processo de alienação do trabalhador infantil atinge violentamente a sua subjetividade, tornando-se ainda mais repudiável do que o do trabalhador adulto, considerando as condições objetivas de maturação e desenvolvimento da criança que, tornando-se um ser alheio aos produtos que cria, tornando-se assim, de forma ainda mais perversa do que com o adulto, uma *coisa*, uma mercadoria de fácil manipulação.

[18] O autor refere-se, citando Kafka, neste caso, às cicatrizes, marcas e tatuagens desenhadas sobre o corpo enquanto texto inscrito das leis das sociedades primitivas, enquanto ritos de passagem sob o corpo dos iniciados (Ibidem: l25-l26). Ver também a esse respeito Koffes (op. cit.: 48).

Percebe-se claramente uma crítica social subjacente às palavras dos sujeitos, sobretudo, quando fazem comparações de seus corpos, repletos de marcas e rugas, com a pele do corpo das crianças da classe rica, do empresariado do açúcar; pele nova, limpa e saudável, de quem nunca trabalhou no pesado, nunca levou um corte na palha da cana. Salta aos olhos, ainda, a velhice na infância sendo descoberta na frente do espelho, no qual o velho não é mais o *outro* desde a mais tenra idade, mas a imagem indelével e indiscutível de si mesmo e da sociedade que impõe ao indivíduo o uso rigorosamente determinado de seu corpo (Boltanski, l989: l67-l85). E tudo isso como se fossem duas imagens corporais fundidas simultaneamente nas dobras do tempo apressado. Em contrapartida, é possível captar, através dos desenhos uma outra possibilidade de imagem corporal, na qual o corpo assemelha-se e identifica-se com os próprios brinquedos, ele próprio sujeito e objeto de ludicidade. Desta forma ele é refletido, refletindo no espelho dos desenhos enquanto *corpo como território da liberdade* (Koffes, l986: 46), portanto, o corpo infantil brincante!

Desenhos das crianças do Programa "Mão Amiga", realizados em sala de aula
Palmares – Pernambuco – 1998/1999 (Ibidem)

As representações do corpo nos desenhos aparecem como uma postura corporal indicando altivez, alegria, relaxamento, apresentando, neste sentido, uma estética pautada na beleza, nas cores, nas relações imbricadas com a natureza. Percebe-se também no simbolismo dos braços

abertos, indicando uma prontidão para a construção e desconstrução de uma outra realidade; além disso expressa o desejo de brincar de roda e outras brincadeiras, aliadas ao espaço social da moradia, enquanto espaço humano e digno de convivência social, espaço e tempo para construir, junto com os vizinhos, relações sociais de alteridade, de sociabilidade.

Desenhos das crianças do Programa "Mão Amiga"
Palmares – Pernambuco – 1998/1999 (Ibidem)

Durante os encontros, eventos, oficinas de jogos e brincadeiras tradicionais que tive com as crianças, percebi, pelos seus gestos e posturas corporais, os sinais de uma espécie de *vergonha do próprio corpo*, *uma vergonha de classe social* (Ibidem: l83). Este tipo de sentimento era perceptível, principalmente, nos gestos de pôr a mão na boca para ocultar os sinais de timidez e esconder a falta de dentes, encobrir certas manchas na pele, defeitos ou lesões no corpo. De fato, se não for permitido às crianças a possibilidade de conhecer, desbravar, construir e reconstruir o mundo através de seus corpos brincantes e às vezes envergonhado: *(...) Eles ficam uns menino enrolado, uns menino que não têm saída, não têm conversa, às vez fica nos cantos e fica lá acanhado, matuto, com vergonha* (Entrevista coletiva, Evento-Campo 08). Além disso, era

visível também, no começo das nossas relações, uma certa timidez na linguagem, cuja pronúncia era muitas vezes truncada e irreconhecível. Assim, pode-se dizer que:

> *(...) a vergonha do corpo assim suscitada não é talvez senão a* ***vergonha de classe*** (grifo meu)*:* ***o corpo efetivamente é, do mesmo jeito que todos os outros objetos técnicos cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes*** (grifo meu)*, pela sua cor (decorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto), pela amplidão, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso), é um sinal de status – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita* (Koffes, l986: 46).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Ex-trabalhadora da cana-de-açúcar durante as Oficinas
de jogos e brincadeiras
(Evento-Campo 07)

O comportamento e postura corporal das crianças, indicando *vergonha do próprio corpo*, contudo, era entremeado com as comparações de seus corpos com o *corpo dos filhos dos ricos*, com as práticas corporais lúdicas dessas classes, enfim, conforme os *usos do corpo* e o cânones de saúde e beleza das classes superiores.

Também chama a atenção, na fala de José Luis, a idéia do *cansaço que se sente por dentro*, as marcas que são veladas e que marcam a história desses corpos, impregnando a memória de lembranças do seguinte teor: *uma coisa que não dá pra esquecer.* De fato, deve ficar impregnado na memória dessas crianças e jovens o fardo do trabalho pesando na frente do espelho e delineando os contornos da *imagem do corpo*, levando provavelmente, a uma espécie de auto-segregação do próprio corpo. A representação corporal, portanto, pode vir a desempenhar um importante papel na *História Motora do Indivíduo* (Fonseca e Mendes, l987: 62), principalmente, se a imagem corporal for esculpida à luz da lâmina da palha da cana, dos instrumentos de trabalho cortantes e do sol causticante. Em conseqüência disso, resta à história motora do indivíduo uma outra carga a carregar na memória corporal e que aparece sob a forma de estigma e discriminação de idade e de classe social, a saber: *a velhice a gente sente no corpo, as pessoas chama a gente de véinho.* Todavia, apesar de verem suas imagens corporais envelhecidas refletidas no espelho, as crianças demonstram não aceitar refinadamente e inexoravelmente as marcas da velhice precoce em seus corpos. Pelo contrário, pelo que pude perceber, elas abominam essas marcas, ao mesmo tempo, que as vêem como intrusas, injustas e inaceitáveis.

A respeito dessas marcas do trabalho amalgamadas no corpo das crianças, é Leandro, l2 anos (Evento-campo 07), que recita o poema de Laura Almeida, intitulado *Poesia e amargura:*

(...) Passos largos
olhar sisudo
sorriso amargo
rosto miúdo
corpo cansado
pele curtida
mãos calejadas
trabalho
fadiga
sol causticante
na palha da cana
morre de fome
sem sombra e
sem vida[19]

[19] Este poema foi recitado por Leandro em l997, por ocasião do lançamento do Programa Mão Amiga pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso no Engenho Massangana, cidade do Cabo de Santo Agostinho.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Crianças confabulando durante o intervalo do evento
para avaliação do Programa Mão Amiga
(Evento Campo-07)

Além desses constrangimentos e conseqüências para a construção da cidadania infantil, considero da maior gravidade o fato do fenômeno do envelhecimento na infância, deixar constrangimentos e marcas na subjetividade, comprometendo a identidade infantil, a saber: na auto-estima, provocando complexos de inferioridade de classe, embotando as perspectivas profissionais e sociais, os sentimentos de utopia e esperança; além, é claro, das seqüelas no ponto de vista biológico: desnutrição, comprometimento no crescimento, cicatrizes dos acidentes de trabalho, etc. Nas palavras supracitadas de Jorge Luis, estão expressos, quase como uma uníssona voz coletiva de seus iguais, o lamento e a indignação, proferidos como um grito real, simbólico e metafórico, que, veementemente, nos diz: *(...) Passa os anos e a gente nunca cresce !* Neste sentido, é preciso indignar-se não somente com as marcas deixadas pelo trabalho infantil no corpo da criança, mas também indignar-se com as de violência moral, afetiva, cultural, econômica, política e, finalmente, simbólica. É preciso perceber as marcas que os olhos não vêem (Silva, et. alii, l997).

Grande parte das crianças, com as quais confabulei a respeito das relações entre trabalho pesado, precoce e insalubre e o envelhecimento na infância, foram unânimes em apontar, além dos acima mencionados, outros comprometimentos e conseqüências para a saúde compreendida em seus aspectos mais abrangentes. A maioria delas têm consciência da imagem corporal de que são portadoras; sabem também do peso do fardo da história tatuada em seus corpos, de seus avós e de seus pais; anseiam em seus sonhos-desejados por outra imagem corporal desejada: terra, escola de qualidade, comida, tempo livre, brincadeiras, emprego para os pais, cultura, etc

Foto: Maurício Roberto da Silva
(Evento-Campo 08)

Os depoimentos também apontaram para um protesto contra o trabalho que envelhece precocemente, que destrói a infância no presente e traz conseqüências futuras, tanto no ponto de vista de sua escolarização, quanto no impedimento do crescimento de um corpo brincante, saudável, bonito e forte:

> *(...)* ***A gente fica velho logo mas isso não pode ser , porque a criança é uma pessoa que nasceu hoje (***grifo meu). *(...) O rosto e o corpo fica com os arranhão da cana e do carvão da queimada, a pele fica com manchas.(...) Se tivesse estudando e brincando crescia mais forte, mais bonito e com mais saúde e quando cresce pode ser um homem muito forte* (Elielson José da Silva, l2 anos-Catende, Evento-Campo 07*)*

Outro depoimento reforça os outros anteriores, no que tange às repercussões do trabalho em idade prematura, que gera sofrimento, dor e envelhecimento precoce, provocando distúrbios bio- psicossociais e desequilíbrios afetivo-emocionais:

> *(...) A criança que trabalha muito tempo quando é pequena pode ficar velha logo, porque o esforço é muito grande e prejudica a criança e faz com que ela fique velha.* ***Velho assim todo doído, no corpo fica cansado, no rosto fica triste****(grifo meu) e aí dá pra mostrar. (...) O pior era cortar e amarrar a cana por causa da dor na coluna. (...) Criança é uma que não pode trabalhar, tem que se divertir* (João Bosco da Silva, l4 anos-Amaraji, Ibidem*).*

As opiniões sobre o corpo e envelhecimento precoce na infância não foram emitidas apenas pelas crianças trabalhadoras da cana, mas também por outras, que numa prova de solidariedade e alteridade e compromisso com o outro, sentiram na própria pele a dor do outro, refletindo-se no espelho da história de vida do outro:

> *(...) O trabalho envelhece, o pêlo da cana, o carvão faz parecer adulto, atrapalha no crescimento, envelhece o corpo e o rosto, fica as manchas de ferida, parecendo que teve doença, as mãos diz que as veia pula , acaba com a pessoa principalmente nos olhos. (...) Atrapalha o crescimento, como aquele menino que estava aqui agora mesmo, o Leandro, pelo jeito ele trabalhou muito, ele tem l2 anos e olhe o tamanho dele. Aposto que o trabalho da cana foi uma das coisas que atrapalhou o crescimento dele.* (Josildo Pedro da Silva, l4 anos- Evento-Campo 07).

As vozes das crianças não estão sozinhas, elas encontram eco nas falas dos professores e monitores do Programa Mão Amiga. Eles contaram-me como, para eles, também é doloroso ter que conviver com estas crianças que são portadoras de velhice na pele e na carne e, cujos sinais anunciam cotidianamente a morte precoce da infância, ainda que, sob protestos destas, ainda que sob os gritos insistentes de seus cantos de acalanto e brincadeiras de rodas. A maioria dos

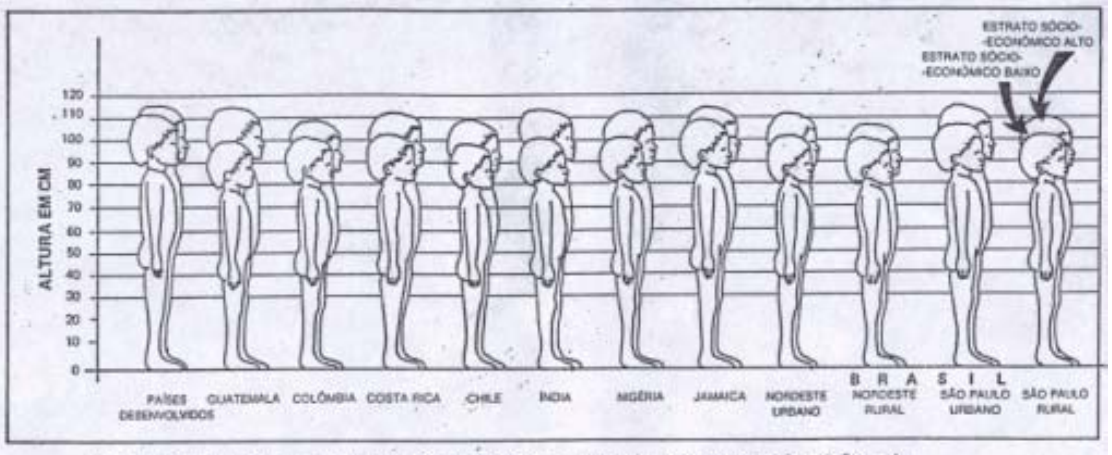
depoimentos aponta o envelhecimento precoce como uma conseqüência do trabalho pesado, cujas principais seqüelas expressas no corpo são: as marcas que ficam no rosto, no corpo e na mente; a perda da alegria; *atitudes corporais de vencidos e perda do orgulho corporal* (Moffat, l983: 23-24); crescimento retardado; dores de cabeça freqüentes; problemas de visão; frustrações; calos nas mãos; lembranças marcantes da violência do trabalho; dificuldades de aprendizagem; agressividade; falta de esperança. Para eles, são as seguintes as causas do envelhecimento precoce na infância: intensas jornadas de trabalho; cargas pesadas; poucas horas de sono; sol; sub-nutrição; excesso de responsabilidade no trabalho na cana e nas tarefas domésticas:

> *(...) No corte da cana o serviço é pesado por causa do sol, a criança que trabalha aí não sabe dar aquele sorriso****, no rosto está a marca, em tudo , na maneira de falar, no silêncio e na angústia por que passa*** (grifo meu). *As conseqüências de ser velho na infância é não saber enfrentar e lutar por uma vida melhor, pois tem muitos constrangimentos e responsabilidades: trabalhar no campo, ajudar em casa: buscar água , lenha. As marcas das ferramentas de trabalho estão no corpo e na face e no olhar meigo que deixa para trás o mundo lúdico de sorrisos e alegrias* (Coordenador do Mão Amiga em Maraial, Evento-Campo 07).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Encontro com as crianças durante visita ocasional a um engenho nas imediações da cidade de Palmares Canaviais de Pernambuco – Evento-Campo 09.

Os documentos dos diversos eventos-campos mostram evidências sobre o sofrido e insalubre cotidiano das crianças e suas respectivas famílias no mundo rural. É chocante o fato de que 80% das crianças apresentem no corpo sinais e seqüelas de diversos tipos de problemas de saúde provocados pelo trabalho precoce. Aliás, quanto a esse respeito, alguns resultados da Avaliação Médica realizada durante o Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil do México (Evento-Campo 0l) que resultaram no Exame Médico de José Carlos (op. cit.)[20], apresentam uma imagem corporal das crianças da Zona da Mata pernambucana centrada no *nanismo nutricional* (ver figura e foto a seguir), advindo da desnutrição crônica secular (Chaves, l979: l25). Os resultados apontaram para o seguinte quadro insalubre: peso e altura abaixo da média e desnutrição, problemas posturais, comprometimento da capacidade visual, problemas esses, causados pelo trabalho pesado e forçado: extensas jornadas de trabalho, acidentes de trabalho, exposição ao sol e outros.

FIGURA 1 – Alturas médias de meninos de cinco anos de idade de países desenvolvidos e de estratos sócio-econômicos altos e baixos de países em desenvolvimento *



FONTE: Mertorell, R. et alii., Small Stature in Developing Nations: Its Causes and Implications, in Margen, S e R. A Ojar, eds, Progress in Human Nutrition, Westport; A VI Publ., 1978 e IBGE, ENDEF, 1974-75.

*No Brasil, os estratos sócio-econômicos altos e baixos correspondem às classes de despesa 4 e 1, respectivamente.

Extraído do livro *Alimentação e Nutrição no Nordeste do Brasil*, Chaves ,1979.

20 Cf. Exame médico do Instituto Mexicano Del Seguro Social – Tribunal Internacional Contra o Trabalho Infantil (Evento-Campo 02) (em anexo).

Visita ocasional aos engenhos (Evento-Campo 05) – Foto realizada por Amaro (op. cit), numa escola do Programa Mão Amiga, por ocasião do retorno dos resultados, avaliação e fotografias realizadas no Evento-Campo 04

Após ouvir, ver, falar e sentir através do contato com as marcas do corpo e do olhar das crianças, perguntei-me incessantemente, *se em circunstâncias perversas de sofrimento, subserviência, escravidão e precariedade e alto grau de alienação, é mesmo possível a vivência plena do lazer através da cultura lúdica.* Suspeitava hipoteticamente que não, muito embora me visse surpreendido a cada minuto com a capacidade criativa, recriativa, recreativa das crianças manifestada nos momentos e situações mais inusitados, situações inesperadas e nos espaços inconcebíveis para a realização da trama da ficção e da fantasia.

Comportando-se desta maneira, as crianças emprestavam aos eventos , através de seus corpos insistentes, inquietos e subversivos, um duplo caráter emancipatório, ensinando aos adultos a atuar, por um lado, na perspectiva da resistência simbólica, portanto, através da expressão da cultura lúdica, dos jogos e brincadeiras; e, por outro, na participação no âmbito da resistência real manifestada nos movimentos e lutas da classe trabalhadora rural em prol da reforma agrária, crédito agrícola, saúde, educação, empregos, etc.

Outro depoimento sobre os comprometimentos para o desenvolvimento físico da criança e o conseqüente envelhecimento precoce foi assim caracterizado por Luiz Gonzaga[21] , sindicalista, CONTAG, Evento-campo 04:

[21] Entrevista coletiva para a Rádio Educativa do México (Evento-Campo 02).

> *(...) O que eu quero falar é que, por exemplo, no meu caso eu comecei a trabalhar com 9 anos de idade. Na minha casa, entre os meus irmãos e irmãs, já havia problemas de saúde desde cedo, com l3 anos já tinham problemas de coluna. As crianças, quando trabalham desde cedo, quando chegam aos 30 anos trabalhando de 7 horas da manhã até l2:30 horas fazendo l00 feixes de cana por dia, quando tiverem 30 anos não podem ser utilizadas em nenhum outro serviço, porque foram muito maltratadas.*

O quadro acima descrito é reafirmado pelas pesquisas realizadas em l994 pela FETAPE-Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco e pelo Centro Josué de Castro, os quais constatam que os homens que vivem na região canavieira pernambucana possuem uma perspectiva de vida de 43 anos e 5 meses. No caso das mulheres foi detectado que estas vivem 45 anos e 7 meses[22].

A questão da subnutrição e da desnutrição crônicas em todo o Nordeste e, particularmente, na Zona da Mata pernambucana, é um drama social do qual qualquer pesquisador não pode fazer vistas grossas. Pelo meu lado, fico sempre a me questionar *o que significa brincar com fome, divertir-se com fome, ser criativo e imaginativo apesar da fome!* Toda essa reflexão é de fundamental importância quando se investiga o tempo de lazer/lúdico na infância. Tempo este comprometido por múltiplas alienações, por muitas carências; comprometido com os esquemas do trabalho pesado; com a falta do alimento, com a falta de políticas capazes de efetivamente valorizar a vida e não a morte, enfim com a privação, o desemprego, a fome.

As palavras supracitadas de Luiz Gonzaga durante o Tribunal alertaram-me para a necessidade de não tratar isoladamente a questão do Trabalho Infantil e da conseqüente supressão do tempo de lazer na infância e dos jogos e brincadeiras, que dão sentido, vida e materialidade a este tempo. A problemática exige incursões em questões essenciais para a sobrevivência da espécie humana: a fome por exemplo! É óbvio que, se existe fome de comida, existe também a fome de saber (escolarização); a fome de ludicidade (supressão e precariedade no usufruto do tempo de lazer); a fome de habitação; a fome de terra[23] e, enfim, a fome de cidadania. Os

[22] cf. Relatório do III Encontro de Meninos e Meninas Trabalhadores (as) Rurais, CONTAG/Brasília/Out./l997

[23] Não estou me referindo aqui a geofagia, o fenômeno que leva as pessoas a comer barro para matar a fome (Diário de Pernambuco-Especial – Fome, l8/04/l999). Refiro-me, é claro, à fome de Reforma Agrária.

depoimentos que tratam da relação *trabalho-fome-envelhecimento precoce* remetem à *Geopolítica da Fome*, o clássico de Josué de Castro, já citado neste trabalho. Para demonstrar que esta questão é de suma atualidade, e à título de ilustração apresento a pequena história que se segue:

> *(...) Josefa Maria da Silva e Antônio Nelson da Silva (Município de Palmares), ambos com 36 anos, têm 9 filhos (l, 3, 4, 6, l0, l3, l7, l8, l9 anos). Os mais novos estão desnutridos e recebem leite do governo. A família vive do corte de cana. Na entresafra, estão sem renda. Sobrevivem às custas do leite doado e da cesta básica do Governo Federal. Em casa tinham apenas um prato de feijão com arroz e peixe doado pela Prefeitura na Semana Santa*.[24]

No que tange às relações corpo infanto-juvenil, saúde e Trabalho Infantil no setor sulcro-alcooleiro, os documentos da CONTAG (Evento-Campo 04) afirmam que essa atividade utiliza de forma intensiva a mão-de-obra infantil, sendo que 43,2% têm sua remuneração embutida no salário dos pais. As crianças recebem até meio salário mínimo por 40 ou mais horas de trabalho, e 82,4% dos acidentes de trabalho são causados pela foice. O relatório denuncia também que, em Pernambuco, dos l50 mil trabalhadores da zona canavieira, 25% são crianças entre 7 e l4 anos, sendo que 9l% dessas crianças começam a cortar cana antes dos l0 anos de idade. Por outro lado, no estado de Alagoas, 50 mil crianças, entre 6 e l3 anos estão nas lavouras canavieiras.

Os adolescentes participam de todas as etapas da produção, numa jornada diária, em média, de l2 horas de trabalho. Eles ganham cerca de R$ 2,00 por dia ou R$ 6,00 por semana e chegam a cortar 2,4 toneladas de cana diariamente. No período da safra, esses jovens trabalham no corte, na formação de feixes e transporte, tanto da cana para o engenho quanto do bagaço para o terreiro. Eles exercem ainda atividades de tombador[25], bagaceiro[26] e caldeireiro,[27] por uma jornada de l7 horas diárias, sob um calor de 60 graus. Para realizar esses serviços, ganham

[24] Diário de Pernambuco (Ibidem)
[25] Trabalhador de engenho de açúcar encarregado de conduzir a cana do picadeiro para as moendas. Nas usinas, essa atividade é realizada pela esteira. Cf.Barbalho (0p. cit.: 37l) in: Dicionário do Açúcar.
[26] Trabalhador da bagaceira. Lugar onde se junta o bagaço da cana-de-açúcar, bagaceira. Removedor de bagaço da cana. (Ibidem: 59).
[27] Trabalhador de engenho de açúcar encarregado da casa das caldeiras ou de limpar o caldo das caldeiras. Fabricante de Caldeiras. Trabalhador de caldeireira. (Ibidem: 93)

semanalmente R$ 6,00. No período da entresafra[28], as crianças e adolescentes executam as tarefas de preparo de tocos (rebrota), capinagem, limpeza do terreno, encoivação,[29] preparo do aceiro[30] e, neste caso, a remuneração é de apenas R$ l,00 por semana.

As atividades do setor sulcro-alcooleiro, com relação à saúde, são consideradas pelos especialistas em Medicina do Trabalho, como uma das que mais expõe os trabalhadores aos riscos dos acidentes de trabalho. Este tipo de atividade faz com que as crianças tenham a pele freqüentemente cortada pela folha da cana, além de mutilações, a maioria de caráter irreversível, provocadas pela foice e pelo facão. Afora esse tipo de conseqüência, crianças e adolescentes são vítimas também de inchaços e rachaduras na pele, devido à exposição intensiva no sol ou ainda à alta temperatura das caldeiras (adolescentes).

As marcas dos acidentes de trabalho nos corpos infantis, contudo, não são específicas apenas da cana de açúcar, mas uma conseqüência quase generalizada das perversas relações de trabalho insalubre nos diversos mundos, nas diversas atividades laborais que utilizam a mão-de-obra infantil, como por exemplo, na cultura do sisal (Bahia) , segundo depoimentos de Verlúcio, Verlúcia , respectivamente l2 e l3 anos de idade (Evento-Campo 06). Segundo eles, este tipo de atividade não tem segurança e desencadeia graves riscos para a saúde tais como: problemas respiratórios e auditivos, doenças do aparelho locomotor, tenossinovite, exposição às intempéries, picadas de animais peçonhentos, ferimentos pelo uso de instrumentos cortantes (facão), acidentes com batedeiras. A vida cotidiana nestes meandros onde sobrevivem *Verlúcio* e *Verlúcia* é marcada por relações de trabalho anacrônicas, primitivas. Nesta mesma perspectiva, são os depoimentos de José, l2 anos , trabalhador na cultura de laranja em Sergipe, em cujo corpo era possível detectar, visivelmente, os efeitos destrutivos da laranja, não necessariamente pela excessiva ingerência de Vitamina C, mas pelas marcas que ficaram da dureza da colheita e do processo de carga e descarga dos caminhões de laranja. Assim, *José*, em virtude do contato permanente com o ácido da laranja, já não tinha mais impressões digitais. Ele apresentava também outros sinais dos riscos e lesões de que foi vítima: postura inadequada e doenças de

[28] Período intermediário entre uma safra e outra da cana-de-açúcar e durante o qual se realiza a fabricação nos engenhos e usinas, havendo grandes cortes (dispensas) de empregados e, geralmente, muita miséria social na zona canavieira nordestina (Ibidem: l92).

[29] Encoivarar- fazer coivara. Queimar os matos e preparar o terreno para os partidos de cana-de-açúcar. Coivarar (Ibidem: l8l).

[30] Trecho do terreno arroteado ou desbastado em volta das matas dos engenhos de açúcar, a fim de impedir a propagação de possíveis incêndios (Ibidem: 11).

coluna, ocasionadas pelo transporte excessivo de peso. Em linhas gerais, as crianças que trabalham nos laranjais sofrem desses mesmos males, estando sujeitas a radiações solares, intempéries, contaminações por agrotóxicos e outros . Apesar de tudo, José, quanto ao brincar, não fugia à regra, dava altas gargalhadas quando havia piadas, adorava *jogar bola*, gostava de passear, contemplar, ficar calado olhando, assuntando. A brincadeira para ele estava no olhar, nos seus gestos ainda que um pouco adulterados e adultizados pelo trabalho duro. Ele só se comunicava com os outros e com o mundo através do lúdico; ele só queria da laranja a doçura do suco e não o cítrico do peso de sua carga. Além das três crianças mencionadas, também Ádebora, l5 anos, trabalhadora da mandioca, relatou sobre esta atividade agrícola, suas ameaças e riscos para a saúde: postura inadequada, intempéries, exposição excessiva ao sol, picadas de animais peçonhentos e insetos, longas jornadas de trabalho, exposição a máquinas perigosas, agrotóxicos e poeira.

As crianças canavieiras são, em sua maioria, desnutridas e apresentam excesso de fadiga física, o que acarreta o surgimento de doenças, tais como: hipertrofia cardíaca, hipertensão arterial, artrose e enfisema pulmonar. Neste sentido, pesquisas[31] indicam que após l2 anos de atividade, o canavieiro terá lesões irreversíveis em articulações e membros, além de doenças cardíacas e respiratórias, ficando assim inutilizado para o mercado de trabalho. Além de todo esse quadro de conseqüências para a saúde, urge lembrar que as populações da região como um todo são expostas direta e indiretamente aos efeitos da poluição ocasionada pelo uso intensivo de produtos químicos na lida cotidiana com a cultura da cana (Dourado, et. alii, l999, op. cit: 4ll). Apesar de todas as evidências de tais conseqüências, tatuadas no corpo dos trabalhadores, não existem ainda estudos específicos sobre as possíveis *deformações corporais*, daí resultantes, e, as conseqüências desta exposição relacionados a uma má formação congênita, muito embora, os próprios trabalhadores relatem casos corriqueiros de abortos, uma vez que as mulheres grávidas não são poupadas.

Se recorrermos aos depoimentos de Luiz Gonzaga (CONTAG), por ocasião do Tribunal do México , acerca da relação do trabalho precoce com a expectativa de vida nos canaviais de Pernambuco, chegaremos à conclusão de que os trabalhadores que começam mais cedo a

[31] O relatório da CONTAG refere-se a uma pesquisa realizada pelo médico do trabalho Dr. Yosiharu Waki em l992 na UNICAMP. Ver também a esse respeito Alessi e Navarro (l996) *O Trabalho de Crianças e Adolescentes na Cultura Canavieira e os impactos sobre a Saúde*, mimeo.

trabalhar no eito *(...) quando tiverem 30 anos não podem ser utilizados em nenhum outro serviço, porque foram muito maltratados* , e que *(...) as perspectivas de vida podem chegar aos 43 anos e 5 meses para os homens e para as mulheres aos 45 anos e 7 meses*[32]. Dados como estes ratificam as palavras de José Carlos (l4 anos), Amaro (l2 anos) e Hélio (l3 anos), durante a entrevista coletiva realizada no intervalo para o lanche: *(...) O mel da cana é doce, mas nossa vida é amarga.*

Durante toda a pesquisa observei, senti e refleti sobre a fatalidade que é o *envelhecimento precoce* na infância e que é fruto das relações de trabalho escravagistas, engendradas pelo capitalismo no âmbito rural; criando assim, uma sociedade estruturalmente injusta resultante da combinação Capital e Propriedade Fundiária, segundo apontam os estudos de Wanderley (l979), e Andrade (l988). Deste modo é que a situação atual vivenciada por crianças e adolescentes na Zona da Mata de Pernambuco que trabalham ou que mais recentemente deixaram de trabalhar nos canaviais, não representa a expressão de uma situação momentânea particular, mas advém da história de pobreza que tem sua origem num modelo de desenvolvimento secular, centrado no princípio da grande lavoura e do monopólio da terra, marcando seus corpos com tarjas de absoluta privação e gerando um ciclo de oportunidades negadas (Dourado et alii, l999: 411).Nesta perspectiva é que em conversas com uma representante do Centro Dom Hélder Câmara, percebi com maior nitidez, as causas e conseqüências do *envelhecimento precoce na infância* sob a subjetividade das crianças e jovens imprimindo-lhes no corpo a seriedade dos adultos, a sisudez e a supressão ou limitação do tempo para as atividades lúdicas.

> *(...)Existem estudos científicos, notadamente de Nelson Chaves*[33]*, que levantam as hipóteses de que o trabalhador da cana sofre de desnutrição, pelo tipo de trabalho sem proteção. É sabido que ele envelhece mais rapidamente, inclusive pela exposição excessiva no sol, e sem nenhuma proteção leva-o ao câncer de pele, ao próprio envelhecimento precoce. Você veja que anteriormente, como eu falei, o trabalhador tinha possibilidade de plantar em uma horta, hoje, eles não têm. Então, a alimentação deles é totalmente inadequada porque eles comem a charque e muitos deles não possuem geladeira para a conservação dos alimentos, então comem charque, farinha e cuscuz que dura até uma semana. (...) É uma alimentação muito pobre que facilita também o envelhecimento precoce, além disso, há o contato com o agrotóxico que, somado aos outros problemas que levantei, terminam por promover o sofrimento, a falta de perspectiva****, a falta do brincar que os torna sérios; você vê crianças e adolescentes muito sérios*** (grifo meu)**.**

[32] cf. pesquisa realizada pela FETAPE e o Centro Josué de Castro, no período entre l992/l993.

[33] cf. *Fome, Criança e Vida,* livro que aborda a questão da desnutrição e da fome na infância brasileira e *sobretudo nordestina.* O Dr. Nelson Chaves é considerado um dos continuadores da obra de Josué de Castro *Geografia da Fome.*

No encontro com pesquisadores do Instituto Joaquim Nabuco (Evento-Campo 03), tendo como eixo a questão do corpo do nordestino, debatemos sobre os argumentos burgueses acerca das causas da miséria, da fome e do *apartheid social*. Chegamos à conclusão de que a ideologia que ainda permeia no senso-comum em Pernambuco, sobretudo nas classes média/alta, é que essa saga existe por causa da superpopulação e conseqüentemente, pela falta do *controle da natalidade*.Trata-se pois, de uma visão malthusiana de controle da natalidade para acabar com a pobreza, reduzindo assim, o número de pobres e garantindo uma maior distribuição de renda. Tal visão tem muitos adeptos e, o seu pano de fundo é de que a fome no mundo é uma conseqüência direta da mesquinhez da natureza e do descontrolado apetite reprodutivo da espécie humana pobre. Nesta direção é que as drásticas medidas apontadas por Malthus ainda hoje são consideradas como solução, as quais são:

a) deixar morrer os fracos e os doentes; b) ajudar os famintos a morrer mais depressa; c)controlar por todos os meios os nascimentos; d) desafogar enfim o mundo desse excesso de gente, a fim de que ele disponha do suficiente para nele viver regaladamente uns quantos privilegiados (Castro, l959:l33).

Em outra obra sua, *Geografia da Fome*, Josué de Castro (l947*),* discorre sobre a falta de uma Política Agrária no Brasil e a sua principal conseqüência que é a fome, rechaçando ainda as teses de que a fome era produto da superpopulação ou dos problemas climáticos ou raciais. Para ele a fome é a *expressão biológica dos males sociológicos*, um problema construído pelos homens em suas opções político-econômicas (Portela et alii:l992). Quanto a esse respeito, pode se dizer que o corpo faminto, degradado, degradante é fruto da ineficiência das políticas públicas que forjam uma política do corpo voltada para a submissão, a filantropia e o assistencialismo, cujo subproduto des- humano é o corpo pedinte, o corpo indigente.

Apesar de todo esse quadro descrito, as crianças dos canaviais brincam como as da zona urbana; a única diferença é que estas se expressam, num primeiro momento, de forma mais contida, mais escondida no casulo da timidez corporal, porém, se tiverem tempo-espaço para desenvolverem a cultura lúdica, passam a manifestar os sinais dos mais recônditos desejos, dos mais audaciosos sonhos, das mais exuberantes fantasias e criatividades. Portanto, trata-se de outro universo lúdico com a conduta lúdica específica da cultura local. Os sinais de timidez e *vergonha de brincar*, expressos nas gestualidades, conforme já aludi anteriormente neste

capítulo, são o reflexo da dominação das oligarquias do açúcar que terminam por detonar nos pais e em toda a família, um certo *complexo de inferioridade de classe* e o aparente conformismo. Essa impressão que tive nas minhas observações, vai ao encontro do que disse a representante do Centro D. Hélder Câmara (Evento-Campo 07):

> *(...) Se você pega uma criança da área urbana mesmo que seja de uma favela, mas que tem oportunidade de jogar um futebol ou de algum tipo de brincadeira, ela é mais leve e a criança trabalhadora rural, você sente ela mais séria, para se envolver na brincadeira ela tem uma timidez maior de soltar o corpo. (...)* ***Não sei se você sentiu que pela falta do brincar as crianças são aparentemente envelhecidas, não só no físico mas na cabeça*** (grifo meu).

Realmente, nas vezes em que brinquei com as crianças, percebi num primeiro momento, que além de aparentarem mais velhas para suas idades, também se comportavam com atitudes advindas do mundo adulto, tais como: gestos estereotipados, expressão corporal contida, sisudez, desinteresse pelo jogo e falta de espontaneidade e criatividade. Tal constatação levou-me a recorrer aos estudos sobre o excesso de responsabilidade precoce para a criança e a conseqüente limitação e comprometimento da vivência do lúdico na infância. Neste sentido, Winnicott (l975: l97) é da opinião de que a criança que por qualquer motivo necessita tornar-se responsável para além dos seus limites, envelhecem prematuramente e perdem a espontaneidade, a capacidade de brincar e o impulso criativo despreocupado.

3. Memórias dos adultos e velhos trabalhadores sobre o corpo e o envelhecimento precoce

(...) O cassaco de engenho
quando é um velho:
Somente por acaso
ele alcança esse teto.
O cassaco de engenho velho
nem é acaso:
É que um cassaco novo
apressou-se no prazo (grifos meus).
O cassaco de engenho
quando é um velho:
Então, chegando aí,
se apressa em esqueleto.
Se apressa
como taipa em ruína:
E como ele é de taipa
seu esqueleto é faxina

Os versos de João Cabral de Melo Neto (l994:72) desvelam a fatalidade do envelhecimento precoce no ponto de vista transgeracional[34] e suas marcas nesse corpo que, cujas representações são a síntese de múltiplas determinações sociais, econômicas e culturais. O envelhecimento deste corpo é a história da trajetória do corpo da classe trabalhadora canavieira , uma história de relações iníquas de trabalho, plantadas no chão da ordem colonial da monocultura da cana-de-açúcar, secularmente amalgamada pela concentração fundiária, e, cunhada a ferro, brasa e privação. É neste corpo *adulterado/adultizado* na infância e apressando para velhice, que os versos do poeta denunciam a senilidade prematura do corpo social e as diferenças de classe circunscritos nele.

Os versos do poeta, trazem também em suas linhas, a reflexão mais abrangente acerca das políticas do corpo no limiar do século 21 e do terceiro milênio. Tais políticas coexistem num mundo dominado pela cultura necrófila da glamourização de corpos aquinhoados pela fama e pela riqueza e pela exclusão de corpos condenados pela pobreza ou marcados por características que não coincidem com os modelos do poder. Além disso a poesia supracitada nos mostra a maneira como a economia lida com a concretude dos corpos segregados tanto rurais quanto urbanos, sobretudo: *(...) num país, como o Brasil, que segrega corpos, condenando-os ao desemprego e à miséria, em nome da estabilidade da moeda e das imposições do FMI, ainda está longe do portal da civilização* (Betto, 2000).[35]

No que se refere ao desenvolvimento do ciclo vital, da infância até a velhice, a cultura do oprimido, do excluído, do marginalizado pelo sistema, revela uma diferença fundamental com relação aos ricos. Estes, desde que nascem, passam por etapas prescritas com bastante nitidez: lactância, infância, puberdade, adolescência, maturidade e velhice. Em contrapartida, nos grupos dos excluídos, existem apenas a lactância, uma infância curta e em seguida se passa bruscamente à vida adulta, como já foi evidenciado por Sebastião: é criança e *véio*, só tem dois tempos, nunca vira rapaz, nunca consegue viver toda a infância e a adolescência com qualidade e plenitude. Assim é que:

---

[34] Neves (l999: ll0) em seu livro *A Perversão do Trabalho* Infantil, aborda também a questão do fatalismo geracional do cortador de cana e da empregada doméstica. O fatalismo geracional é um ciclo perverso que passa de pai para filho, na cana-de-açúcar e atinge também a mulher como empregada doméstica.

[35] Cf. Folha de São Paulo, l3/02/2000, Opinião 1-3.

> *(...) A velhice, tal como a entende a burguesia, como um descanso de uma vida, etc., tampouco existe, pois o ancião pobre não tem nenhum direito à aposentadoria (toda uma vida esteve desempregado) e tem que continuar trabalhando. Só o apoio e o carinho dos filhos adultos, quando conseguirem constituir família, lhe possibilita uma morte tranqüila. Senão, pode acabar como mendigo em alguma soleira de porta, depois de ter trabalhado toda sua vida* (Moffat, l983: 86-87).[36]

Durante a pesquisa, principalmente, nos Eventos-Campos 03, 05, 08, procurei colher os depoimentos dos adultos, velhos, pais e sindicalistas, os quais tecem as memórias de seus corpos envelhecidos e carcomidos pelo tempo; trazem à tona a história da infância e do trabalho na cana; trazem o passado para o presente e refletem sobre os corpos de seus filhos.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Trabalhador desempregado da cana-de-açúcar,
engenho nas proximidades da cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

A maioria dos depoimentos são, de um lado, um libelo sobre o envelhecimento do corpo das crianças da infância canavieira na atualidade, e de outro, uma reflexão sobre os seus próprios corpos. Boa parte das falas fazem comparações dos corpos das crianças pobres trabalhadoras com os corpos das crianças filhas dos ricos da zona urbana. Há, pois, neste sentido, uma implícita e forte crítica ao capitalismo no meio rural, cuja lógica engendra corpos desnutridos, raquíticos e envelhecidos para os pobres e para as classes dominantes relaxamento, conforto, luxo:

[36] O autor, em seu livro Psicoterapia do Oprimido, refere-se às suas pesquisas no campo da Psiquiatria Social, especificamente à Psicoterapia em classes populares e os mecanismos de degradação a que são submetidas essas classes na Argentina e em toda a América latina.

(...) Os filhos dos ricos que vivem na cidade não tem marca, a marca dele é o divertimento, menino nutrido, ainda mesmo sendo magro, se vê que ele é bem cuidado. No campo tem menino nutrido só porque o clima dele é mesmo crescer, mas tem criança que a gente olha pra cara e só vê um véio. E quando pergunta a idade dele fica admirado, a gente pensa que ele tem quatro, cinco anos, mas quando pergunta a idade é dez, doze anos (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso, Evento-Campo 03)

Foto: Maurício Roberto da Silva
(Ibidem)
(Evento-Campo 09)

Todas essas impressões, pude captar nas conversas que tive com trabalhadores e sindicalistas, percebendo as marcas dos acidentes de trabalho, cicatrizes pelo corpo, dedos cortados pela foice e pelo facão, rugas precoces no rosto, em virtude do sol escaldante. As lembranças do tempo da infância agredida e torturada pelo trabalho estavam ali, as marcas estavam ali como testemunha dessa história unicamente de trabalho e nenhuma brincadeira na infância. A memória viva dos trabalhadores rurais da zona canavieira é povoada de lembranças que contam a história de inserção precoce no mundo do trabalho. Os depoimentos de velhos canavieiros como Pedro Amaro dos Santos, 72 anos, são o testemunho dessa realidade histórica: *(...) com sete anos já amarrava a cana de meu pai. Meu pai cortava cana. Naquele tempo, a cana*

era de dez pedaços o feixe; era cana grossa, era por cento. Amarrava tudo num feixe e tinha os outros com as folhinhas soltas (Dourado et alii, l999: 4l9). Em conversas coletivas com os pais das crianças durante o Evento-Campo 08 pude identificar a semelhança da história de trabalho supramencionada: *(...) A gente começou amarrando a cana com o véio nosso pai, cem feixes de cana por dia era a média.*

Toda essa trajetória histórica, traz à baila a constatação de que o trabalho das crianças e adolescentes, para ajudar no provimento da família, se constituiu numa naturalidade e banalidade, ainda hoje de certo modo ainda superada: *(...) Todo mundo que era menino trabalhava, a gente pegava no trabalho, era de cinco horas às seis da tarde* (Ibidem)

As reflexões sobre o corpo dos velhos trabalhadores carcomidos pelos signos do sistema produtor de desigualdades sociais, portanto, nos conduz-nos imediatamente à reflexão sobre as similitudes do corpo das crianças com os adultos e velhos, todos eles portadores das tatuagens e emblemas da alienação, visíveis tanto nos campos quanto nas cidades. Nesta perspectiva, durante as minhas *primeiras incursões no campo*, as quais denominei *o campo na cidade*, (Evento-Campo 03), pude perceber também, crianças, adultos e velhos com seus corpos maltratados, castigados pelo sol, pela humilhação, pela fome e pelo abandono. Observei tanto na Zona da Mata canavieira quanto na cidade do Recife, o quão estarrecedoras são as imagens de corpos depauperados, tísicos, olhares tristes e famintos de políticas sociais dignas, olhares sem horizontes de esperança. São expressões faciais e corporais castigadas, de acordo com Dejours (l999), pela *exploração do sofrimento*, que emitem sinais das perversas relações de trabalho, medo, incerteza, auto-estima baixa, tensão e total desamparo.

Quando andei na zona metropolitana do Recife, com olhar aguçado de forma mais amiúde, pude captar o manifesto envelhecimento biológico e social das populações de rua, compostas pelo enorme contingente dos chamados por Marilena Chauí de *pobres de tudo* (l993:l53-l54). Todos esses sujeitos pertencem à categoria dos sub-cidadãos e que se constituem em migrantes perenes, pedintes profissionais, sem-teto, sub-empregados, desempregados, crianças *de* e *na* rua , *velhos de rua*,[37] enfim os humilhados do sistema. Essas populações se

[37] A esse respeito ver ao ensaio fotográfico de Dilmar Cavalier, intitulado *Velhos de Rua* (Revista Atenção, l996: 78-83). O autor realizou sua pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, deixando a seguinte reflexão: *(...) No Brasil fala-se muito de crianças de rua, de desempregados e sem-terra. Mas poucos se lembram dos velhos. Toda a experiência de vida é descartada e eles passam a viver de favores. Durante a realização destas imagens, constatei o desprezo geral pelos velhos. Estranho. Esses velhos também somos nós!*

compõem de corpos urbano-rurais; são portadores de violência simbólica e que também, em sua maioria, são vítimas da exclusão do direito daquilo ao trabalho; são vítimas ainda da má distribuição de renda, terra e solo urbano para a moradia, exclusão do lazer, cultura, educação e outros pontos ainda não consolidados pelas lutas sociais. Em suma, todo esse quadro de hedionda devastação social, privação e miséria absoluta, é materializada cotidianamente na pele, coração, vísceras, neurônios, mente e ossos desse corpo para além dos territórios do humano e em permanente estado de degradação corporal, mas ao mesmo tempo de resistência e luta pela subversão dessa sobrevida injusta e torpe.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Velha de rua na cidade do Recife
(Evento-Campo 03)

Foto: Maurício Roberto da Silva
Criança de rua na cidade do Recife
(Evento-Campo 03)

(...) Vou pra urbis pro medo do futuro
disfarçar e a dignidade
pra sempre sucatear

(Maurício Roberto da Silva)

Essas imagens de rostos e corpos, retratos da vida urbana, são na verdade, imagens da dialética urbano-rural que povoam de maneira marcante as minhas memórias da pesquisa de campo. São lembranças que remetem a pensar o corpo das crianças, adultos, jovens e velhos à luz da aceleração prematura do envelhecimento ou *senilidade,* fenômeno este inerente à sociedade capitalista que *não é exclusiva da idade avançada e pode ocorrer prematuramente*, maltratando assim, o corpo desses sujeitos da infância à velhice (Bastide apud Bosi l994; Simões, l994). Assim é que, quanto a esse respeito, pude perceber que as representações de crianças, adultos e velhos sobre o envelhecimento precoce, estão associadas à idéia de velhice enquanto senilidade endêmica, portanto, decadência física, mental e social, doença, dependência e fealdade (Motta, l994: 228), enfim, enquanto estética da miséria e retrato da desigualdade de classe social.

O que se pode concluir, nestes termos, é que a velhice precoce é um fenômeno que pode se estender durante todo o ciclo vital (infância, puberdade, adolescência, idade adulta e velhice), constituindo-se num processo de construção social, cultural, econômico e político. Este processo é mediado pela exploração do corpo do trabalhador canavieiro em qualquer idade e se constitui num instrumento de acumulação de riqueza, cujo objetivo é garantir a manutenção do processo de destruição capitalista da força humana de trabalho, da infância, da juventude, do adulto trabalhador, do velho descartado, enfim dos trabalhadores em geral. Nesta linha de raciocínio, é de bom alvitre perguntar: *se a sociedade capitalista rejeita o velho senilizado pelo próprio sistema,não lhe oferecendo nenhuma condição de expressar-se enquanto ser social; o que fará no futuro bem próximo, com esses* ***crianças-véinhas,*** *forjadas no presente ?*

Todo esse processo de devastação social ocasionado pelo envelhecimento prematuro e que gera degradação corporal e subjetiva, conduziram-me à reflexão sobre as contradições sociais que se travam na dimensão da relação corpo, trabalho, infância e envelhecimento. Neste sentido, a primeira contradição reside no fato de que, de um lado, existem uma panacéia de produtos científicos voltados à *longevidade* (técnicas de cirurgia plástica, produtos de embelezamento e rejuvenescimento, etc). De outro lado, existem os corpos das crianças trabalhadoras, pobres e envelhecidas pela égide do trabalho precoce, bem como, de toda a classe trabalhadora explorada.

Em meio a toda essa realidade contraditória, é curioso observar como os geneticistas estudam as possibilidades de prolongar a vida, através de experimentos com ratos, anunciando, assim, as chances de esticar a existência humana[38]; a Medicina aperfeiçoa também a capacidade de restaurar o corpo, utilizando os recursos da Genética e da Bioengenharia e os pesquisadores acreditam serem capazes de fazer com que cegos, surdos e paralíticos superem suas limitações.[39].Nesse terreno de alienações e contradições a mídia e as pesquisas alardeiam a chegada da criação capitalista da *Terceira Idade*, através dos slogans: *A vida começa aos 50*[40]*, A idade real*[41]*, Na melhor idade*[42]*, Velho é a Mãe*[43] e outros.

Toda essa preocupação com a *terceira idade*, no entanto, como diz o antropólogo Massimo Canevacci, não é porque exista uma real preocupação social com o velho, mas pelo

[38] Cf. revista veja, Ano 32, no. 38, 22/09/l999.
[39] Cf. Folha de São Paulo, Caderno Especial *Quais serão os limites do corpo ?* , l4/03/l999.
[40] Cf. Revista E, SESC, fev. l997, no. 08- Ano 3.
[41] Cf. Revista Veja, op. cit.
[42] Cf. Revista Ao Mestre com Carinho, Ano 2-no. l4- Setembro, l999.
[43] Revista da Folha de São Paulo, 23/05/l999.

motivo de que eles se excedem como *improdutivos* (grifo meu) em todo o mundo, aposentando-se em contingentes e por períodos cada vez maiores, tornando-se uma questão de saúde pública e, acima de tudo, gastos para os cofres do Estado.[44] O que chama a atenção em toda essa posição da Ciência, é que apesar de tudo, fala-se positivamente sobre o processo de envelhecimento da população brasileira, cuja esperança de vida cresceu de 66, 4 anos em l992, para 67, 88 anos, em l997.[45] Esse suposto aumento das expectativa ou *esperança* de vida da população brasileira contrasta, como já foi mencionado anteriormente, com a região da Zona da Mata canavieira, onde a expectativa de vida é estimada entre 43 e 45 anos de idade.[46]

Como é possível constatar os supostos *avanços* da Ciência em torno da longevidade e as pesquisas sobre o envelhecimento da população brasileira e o aumento da expectativa de vida são contraditórios com a materialidade da história do corpo dos trabalhadores rurais. Uma história de trabalho pesado, do corpo de velho na infância, cuja realidade é relatada por eles próprios: *quando se descansa se carrega pedra!. uma!* É, pois, uma história de pouco tempo para as manifestações da cultura lúdica, apesar do folclore e festa, do corpo da festa, do Maracatú rural, dos folguedos infantis. É uma história de um corpo raquítico, atarracado, de pele estragada pelo sol, de um corpo contraditoriamente divido pelos músculos que parece o *cruzamento de caniço com cana* (Melo Neto, l994). São corpos sofridos e marcados pela brasa do sol, pela lâmina da folha da cana e pelo pó da fuligem, nos mostrando o quanto o corpo biológico carrega os signos e os emblemas da história social do trabalho nas terras da Casa Grande e da Senzala. Esses corpos sociais carregam aquilo que Goffman (l988) chamou de *Manipulação da identidade social deteriorada* e Moffat (l983: 11) de *degradação do sentimento de identidade*. Na verdade, esses corpos carregam *estigmas* que, segundo os gregos, são os sinais corporais com os quais se procurava antigamente, evidenciar alguma coisa de extraordinário sobre o status moral das pessoas. No caso da classe trabalhadora na cana-de-açúcar, as abominações e *deformidades* do corpo (marcas, peso e altura abaixo do padrão biológico-social, feridas, cortes, perda dos dedos da mão e outros) são estigmas que terminam por detonar preconceitos contra os nordestinos, normalmente marcados por serem pequenos, desnutridos, atarracados e de cabeça chata. Neste sentido, quando as crianças comparam os seus corpos com os dos *ricos,* estão na verdade

[44] Cf. Caderno Especial da Folha de São Paulo, *Mais Velhos*, 26/11/l999.
[45] Segundo dados do IBGE, o Brasil tem hoje l3, 5 milhões de idosos (pessoas com mais de 60 anos), que representam 8, 7 % do total da população. Já significaram 7, 8% em l992, e 8% em l993 (Folha de São Paulo, 11/03/l999: 3-6).
[46] Cf. Dados do Centro Josué de Castro, op. cit.

denunciando os preconceitos inerentes às classes burguesas, cujos padrões corporais inculcados devem ser do corpo malhado, pele viçosa, altura imponente, etc. (Medina, l987).

> *(...) Um corpo que é dividido,* ***o corpo das crianças já mostra que é dividido (grifo meu) como um homem que vive trabalhando no pesado ou faz academia*** (*grifo meu), o rosto também fica cheio de aparência de véio, fica aquele rosto marcado, pele grossa, criança tem* pele *fina, mas as daqui elas fica com a pele grossa, querendo engiar, amostrando um engiado, porque também não engorda. Fica assim véinho, encarcadinho, chocho, chochinho.*

O que precisa ficar claro quando se fala do corpo dos ricos ou das elites, é que estes têm o corpo dividido em função daquilo que Boltanski (l989) chamou de *cultura somática do corpo* ou *cultura burguesa do corpo* (Medina, op. cit.)que implica nos cuidados com o mesmo: prática desportiva, ginástica e até as práticas ligadas à estética corporal Mas quando nos referimos ao corpo dos agricultores, dos trabalhadores assalariados em geral, não se trata propriamente de uma relação consciente com o corpo, mas de alienação, que não lhes permite sistematicamente treinar a percepção de suas sensações físicas (Forjaz, l988), Botanski (l989).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Criança saboreando o mel da cana num engenho
nas imediações da cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

A maioria dos trabalhadores entre 30 e 50 anos que entrevistei relatou sobre suas vidas difíceis na infância e a proibição ou restrição para as brincadeiras, porém, em sua grande maioria, reconheceram ter perdido a oportunidade de ser criança. Todos apresentavam uma auto-estima em declínio, alegando que na frente do espelho se sentem envelhecidos para além da idade real. Quando o assunto é *infância* são incisivos ao dizerem:

> *(...) A criança é o futuro de amanhã, para que levar a vida que eu vivi, tenho 34 anos e sou mais velho que meu pai. Se eu brincasse e estudasse até os l5 anos e tivesse comida e lanche, não estaria assim, pois brincar desenvolve demais as crianças*. ***As crianças que brincam ficam mais inteligentes*** (grifo meu)*, porque brincando estão aprendendo muitas coisa* (Severino da Silva Zeferino, 34 anos-Engenho Humaitá*)*.

Durante o Evento-Campo 08, houve oficinas de pintura e desenho coletivo e, nestas, os pais confabulavam a respeito dos seus desenhos, em cujos traços eles reconstituíam as histórias de suas infâncias; o autoritarismo dos pais; o trabalho estafante; o sonho pela terra e por liberdade; o lamento de ser analfabeto; a falta de esperança e a baixa expectativa de vida aos 35 anos. Em seu depoimento, percebe-se os sinais da trajetória de um corpo alienado, depois de tanto sofrimento, deseja um outro tipo de trabalho, cujo conteúdo seja a liberdade, a criatividade, a emancipação, portanto, corpo que não produza mais-valia para outrem:

> *(...) Isso aí foi meu começo de vivência. Aqui significa meu pai nas horas que ele saía pro barracão e eu ficava em casa, quando ele voltava eu corria pra casa ou ele matava nós no pau.* ***Aí eu fui crescendo e depois que eu cresci me acostumei a trabalhar*** (grifo meu)*. Depois saí dali e fui pra cima do animal*. *(...)* ***Agora através de tudo já estou acabado*** (grifo meu) *, não sou mais de nada, desejo morrer ali naquele quadradozinho de terra, eu só quero me acabar ali dentro, trabalhando, plantando ali, plantando banana pra sobreviver****, sem dá lucro a ninguém , né ?*** (grifo meu). *Só pra mim e manter a minha família é isso aí que eu quero, a leitura não chega pra mim, pro cabra de 35 anos fica difícil, e cavalo véio não vai mais aprender a passada. Vou me acabar ali mesmo no meu cantinho. A minha vitória e o meu destino que eu peço pra mim é só isso mermo* (Manoel Sebastião, Evento-Campo 08).

Durante a apresentação dos desenhos, a maioria dos pais e mães disse que nunca havia utilizado um pincel para desenvolver os seus dotes artísticos e num quase uníssono afirmaram: *(...) A gente nunca pegou num pincel, pegava era na foice pra cortar cana e enxada pra limpar o mato, esses foram os nossos únicos pincéis*! Continuando os relatos sobre os seus próprios desenhos, eles continuaram a contar sobre o quanto o trabalho os havia envelhecido e, assim é que já se sentiam antigamente no tempo da infância: envelhecidos, cansados e subnutridos. Para eles, essa situação de miséria não mudou e só os filhos dos ricos têm direito a uma vida digna, a um crescimento saudável:

(...) As crianças trabalhando cedo fica uns menino fraco, por causa da alimentação e do trabalho. Porque você vê um menino que tem um bom estar, uma boa vida como ***o filho do rico, com l5 e l6 anos ta um homem formado*** (grifo meu) *, você vê uns pelanquim desses (aponta para o filho) lá onde eu trabalho com l5 e l6 anos quase do tope desse garotinho daí. Não cresce por causa da alimentação que não tem e do trabalho. Não tem comida boa. A nossa comida é a quarenta (polenta) com um pedaço de charque com aquela piabinha (peixinho) que vende na rua, o menino pede mamãe dê dois... não tem fortidão !* ***A gente olha a cara dos menino e pergunta a idade, a gente vai ver que é um menino fraco, véio e com a cara véia*** (Sebastião da Silva, Evento-Campo 08) (grifo meu).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Trabalhador desempregado da cana-de-açúcar
(Evento-Campo 09)

Outros relatos sobre a história do trabalho e do envelhecimento precoce foram surgindo ao longo do evento, de tal modo que foi possível constatar que a indústria do açúcar foi construída à base do trabalho escravo, do corpo escravo e da grande propriedade, forjando nesta região um batalhão de homens e mulheres, meninos e meninas analfabetos e subnutridos*: (...) Agente só trabalhou como escravo, comecei a pintar os meus cabelos brancos quando já tinha 24 anos* (Josefa Maria da Silva , 5l anos). Essas histórias de vida são narradas, de forma implícita e metafórica, com um forte componente de crítica à divisão injusta de classes sociais no capitalismo, cujas políticas sociais (alimentação, saúde etc.) no campo, produz os corpos burgueses forjados na abundância, desperdício e ostentação; e os corpos famintos, depauperados, forjados na privação e na desnutrição endêmica e progressiva. Situação esta que vem sendo

mantida durante séculos, agravada pela esquistossomose e outras parasitoses e infecções, o homem progressivamente vem reduzindo sua capacidade de trabalho (Chaves, l979) e, em conseqüência disso, as suas chances de alcançar uma verdadeira cidadania.

> *(...) O caba*[47] *que trabalha no campo é o seguinte, é queimado do sol, a pele é grossa,* ***o*** *menino quando ele tem um repouso, quando trabalha numa sombra a pele dele é outra, se ele tem uma boa alimentação a gente vê que o corpo dele é outro, não é que nem um menino véio na idade, trabalhando, não tem alimentação. As crianças pobres, com a pobreza que tem no campo não tem condições de alimentar os meninos* (José da Silva-Engenho Serra); *(...) O filho do cabra rico já com l6 anos, já ta formado e forte, o fio do cabra pobre é tudo pequeno, tudo comido pela verme e pelo alimento que não tem, é como a cana, senão bota adubo fica fino, se coloca fica grossa. (...) A cana sem adubo não cresce. A alimentação é o adubo da cana, o remédio* (Manoel Sebastião, Evento-Campo 08).

Foto: Maurício Roberto da Silva
Crianças de um engenho próximo à cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

Os depoimentos dos pais, em sua grande maioria, reiteram a opinião e as próprias fotos das crianças, sobretudo, no que diz respeito à imagem que elas têm do próprio corpo, do corpo de

[47] Expressão típica do Nordeste, significa o mesmo que *cabra, cara, pessoa, sujeito.*

véinho, e das comparações que fazem com o desenvolvimento físico das crianças das classes ricas (pele, tamanho, peso e altura).

Um fato que ilustra a similitude das representações dos pais acerca da relação corpo envelhecimento precoce, pode ser constada na opinião das próprias crianças, por ocasião do Evento-Campo 09, ao se reverem nas fotos realizadas no último Evento-Campo (07):

> *(...) Os nossos olhos são de crianças que trabalham, são tímidos, tristes e às vezes alegres, feias e bonitas, mais ou menos...* (Entrevista coletiva com João Bosco, Maria José e Leandro); *(...) Pelas foto, a gente transparece que é véio e que não brinca* (Josildo l2 anos); *(...) Aí na foto pareço ter uns l7 anos, não pareço filho de rico que só fica em casa brincando e não tem que trabalhar.* (Robson, l4 anos) (Evento-Campo 09).

Como é possível perceber, há um constante reclamo e indignação, por parte dos pais e crianças, acerca das condições de vida a que são submetidas as crianças, jovens, adultos e velhos trabalhadores. O que salta aos olhos nos depoimentos é que a imagem corporal que as crianças têm de si próprias, correspondem assim, às imagens captadas pelo meu olhar nas lentes da minha câmera. Além disso, tanto crianças quanto pais, ao pensar os seus corpos ou ao vê-los refletidos nas fotos, fizeram, imediatamente, referências ao meu corpo de pesquisador de classe média em extinção, bem nutrido, pele viçosa, ainda que portador e vítima de outros signos culturais, estéticos, econômicos e políticos do capitalismo neoliberal: *(...) No meu rosto vejo que estou mais velho do que no tamanho e você, Maurício, parece ter menos de 47 anos, parece ter 40 e a aparência é de quem dorme bem...* (Jefferson, l4 anos).

Como já foi evidenciado, são muitos os prejuízos que acarreta o trabalho precoce para a saúde de crianças e adolescentes, cujas repercussões visíveis e ocultas incidem sobre o corpo dos trabalhadores desde a mais tenra infância. Assim é que, como indicam os depoimentos, o corpo é a morada da desigualdade e das condições brutais e objetivas de vida a que estão submetidos os trabalhadores. É pois, um corpo emissário de memória corporal, e de uma expectativa de vida muito curta; ele é, portanto, um emblema da história das crianças, jovens, adultos e velhos, um portador da história da família da região da agroindústria pernambucana do açúcar, enfim, dos trabalhadores rurais nordestinos.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Encontro com a família de crianças que participaram do
Encontro da CONTAG (Evento-Campo 04),
durante uma visita ocasional nos engenhos
(Evento-Campo 05)

O que se pode concluir, provisoriamente, a partir das representações sobre o corpo produtivo e o corpo brincante , é que, sem sombra de dúvidas, as vozes das crianças não indicam apenas uma realidade factual e atual do *corpo oprimido* (Moffat, l983) e ao mesmo tempo lúdico e subversivo da ordem política e econômica vigentes. Trata-se, pois, de um libelo, uma denúncia tantas vezes repetidas e expressas na história do corpo do *homem Gabiru*[48] urbano e no *Cassaco* de *Engenho*[49] da zona rural canavieira. O *homem Gabiru*, é um insólito agrupamento humano, cujos componentes medem de l35 a l50 centímetros de altura que poderiam ser chamados de *pigmeus brasileiros*, não fosse uma substancial diferença em relação aos africanos: a sua baixa

[48] Segundo Portella et alii, op. cit.: 7-l0), o termo homem Gabiru é uma simbologia para representar o homem comido pela fome, pela exploração tanto no campo quanto nas cidades. É uma simbologia aqueles corpos famintos de alimento, moradia, saúde, previdência social etc. Na catalogação zoológica , Gabiru é o raro de esgoto, conhecido nas cidades. Tem uma capacidade incrível de proliferação. Foge rápido. Mas também ataca quando está com fome, até mesmo roendo pessoas. Levanta medo, nojo e um forte desejo de exterminá-los. Estes conteúdos são tão fortes que, não é à toa que, volta e meia os ratos são personagens de filmes de terror

[49] De acordo com a informações que tive, como já foi anteriormente citado (Dicionário do Açúcar, o Cassaco de Engenho é o trabalhador assalariado da cana, porém, segundo conversas que tive com alguns sindicalistas, também é uma espécie de rato que habita as plantações de cana, uma espécie de Homem Gabiru rural.

estatura não deriva da genética, mas da fome, que os acompanha por muitas gerações (Garrafa, l996: l9).

A presença desses seres humanos em toda região Nordeste e, especificamente, na Zona da Mata Pernambucana, contrasta, contraditoriamente com as previsões que indicam que no Novo Milênio, nos países desenvolvidos, o homem será mais alto, mais gordo e mais veloz que os homens deste século. Nos países desenvolvidos, portanto, a expectativa de vida passou dos 45 anos em l900 para 75 no ano 2000. As previsões supõem que ela continue a crescer, aproximando-se do que alguns pensam ser o limite biológico da espécie: l20 anos[50]. Neste sentido, ao pensar o corpo faminto e desnutrido dos trabalhadores nordestinos, pobres e explorados, deparamo-nos com os anúncios de que os avanços nas condições de saúde do século XX beneficiaram, em especial, os países ricos e as classes médias das nações pobres, elevando assim, a altura média da população. Nesta perspectiva, as crianças desses países cresceram l,5 cm a cada século, ao passo que os adultos tiveram um aumento de l cm (Ibidem).[51]

Foto: Maurício Roberto da Silva
Crianças participantes do II Encontro para avaliar o Programa Mão Amiga
(Evento-Campo 09)

Enquanto isso, em meio a esse quadro que aponta o crescimento corporal no terceiro mundo, os estudos do Dr. Meraldo Zisman, médico e professor da Universidade Estadual de

[50] Cf. Folha de São Paulo, Caderno Especial *Quais são os limites do corpo ?*, l4/03/l999.
[51] Ainda segundo este periódico, o aumento da estatura é uma tendência secular, resultante da melhoria na alimentação: os holandeses cresceram l7 centímetros em l25 anos; os franceses, 8,5 centímetros em l6l anos.

Pernambuco, através do seu livro *Nordeste Pigmeu* (l987) , apontam para a possibilidade de uma mudança de estatura das gerações passadas para as atuais. Sua pesquisa levanta a hipótese de que, apesar da miséria nesta região, há indícios comprovando que há mudança de altura média de l, 35 cm. para l,60 cm. Esta constatação indica que existe o *nanismo nutricional* (Chaves, 1979) e que o mesmo não é uma doença ou anomalia genética, mas sim, apesar dos casos isolados, que a fome endêmica é uma fatalidade biológica, social , imposta pelas políticas públicas nesta região.[52]

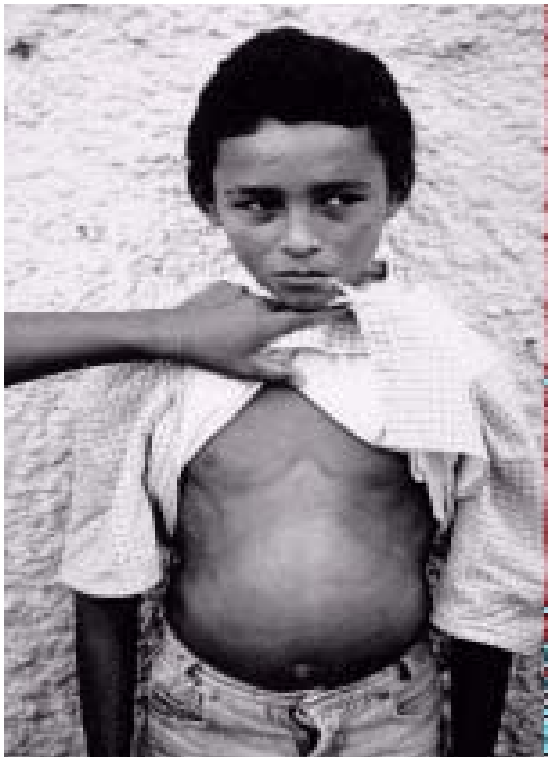


Foto: Maurício Roberto da Silva
Criança participante da II Avaliação do Programa Mão Amiga
(Evento-Campo 09)

(...) o cassaco de engenho
quando é criança:
Não puxa ao caniço,
Puxa também à cana.
Mas à cana de soca,
Repetida e sem força:
A cana fim de raça,
De quarta ou quinta folha...

(Melo Neto, l994: 7l).

[52] Cf. Revista Veja, 23/09/l998.

Os discursos sobre a relação corpo e envelhecimento precoce na infância, pela via do trabalho penoso, pesado e insalubre, não são contraditórios entre si. Pelo contrário, um depoimento reafirma o outro, a imagem de um corpo infantil traz ainda à flor da pele os mesmos signos dos adultos e velhos canavieiros, e estes últimos trazem no corpo, de um lado, um passado teimoso sempre insistindo em não passar, sempre se repetindo e refletindo no corpo das novas gerações os mesmos signos de opressão do passado, e de outro lado, a força da resistência e das lutas simbólicas e reais de corpos-sujeitos que são veículos para exprimir, através da riqueza expressiva, os afetos, os desejos, a luta pela vida, o fim da propriedade fundiária privada e da submissão. Assim, esses corpos inconformados, ativos e irrequietos com a imagem corporal alienada amalgamada na tela histórica, política e econômica da região, do país e do mundo, são o indício de uma história de corpo revolucionário e transgressor. É, portanto, nesses corpos onde ocorre a fusão do biológico, do político e do social, poderá surgir o desejo e a capacidade de dinamizar e multiplicar a energia civil para as mudanças em prol de terra, liberdade e justiça. É, pois, nesses corpos, nos quais se desenvolvem a força da utopia adormecida, a resistência compreendida em todas as suas dimensões (política, cultural, física, ética, social etc.), em suma, apoiado nas metáforas de Galeano (l999), que se desenvolvem também os *músculos secretos da sociedade civil* (Galeano, l999)[53].

Em síntese, o mundo do trabalho na cana-de-açúcar se caracteriza, basicamente, por ser dotado de uma vida sem sentido, uma vez que se caracteriza enquanto *trabalho assalariado, fetichizado e estranhado*. Considerando tal dimensão do trabalho, levanto a hipótese de que uma vida sem sentido no trabalho, portanto alienada, também é sem sentido fora dele, quer dizer no

tempo livre, porque, em alguma medida a esfera do trabalho estará *maculada* pela desefetivação que dá no âmbito da vida laborativa (Antunes, l999: l75). As crianças, contudo, contrariando o mundo da alienação, apresentam, como vimos, tanto os signos e tatuagens do corpo alienado do trabalho produtivo quanto os emblemas lúdicos do corpo brincante, do corpo da festa que, todavia, não se manifesta num tempo efetivamente livre, mas num tempo oriundo do reino da necessidade.

[53] C. Folha de São Paulo, 3l/l0/l999, p.l-20 – Mundo.

Foto: Maurício Roberto da Silva
Poses lúdicas das crianças e adultos diante da máquina fotográfica
num engenho das proximidades da cidade de Palmares
(Evento-Campo 09)

Finalmente, o contato afetivo e a relação social de alteridade com as crianças, portanto, com seus corpos brincantes, produtivos, fantasiosos, tristes e alegres, após essa intensa experiência ludo-corporal a partir de seus jogos e brincadeiras, levaram-me a compor os seguintes versos:

(...) Abracei crianças:
que de tão adulteradas em sua infâncias
tinham vergonha e ao mesmo tempo
encantamento de brincar
que de tanto mistério e faz-de-conta
O corpo virou caldo, melaço, bagaço e fuligem de cana
Nas mãos insalubres dos empresários do açúcar
Abracei crianças:
Que de tantas nesgas na dignidade, manchas na
Cidadania e rugas no olhar
Abriram fendas no meu coração

Fica, portanto, a seguinte pergunta no ar: é possível a classe trabalhadora ter mesmo tempo livre, utilizando a expressão de Kurz (l993), no *sistema mundial produtor de mercadorias* ? *Como experimentar a plenitude da liberdade e liberar o corpo quando este vive em permanente tensão, fome e privação ? Até que ponto poderá resistir um corpo assim oprimido ? Até quando ?*

Mas, finalmente no mundo de doces-jogos e de vidas amargas, onde está o lazer/lúdico? O gato comeu???

Após um longo período de intenso engajamento neste processo de investigação, percebo que o que resultou deste tempo foram as relações sociais de alteridade. Estas relações foram travadas num tempo fortemente marcado por significativas sociabilidades, confabulações, pactos e afetos. Além disso, foi um caminho percorrido nas trilhas do projeto histórico e social dos sujeitos. Todo esse processo, redimensionou minha vida, enquanto professor, pesquisador e cidadão, através das intensas mudanças científicas, existenciais, culturais, afetivas, subjetivas, cognitivas, culturais e políticas. O tempo da pesquisa foi sem sombra de dúvidas um tempo de aventuras, conflitos, riscos, solidões, vitórias e derrotas, idas e vindas , avanços e recuos, sorrisos e lágrimas, dores e prazeres. Passados quatro anos de intenso movimento acadêmico, sinto a doce e firme sensação da aquisição de aprendizagens de diversas naturezas, adquiridas junto às crianças, adultos e velhos. Sinto-me intensamente tocado pelas experiências e lições de vida desses sujeitos, no dizer de Pais (l999: 9-27), *socialmente desenquadrados e incluídos pelas margens*. Sinto-me sensibilizado também pelas suas obstinadas lutas pela sobrevivência e pelo imenso potencial de rebeldia, sonho, desejo e dignidade, pois, nos meandros de suas vidas cotidianas, o capitalismo deixou o seguinte suspiro em seus corpos: *quando se descansa se carrega pedra* (Evento-Campo 07). Talvez tenha sido este o maior *achado,* a maior novidade desta pesquisa.

Um outro sinal de resultado que se apresenta de forma velada e manifesta é o despertar para um compromisso ético da pesquisa, no que se refere à continuidade das intervenções e desenvolvimento de projetos sociais na região da Zona da Mata canavieira. Nestes termos, vislumbram-se possibilidades de parceria junto à CONTAG, FETAPE e Save the Children, com vistas a dar seguimento às reflexões críticas acerca das questões relacionadas, em especial, à escolarização e à construção da cultura lúdica nesta região.

No ponto de vista de resultados advindos das intervenções nos dez Eventos-Campos, é preciso levar em conta as considerações parciais e provisórias de cada intervenção em campo, articuladas com as questões de pesquisas emergidas no contexto do fazer investigativo cotidiano.

Em vista disso, considero essencial retomar as reflexões fundantes desta pesquisa, cujas questões ou hipóteses podem ser expressas da seguinte forma: *é possível erradicar o trabalho infantil no âmbito do capitalismo? o capitalismo com toda a sua carga destrutiva do trabalho alienado, conseguiu suprimir total ou parcialmente o tempo de lazer/lúdico das crianças canavieira? quais os efeitos, conseqüências e repercussões das destruições do capitalismo no setor sulcro-alcooleiro da Zona da Mata pernambucana? é possível brincar e ter tempo efetivamente livre para a vivência das atividades lúdicas em meio a uma realidade marcada pela privação e precarização? até que ponto o trabalho infantil, de fato, solapa a infância, na medida em que suprime ou torna precário, qualitativa e quantitativamente, o tempo de lazer/lúdico para o desenvolvimento da cultura lúdica na infância canavieira? que tipo de ser humano é forjado pelo capitalismo numa realidade amalgamada pela fome, miséria e privação, mas também pela luta em prol da subversão da ordem vigente? que conceitos de corpo emergem do trabalho e da cultura lúdica resultantes da vida cotidiana? é possível a classe trabalhadora ter tempo livre no sistema mundial produtor de mercadorias? como experimentar a plenitude da liberdade e liberar o corpo quando este vive em permanente tensão, fome e privação? até que ponto poderá resistir um corpo assim oprimido ? Finalmente, o lazer/lúdico o gato comeu?*

Grosso modo as respostas foram provisoriamente respondidas pelos sujeitos na prática concreta da pesquisa, por mim e pelos diversos autores e pesquisadores. São questões que inegavelmente foram respondidas à luz do real e indicam os dilemas, impasses e constrangimentos por que passam as crianças e suas famílias vilipendiadas pela ação destrutiva do capital. Outrossim, algumas questões carecem , de maneira mais amiúde , de ser respondidas em outras investigações; outras podem ser refutadas e devem seguir o curso da dúvida, da incerteza e da busca permanente das causas, conseqüências e raízes históricas dessas problemáticas sociais . No entanto, boa parte dessas questões colocadas estão carregadas de respostas concretas que as próprias denúncias e *sonhos-desejados* dos sujeitos nos apontam., enquanto chave para a interpretação e análise da realidade dominada pela propriedade fundiária na cana-de-açúcar. São questões que já vêm sendo problematizadas, denunciadas, alertadas e rechaçadas pelos pesquisadores e movimentos sociais, mas que seguem o curso da história, repetindo-se, complexificando-se, agravando-se.

Durante todo o processo de construção da pesquisa ficaram nítidas as conseqüências da crise do capitalismo, nas quais estão nitidamente marcados os efeitos da acumulação flexível

neoliberal e suas repercussões e mutações sob o mundo do trabalho da cana-de-açúcar. Estas mudanças, como evidenciei no Capítulo II, são engendradas pelos gestores do capitalismo internacional (FMI e Banco Mundial), através dos Planos de Ajuste Estrutural. Portanto, pode-se dizer que as repercussões da Globalização da Economia, no que diz respeito à crise e seus impactos da reestruturação produtiva na região da Zona da Mata açucareira pernambucana, vêm produzindo de forma avassaladora a destruição da força humana de trabalho, do meio ambiente, da família, da infância, da juventude e da velhice.

Outro tema digno de debate crítico é a questão do PETI/Mão Amiga (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), cujos pressupostos ideológicos são postos em prática, através do assistencialismo e do clientelismo. Estas políticas ou programas institucionais, de natureza pasteurizadora e reprodutora da pobreza secular, terminam provocando uma forma de inclusão temporária, precária e marginal do ser social criança e de toda a sua família.

Os dados revelam a existência de *doces jogos em meio a vidas amargas*, vidas essas, em cujos corpos sociais estão impressas as tatuagens históricas da barbárie da exploração capitalista. Em contrapartida, trouxeram à tona alguns elementos para a compreensão, crítica e análise do mundo do lazer/lúdico das crianças e adultos exploradas pelo capital. Nesta perspectiva, quanto ao chamado tempo livre , ficou evidenciada na pesquisa de campo, a incompatibilidade do usufruto de um tempo efetivamente livre na perspectiva da lógica de produção de mercadorias do capitalismo, do trabalho coisificado, explorador. Ficou claro, por conseguinte que numa realidade marcada pela exploração e pela privação, a alienação tem sua morada tanto no trabalho quanto no tempo de lazer. Portanto, na minha opinião, respaldado pelo que dissera Antunes (l999) no Capítulo III, só é possível uma vida dotada de sentido *fora* do trabalho se *dentro* deste (trabalho) também existir uma vida dotada de sentido.

Mesmo considerando a incompatibilidade entre tempo livre e capitalismo, foi possível perceber que, apesar da miséria em que vivem , os sujeitos possuem rebeldia, humor, fazem festa, brincam de roda, inventam histórias, causos e jogos, protestam, reagem, participam dos movimentos sociais e lutam pela desalienação do ser humano, lutam, finalmente, pela conquista do ainda não alcançado: *tempo livre*!

Esta pesquisa traz também em seu contexto as reflexões acerca das relações Corpo, Sociedade e Classes Sociais, especificamente sobre os corpos das crianças, adultos e velhos

trabalhadores da cana-de-açúcar, envelhecidos precocemente e que na vida cotidiana se convertem em produtores de riqueza e mais-valia para outrem, em valor de troca. Entretanto, tendo em vista os dois eixos teórico-metodológicos pobreza e riqueza da vida cotidiana, pude captar do movimento do real o *corpo produtivo* e o *corpo brincante*. Assim, por um lado, veio para roda de discussão o *trabalho produtivo* que gera *corpos produtivos*, cujas forças de trabalho (físicas e intelectuais) são apropriadas pelo capital, tendo em vista a sua perpetuação. Por outro lado, destaca-se no mesmo corpo social o *corpo brincante* ou da *festa*, quer dizer, aquele que apesar da degradação a que é submetido, também se impõe enquanto corpo-sujeito produtor de sentimento, beleza, criatividade, prazer, fantasia, mistério, *sonhos-desejados* e resistências. Trata-se, enfim, de um corpo produtor de outros elementos subjetivos, éticos, políticos estéticos, forjados, principalmente, nos resíduos de tempo fora dos esquemas do trabalho alienado

No ponto de vista dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, emergiram as diversas categorias de participantes, a saber: a) *crianças* e b) *adultos*. Em relação às crianças foram consideradas as categorias específicas ligadas à região da Zona da Mata açucareira pernambucana e as categoriais mais gerais de crianças pertencentes aos diversos mundos do trabalho: sisal, pedreiras, carvoarias e outros. Deste modo, dessas categorias de crianças, destacaram-se as seguintes: as que deixaram de trabalhar e só estudam; as que estudam e ocasionalmente (clandestinamente) trabalham e ainda ajudam nas tarefas domésticas (cuidar do roçado, tanger gado, buscar lenha e água, cuidar dos irmãos e da casa) ; as que já trabalharam e agora estudam em dois turnos (Mão Amiga) e ajudam nas tarefas domésticas; as que só trabalham ocasionalmente e ajudam nas tarefas domésticas; as militantes que trabalham ou que temporariamente deixaram de trabalhar e participam da maioria dos eventos organizados pelos movimentos sociais, como por exemplo: José Carlos, Amaro e outros. Quanto aos adultos, participaram da pesquisa: sindicalistas, educadores, pesquisadores e pais das crianças canavieiras.

Respondendo, especificamente, à questão: *o lazer/lúdico, o gato comeu*?, percebi que o tempo residual das jornadas de trabalho e destinado à vivência dos jogos e brincadeiras pode ser compreendido em três dimensões: supressão, vivência plena e parcial . Neste âmbito, os diversos Eventos-campos trouxeram à tona, através dos diversos instrumentos utilizados (entrevistas, observações, fotografias, desenhos e documentos), os seguintes resultados: *crianças que não brincam, crianças que brincam pouco, crianças que brincam plenamente.* Contudo, predomina a tendência das crianças terem pouco tempo para o lúdico, em função das extensas jornadas de

trabalho na cana, da escola e das tarefas domésticas (tanger gado, buscar água, e outras). Isto posto, observei que, apesar de algumas crianças terem mencionado que não brincam, que o brincar é tão inerente a elas: de fato, muitas vezes elas brincam no sonho, no imaginário, no sonho-desejado. Talvez por isso, as crianças que pouco brincam ou absolutamente não brincam, nunca abandonam aquilo que Galeano (2000) chamou de *direito ao delírio*[1], isto é, do direito ao sonho.

Ficou evidenciado que os jogos e brinquedos das crianças são construídos no terreno da adversidade e da penúria, na sucata e migalhas de tempo conquistadas a duras penas. O lúdico nestes meandros é tecido na *boca-da-noite*, na *boca-de-forno*, na natureza quase morta, no tempo morto, mas ainda assim, da maneira mais criativa e rebelde possível. Os jogos das crianças se constituem em brincadeiras tradicionais, tais como: subir em árvores; caçar passarinhos; jogar futebol; brincar de roda, atirar flechas de folha de cana; imitar os animais domésticos: galo, jegue, boi, vaca. Brincando desse jeito, elas mitigam o sofrimento; pulam a corda bamba do destino; pulam *academia* (amarelinha); dão nó em pingo d'água; viram cambalhotas no ar, tentando talvez um dia alcançar a outra *academia*, a escola; driblam, em suma, com o lúdico da bola de seus mundos o jogo perverso do capital, que as fazem exilar-se, ainda que sob protestos veementes, das suas próprias infâncias.

Durante toda a pesquisa observei a seriedade com que as crianças tecem as teias do brincar, através da permanente disposição para o ócio contemplativo, *produtivo* e *útil* para a manifestação da liberdade, e dos desejos. Portanto, a idéia do ócio é entendida como uma tempo de produção cultural que não tem preço e não dá lucro, porque opera no cotidiano de seres sociais e não de mercadorias, por conseguinte, construindo afetos, comunicação, fantasias, mistérios e interação social. As crianças, independentemente do mundo do trabalho a que fazem parte (cana, sisal, carvão, hortaliças, laranja e outros), possuem o mesmo desejo, isto é, não querem um tempo não-residual do trabalho estranhado, mas um tempo articulado entre a escolarização e o lúdico. Em suma, as crianças demonstram que o jogo é a centralidade de suas vidas, pois, estão sempre em prontidão para qualquer tipo de brincadeira, para qualquer tipo de confabulação lúdica, estão

[1] Cf. Eduardo Galeano, Revista Caros Amigos, Ano III – número 34 – janeiro, 2000.

sempre preparadas para inventar e reinventar a roda do mundo, a vida cotidiana; estão sempre a dar um belo exemplo de cidadania para os adultos, através de suas transgressões e resistências ao poder constituído.

Após toda a experiência acumulada na pesquisa de campo e o diálogo com os autores referenciados nesta pesquisa, conclui que não é possível a erradicação do trabalho infantil no capitalismo. Não é possível extirpar o trabalho infantil , isto é, *arrancá-lo pela raiz* e pôr fim ao furto do tempo de lazer/ lúdico e à degradação da infância, sem que haja, como já se anuncia, uma verdadeira onda de rebeldia e inconformismo dos trabalhadores a nível nacional e mundial.

No meu entender são falsas e impossíveis as promessas neoliberais, pelo fim da exploração do trabalho infantil, uma vez que a exploração é necessária e inerente à própria perpetuação do modo de produção capitalista. Dito isto, sustento a opinião de que, enquanto o ser social estiver imerso no reino da necessidade e sob a regência da exploração generalizada e da potência estranha que o domina, não é possível radicalmente falar-se em emancipação da condição humana, da infância, da cidadania.

Embora tenha constatado que as crianças brincam em condições adversas de tempo e espaço ou simplesmente através do imaginário onírico e de seus sonhos desejados penso que, o que está em jogo não é o jogar em si, a resistência em si. O que realmente está em jogo no meu entendimento é o fato delas brincarem numa realidade destruída pela racionalidade capitalista e, mesmo assim, se imporem enquanto seres sociais, resistindo ludicamente, apresentando, enfim, um outro projeto de sociedade. Isto significa dizer que o tempo exíguo para o lúdico também carrega consigo as marcas históricas da pobreza, da privação, do trabalho estranhado, do cerceamento ,da justiça, da má distribuição da renda e da terra.

Não foi por acaso que cheguei a essas reflexões provisórias, mas sim pela compreensão de que, enquanto pesquisador e cidadão, o *outro* também sou eu e as reivindicações e *sonhos-desejados* dos sujeitos pela desalienação do tempo de trabalho e do lazer também coincidem com as minhas. Nesta linha de raciocínio, todas essas conquistas só serão possíveis de ser realizadas à luz de políticas sociais estruturadoras: reforma agrária, crédito agrícola, educação pública gratuita e de qualidade, saúde e previdência social. Portanto, cheguei a essas conclusões, considerando a história do sofrimento cunhada nos corpos de trabalhadores vilipendiados pelo capital e através dos reclamos das suas vozes eivadas de indignação:

> *(...) Rapaz a gente colocou um nome na cana-de-açúcar, que ela tem um gosto de sangue, então, o nome dessa sua tese não exagerado não, pois, a vida é amarga mesmo. O açúcar é doce, mas pra fazer dá uma suadeira triste. O lazer o gato comeu! O emprego o gato comeu! O salário o gato comeu!* (Palavras do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso, Evento-Campo 03).

As palavras enunciadas sugerem algumas reivindicações feitas pela própria CONTAG e encaminhadas nas cartas ao Presidente da República, ao Presidente da Câmara dos Deputados e ao Presidente do Supremo Tribunal Federal (Evento-Campo 04): realização da reforma agrária para todas as famílias de trabalhadores rurais que não têm terra; que as famílias que tenham um pedaço de terra, recebam empréstimos dos bancos, sem a exorbitância dos juros; garantia de que todos os falsos empregadores que exploram o trabalho da criança e não protegem o trabalho do adolescente fiquem proibidos de fazerem empréstimos bancários e de receberam qualquer outro benefício do governo; manutenção da fiscalização permanente e rigorosa sobre as empresas que exploram a mão-de-obra infantil; fortalecimento das políticas educacionais de maneira que as crianças e os adolescentes rurais possam ter escola e formação de qualidade; implementação de um programa de reintegração social produtiva a partir de uma discussão com o movimento sindical. Por fim, essas reivindicações podem ser melhor traduzidas através dos sonhos-desejados de José Carlos, l4 anos, por ocasião da entrevista concedida à Radio Educativa do México (Evento-Campo 02):

> *(...) Eu acho que as crianças brasileiras não deveriam trabalhar sem ter tempo para brincar, estudar e para o o lazer.(...) Eu queria que no Brasil os pais tivessem um salário maior e se isso acontecesse as crianças não teriam que trabalhar.*

Esse depoimento revela que - apesar de todo o esforço para não perder a dignidade, a resistência, a criação e recriação da vida e da realidade, através de suas riquezas lúdicas - as crianças são carentes de infância, os jovens de juventude, os adultos de trabalho emancipatório e os velhos de esperança e respeito. Em razão de tudo disso, não me resta outra alternativa, senão, ancorado/inspirado no porto seguro da fusão das palavras de Eduardo Galeano e Milton Santos, citadas nos Capítulo III e IV, admitir que, de fato, é nos músculos secretos da sociedade civil onde pulsa a força da resistência enquanto única possibilidade de enfrentar o futuro. Em suma, *(...) Caminhos não há, mas os pés na grama os inventarão* (Ferreira Gullar*).*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, Alvori. *Exclusão " versus" Qualidade Ética da Educação*. In: BONETI, Lindomar (Coord.) Educação, exclusão e cidadania. Ijuí: Ed. Ijuí, l997.

ALESSI, Neiry Primo e NAVARRO, Vera Lucia. *O Trabalho de Crianças e Adolescentes na Cultura Canavieira e os Impactos sobre sua Saúde*. Brasília, DF, l997, mimeo.

ALESSI, Neiry Primo(Org.) *Saúde e Trabalho no Sistema Único de Saúde*. São Paulo, HUCITEC, l994.

ALVES, Rubem. *O corpo e as palavras*.In: BRUHNS, Heloisa T. ***Conversando Sobre o corpo***. Campinas: Papirus, l986.

ALVIM, Rosilene e AGUIAR, Ana Isabel, *Ganharás o Pão com o Suor do Teu Rosto*. 15ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Caxambu, MG: 13 a 17/09/1995.

AMAS-ASSOCIAÇÃO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. *Trabalho por quê ?* Belo Horizonte: Segrac, l996.

ANDRADE, Carlos Drumond. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, l998.

ANDRADE, Manuel C. *A Terra e o Homem do Nordeste. Recife: Ed.Universitária/ UFPE, 6ª. ed. 1998.*

ANTUNES, Ricardo (Org.) .*Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos*.São Paulo, Boitempo Editorial, l977.

_____. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do Trabalho.* São Paulo: Boitempo, l999.

_____. *Adeus ao Trabalho*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1995.

ANTUNIASSI, Maria Helena R. *Trabalhador Infantil e Escolarização no Meio Rural.* Rio de Janeiro: Zahar , l983.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, Vania C. *Criança: do Reino de Necessidade ao Reino da Liberdade*. Vitória: EDUFES, 1996.

ARENAL, Sandra. *No Hay tiempo para Jugar*. México, DF: Nuestro Tiempo, 1991.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, l993.

ARGÜELLO, Katie S. C. *Dilemas do Welfare State e ordem periférica.* Revista Álter Ágora, Curso de direito da UFSC, Ano l, no. 2, nov./l994.

ÁRIES, PHILIPPE. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AZNAR, Guy. *Trabalhar Menos Para Trabalhar Todos.* São Paulo: Ed. Página Aberta, l995.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC/Ed. UNB,l987.

BARBALHO, Nelson. *Dicionário do Açúcar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, l984.

BARREIRO, Iraíde de F. *Cultura Camponesa e Educação Rural Capitalista no Programa da Campanha nacional de Educação Rural* (l950- l963). In: Revista Proposições, Vol. 5, No. 2 [l4], Julho/l994.

BARRETO, Leda . *Julião – Nordeste – Revolução.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

BARTHES, Roland. *Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, l984.

BASTIDE, Roger. *A propósito da poesia como método sociológico.* In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira (Org.). Roger Bastide: Sociologia. São Paulo: Ática, Coleção Cientistas Sociais (37), l983, p.81-87.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC, l997.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice.*Rio de janeiro: Nova Fronteira, l990.

BECCHI, Egle. *Retórica de Infância*. In: PIACENTINI, Telma Anita), Florianópolis: CED/UFSC, nº 2, 1994.

BETTO, Frei. *As Veredas Perdidas da Pós-Modernidade*. Revista Caros Amigos, maio/1997.

BOAL, augusto. *200 Jogos e exercícios para o Ator e o não ator com vontade de dizer algo através do Teatro.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

BOGDAN, Doliert e BIKLEN, Sani: *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos.* Porto: Porto ed, 1994.

BOLTANSKI, Luc. *As classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, l989.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras, l994.

_____. *Simone Weil*.São Paulo : Brasiliense, l993.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro : Zahar, l997.

BOURDIEU, Pierre. *A Máquina Infernal*. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno MAIS, l2/07/l997, p.5-7.

_____. *Coisas Ditas.* São Paulo: Brasiliense, l990.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos*. Rio de Janeiro : Zahar,l998.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Jogo e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, l998.

BRUHNS, Heloisa T. *Conversando sobre o corpo* .São Paulo: Papirus, l989.

BRUYNE, Paul de (Org.). *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro : Ed. Francisco Alves, l99l.

CAMBI, Franco e Ulivieri, Simonetta. *Storia dell'infanzia nell'Italia Liberalle*. Itália : Lá Nuova Italia, l988.

CANESQUI, Ana Maria. (Org.). *Ciências Sociais e Saúde*. São Paulo: HUICITEC/Abrasco, l997.

CARRANO, Paulo Cezar. *Se der tempo agente brinca: O Lúdico da Criança que Trabalha e Estuda*. In: ***Revista Contexto e Educação***. Ijuí: Unijuí, 1993

CASCUDO, Luis Camara. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo: USP, 1998. Rev. textos 3 – 2º. série – 1992.

_____. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, l987.

CASTAÑEDA , Carlos. *Viagem a Ixtlan*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

CASTRO, Josué. *Ensaios de Biologia Social.* São Paulo: CNTE/CUT, 1998.

CATTANI, Antonio David (Org.). *Trabalho e Tecnologia Dicionário Crítico. Petrópolis:* Vozes, 1997.

CASTEL, Robert et alii. *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo: Educ/PUC, l997.

_____. *Da Indigência À Exclusão, a Desfiliação: Precariedade do Trabalho e vulnerabilidade Relacional*. In: DONZELOT, Jacques.(Org.). *Face a L'exclusion: le modèle Francais,* p. 137-168*,* 199l.

CELY, Rosa Elena. *O Brincar na construção das relações sociais. In;* ***IPA- International Association for the right Child's to play****. São Paulo: Promove, l998.*

CENTRO JOSUÉ DE CASTRO: ESTUDOS E PESQUISAS (org.). *Os Trabalhadores Invisíveis: Crianças e Adolescentes dos Canaviais de Pernambuco*. Reina, Lúcia et alii. Recife, mimeo, 1993.

CHATEAU, Jean. *O Jogo e a Criança*. São Paulo: Sumos, 1987.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia.* São Paulo: Ática, 1995.

_____. *A Universidade Operacional*. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 09/05/l999, p. 5-3.

_____. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed. 1993

CHAVES, Nelson. *Alimentação e Nutrição no Nordeste*. Recife : CJC/CEAS/CENTRU/ETAPAS/FASE/SACTES, l983.

_____. Fome, Criança e Vida. Recife: Massangana ed. , l979.

CHOMSKY, Noam. *Segredos, Mentiras e Democracia*. Brasília: Ed. UNB, l997.

CHOSSUDOVSKY, Michel. *A Globalização da Pobreza : Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo : Moderna, l999.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. Rio de janeiro: Arquivos de Antropologia Política, ed. Francisco Alves, l974.

CODO. Wanderley (Org.). *Indivíduo, Trabalho e Sofrimento: Uma Abordagem Interdisciplinar*. Petrópolis:

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Globalização e Socialismo*. São Paulo : Xamã, l997.

CONTAG/OIT. *Meninos e Meninas do Campo*. Brasília: CONTAG/OIT, l998.

COUTINHO, Laura Maria. *Educação da Sensibilidade:Encontro com a Professora Maria Amélia Pereira.* Brasília: Ed. UNB, l994.

CRESPO, Jorge. *A História do Corpo*. Lisboa: Difel, l990.

D'INCAO , Maria da Conceição M. *O Bóia Fria.: Acumulação e Miséria*. Petropólis, Vozes, l975.

DA MATTA, R. *O Corpo Brasileiro*. Strozemberg, I. (org). *De Corpo e Alma*. Rio de Janeiro, Comunicação Contemporânea, 1987.

_____. *O que faz o Brasil ?* Rio de janeiro: Rocco, l984.

DA SILVA, Vagner G. *et ali . Antropologia e seus espelhos: A etnografia vista pelos observadores.* São Paulo: FELCH/USP,1994.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petropólis, RJ : Voses, l994.

DE MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem Trabalho*. São Paulo: Esfera, l999.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, l999.

DEJOURS, Christophe. *Psicodinâmica do Trabalho.* São Paulo: Atlas,1994.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Crianças no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1992

_____. (Org.) *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, l999.

DEMARTINI, Zeila de B. F. et alii. *Educação e Trabalho: um estudo sobre os produtores e Trabalhadores na Agricultura Paulista*. São Paulo:INEP/CERU, l980.

DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Resgatando Imagens, Colocando Novas Dúvidas: Reflexões Sobre o Uso de Fotos na pesquisa em História da Educação.* São Paulo: Cadernos CERU, Série 2, l977.

DEMO, Pedro. *Charme da Exclusão Social. Campinas, SP:* Autores Associados, 1998.

_____. *Ciência, Ideologia e Poder.*São Paulo: Atlas, l988.

DEUTSCHES KOMITEE ZUR VORBEREITUNG DES INTERNATIONALEN TRIBUNALS GEGEN KINDERARBEIT. *Ausweiterung der Kinderarbeit in Deutschland*. Düsseldorf: l997, mimeo.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Cidadão de papel.*São Paulo: Ed. Ática, l993.

DOURADO, Ana (Org.). *Trabalhadores Invisíveis – Crianças e Adolescentes nos Canaviais de Pernambuco.* Recife; l998, mimeo.

DOURADO, Ana. *Crianças e Adolescentes nos Canaviais de Pernambuco*. In: DEL PRIORE, Mary. ***História das Crianças no Brasil.*** São Paulo: Contexto, l999.

DUMAZEDIER, Joffre. *A Revolução Cultural do Tempo Livre* .São Paulo: Studio Nobel: SESC, l994.

_____. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

_____. *Sociologia Empírica do lazer.* São Paulo: Ed. Perspectiva, l979.

_____.*Valores e Conteúdos Culturais do lazer*. São Paulo: SESC, l980.

DUPUY, Gabriel e POURSIN, Jean-Marie. *Malthus*. São Paulo, Cultrix, l975.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo : 6ª. ed., Ed. Nacional, l97l.

ENGELS, F. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.

FERNADES, Heloisa R. *Sintoma Social Dominante e moralização Infantil*. São Paulo: EDUSP/ESCUTA, 1994.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Anhambi, l961.

_____. *Fundamentos Empíricos da explicação Sociológica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional , l967.

FERNANDES, Florestan. *A Contestação Necessária*. São Paulo : Ática, l995.

FERNANDES, Heloisa R. *Infância e Modernidade: Doença do Olhar*. Rev. Plural; Sociologia, USP. São Paulo, 3: 60-81, 1. sem. 1996.

FERREIRA, Isa et alli. *A participação das crianças: Uma Abordagem de Avaliação do Programa de Erradiação do Trabalho Infantil.* Recife: Save the childrem, 1998.

FONSECA, Vitor e MENDES, Nelson. *Escola, escola, quem és tu ?*Porto Alegre: Artes Médicas, l987.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Lazer e Consumo Cultural das Elites*. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, no. 6, Vol. 3, Vertice/ANPOCS, l988.

FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, l997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, l986.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, l979.

FRAIMAN, Ana Perwin. *Coisas da Idade*. São Paulo: Hermes ed. ,l988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.*Rio de janeiro: Paz e Terra, l992.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: Record, l989.

_____. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *Poesia Reunida.*Recife: Ed. Pirata, l980.

FRIEDMANN, Georges e NAVILLE, Pierre. Tratado de Sociologia do Trabalho, São Paulo: Cultrix. 1973. Vol.I _____. Vol.II

FROMM, Erich. *O Conceito Marxista de Homem*. Rio de Janeiro : Zahar : l983.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil. São Paulo* : Ed. Fundo de Cultura, l959.

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, l998.

_____. Seca e Poder : Entrevista. São Paulo : Ed. Perseu Abramo, l998.

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 22ª ed. 1986.

_____. *De Pernas Pro Ar*: *A escola do Mundo ao Avesso*. Porto Alegre : L&PM, l999.

_____. *El Libro De Los Abrazos*. Satiago, Chile: Pehuén, l989.

_____. *O Direito ao Delírio.*Revista Caros Amigos, ano III – número 34 – 2000.

GEBARA, Ademir. *Considerações para uma história do lazer no Brasil.*In: **BRUHNS, Heloisa. *Introdução aos Estudos do lazer.*** Campinas, SP: Ed. UNICAMP, l997.

GIDDENS, ANTHONY. *Entrevista. Revista Tempo Social,* São Paulo: USP 10(1): AL1-128, Maio de 1998.

_____. *Sociologia uma breve porém crítica introdução*. Rio de Janeiro : Zahar, l984.

GOFFMAN, Erwing. *Estigma : Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro :Guanabara, l988.

GOHN, Maria da Glória. *Os Sem-Terra, ONGs e Cidadania*. São Paulo: Cortez, l997.

GOIS , Ancelmo. *O filhão do Gabiru*. Revista Veja, 223/09/l998.

GOLDENSTEIN, Gisela T. *Lazer Operário e Consumo Cultural Na São Paulo dos Anos OITENTA.*São Paulo: Revista de Administração de Empresas, juljo/set., l99l.

GORZ, André. *Adeus ao Proletariado: Para alem do Socialismo*.Rio de Janeiro: Forense-Universitária, l987.

GRACIANI, Maria Stela S. *Pedagogia Social de Rua*. São Paulo: Cortez, l997.

GRUNFELD, Frederic V. *Spiele der Welt*. Frankfurt : Wolfgang Verlag GmbH, l975.

GUATTARI, Félix. *As três Ecologias*. Campinas/SP : Papirus, l99l.

GUÉRY, François e DELEULE, Didier. *Le Corps Productif*. France : Reères-Mame, l972.

GUSMÃO, Neusa M. Mendes. *Terra de Pretos, Terra de Mulheres :Terra , mulher e raça num bairro rural negro.* Brasília: MINC/FUNDAÇÃO Cultural Palmares, 1996.

_____. *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais*. Campinas: UNICAMP, l997 (mimeo).

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna.* São Paulo: Loyola 1º.ed. 1998.

HELLER, Ágnes. *Sociologia de la Vida Cotidiana*. Barcelona : Ediciones Peninsula, l994

HERZER, Sandra. *A Queda para o Alto*. Petrópolis: Vozes, 1982.

HINE, Lewis. *Die Kamera als Zeuge: Fotografien l905- l937*. Zürich, Schwiz: Edition Stemmle AG, l996.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos*. São Paulo: Cia.das Letras, l995.

_____. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, l987.

HORTÉLIO, Lydia. *História de uma Manhã*. Salvador: Massao Ohino Editor, l982.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 2ª, São Paulo: Perspectiva, 1980.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro : Cilização Brasileira, l996.

ITURRA, Raul e REIS, Felipe. *A Aprendizagem para além da escola: O jogo infantil numa aldeia portuguesa*. Lisboa: ISCTE, l990.

ITURRA, Raul. *Fugirás à Escola para Trabalhar à Terra*. Lisboa: ESCHER, l990.

ITURRA, Raul e REIS, Felipe. *A Aprendizagem Para Além da escola: O Jogo Infantil Numa Aldeia Portuguesa* Lisboa: Associação de Jogos Tradicionais da Guarda, s/d.

JOBIM E SOUZA, S. *Infância e Linguagem*. São Paulo: Papirus, 1996.

KISCHIMOTO, T. M. *Jogos Tradicionais Infantis*. Petrópolis, Rj: Vozes, 1993.

KOFFES, Sueli. *E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala ? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala*. **In: BRUHNS, Heloisa (org.)** ***Conversando sobre o Corpo***. Campinas, SP: Papirus, 1989.

KORCZAK, Janusz e DALLARI, Dalmo. *O Direito da Criança ao Respeito*. São Paulo; Sumus Editorial, l986.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*.Rio de Janeiro : Paz e Terra, l976.

KURZ, Robert. *O Colapso de Modernização.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Ditadores Democráticos*. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 2l/02/l999, p. 5-8.

_____. *O Colapso da Modernização*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, l993.

LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso da Servidão Voluntária*. CHAUÍ, Marilena (Org.) São Paulo : Brasiliense , l982.

LAFARGUE, Paul. *O Direito à Preguiça*. Kairoés, 1980.

_____. *O Direito à Preguiça*. São Paulo : Kairós, l980.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e voto.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de La Vie Quotidienne*. Paris : l'Arche Editeur, l958.

_____. *Travail et Loisir dans la Vie Quotidienne*. **In:** ***Critique de la Vie Quotidienne*****.** Tradudução Giovanina Freitas Olivier, l998, mimeo.

_____. *La Pesencia y la ausencia*. México : Fondo de Cultura Económica , l983.

_____. *Lógica jornal/lógica dialética.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1975.

_____. A Vida Cotidiana no Mundo Moderno. São Paulo: Ática, 1991.

LEIF, Joseph e BRUNELLE, Lucien. *O Jogo pelo Jogo: A Atividade Lúdica na Educação de Crianças e Adolescentes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEIF, Joseph. *Por uma educação subversiva : DA Identificação à Libertação.* Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LEITE, Rogério de C. Pró-Álcool. *A única Alternativa para o Futuro.* Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

LESSA, Sergio. *Trabalho e Ser Social.*Maceió: EUFC/EDUFAL, l997.

LIMÓN, Mercedes Gema L. *El Trabajo Infantil : fruto amargo del capital*. Mexicali, Baja Califórnia, México : San Andrés, l998.

LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou livro dos prazeres.* Rio de janeiro: Ed. Francisco Alves, l993.

LÖWY, Michael. *Ideologia e Ciência Social. Elementos para uma Análise Marxista*. 7ª ed., São Paulo: Cortez, 1991.

MAHLERT, Karl-Heinz (Org.) *Karl Marx und Friedrich Engels : Ihr Leben und Ihr Zeit*. Berlin: Dietz.

MACHADO, Lucília R. de Souza. *Politecnia, Escola Unitária e Trabalho*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, l989.

MAGNANE, Georges. *Sociologia do Esporte*. São paulo: Ed. Perspectiva, l969.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo. Abril Cultural, 1978.

MANACORDA, Mario A. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

MARCELLINO, Nelson C. *Elementos para o Entendimento do Uso do Tempo na Infância, nas Suas Relações com o Lazer*. Revista Motrivivência, ano III, nº 9, Florianópolis, 1996.

MARCELLINO, Nelson C. *Perspectivas para o lazer: Mercadoria ou Sinal de Utopia.* In: **WEY, Wagner** (Org.). ***Educação Física e Esportes: Perspectivas para o Século XXI.*** Campinas, SP: Papirus, l992.

_____. *Pedagogisa da* Animação. Campinas,SP : Papirus, l990.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia : Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza*. São Paulo : Ática, l989.

MARCUS, Rachel e HARPER, Caroline. *Mãos Pequenas*. Recife: Save The Children,l998.

_____. *Mãos Pequenas: As crianças no mundo do Trabalho.* Recife: Save the children, 1996.

MARCUSE, Hebert. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogam, 1966.

_____. *Razão e Revolução*. Rio de Janeiro, Ed. Saga, l969.

MARINS, Paulo César Garcez. *Através da Rótula: sobre mediações entre casas e ruas*. S~são Paulo: CERU/USP, s/d., mimeo.

MAROY, Christian. *A análise qualitativa das entrevistas in : ALBARELLO, Lue et alii.* Práticas e Métodos de investigação em Ciências Sociais, Portugal: Gradiva,1997.

MARTINS, José de Souza (Org.) .*Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo : HUICITEC, l996.

_____. *O Massacre dos Inocentes*. In: Ibidem (Org.).***Regimar e seus amigos – A criança na luta pela terra e pela vida.*** São Paulo: Hucitec, l993.

_____. *(Des)Figurações: A vida Cotidiana no Imaginário Onírico da Metrópole*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. *Expropriação e Violência: A questão política no campo.* São Paulo: HUCITEC, 1991.

_____. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: HUCITEC, l993.

_____. *A Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus, l997.

MARTINS, José de Souza. *As Coisas no Lugar*. São Paulo: Rev. Ciência e Cultura, 30 (l): 32-46, l977.

_____. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: HUCITEC, l986.

MARX, K. ENGELS F. *Trabalho Alienado*. In: _____. ***Karl Marx e F. Engels: História*** (org.) Florestan Fernandes, São Paulo: Ática, 1978.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos e Outros textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, l978.

MAUSS, Marcel. *As Técnicas Corporais*. in: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Ed. EDUSP, l974.

MEAD, Margareth e METRAUX, Rhoda. *Perspectivas do Presente*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, l982.

MEDINA, João Paulo S. *O Brasileiro e seu Corpo* .São Paulo: Papirus, l987.

MELO NETO, João Cabral. *A Educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, l997.

_____. *O Cão sem plumas* .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, l984.

MÉSZÁROS, Istiván. *Marx: A Teoria da Alienação*. Rio de Janeiro: Zahar,l98l.

MICHALISYN, Paulo Roberto. *A Sedução do Objeto*.In: SILVA, Vagner G. ***Antropologia e seus Espelhos***. São Paulo : FFLCH, l994.

MILLS, Wright C. *A imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro : Zahar, l982.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio do Conhecimento : Pesquisa Qualitativa em Saúde*.São Paulo : HUCITEC, l996.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. *Diagnóstico Preliminar dos Focos do Trabalho da Criança e do Adolescente no Brasil.* Brasília: Ministério do Trabalho, l997.

MINISTÉRIO DO TRABALHO/SEFIT/ SSST. *Diagnóstico Preliminar dos focos do trabalho da criança e do Adolescente no Brasil.* Brasilic: Ministério do Trabalho, 1996.

MOFFATT, Alfredo. *Psicoterapia do Oprimido*. São Paulo: Cortez, l983.

MOURA, Esmeralda Blanco B. *Infância Operária e Acidente de Trabalho em São Paulo*. In: _____. *História da Criança no Brasil*. Del Priore, Mary (org.) 2ª ed., São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Mulheres e Menores no Trabalho ndustrial.* Peropólis: Vozes, l982.

NEVES, Delma Pessanha. *A Perversão do Trabalho Infantil*.Niterói: Intertexto, l999.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação, Saber, Produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez, 1990.

OAKLANDER, Violet. Descobrindo Crianças: *A abordagem Gestáltica com crianças e adolecentes.* São Paulo: Summus, 1980.

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Profissão Criança*. (filme-vídeo). Direção de Sandra Werneck. Brasília, 1994, 33 min. Cor, VHS/NTSC.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes B. *Infância e Historicidade*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Tese de Doutoramento, l989.

OLIVEIRA, Paulo S. *Metodologia das Ciências Humanas.* São Paulo: HUCITEC/ ed. UNESP, 1998.

_____. *O lúdico na vida cotidiana*. **In: BRUHNS, Heloisa (Org.). In: *Introdução Aos Estudos do Lazer***. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, l997.

OLIVEIRA, Paulo S. *Aventuras e Enigmas da Informatização dos Brinquedos*. In: Tevista Motrivivência, Ano VIII- no. 09- Dezembro/l996.

OMAR, Arthur. *Antropologia da Face Gloriosa*. São Paulo : Cosac & Naify Ed., l997.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABAHO. *Bibliografia sobre o Trabalho de crianças e Adolescentes no Brasil. São Paulo: Secretaria da Criança,* Família e Bem-Estar Social, l994.

OSTROWER, Faiga. *Criatividade e processos de criação*.Petrópolis: Vozes, l987.

PADILHA, Valquíria. *Tempo Livre e Capitalismo: um par imperfeito*. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2000.

PAIS, José Machado (Org.). *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea. Lisboa*: JNICT, l998 .

_____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, s/d.

_____. *Fontes Documentais da Vida Cotidiana*. Lisboa : s/d.

_____. *Paradigmas Sociológicos na Análise da Vida Cotidiana.* Lisboa: Rev. Análise Social, vol.XXII (90), l986- lo., 7-57.

_____. *Traços e Riscos de Vida: Uma Abordagem Qualitativa a Modos de Vida Juvenis.* Lisboa: AMBAR Ed., l999.

PARKER, Stanley. *A Sociologia do Lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PASSETTI, Edson et. alii. *Modernidade, Globalização e Exclusão*. São PAULO: Imaginário, l996.

_____. *Crianças Carentes e Políticas Públicas.* IN: DEL PRIORE, Mary. ***História das Crianças no Brasil***. São Paulo: Contexto, l999.

PEIXOTO*, Elza. Para não deixar o cérebro na máquina : O jogo dos sentidos no processo de produção do discurso do lazer. Revista Motrivivência, Ano VIII, no. 09, Florianópolis, l996.*

PEREIRA*, Irandi (org.). Trabalho do Adolescente: Mitos e Dilemas. Série Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, Caderno nº 2, IEE - Instituto de Estudos Especiais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: IEE, 1994.*

PEREIRA*, Silvio C. Papai, arranjei um trabalho: o seu !.Florianópolis: Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo,UFSC, l997.*

PERROT, Michele. *Os excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, l988.

PERROTTI, Edmir. *A Criança e a Produção Cultural*. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). ***A Produção Cultural da Criança***. Porto Alegre : Mercado Aberto, l990.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A Classe Operária no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PINSKY, Mirna. *Pensando o Brinquedo*. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, FundaçãoCarlos Chagas, Dez., l79: 3l.

PINTO, Fábio Machado*. Pequenos Trabalhadores: Sobre a Educação Física a Infância Empobrecida e o Lúdico Numa Perspectiva Histórica e Social. Florianópolis: Gráfica da UFSC, 1995.*

PINTO, Leila Mirtes S. M. *A Recriação/Lazer no Jogo da Educação Física e dos Esportes*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Vol.l2 – Números l, 2, e 3, l992/l993.

POCHMANN, Marcio. *O Trabalho sob Fogo Cruzado.* São Paulo : Contexto, l999.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Rev. Estudos Históricos, vol. 5, n. l0, l992

PONCE, Anibal. *Educação e Luta de Classes*. São Paulo : Cortez, l998.

PORTELLA, Taciana. *Homem Gabiru : Catalogação de uma espécie*. São Paulo: HUCITEC, l992.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de janeiro: Graphia, l999.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.*

REGO, José Lins. *Menino de Engenho.Rio de Janeiro : José Olympio,l99l.*

REIS FILHO, Daniel.*O Manifesto do Partido Comunista l50 Anos Depois.* Rio de janeiro: Contraponto, l998.

REVERBEL, Olga. *Oficina de teatro* .Porto Alegre: Kuarup, l993.

REVISTA ATENÇÃO. *Quem Lucra com o Trabalho Infantil. São Paulo: Dezembro/95 e Janeiro /96, Ano 1, nº 2.*

REVISTA NOVA ESCOLA. *A Infância Perdida. São Paulo: ano IX, nº 75, maio de 1994.*

REYNAUD, Alaim. *O espaço interdisciplinar.* São Paulo: Nolul, 1986.

RIBEIRO, Joaquim. *Folclore do Açucar.* Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

RIBEIRO, Pedro e MONTES, Maria Lúcia. *Maracatu de Baque solto. São Paulo : Quatro Imagens, l998.*

RIESMAN, David. *A Multidão Solitária*. São Paulo: Perspectiva, l97l.

RIFKIN, Jeremy. *O Fim dos Empregos*. São Paulo: Makron Books, l995.

RIVERA, Deodato. *A Mutação Civilizatória.* In: ***Brasil criança urgente: a lei***. São Paulo: Columbus, l990.

RIZZINI, I. e PILOTTI. *A Arte de Governar Crianças*. Rio de Janeiro: Amais, 1995

RIZZINI, Irma. *Pequenos Trabalhadores do Brasil*. In: DEL PRIORE, Mary. ***História das Crianças no Brasil.*** São Paulo: Contexto, l999.

RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo Liberado*. in : ***De Corpo e Alma***, STROZEMBERG, I. (Org) Rio de Janeiro : Comunicação Contemporânea, l986/87.

_____. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, l985.

ROURE, Glacy Q. *Vidas Silenciadas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.*

RUBIN, Isaak Illich. *A teoria marxista do valor.* São Paulo: Polis ed., l987.

SADER, Emir. *Trabalho, Desemprego e Tempo Livre*. Anais do V Congresso Mundial de lazer, SESC/São Paulo, l988.

SALGADO, Sebastião. *Terra.* São Paulo : Cia. das Letras, l997.

SALLES , Paulo S.*O Lúdico na vida Cotidiana*. In: BRUHNS, Heloisa, T. *Introdução aos Estudos do Lazer*. Campinas,SP: Ed. UNICAMP, l977.

SANTANA, Denise Bernuzzi. *Corpo e História*. São Paulo : Cadernos de Subjetividade, V. 3, no. 3, set./fev., l995.

SANTANA, Matha M. Falcão de C. e M. *Nordeste, Açúcar e Poder*. João Pessoa : UFPb, l990.

SANTIN, Silvino. *Educação Física : Uma Abordagem Filosófica da Corporeidade*.Ijuí, RS : Ed. Ijuí, l987.

_____. *Educação Física: da Opressão do Rendimento à Alegria do Lúdico*. Porto Alegre: Edições EST, 1994.

SANTOS, José Vicente Tavares. *A Construção da Viagem Inversa: Ensaio sobre a investigação nas Ciências Sociais. Porto Alegre: V3, no.3, p.55 – 88, Jan/Jul. 1991.*

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Os Tribunais nas Sociedades Contemporâneas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, no. 30, ano ll, fev. l996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma Pedagogia do Conflito*. In: SILVA, Luiz (Org.). ***Novos Mapas Culturais: Novas Perspectivas Culturais***. Porto Alegre : Ed. Sulina, l996.

SANTOS, Milton *Por uma Geografia Nova.* São Paulo: ITUCITEC, 1975.

_____. *Técnica Espaço Tempo : Globalização e meio técnico-científico informacional*.São Paulo : HUCITEC, l996.

_____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Espaço, Razão e Emoção*. São Paulo: UCITEC, 3ª Ed., 1999.

SECRETARIA DE CULTURA LA NACION (VHS). *El futuro será de Todos?Buenos Aires : CTERA CAP, OSPLAD, A.D.I, U.T.E, s/d.*

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO/SESC. *Programa do V Congresso Mundial do Lazer*. São Paulo: Sesc, l998.

SIGAUD, Lygia. *Os clandestinos e os Direitos: Estudo sobre Trabalhadores da Cana-de-açucar de Pernambuco.* São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SILVA, Maurício R. *Crianças como você : Uma emocionante celebração da infância no mundo*. Campinas: UNICAMP, Revista Proposições, vol. 8, no. l [22], l997

_____. *Democratização dos espaços urbanos para o lazer na cidade de Florianópolis*. Revista Motrivivência, Ano V, no. 5, 6, 7, Florianópolis, Dez., l994.

SIMAS, Paula.. *Açúcar Amargo: Fotografias.* Brasília: Ed. UNB., l997.

SIMÕES, Regina. *Corporeidade e Terceira Idade*. Piracicaba/São Paulo: UNIMEP, l994.

SINGER, P. et alii. *Modernidade: Globalização e Exclusão*. São Paulo: Imaginária, 1996.

SIZE, Pierre. *Dicionário da Globalização*. Florianópolis : Ed. Obra Jurídica, l977.

SNYDERS, Georges. *Alegria na Escola.* São Paulo: Ed. Manole, 1988.

SOUSA, Iracema Soares. *Incursões Históricas Sobre a relação Entre Tempo Livre/Lazer, Trabalho, Educação Física e a Condição Social da Vida dos Trabalhadores.*Florianópolis, 2000, mimeo.

SOUZA, João Francisco e FERREIRA, Rosilda Arruda. *Relatório Final do Projeto de Acompanhamento do Programa de Erradiação do Trabalho Infantil.* PAPETI. Recife: UFPE-UNICEF, 1998, Mimeo.

SUBCOMANDANTE MARCOS. *Por que combatemos ?* Folha de São Paulo,, Caderno Mais , 05/l0/l997, p. 5-4 e 5-6.

SUTTON, Alison. *Trabalho escravo; um elo na cadeia da modernização no Brasil. São Paulo:* Anti Slavery International, 1994.

TAVARES, Maria da Conceição. *Destruição Não Criadora : Memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada.* Rio de Janeiro: Record, l999.

TEIXEIRA, João Gabriel L. C. (Coord.). *A Construção da Cidadania.*Brasília: Ed. UNB, l986.

THIOLLENT, Michel. *Critica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Ed. Polis, 1982.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A Maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, l987.

TRIBUNAL INTERNACIONAL CONTRA O TRABAHO INFANTI/ SÃO PAULO-II SESSÃO. *Sentença.* São Paulo,, l999, mimeo.

TRIBUNAL NACIONAL CONTRA O TRABALHO INFANTIL (VHS). *Estratégias de Comunicação para o Movimento Social Organizado*. Brasília: PROMOV, l996.

TRIBUNAL NACIONAL CONTRA O TRABALHO INFANTIL/ MÉXICO- I SESSÃO. *Sentença*. Revista Motrivivência, nº 8, 1996.

TV CULTURA (VHS). *Opinião Nacional : Nunca fui Criança.* São Paulo: TV Cultura, l997

_____. *Marcha Global Contra o Trabalho Infantil*. São Paulo: TV Cultura, l998.

TV VIVA (VHS). *Garotos do futuro*. Olinda : Centro de Cultura Luiz Freire, s/d

UNICEF. *A Infância Brasileira nos Anos 90*.Brasília, DF : UNICEF, l998.

UNICEF. Estado Mundial de la Infância l977. Ginebra : UNICEF, l977.

VASCONCELLOS, Gilberto F. *O Cabaré das Crianças*. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, l998.

_____. *Vanguarda Pós-Moderna*. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 23/05/1999, p.5-l2.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 5ª ed., 1994.

_____. *O desenvolvimento Psicológico da Criança* .São Paulo: Martins Fontes, l998.

WANDERLEY, Maria de Nazaré B. *Capital e Propriedade Fundiária.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WEBER, Marx. *A Objetividade do conhecimento na ciência social e política.*Campinas, SP : Ed. UNICAMP, l992, Vol.l, -l04-l54.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão.* São Paulo: Paz e Terra, l996.

WHITAKER, Dulce C. A. *Menino-Menina: sexo ou gênero ? Alguns aspectos cruciais*. in: SERBINO, Raquel V. (Org.) ***A escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural***. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, l995.

_____. et alii. *Industrialismo e Trabalho Infantil: Paradoxo da Modernização (VHS). São* Paulo: Video Imagem, l998.

WHITAKER, Dulce C.A. e FIAMENGUE, Elis Cristina. *Retratos de Assentamentos*. Cadernos de Pesquisa, ANO IV- no. 06- l998.

WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Iago, 1975.

ZALUAR, ALBA. *A máquina e a e a revolta.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZISMAN, Meraldo. *Nordeste Pigmeu*. Recife: Ed.OEDIF, l987.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUIAR, Carmen Maria. *Educação, Cultura e Criança*. São Paulo : Papirus, l994.

ANTUNES, Ricardo. *A Rebeldia do trabalho*. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, l992.

AZANHA, José Mário P. *Uma idéia de Pesquisa Educacional*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, l992.

BIONDI, Aloysio. *O Brasil Privatizado: Um balanço do desmonte do Estado*. São Paulo :Ed. Fundação Perseu Abramo, l999.

CABRAL, Fátima. *O lúdico e a socialidade infantil.* Cadernos CERU – Série 2 – no. 7, São Paulo: 1996.

CADERNO CEDES. *Corpo e educação*.Campinas:, no. 48, 1ª. ed., l999.

CALLIGARIS, Contardo. *O reino encantado chega ao fim*. Folha de São Paulo, 24/07/l994, p. 6-4.

CEDI-CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO(VHS). *Meninos da Roça*. Rio de Janeiro: MP2, l994.

CENTRAL ÚNICA DOSTRABALHADORES/FETAG/GOIÁS (VHS). *Sonhos de criança*. Goiás: CEDI/CEDI/Kainomia/FAS-GO e CPT, l994.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA/CONTAG (VHS). II *Encontro Nacional de Meninos e Meninas Trabalhadores Rurais*. Brasília :CONTAG, l997.

CORREGIA, Marinella. *Lo Zucchero Amaro di Carlos José.*Torino: Edizioni Gruppo Abele, l998.

DE GRAZIA, Sebastian. *Tiempo, Trabajo y Ocio*.Madrid : Ed. Tecnos, l966.

DE MASI, Domenico.*A Emoção e a Regra*.Rio de Janeiro : José Olympio, l997.

DEMARTINI, Zeila de Brito F. e LANG, Alice Beatriz da S. G. *Educação e Trabalho: Um Estudo sobre Produtores e Trabalhadores na Agricultura Paulista.*São Paulo, CERU e FFLCH/USP, l983. (Col. Textos, 6)

Dieckens, Cahrles. *Tempos Difíceis* .São Paulo: Clube do Livro, l969.

DORIGNY, Marie e CHALANDON, Sorj. *Enfants de L'ombre*. Geneve: OIT, l993.

EIBENSCHUTZ, Catalina (Org.) *Política de Saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, l996.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion*. México,DF : Fondo de cultura Económica, l992.

ELIAS, Norbert. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro : Difel, l99l.

ERIKSON, Erik H. *Infância e Sociedade*.Rio de Janeiro : Zahar ed., l976.

FERREIRA, Acácio. *Lazer Operário*. Salvador : Aguiar e Souza, l959.

FRANCO, Maria Sylvia C. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo; UNESP, l997.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro : Rocco, l992.

FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA. *Trabalho Infantil*. São Paulo: Folio Infobase,l997 (CD-ROM).

GENTILI, Pablo. *A Falsificação do Consenso*. ***Petropólis***, RJ : Vozes, l998.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e Vadiagem*: *A origem do trabalho livre no Brasil*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, l994.

LAMOUNIER, Maria Lúcia. *Da Escravidão ao Trabalho Livre*.Campinas, SP : Papirus, l988.

LARA, Silvia Hunold. *Trabalhadores Escravos*. In: *Revista Trabalhadores*. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, São Paulo: 2ª ed. 1991.

MACHADO, Maria das Graças C. *Carismáticos Pentecostais: Adesão religiosa na esfera familiar*.Campinas, SP: Ed. Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, l996.

MAUDIRE, Paulette. *Exilados da Infância: relações criativas e expressão pelo jogo na escola*.Porto Alegre : Artes Médicas, l988.

MELO, Flora A. *O Folclore Nordestino em suas mãos: Sintese de poder numa região.* Rio de Janeiro: Borsoi,1982.

_____. *O Folclore Nordestino em Suas Mãos*. Rio de Janeiro : Academia Alagoana de Letras, l982.

MOREIRA, Emilia e TARGINO, Ivan. *Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba*. João Pessoa: Ed. UFPb, l997.

NORONHA, Olinda Maria. *O Saber do Trabalho e o resgate do Saber Escolar*. Belo Horizonte: (2): 8-ll, dez., l985.

PRADO, Marysia Mara R. *Des-Cobrindo o Lúdico*. Campinas:UNICAMP, Dissertação de Mestrado, l99l,

RODULFO, Ricardo. *O Brincar e o Sinificante.*Porto Alegre : Artes Médicas, l990.

RUSSEL, Bertrand. *O Elogio do Lazer*. São Paulo : Cia. Editora nacional, l957.

SILVA, Hélio R. S. *Vozes do Meio Fio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, l995.

SORIANO, Raúl Rojas. *Métodos para la investigación social: una proposición dialéctica.* México, DF: PyV, l992.

TEDESCO, João Carlos. *Terra, Salário e Família : Ethos e Racionalidade Produtiva no Cotidiano Camponês*. Campinas,SP: [s.n.], l998.

VERBLEN, Thorstein. *A Teoria da Classe Ociosa*. São Paulo : Livraria Pioneira Editora, l965.

ZOLA, Emilde. *Germinal.* Rio de janeiro: Abril Cultural, l972.